

Recordista de vendas do USA Today, Sue-Ellen Welfonder escreve como

ALLIE MACKAY

O LEGADO DE
RAVENS CRAIG

UM HIGHLANDER NA SUA CAMA

"Charme escocês, romance tórrido!" – Night Owl Reviews

Tradução de Susie Inghis
HIGHLANDER IN HER BED

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Um Highlander na sua cama

O Legado de Ravenscraig

Livro Um

Allie Mackay

Tradução Portuguesa de Maria Eugénia da Silva Brito

***Allie Mackay é o pseudónimo da autora bestseller do USA Today,
Sue-Ellen Welfonder***

Ela apaixonara-se por uma cama de antiquário. Mas o fantasma do *Highlander* que veio junto tinha bastante mais valor do que ela negociou.

A empresária americana, Mara McDougall não acredita em espíritos, mas uma viagem à Escócia e um garboso fantasma estão prestes a provar o seu terrível engano.

Uma guia turística independente está cansada de conduzir os seus encargos por toda a cidade de Londres. Então, resolve respirar numa loja de antiguidades e põe a vista naquela que poderá ser a mais bela cama de todos os tempos. De seguida, esbarra contra o homem mais bonito de todos os tempos. Um sensual sotaque escocês, um olhar quente e uma saliência nos ombros musculados. Apesar do mau começo, Mara não consegue esconder a irresistível atração pelo escocês. Depois, descobre que herdou um castelo escocês, e aquilo que obrigatoriamente se estipulou para reclamar a sua inesperada herança, ajudá-la-ão a esquecer o belo escocês, pelo menos, assim o espera.

Na qualidade de fantasma, O *Sir Alexander Douglas* maldisse o nome *MacDougall* por anos e anos. Enquanto cavaleiro medieval, prometido a uma jovem desconhecida, foi vítima do seu amado, um *MacDougall*, que o envolveu num feitiço, segundo o qual assombraria para sempre a cama da sua futura noiva.

Agora, nada impedirá *Alexander* de afastar o dossel das mãos de uma *MacDougall* – ou *McDougall*. Mas quando *Mara* compra a cama para o seu castelo, ele reconhece que ela não tem nada do seu inimigo. Afinal de contas, nenhum outro *MacDougall* o fizera arder em paixão e desejar a única coisa de que nunca supôs sentir falta: o amor.

Elogios a Allie Mackay

“Encantadora e inovadora, Mackay proporciona-nos, definitivamente, um sopro da força escocesa” ~ Publishers Weekly

“Seguiria o escocês *sexy* da Allie Mackay para qualquer lado” ~ Vicki Lewis Thompson, New York Times Bestselling Author

“Allie Mackay escreve histórias que brilham.”
~ Angela Knight, New York Times Bestselling Author

“Mackay sabe o que é preciso para se fazer uma novela romântica escocesa, e coloca-a nas nossas mãos”
~ A Romance Review

“Se procura uma história de amor fantasmagórica divertida e apaixonada, só precisa de ler Allie Mackay!”
~ Sapphire Romance Realm

Elogios a Um Highlander na sua cama

“Divertido! Um romance *sexy*, cheio de humor, com personagens deliciosamente divertidas. Mistura artisticamente passado e presente, UM HIGHLANDER NA SUA CAMA é uma leitura que entretém. Bem escrito... os leitores saberão apreciá-lo!”
~ Fresh Fiction

“Apelativo e desopilante. Geme de paixão. Para quem procura algo fora do comum, não perca UM HIGHLANDER NA SUA CAMA
~ Romance Reviews Today

“Uma leitura excêntrica que o deixará a arfar do princípio ao fim! Química explosiva, desde o momento em que Mara e *Sir Alex* se encontram. Uma aposta segura num *bestseller*.”
~ A Romance Review

“Que história hilariante e de fazer pular o coração! Duas pessoas que se encontram, cruzando o tempo e descobrem que o amor verdadeiro e um pouco de magia, tudo conquistam.”
~ Leah Weller ‘Medieval Lady,’ Reviewer for Bookworm2bookworm

“Uma brincadeira paranormal deliciosa!”
Angela Knight, New York Times Bestselling Author

“Encantador! Desconcertante, divertido e criativo, com diálogos frescos e personagens credíveis e excitantes. Memorável. PICANTE.”
~ Romantic Times Magazine

“Um romance paranormal soberbo.”

Elogios a ALGUMAS GOSTAM DE KILT

“*Um romance fantasmagórico que transcende o tempo.*”

Allie Mackay prepara-nos para mais uma brincadeira escocesa assustadoramente *sexy*. É uma mestre da escrita de contos de amor mágicos ao longo dos tempos, e esta é, seguramente, mais uma jóia.

~ Fresh Fiction

Se gosta de rir a bandeiras despregadas, apaixonar-se, e alcançar os seus objectivos, este livro é para si!”

~ Leah Weller ‘Medieval Lady,’ Reviewer for Bookworm2bookworm

Perfeito para uma escapadela de fim-de-semana. O humor de Mackay está espalhado por todo o lado, tornando o livro numa leitura divertida. Ela tece habilmente os elementos da reencarnação, das viagens no tempo e acontecimentos fantasmagóricos, numa história bem contada. Bran de Barra é um dos heróis mais desconcertantes que encontrei nos últimos tempos. A sua sensualidade inata salta para fora da página. Não me importava de o ver entrar no meu quarto e transportar-me ao passado para o seu castelo.”~ Love Romances & More

“Uma ótima leitura! Este é o quarto livro da magnífica série do Fantasma Escocês e aquele por que todos esperavamos: a estória de Bran de Barra! Irá amar esta estória, especialmente se for fã incondicional de Highlanders.”

~ Sapphire Romance

Elogios a Alto, Moreno e de Kilt

“ALTO, MORENO E DE KILT” é uma novela intrigante, cheia de criatividade e sensual. Está ligada com ESCOCÊS NOS SEUS SONHOS” que a Romance Reviews Today recomenda vivamente. Todos os títulos de Mackay exibem o conhecimento e amor da autora pela Escócia e pelos escoceses.”

~ Romance Reviews Today

“Um conto emotivo, de amor proibido, envolto de situações hilariantes e extraordinários personagens secundários. Fez-me sentir que por muito irrealizável que algo possa parecer, quando desejamos de alma e coração, nada está fora do nosso alcance.”

~ Leah Weller ‘Medieval Lady,’ Reviewer for Bookworm2bookworm

“ALTO, MORENO E DE KILT” está cheio de Calafrios, Emoções e Risos!”

~ Seawitch Reviews

“Envolvente, romântico, com um toque de mistério e um *twist* brilhante. Vivo e arejado, o ritmo não abranda, a partir do momento em que a americana e o fantasma se encontram.”

~ Genre Go Round Reviews

“ALTO, MORENO E DE KILT” é estranhamente engraçado num momento e sedutoramente sensual no seguinte.”

~ Wild on Books

“Se gosta de livros que o agarrem, que o façam rir alto e bom som, que lhe dêem um baque no coração,

irá adorar Allie Mackay. ALTO, MORENO E DE KILT é a história de Hardwick.”
~ Night Owl Reviews

Elogios a Um Highlander nos seus sonhos

Aidan é o herói do mês da Romantic Times K.I.S.S!

“Um deleite. Trama inteligente, twists inovadores e diálogos impertinentes. UM HIGHLANDER NOS SEUS SONHOS é uma história erótica divertida.
~ Romantic Times Magazine

Um Highlander nos Seus Sonhos é um ‘Top Pick’ da RRAH

“Sensual. Imaginativo e fascinante. Mackay compõe uma história mágica, onde uma mulher moderna se apaixona por um chefe de clã medieval escocês. Uma mistura fascinante de ação excitante e romance apaixonado faz de UM HIGHLANDER NOS SEUS SONHOS um verdadeiro livro a guardar.
~ Romance Reader at Heart

“Ao pegar neste livro, ficará envolvido pelo “sentir” escocês, que o acompanhará ao longo da leitura. Eu tenho vontade de me enroscar nas histórias dela e deixar-me ir. Amo, amo, amo a sua escrita!”
~ Leah Weller ‘Medieval Lady,’ Reviewer for Bookworm2bookworm

“UM HIGHLANDER NOS SEUS SONHOS transborda de charme e humor escocês, e é um romance escaldante.”
~ Night Owl Romance

"Uma encantadora viagem no tempo!"
~ ParaNormalRomance

“UM HIGHLANDER NOS SEUS SONHOS é uma agradável mistura de sagacidade, paixão e o paranormal... Um romance a todo o vapor envolto num soco emocional.”
~ Romance Reviews Today

“Uma fabulosa mistura de magia e romance. Allie Mackay escreveu um romance encantador de amantes de épocas diferentes. UM HIGHLANDER NOS SEUS SONHOS é um romance do paranormal cativante e um maravilhoso contributo para uma biblioteca de amantes de livros.”
~ Fresh Fiction

Índice

[Elogios a Allie Mackay](#)
[Identidade inconfundível](#)
[Dedicatória](#)
[Agradecimentos](#)
[Prólogo](#)
[Capítulo Um](#)
[Capítulo Dois](#)
[Capítulo Três](#)
[Capítulo Quatro](#)
[Capítulo Cinco](#)
[Capítulo Seis](#)
[Capítulo Sete](#)
[Capítulo Oito](#)
[Capítulo Nove](#)
[Capítulo Dez](#)
[Capítulo Onze](#)
[Capítulo Doze](#)
[Capítulo Treze](#)
[Capítulo Catorze](#)
[Capítulo Quinze](#)
[Epílogo](#)
[Nota da autora](#)
[Para contactar com Allie Mackay](#)
[Também disponível](#)

Identidade inconfundível

Com uma pontada de remorso, Mara afastou-se da cabeceira da cama. Mas, ao sair da loja de antiguidades, bateu contra uma parede. Uma parede máscula sólida e bem constituída. Muito possivelmente, o homem mais bonito que alguma vez vira.

A sua intensidade embrulhou-a negra e sedutoramente, o seu olhar intenso parecia incendiar as suas roupas, até ela se sentir completamente exposta. Nua. Talvez um pouco entorpecida. Afinal, não era todos os dias que o simples olhar a devorava, de forma tão empolgante e deliciosa.

Mais do que a sua beleza e robustez física, eram os seus olhos de uma intensidade incrível que a cativavam. Uns olhos verde-mar, capazes de fazer uma mulher afogar-se neles.

Mas agora o seu olhar de fogo, apenas transmitia arrogância. Irritada, Mara conteve a respiração. Ele a encarou, como se ela tivesse varíola. Quem sabe a ouviu falar e não gostava de americanos? Se assim fosse, ela o impressionaria com encanto.

“Olá,” disse ela, exibindo o seu melhor sorriso. “Sou Mara McDougall.”

Ele permaneceu de rosto pétreo.

“Olhe, Peço desculpa pelo encontrão. Não voltará a acontecer.”

“Certamente, não, concordou ele. “A cama é minha, *moça*. Desapareça.”

Ele falava com um sotaque escocês. Cálido, rico e suave como manteiga. E tão irresistível, *sexy*, só de o ouvir uma outra onda de desejo se apossava dela.

Mas *moça* e *desapareça*?

Ele aproximou-se, estreitando os olhos. “Você é uma McDougall. Ninguém dessa laia dormirá na minha cama. Eu proíbo tal coisa.

Dedicatória

Com muito amor e carinho

Para Pat Cody e Karen D. Stevens,

Autoras irmãs, as melhores companhias de viagem e companheiras entusiastas do paranormal. Vocês são amigas de valor incomensurável e eu não gostaria de explorar lugares assombrados com mais ninguém.

Em nome dos bons tempos de fantasmas que vivemos em outros estados e através de Big Pond – agradeço-lhes do fundo do coração.

Um cumprimento especial para a Kristine Hughes, também belíssima, também extraordinária anglófila.

Pessoa tão divertida, que deveria ser legal. É como uma irmã, uma querida amiga, e conhece tão bem Regency e a Inglaterra Vitoriana, que tenho a certeza, viveu lá noutra vida. Nesta, leu tão delicadamente este livro nas suas primeiras encarnações, rindo nos lugares certos, encorajando-me quando necessário. As nossas aventuras no Merry Olde inspiraram a minha pena, assim como as tantas sessões nocturnas de Alan Rickman, festejando de cada vez que ela visitava a minha casa, durante a concepção deste livro. Mil *obrigados* por tudo, linda.

Karen, Pat, e Kristine, O que seria a minha vida sem vocês? Não quero saber.

Agradecimentos

Este livro foi originalmente publicado como título da Penguin NAL. Agora, o livro é meu e eu gostaria de agradecer a Erin Dameron-Hill da EDH Graphics pela assombrosa capa nova! É maravilhoso publicar esta história de forma independente!

Concretizar isto só foi possível pelo tremendo amor, apoio, encorajamento, conselho e a mão forte dos meus maravilhosos camaradas escritores, guardiães do Cridhe, Tarah Scott e Ceci Giltenan. Um mero “obrigado” não expressa, nem de longe, o quanto agradecida estou por tudo o que são e fazem. Sorte a minha, são mulheres inteligentes, entenderão o tanto que representam para mim. Adoro-vos, irmãs! Muito amor e abraços, também, para as outras grandes senhoras do nosso grupo: ladies: Lily Baldwin, Kathryn Lynn Davis, e Susan Tisdale! Nós não nos encontramos por acaso, as nossas longas estradas de viagem, finalmente deram a volta e juntaram-nos de novo.

Obrigada aos leitores e revisores, que adoraram este livros logo que ele saiu. O vosso entusiasmo significou tanto para mim! Espero que gostem da história, mais uma vez. Vocês e os novos leitores ficarão contentes por saber que esta versão contém material fresco, nunca antes visto. You, and new readers, might be pleased to know that this version contains fresh, never-before-seen material. Dei um esticão aqui e ali e acrescentei pedaços que foram apagados do manuscrito original.

Um carinhoso cumprimento à verdadeira “Dottie”, Dorothy Joy, a springer spaniel da minha amiga Anne MacDougall Bryant. Uma verdadeira heroína MacDougall, Dottie era uma rapariga muito especial, delicada e preciosa. Ela vive nos nossos corações para nunca ser esquecida.

Amor e agradecimentos ao meu belo marido, Manfred, pelo seu apoio e entusiasmo incansáveis e a minha própria musa, o meu terrier Jack Russel, Em. Ele foi mimado para além das medidas e ainda bem.

Um Highlander na Sua Cama

O Legado de Ravenscraig

De Allie Mackay

Allie Mackay é um pseudónimo da autora bestseller, Sue-Ellen Welfonder

“Poucas mulheres resistem a um homem da Escócia. Nenhuma resiste a um escocês das terras altas.”

~ *Uma verdade reconhecida por todas as mulheres vivas.*

Prólogo

Terras Altas do Ocidente, perto de Oban, 1312

Ele sabia que não podia confiar nos MacDougalls.

Será possível que tivesse calculado o seu número?

Agora, no estreito de uma imensa ravina, no caminho mais lancinante território desconhecido, Sir Alexander Douglas e todo o seu exército enfrentam os seus respectivos fins. Foram apanhados na mais dura batalha, rodeados de morte, homens praguejando e gritando, cavalos assustados. O seu destino era claro. Fechado pela sorte e fraco discernimento. A certeza de Alex de que ninguém suspeitaria da sua opção de trajeto, um desfiladeiro tão inclinado, uma emboscada.

Isso e a honra que o proibia de recusar as ordens de um rei.

Furioso, deu a volta ao cavalo, a espada girando sem parar, vermelha, o sangue escorrendo. E mesmo assim, não era suficiente. Deveras encurralado, amaldiçoou todos os MacDougalls que se aproximavam dele, eliminando tantos quantos podia e, olhando para o desfiladeiro escarpado, que tão rapidamente se transformara num tumulto rodopiante de morte e destruição.

Eles não paravam de chegar. Uma torrente interminável de MacDougalls emergindo de cada fenda escondida, subindo a encosta, numa matança selvagem como ele nunca vira.

Os seus homens estavam por todo o lado, como feras, mas mesmo soberbamente armados e trajados, não tinham a mínima hipótese.

Em apenas escassos momentos, uma jornada que deveria ter mantido tal promessa, chega a um final vertiginoso, brutal. À sua volta, a sua comitiva jazia esmagada e espalhada, muitos deles incapazes de suportar a ferocidade das pedras arremessadas, a carga selvagem dos MacDougalls encosta abaixo.

Aqueles que ainda se debatiam, de pé ou nas costas dos seus corcéis, sabiam bem quem havia ganho o dia.

Depois, do meio do retinir das espadas, um orgulhoso MacDougall aproximou-se a poucos metros de Alex cheio de estímulo. Um punhado de homens do clã, de olhos fumegantes e rolando as espadas, no seu encaicho.

“Hah, Douglas! Eu te saúdo!” Gritou o homem, os olhos cuspindo desprezo. “Está um belo dia para morrer, não achas?”

“Faça o que tem a fazer sem rodeios, Sir Colin,” Alex ripostou, reconhecendo o homem da mesa de negociações, que o conduzira a este impasse miserável. “Antes morto do que ver meu nome manchado, como vós manchastes o vosso.”

Numa arrogância fria, o MacDougall lançou um olhar à espada de Alex, o seu desprezo indicando, sem palavras, que não lhe escapara o facto de a ponta da sua espada estar quebrada.

“Baixa a espada, homem. Neste momento é tão inútil como a tua vida”, escarneceu, acenando a cabeça, quando os seus homens avançaram para Alex, lanças a pique, espadas em riste. “Uma pena que não faças melhor do que cavalgar à pressa no nosso território.”

De lábios presos, fez uma careta de desafio. Podiam cortá-lo às postas, antes que ele revelasse que fazia mais do que isso. Era o rei dele, o bom Robert Bruce, que esperava a honra dos MacDougalls. Um monarca piedoso confiara ao quezilento clã que estendesse a mão à paz e acabasse com a duradoura contenda entre as duas casas.

“O teu julgamento errado custou a vida dos teus homens,” Colin zombou dele. “Custou a tua própria vida.”

“Sofrerás pela tua traição, garanto-te!” Atirou Alex, bem ciente do silêncio crescente e da sua violação portentosa.

Não haveria forma de vencer, nem uma viragem inesperada da sua sorte, e, com todos os deuses como testemunhas, também não haveria submissão.

Um Douglas ficava de pé até cair.

“Quem se vai arrepender és tu!” Um dos portadores da lança aproximou o seu cavalo, espetou a ponta do objeto na coxa de Alex.

Ignorando a dor, Alex manteve-se focado no líder, encontrou o olhar escaldante de Colin. Uma pregoadeira de rubi circular brilhava no ombro do homem, o brilho dessa pedra preciosa era o mesmo vermelho escuro da mancha que se alastrava na pela perna de Alex.

“Com tamanha pilhagem espalhada por aí, nego-me a pensar que possamos sofrer muito.” Colin apontou o sangue ensopado na encosta, a ravina profunda agora cheia dos corpos dos homens de Alex, os restos despedaçados das suas carruagens. “Sim, de facto, boa colheita.”

Alex enfureceu-se, engoliu a raiva em seco. “Demasiado bom para o vosso gosto.”

Os homens já escavavam, moviam-se, aos bandos, entre os caídos para recolher os seus despojos. Um rico saque, na verdade, a maior parte adquirida da carga pesada que Alex insistiu em trazer, apesar da difícil jornada. O prémio maior, uma cama de dossel magnificamente esculpida, cuidadosamente desmantelada para a viagem e embalada com todos os seus ornamentos exuberantes.

A sua prenda de casamento para uma noiva que nunca veria.

Uma oferta simbólica de boa vontade para uma esposa, que ele não queria, mas por quem havia dado a sua palavra.

Com o fel quase a sufoca-lo, atirou para longe a sua espada sem ponta e lançou-se sobre o MacDougall. Ansiava por meter as mãos no pescoço daquele demónio, mas uma falange de pontas de aço deteve-o. Particularmente aquela que lhe pressionava o vazio da garganta.

Chamou a si toda a verticalidade que a ponta da lança lhe permitia “A sua Lady Isobel procurou esta união,” Gritou, a sua voz dura, a raiva ardendo fora dele. “Ela desejava ver a vossa casa, com a boa graça do rei.”

Os homens cercavam-no num riso irritante.

“Diga?” Colin ergueu o sobrolho. “Foi o pai dela quem favoreceu uma tal aliança e ele, que Deus o tenha a sua alma, já cá não está. A verdade é que a Lady Isobel se enamorou de mim, desde que nos deitamos juntos. Foi ela quem nos envio para vos interceptar.”

A sua cervical em chamas, Alex lutou para manter a razão. Uma impossibilidade cercando-o, com o corpo torcido do seu mais jovem escudeiro, esparramado não muito longe dos pés de MacDougall, os olhos do pobre olhando para o céu, sem pestanejar.

Outros do seu séquito jaziam ali perto, alguns amontoados, uns sobre os outros, todos igualmente quietos. Homens bons e orgulhosos assassinados às dezenas.

Alex estremeceu, seu estômago às voltas. “O rei Robert ver-vos-á balançar na forca mais próxima,” jurou, com a voz suficientemente afiada para cortar granito. Todos, um por um.”

Colin encolheu exageradamente os ombros. “É o que veremos, mas não me parece. Olha aqui, esta é a pedra de sangue de Dalriada,” gabou-se, esfregando a pedra no seu ombro. “Uma relíquia sagrada transmitida por Kenneth MacAlpin, primeiro rei dos escoceses, e arrancada ao próprio manto do teu Bruce, numa luta em Dalrigh. A sua posse é o orgulho de todos os MacDougalls.”

Alex estreitou o olhar, a sua garganta elevando-se. “Não tenho qualquer interesse na tua pedra, contudo ela veio parar às tuas mãos.”

“Oh, mas devias.” O lábio do outro curvou-se maliciosamente. “Estando tu morto e sem testemunhas que nos incriminem, alegaremos que

fugiste com a pedra de sangue de Dalriada, na véspera do teu casamento. Nem mesmo o teu rei arrivista vingará um homem que tanta vergonha trouxe à sua noiva.”

“Que os Deuses te amaldiçoem!” Bradou Alex, admitindo a verdade das palavras daquele covarde.

Colin deu uma gargalhada galhofeira, acenou com a mão à crescente pilhagem. “Ahhh, a Lady Isobel ficará imensamente agradada com os teus presentes de noivado,” zombou, um sorriso de lobo, espalhando-se pelo seu rosto. “A tua cama de núpcias parece ser uma bela peça, saberemos dar-lhe bom uso.”

“Não passarás uma única noite na minha cama,” Alex assobiou, com a raiva a afluir no seu peito. “Não com leite. Isso juro sobre o túmulo da minha mãe.”

Imperturbável, Colin arrancou o broche e atirou-o a Alex. “Algo melhor do que uma cabra de saias para fazer juras.”

Com a sua fúria, agora, num branco quente, Alex rosnou, “Se fosses homem suficiente para me bater homem a homem, arrancava-te a língua por essas palavras, MacDougall.”

“A pedra de sangue de Dalriada é mágica,” declarou Colin, claramente divertido. Há quem diga que contém o sangue de Saint Columba. Outros juram que ela chegou até MacAlpin pelas mãos dos visionários. O povo do país das fadas, que prometeu conceder três desejos ao portador, passado um ano e um dia após o chamamento.”

Alex encarou duramente o homem que seria o seu assassino. Uma névoa encarnada turvou a sua visão e os seus dedos apertaram tão ferozmente o broche, que o seu alfinete afundou na palma da mão.

Colin ressoou, num tom quase jovial, “Se a tradição for verdadeira, podes tentar um último desejo.”

“Vejo-te, primeiro, no inferno,” Alex rugiu, lutando contra os homens que o empurravam para o chão. Mas toda a sua força e raiva provou-se inútil perante as pontas das lanças.

“Demónios,” fervilhava, lançando um olhar furioso à sua volta. “Não conseguirás levar a melhor.”

“Há quem diga que já conseguimos.” Colin ergueu a sua espada. “Pedirei pela tua alma, antes de levar a Isobel para a tua cama, esta noite.”

“Lamentarás a hora em que puseste os olhos na minha cama,” Alex prometeu, olhando para a sua morte. “Hei-de perseguir-te e aos teus, até ao fim dos tempos, isso te juro.”

“Veremos,” disse Colin, e ganhou balanço para desferir o golpe.

“Maldito MacDougall bastar...” Começou Alex, antes de afundar numa saraivada de aço ofuscante, as suas últimas palavras silenciadas para sempre.

A praga, lançada aos MacDougalls, gravada na eternidade.

Capítulo Um

Londres, o Presente

MacDougall, bastardos malditos.

Mara McDougall saltou ao ouvir o insulto gritado com ira. Sentiu o pulso acelerar, voltou-se e não viu ninguém. Atrás de si apenas desordem e poeira. Uma loja cheia de mofo e os despojos das pessoas, cada tesouro imaginado, num silêncio pétreo.

No entanto, ela poderia jurar que alguém rosnara palavras ao seu ouvido.

Uma intensa voz masculina.

Uma voz com um belo sotaque de fazer uma rapariga tremer dos pés à cabeça, mas que ela não conseguia localizar.

Levou a mão ao peito, esforçando-se por manter a calma. Felizmente, não era tão desequilibrada quanto as personagens que vinha escoltando por toda a Inglaterra rural, nas duas últimas semanas.

Os catorze dias mais longos da sua vida.

Com uma sorte que desconhecia possuir, arrebanhou o grupo de futuros caça-fantasmas em mais castelos, casarões, e supostos *pubs* assombrados do que ela conseguiria contar. Sentara-se à volta de discussões sem sentido sobre Pontos Frios, Greias e outras coisas que rangem durante a noite. A bem do negócio, até fingiu algum interesse em tudo isto.

Agora, ouvia vozes que não existiam.

O precioso tempo, que quis aproveitar sozinha, deteriorava-se rapidamente. E mesmo que esta viagem, em particular, lhe fornecesse uma viagem turística individual, com excursões exclusivas e um belo lucro... já chegava! O que é de mais é erro!

Isto não tinha graça nenhuma.

Não tinha tempo nem inclinação para começar a ouvir coisas, e se os seus atuais clientes faziam esse género de pessoas, ela é que não tomaria parte de faculdades tão dúbias.

Estremecendo, percebeu os sintomas de uma dor de cabeça que se aproximava e levou as mãos à testa. Em breve separar-se-ia dos caça-fantasmas. Mais um dia, uma longuíssima viagem sobre o Atlântico e não mais teria de os ver, ou ouvir as suas histórias bizarras.

Ainda assim, o som verdadeiramente insultuoso, pô-la a espiar cada canto a sala mal iluminada da Dimbleby Antique e Curio Shoppe.

Uma simples medida de precaução, para se certificar de que apenas a desordem e umas quantas peças bem empoeiradas partilhavam a sala consigo. Satisfeita, escrutinou cada buraco escondido e voltou a sua atenção para a invulgar cama de dossel que tinha estado a examinar.

Nunca em todas as suas viagens vira algo tão notável. Formada de um fino carvalho velho, liso e enegrecido pelo tempo, a simples presença da cama dominava o espaço.

Tinha que ser antiga, muito antiga.

Desenhando uma respiração reverente, passou a ponta dos dedos nos postes da cabeceira ricamente esculpidos. Uma sensação fria e acetinada ao toque, o contacto com a madeira envelhecida transmitiu-lhe um tremor excitante, que lhe envolveu o corpo todo.

Quantos séculos foram necessários para criar uma tal pátina? De quem as mãos que criaram o intrincado desenho de cardos e folhas de carvalho, adornando a maciça cabeceira da cama e o seu teto?

Ela suspirou, nos lábios um sorriso melancólico. Quem terá nascido, morrido ou feito amor naquele leito régio? As possibilidades eram tão infinitas como a sua imaginação.

“Magnífica, não acha?”

Mais uma vez, Mara pulou, os seus olhos voando por todo o lado. Pela segunda vez nesse dia, um calafrio desceu-lhe pela espinha. Mas desta vez, a voz do homem atrás de si não parecia zangada.

E certamente, não tão suave e profunda.

Apenas muito inglesa, e coberta com o leve toque de superioridade, típica de alguns donos de lojas de antiguidades.

Endireitando-se, Mara respirou fundo e silenciou, na sua consciência, a arrogância que estes indivíduos por vezes lhe provocam.

Então, voltou-se e o seu lampejo de insegurança desapareceu.

A voz altamente culta pertencia a um homem algo indefinível, algures na casa dos cinquenta. De constituição leve, usava um fato cinza claro amarrotado e tinha penteado cuidadosamente o seu cabelo ralo, desde a parte de trás da cabeça quase despida.

E, embora se mantivesse tão direito, que parecia ter engolido um pau de vassoura, Mara estava acima dele uns bons três centímetros.

Uma vez na vida, feliz com o seu tamanho, acenou afirmativamente. “Sim, é incrível. Nunca vi nada assim.” Deu uma olhada à cama. “É da era *Tudor*?”

O homem esfregou o queixo. “Pode ser, mas suspeito que seja muito mais antiga, talvez do século XIV. Não me surpreenderia se fosse até mais antiga. É única, a melhor peça de mobiliário medieval que poderá encontrar fora de um museu.”

Ele examinou-a com olhos azuis muito vivos. “Receio que seja bastante cara.”

“Oh, eu não quero comprá-la,” disse Mara, desejando poder fazê-lo. “Estou apenas a admirá-la. Sabe a sua história?”

“Apenas conjecturas, Miss...?”

“McDougall. Mara McDou --” Um trovão retumbante arrebatou-lhe as palavras, o sonoro *bum* reverberou na sala, abalando os vidros e porcelanas antigas.

Mara ficou gelada. Os seus nervos voltaram à vida, um pequeno formigueiro gelado eclodiu por todo o seu ser. Olhou para o inglês, mas ele parecia imperturbável.

“É só a janela.” E indicou uma janela de guilhotina no outro lado da sala. “É um pouco temperamental, às vezes desce por conta própria,” acrescentou, arqueando a sobrancelha. “Espero que não a tenha assustado!”

“Nã-ã-o, de maneira nenhuma,” fingiu Mara, não ao ponto de admitir que o barulho a tenha feito cambalear.

Esfregando os braços, arrependeu-se de não ter posto um agasalho. Uma *jumper*, como dizem os britânicos. Caramba, de repente, estava gelada. Tão gelada que nem acreditava que os seus dentes não estivessem a tinir.

Esperava não ter apanhado a constipação da Nellie Hathaway. A bibliotecária caça-fantasmas de

Pittsburgh, que espirrava sem parar, desde que passaram a noite num cemitério ao largo de Exeter.

“Está um pouco frio aqui,” disse, tentando, ainda, esfregar a sua pele arrepiada.

“Frio?” O homem ofereceu-lhe um olhar zombeteiro. “Está bastante abafado, minha querida.” E, como que para prová-lo, retirou um lenço-de-mão branco e enxugou as sobancelhas. “Para falar verdade, este é o Junho mais quente em décadas.”

Mara mordeu a língua. Alguma coisa estava a bater muito mal. Estava tanto frio que os pensamentos congelavam. Só um esquimó poderia considerar a sala meio amena.

“Permita-me que me apresente,” dizia o homem, claramente absorto do desconforto dela. “Donald Dimbleby, proprietário, ao seu serviço. É um prazer ver uma jovem Americana interessada em antiguidades.” Mara pestanejou, determinada em focar a sua atenção nele e não no gelo da sala. “Muitos Americanos gostam de antiguidades.”

Donald Dimbleby fungou. “Ah, mas estarão interessados na origem e história de uma peça, ou querem simplesmente uma peça pitoresca de Merry Olde para levar para casa?”

“Não levaria esta cama para casa, mesmo que a pudesse comprar. Não teria onde a colocar,” disse ela, pensando no seu apartamento minúsculo de Filadélfia.

A cama maciça não caberia no seu quarto e sala juntos – mesmo que ela despejasse tudo o resto para ganhar espaço. Uma angústia de arrependimento, sem sentido, alvejou-lhe o pensamento, mas ela afastou-o e voltou a avançar a sua mão sobre o poste da cama.

Para sua surpresa, agora, sentiu-a quente sob o seu toque.

Ligeiramente aquecida e, de alguma forma, carregada, como se uma forte corrente elétrica chiasse e saltasse por debaixo da superfície lisa da madeira.

“Não sabe a história da cama?” Olhou para o proprietário, os dedos formigando.

“Infelizmente, não consegui delinear a sua origem. Uma enorme pena, pois tenho a certeza que tem um passado fascinante. Tirou um par de óculos do bolso e colocou-os, antes de se dirigir para a cabeceira elaboradamente esculpida.

“Dê uma olhada.” Tocou com um dedo no turbilhão de graciosas folhas decorativas. “São folhas de carvalho. Representam bravura. Estes símbolos foram cuidadosamente escolhidos, porque as qualidades retratam diretamente o portador. Por isso, podemos concluir que a cama pertenceu a uma família senhorial, ou talvez a um cavaleiro.

Um cavaleiro. O coração de Mara estremeceu, só escutar aquela palavra lhe provocava vibrações nas entranhas. “Consegue dizer isso, pelo desenho?”

Um rubor de satisfação no rosto de Mr. Dimbleby. “A Heráldica é um hobby meu.” Armou um olhar especulativo para a cabeceira da cama. “Ora, os cardos podem significar que a cama veio de?”

“Da Escócia?” Respondeu Mara, cheia de certeza.

Afinal, o seu pai, obcecado por genealogia, envergonhara-a vezes suficientes, ao encher o seu apartamento suburbano com xadrez e cardos, uma vez até a subornou com uma viagem de férias a Fort Lauderdale se ela estampasse os cantos do teto do banheiro com cardos.

O proprietário baixou um pouco os óculos e observou-a por cima das lentes. “Muito bem,” concordou. “O cardo representa a Escócia. Mas, apesar de eu ter adquirido a cama numa mostra de antiguidades em Edimburgo, inclino-me a pensar que a sua origem é a Inglaterra.”

Mara passou os dedos por uma das folhas de carvalho. “Porquê? Porque o Carvalho está associado à Inglaterra?”

Isso ela também sabia. Da sua paixão por história medieval, mas também por ter conduzido muitas visitas turísticas a solares ingleses.

Mas Donald Dimbleby abanou a cabeça. “Pode ser, mas eu diria que é por causa do fino artesanato da cama.” A sua voz assumiu um certo tom condescendente. “Nada contra os nossos vizinhos do norte, mas nesses tempos, parece-me que os ingleses eram bastante mais avançados a criar peças desse género. Por

exemplo, esta cama pode ser completamente desmontada e reconstituída com surpreendente facilidade. Os escoceses não seriam tão especializados, nessa altura.”

“Os meus antepassados eram escoceses. Anunciou Mara, e uma brisa de ar ártico atingiu em cheio o seu rosto. “Mas eu nunca estive lá.”

Mr. Dimpleby oferece-lhe um sorriso complacente. “Com um nome como McDougall e uma tão bonita máscara de cobre no cabelo, adivinhei logo as suas origens escocesas. Eu...” Interrompeu ao toque de um telefone.

“Se me der licença,” disse, já a desaparecer por uma porta aberta do lado mais distante da sala e, que ele fechou firmemente atrás de si.

Sozinha, Mara voltou-se para a cama.

Fascinava-a. Segurando um dos postes com as duas mãos, encostou a face na sua textura sólida e fechou os olhos, tentou visualizar a cama como ela teria sido há séculos.

Abençoada com uma imaginação fértil, rapidamente criou um cavaleiro impetuoso, com a sua cota de malha, carregando uma donzela de cabelos loiros, por umas escadas de caracol, depositando-a delicadamente numa cama sumptuosa.

O que se passaria a seguir era matéria dos sonhos, talvez lendário. Ela conseguia “ver” o cavaleiro despindo a sua dama, imaginava-o admirando a sua nudez. Acariciá-la-ia de um modo que lhe provocaria calor e um formigueiro de prazer convergindo para o âmago do seu corpo. Então, ele despiria as suas roupas, puxando-a para si com força, beijando-a com o fogo da paixão...

Como ela gostaria de ser essa mulher galante.

Uma cama como aquela deveria ser perfeita para amantes medievais.

Esses dias estão muito distantes, mas os quatro postes da cama sobreviveram e, por isso, ela quase sentia o seu coração batendo debaixo dos dedos. Um pulso ou reminiscências de um tempo longínquo, e essa era uma distância que ela achava absolutamente cintilante.

Novos arrepios lhe passaram pelos braços, mas desta vez a causa não era o frio.

Agora, eram arrepios de delícia, acompanhados por um aceleração da sua respiração e pequenos assomos de puro prazer. Para uma amante de coisas antigas, como era o seu caso, a sensação era quase orgástica.

Ela não precisava de sapatos de *designer*, ou da bolsa mais da moda.

As antiguidades bastavam-lhe, o passado excitava-a mais do que qualquer coisa que a idade moderna tivesse para oferecer,

Susteve a respiração, absorvendo o pequeno sonho que havia fiado sobre o cavaleiro e a sua dama.

Se ao menos tivesse vivido na era de romances de cavalaria.

Ao invés disso, era a Mara-sem-sorte-no-amor McDougall, destinada a gerir um negócio que, por vezes, lhe arrancava tanto os nervos, que ela tinha que aproveitar estas lufadas e vislumbres ocasionais das eras distantes que tanto a fascinavam.

Soltou um longo suspiro. Quer gostasse quer não, vivia aqui e agora. E se queria voltar a ver a Inglaterra, depois desta viagem, seria melhor não embarcar em fantasias. Uma combinação de trabalho árduo e criatividade permitiu-lhe transformar as Excursões Exclusivas num negócio *semi* rentável.

Sem se pôr com “se isto e aquilo”.

De alguma forma, sobrevivera à última noite, brincando de mãe galinha com os orgulhosos portadores da Sociedade dos Intrépidos Caça-Fantasmas. E, como sempre, passaria os meses que antecedem a próxima tour numa enxurrada de planeamentos e anúncios. Depois, antes que ela percebesse, estaria de volta a Londres no próximo avião.

Pouco mais interessava.

Com uma pontada de arrependimento distinto, afastou-se da cama. Estava mesmo na hora de apanhar o metro para Victoria Station, traçar os poucos quarteirões para o seu *bed-and-breakfast* e arrumar-se para as festividades da noite.

Não havia mais tempo para fantasiar com cavaleiros de sorrisos lânguidos e olhares ferosos. Não precisava de imaginar o que fariam com as mãos. Como seriam quentes os seus beijos, tirando uma mulher do sério, fazendo com que se derretesse.

Tinha que ir embora.

Mas quando se voltou para sair, esbarrou contra uma parede.

Uma parede sólida, musculada.

Muito possivelmente, o homem mais belo que alguma vez vira. E, sem sombra de dúvida, o mais alto. Teve que inclinar a cabeça para trás, para conseguir ver o seu rosto. Algo que ela fez menos vezes do que gosta de admitir, não sendo exactamente uma *petiz*.

Mara especou a olhar para ele, o seu coração em pulinhos constrangedores. Usava umas calças castanhas apertadas e uma túnica de mangas compridas da mesma cor, com um largo cinto de couro abaixo das ancas. Umas lindas botas da mesma cor completavam a sua indumentária, e por um momento surpreendente, ela jurou ver o brilho de uma espada ao seu lado.

Mas fechou os olhos e a espada desapareceu, deixando apenas o homem e a sua beleza selvagem e negra. A sua intensidade abarcando-a arrebatadora e sedutoramente, o seu olhar profundo, aparentando queimar as suas roupas, até que ela se sentiu completamente exposta.

Nua.

Talvez até um pouco de formigueiro. Não era todos os dias que um simples olhar a queimava por dentro tão intimamente. Ela sentia-se excitada, deliciosamente devorada. Sensações de deleite, que era melhor não prolongar, então, mordeu os lábios, antes que começasse a arfar, revelando a sua atração.

Com que facilidade a sua feminilidade, há tanto tempo abandonada, crescia quente e dolorosa, se ele não parasse de imediato de olhar para ela, de uma forma que a fazia sentir como se ele tivesse saído dos seus sonhos mais tórridos para a tentar, e consciente disso!

Fazendo um esforço para não corar, encarou-o também, o seu próprio olhar medindo-o e deslizando sobre ele com a mesma ousadia.

Ele não era apenas o homem mais alto que já vira, ele ultrapassava a perfeição. Absolutamente esplendoroso, parecia mesmo um cavaleiro com o seu frondoso cabelo castanho roçando os ombros largos e um ar tão indescritível vibrando através dele, que ela mal conseguia respirar.

Forçando-se a fazer isso mesmo, resistiu à vontade de lhe lançar as mãos aos cabelos e enroscar aí os dedos. Só para ver se era real. Com nuances da luz brilhante do sol quente de mel, e cada fio de cabelo brilhando de forma tão lustrosa, o seu cabelo dava-lhe, realmente, o ar sinistro de herói arrojado de um qualquer retrato empoeirado num velho museu.

Mas mais do que a sua constituição física ou beleza, foi o desenho dos seus olhos incrivelmente intensos que a cativaram.

Uns olhos verde-mar, onde uma mulher sonha afogar-se.

Ela poderia ver através deles para todo o sempre.

Infelizmente, ele não parecia corresponder ao seu enamoramento. A animosidade derramava dele, que cruzara os braços numa postura hostil. O Pior é que agora, que ele praticamente a derreteu, esbanjou cada centímetro do seu apetitoso corpo, encarando-a com um olhar gelado.

Acabaram-se os olhares lambuzados para a seduzir e enviar longos e molhados estremecimentos pelos lugares mais secretos e sombrios do seu corpo. Agora, o seu olhar escaldante, apenas transmitia arrogância.

Talvez mesmo, fúria.

Irritada, Mara empertigou-se. Os olhares dele eram-lhe indiferentes, enquanto a olhasse como se ela tivesse varíola. O coração dela pulando, varreu o cabelo para cima de um dos ombros, a sua agitação aumentava. Talvez devesse perder uns quilos, mas não estava assim tão mal. Ou talvez ele a tivesse ouvido falar e não gostasse de americanas?

Sendo assim, o remédio era simples. Ela o arrebataria com charme.

“Oi,” disse ela, exibindo o seu melhor sorriso. Sou a Mara McDougall.” Ele permaneceu pétreo, sem sequer se importar com o seu gesto. Se algo nele se alterou, foi a carranca que se aprofundou ainda mais.

Mara engoliu em seco e humedeceu os lábios. Talvez ele esperasse um pedido de desculpas? Afinal de contas ela o abalroou, com força considerável.

Sim, era esse seguramente o seu problema. Queria um pedido de desculpas.

“Peço desculpa pelo encontro.” Alegrou-se por se explicar. “Não voltará a acontecer.”

“Certamente, não acontecerá,” concordou ele, aproximando-se mais. “A cama é minha, moça. Desapareça.”

“Você é real?” Mara pestanejou. O coração bateu contra as costelas.

Lá estava aquele sotaque, de novo. Quente, rico e suave como manteiga. O mais puro urro escocês que já ouvira, reconhecendo, agora, a cadência musical de há pouco. E ele bramava o seu urro, de forma tão irritantemente sensual, que outro arrepio de desejo se fixou no seu ventre.

Mas *moça e desaparece?*

Já para não falar do: *Malditos bastardos MacDougall.*

Eriçada, Mara recuou uns passos. “Ter bom aspeto e um sotaque sexy não dão direito a má-criação,” disse ela, oferecendo-lhe um olhar, que ela esperava pudesse ser também audível.

Ela não julgou que fosse possível, mas a sua expressão escureceu. Com um ar hostil, impôs-se com toda a sua altura, endireitou os ombros e encarou-a.

Endireitando os seus próprios ombros, ela retribuiu o olhar. “E a cama não é sua. Pertence ao Mr. Dimbleby e está à venda. Talvez a compre.”

Ele estreitou o olhar. “Você é uma MacDougall.”

“E? O que tem o meu nome a ver com isso?” Mara começou a bater o pezinho. “Já sei que não gosta de McDougalls.”

“Ninguém dessa laia dormirá na minha cama. Eu o proíbo.”

“Dessa laia? Proíbe?” Mara sentiu o queixo cair. “Mas o que é isto, alguma brincadeira?”

Ele dirigiu-se para a cabeceira da cama. “Não zombo de vós,” disse ele, o seu olhar verde sobre ela numa ameaça clara.

Mara acenou a cabeça em reprovação. “Não zombais de *mins*? Que Inglês é esse?”

“O Inglês do rei,” declarou, com o seu olhar incendiando-a por dentro. “Pelo menos, quando ele pretende falar esse fraco idioma.”

“O Inglês do Rei?” Repetiu Mara, colocando as pontas dos dedos nas têmporas e pressionando fortemente. Ou ela estava a imaginar esta conversa ou um deles não estava a funcionar muito bem da cabeça, e ela só queria não ser essa pessoa. “O que aconteceu à Rainha Isabel?”

Para surpresa sua, Ele pestanejou e uma expressão de perplexidade atravessou-lhe o rosto. Mas o olhar ligeiramente turvo desapareceu num ápice, sendo rapidamente substituído por nova carranca feroz.

Um olhar suficientemente contundente para enviá-la para os anjinhos e *boa viagem*. Já teve a sua dose de maluquinhos. Não precisava de encontrar mais um, principalmente um de modos doentios. Se ele tinha algo de irresistível, que lhe provocava pensamentos malandros, pouco importava. Muita sorte teve ele por ela ter tido contenção em não o mandar bugiar.

Determinada a sair, antes que o seu temperamento desencadeasse uma tremedeira ao seu olho

esquerdo, passou por ele velozmente, fazendo metade de Dimpleby, antes de se deter.

O galã sisudo arruinara a sua única tarde livre nesta viagem, e ela não podia permitir tal coisa.

Embora tenha sido provocada até ao limite, ela *era* uma McDougall.

Os McDougalls não são cobardes.

Então, esperou, apenas o tempo suficiente para pôr a expressão: não-te-metas-com-alguém-de-Filadélfia, depois, rodou sobre si própria e voltou para a sala.

Mas o gostosão tinha desaparecido.

Escafedeu-se, como se nunca ali estivesse.

A sua indignação rodopiando em torno de algo assombrosamente decepcionante. Vasculhou a sala desordenada, até se ajoelhou para espreitar debaixo da colossal cama, mas o esforço apenas serviu para provar como as bolas de algodão brilham bem em lugares escuros e protegidos.

O Highlander bonzão, com o seu sotaque apetitoso e semblante carregado não estava em lugar que se avistasse.

De forma não menos estranha, a sala estava quente e abafada.

Nem sinal do frio de abanar os ossos de há momentos.

O bom senso ditava-lhe que isto não podia estar a acontecer, mas, ainda assim, uma cascata de arrepios atravessou-lhe as costas – enquanto ela espiava a porta fechada na parte de trás da pequena sala.

O alívio tomou conta dela, doce e rapidamente.

Não estava a perder a noção da realidade.

O palhaço acabara de se esgueirar para o escritório do Mr. Dimpleby e por ela, ele podia muito bem ficar lá.

Por um momento de tentação, considerou abrir a porta, mas rapidamente descartou essa ideia.

O belo demónio não valia a perda de energias.

Principalmente, porque ele lhe lembrou do tempo que passou sem que um homem a fizesse sentir derretida e num formigueiro, ou a acariciasse e saboreasse as suas curvas, antes de mergulhar dentro de si, suave, lentamente, de modo eletrizante.

Quanto tempo passou desde que gemeu de prazer.

Em vez disso, lembrar-se-ia dele como o fim perfeito para um dia menos que estelar, e seguiu para o seu bed-and-breakfast. Se fosse rápida, ainda teria tempo para tomar um duche e trocar de roupa, antes de escotar os seus caça-fantasmas para Berkeley Square, para o jantar de gala e de despedida.

Mas um pouco mais tarde, a sua sorte tomou um rumo ainda mais feroz, quando esperava no salão de entrada de The Buxton Arms e leu a mensagem rabiscada que o rececionista lhe entregou, quando foi buscar a chave.

Por favor, contacte o Mr. Percival Combe, Solicitador. Urgente.

Mara franziu o sobrolho. A mensagem dava uma lista de Londres, mas quem era Percival Combe? E o que lhe poderia querer um solicitador?

No entanto, a mensagem não poderia ter outro destinatário. Quantas Mara McDougalls das *Excursões Exclusivas*, poderia estar na pequena pensão?

Apenas uma, e ela bem o sabia.

Confusa, subiu as escadas cobertas por uma tapete, para o seu quarto no terceiro andar. Sem grande surpresa, o telefone tocou mal ela entrou no quarto. Enquanto se sentava na borda da cama e pegava no auscultador, cada parte do seu instinto lhe avisava que algo de extraordinário estava para acontecer.

“Mara McDougall,” respondeu, cerrando os olhos.

“Ahhh, Miss McDougall,” chegou a resposta distinta. “Aqui fala Percival Combe, da Combe e Hollingsworth. Fico tão feliz por a encontrar.”

Os olhos de Mara voltaram a abrir-se. “Deve haver algum engano,” disse, nada segura de que queria ser encontrada. “Se é sobre a minha excursão atual...”

Ela parou, as palmas das mãos amortecidas. Nem por sombras iria discutir a sua Inglaterra: A misteriosa e inexplicável excursão com um solicitador londrino.

“Isto não tem nada a ver com o seu negócio,” anunciou com a voz de homem de negócios, “ pelo menos, não diretamente. E é a jovem que tenho procurado. O seu pai teve a gentileza de me fornecer o seu percurso.”

Mara começou a sentir enjoos. Se um solicitador se deu ao trabalho de contactar o seu pai – em Filadélfia – é porque algo de muito grave está a acontecer.

“Miss McDougall, Seria conveniente jantar comigo hoje à noite no Wig and Pen Club? Tenho algo de muito importante para discutir consigo.”

Mara sentiu o coração deslizar no peito com apreensão. “Que espécie de coisa?”

“Preferia não falar pelo telefone, mas pode ter a certeza que não é nada de grave. Muito pelo contrário.” Fez uma pausa para respirar. “Um motorista pode passar no seu hotel às seis e meia e devolvê-la-á seguramente, depois do nosso jantar e discussão do assunto.”

“Ah...” Ela hesitou, a curiosidade a levar a melhor sobre ela. Um jantar num lugar tão exclusivo como o Strand será seguramente mais interessante do que uma sessão de despedida com quinze pretensos-médiuns.

Além disso, eles estariam demasiado ocupados procurando espectros para notarem a sua ausência. Mesmo assim, teve que pensar rapidamente. Não podia desaparecer, simplesmente, sem se certificar que a noite deles corria calmamente.

Não se podia dar ao luxo de desapontar os clientes.

Nem mesmo os excêntricos.

Mr. Combe desimpediou a garganta. “Espero que não se incomode, mas tomei diligências para que um amigo meu da Autoridade Britânica para o Turismo acompanhasse os seus...humm...encargos com o jantar em Berkeley Square, esta noite.”

A cervical de Mara foi varrida por um súbito calor. “Pensou em tudo,” disse, o seu pulso martelando de vergonha. Ele sabia da sua excursão. Talvez até pensasse que ela era como os seus clientes, acreditando em fantasmas, fadas e sabe-se lá mais o quê, para caçar as ilhas britânicas.

Meu Deus!

Mara respirou fundo, arranjou a franja. “Meu caro senhor, não me parece que goste...”

“Miss McDougall, é urgente que fale consigo. Por isso foi necessário certificar-me que se poderia afastar.” Esperou um pouco. Sei também que esta seria a sua última noite em Inglaterra.”

A sua última noite?

Mara pestanejou, o seu coração num turbilhão. Ele dissera aquilo, como se ela fosse ficar.

Como se ela não fosse voltar para Newark na manhã seguinte.

De uma só vez, grande parte da sua mortificação evaporou-se, substituída por uma onda de excitação. Se o que quer que fosse que tivesse para lhe dizer, lhe permitisse ficar mais uns dias em Londres, ela era toda a favor disso.

“Consegue estar pronta às seis e meia?” Percival Combe incitou.

Mara quase riu a bandeiras despregadas.

Imagens do Harrods e do Covent Garden e longos passeios pelo Hyde Park dançavam na sua cabeça. Que Deus lhe perdoasse, mas ela venderia a alma para passar mais umas horas em Londres.

“Miss McDougall?”

Ela apertou os dedos no telefone, a sua decisão estava tomada. “Estarei pronta, sim.”

Estarei pronta e a morrer de entusiasmo.

Capítulo Dois

“Eu o quê?”

Mara olhou para Percival Combe, incrédula. O garfo escorregou-lhe dos dedos e caiu no prato, a sua falta de modos a lançar duas ervilhas pelo ar. “Todo um castelo?”

Engoliu em seco, ao aceno do solicitador, o seu rosto em chamas, enquanto um silêncio de choque varreu o consagrado *Wig and Pen Club* e os respetivos comensais viraram a cabeça para observá-los. Não que ela se importasse com isso. Uma notícia daquelas valia bem umas quantas sobranceiras erguidas.

Se ela conseguisse acreditar nisso.

Com a sorte que tem, provavelmente é um mal-entendido.

Credo, ela nem conseguira encontrar alguém para investir no Excursões Exclusivas, quando quis encontrar um sócio, há bem pouco tempo.

Que lhe deixaria um castelo?

Nem por um momento convencida de que alguém o faria, enrolou os dedos nas costas da cadeira e inclinou-se para a frente. “Importa-se de repetir isso, por favor?” Desejou não ter a palavra “suspeição” escrita no rosto.

Percival Combe sorriu. “Com muito prazer,” assentiu, dando a ideia de que estas reações surpreendentes fossem um mero lugar-comum. “A minha última cliente deixou o seu legado, o Castelo de Ravenscraig, a si.”

Olhando para ele, Mara mascou o próprio lábio. Algo a incomodava e não era apenas o facto de se tornar numa herdeira da noite para o dia. “Isto é incrivelmente difícil de acreditar.” Observou-opor cima da mesa, desejando que a sua dúvida não fosse tão óbvia. “Na minha terra, as pessoas não recebem castelos assim, por dá cá aquela palha.”

“Não, Acredito que não.”

“Exatamente, e se alguma vez alguém herdou um, não poderia ser um candidato tão improvável.” O cepticismo apoderava-se de todo o seu ser, procurou no rosto dele um sinal de que alguém com um destorcido sentido de humor lhe armou uma armadilha.

Mas nada encontrou.

Longe disso, ele era o epítome da sinceridade. Rosto delicado, cabelo grisalho e uns brilhantes olhos azuis, o solicitador, na casa dos sessenta, parecia tudo menos o portador de falsidades.

Mesmo assim, ela tinha que saber. “Tem a certeza que isto não é uma brincadeira?”

“Tem a minha palavra de honra,” Assegurou-lhe ele. “Lady Warfield estava muito determinada a ver Ravenscraig nas suas mãos.”

Mara levantou o sobrolho. “A Lady Fiona Warfield?”

Ele anuiu.

“Oh Deus,” Mara engasgou-se e lutou para ter algo melhor para dizer.

Conhecia Lady Warfield.

A excêntrica velhinha possui... pelos vistos, *possuía* Wychwood Hall na região de Cotswolds e tinha permitido gentilmente que Mara conduzisse excursões à sua casa. Por vezes, ela própria acompanhava os grupos, mostrando uma predilecção pelos americanos.

Fora Sempre especialmente simpática com Mara.

“Lamento saber que faleceu,” disse, lembrando o andar ligeiro e os olhos brilhantes da mulher. “Não sabia. Wychwood não estava no meu itinerário atual. Como é que...Quero dizer....”

“Morreu durante o sono, fez ontem um mês,” disse o solicitador, adivinhando a pergunta.

“Muito calmamente, pelo que soube.”

Mara assentiu nos agradecimentos. “Era uma mulher notável. Pouco convencional, mas eu gostava desse lado.” Engoliu em seco, afastando um súbito aquecimento na garganta. “A gente entendia-se bem, mas não imagino por que se terá lembrado de mim no seu testamento.”

“Tinha a suas razões.” O solicitador bebeu um gole de vinho. “Talvez se surpreenda se lhe disser que ela julgava conhecê-la bastante bem.”

As sobrancelhas de Mara uniram-se. “Não vejo como.”

“Ah, você mesma admitiu que ela não era convencional.” Esvaziou o seu copo, sorrindo. “É muito surpreendente saber que ela tenha visto o mesmo traço em si?”

Isso, finalmente, fazia algum sentido.

Mara percebia o que ele queria dizer.

Realmente, ela seguiu o seu próprio caminho na vida, tinha muito orgulho nisso. Era ela própria, e apesar de não ter nascido em berço d’ouro, trabalhou arduamente para alcançar os seus objetivos. Tinha também a noção de que as coisas de maior importância para ela, normalmente não estavam encaixavam com os interesses dos outros.

“Lady Warfield admirava o seu espírito.” A voz de Percival Combe tinha um toque de reminiscência. Inclinou-se para a frente, espetando-a com um olhar azul intenso. “Mesmo quando não a acompanhava nas suas tours por Wychwood, ela acompanhava-a de longe. Agradece a forma como lidou com o seu pessoal.”

“Percebo.” Na verdade, não percebia nada.

Ela apenas lidava com os empregados e voluntários de Wychwood, da mesma forma que lidava com toda a gente.

Mas, talvez fosse isso.

Olhando para o lado, viu mais do que as mesas bem postas, com as suas velas tremeluzentes e o brilho da prata e do cristal. O seu olhar interior captou as correntes de ar tão típicas dos lugares chiques. As constantes posturas pretensiosas, competindo entre si para superar a indiferença dos outros.

Embora se sentisse em casa, nesses círculos, Lady Warfield teria um divertimento torcido nos narizes empinados que se dirigiam à mesa de Mara.

Muito provavelmente, teria levantado a sobrancelha e erguido o copo para quem estava a olhar, informando-os que vira e desaprovava a sua atitude snob.

“Foi por isso que ela fez isto?” Mara fixou o seu olhar de forma tão direta quanto possível no solicitador. “Porque partilhávamos umas quantas visões do mundo?”

“Entre outras coisas.” Percival Combe inclinou a cabeça, a sua expressão tão séria como a dela.

“Que coisas?”

“Nada de desagradável, posso garantir.”

Mara duvidou. “Talvez eu prefira ajuizar isso sozinha.

Ela sabia o que aí vinha.

O segredo.

Tinha que haver um. Quando a esmola é grande o santo desconfia. Cheirava a coisa estipulada, tão certo como os seus vegetais saberem a papel cozido, mesmo antes de os provar. “Então, o que tenho que fazer?” Encostou-se na cadeira e esperou a resposta. “Qual a verdadeira razão para eu ser beneficiária?”

Percival Combe suspirou. “Lady Warfield gostava de si. Havia, no entanto, mais motivos para a sua decisão. O seu nome, Miss McDougall. Muito simplesmente, o seu nome.”

“O meu nome?”

“Sabia que a Lady Warfield era escocesa?” Perguntou, examinando-a atentamente.

Mara arregalou os olhos. “Não fazia ideia.” Abanou a cabeça, genuinamente aturdida. “Nunca

mencionou a Escócia e falava com um refinado sotaque Inglês.”

“Um sotaque cultivado,” disse o solicitador, observando-a sobre a oral do seu copo de vinho. “Era de Oban nas Terras Altas do Oeste, embora pouca gente soubesse. Nasceu uma MacDou...”

“MacDougall?” Mara quase esbarrou no seu assombro.

Percival Combe pousou o seu copo e assentiu.

O rosto de Mara enrubesceu. Agora percebia por que o nome Ravenscraig a perturbava tanto.

Era o lar ancestral do seu clã.

Ao menos, a sede do cacique menor, de onde provinha o ramo dos MacDougalls.

O seu pai até guardava uma foto esbatida do castelo, numa moldura em cima da sua secretária. Uma foto cuidadosamente recortada de uma revista escocesa, não que tenha sido ele a tirá-la, para grande desgosto de Hugh McDougall. Ninguém na sua família tinha conseguido fazer a viagem e, nos últimos anos, a saúde do pai não era a melhor para aguentar um voo transatlântico.

O melhor que conseguiram foi comprar uma casa, ainda que humilde, na One Cairn Avenue. E mesmo que tenha um nome com uma sonoridade escocesa, a rua era num canto de colarinho azul, em Filadélfia, não Escócia.

“Infelizmente,” adiantava o solicitador, “O marido de Lady Warfield, Lord Basil, não partilhava do mesmo amor pela sua terra natal. Por devoção, permitiu-se anglicizar-se. Uma decisão que mais tarde lamentaria.”

Mara mexeu-se em desconforto. Ela também não arvorava grande interesse em tartan ou gaitas de foles, preferindo Londres com todos os seus fascínios e a sua turfa de pântanos e ovelhas.

Os seus nervos começaram a apertar. “Não pensava que fôssemos da mesma família, seguramente?” Perguntou, a sua voz um pouco mais alterada que o costume. “O meu pai passa o tempo à procura dos seus ancestrais. Ele teria uma síncope se soubesse que tinha ascendência direta com os MacDougalls de Ravenscraig. Mas a nossa linhagem recua a John, o Imigrante, um pobre arrendatário que deixou a Escócia em meados do século dezoito.”

“Lady Warfield sabia disso,” admitiu o solicitador, parecendo um pouco desapontado. “Fizemos uma investigação ao seu passado, esperando descobrir uma ligação, mesmo que remota. No entanto, apesar do fracasso dos nossos esforços, ela continuo a desejar que fosse a Mara a ficar com Ravenscraig.”

“Mas porquê?” Mara intrigou-se. “Tinha que haver uma razão mais profunda.”

O solicitador deixou sair um suspiro. “Se estivesse tão familiarizada com a Escócia como o seu pai, saberia que a família é tudo para um escocês.” A sua expressão voltou a pôr-se séria. “O Sistema de clãs é bastante generoso, aceitando uma larga variedade de ortografia dos nomes. Cada clã tem membros espalhados pelo mundo inteiro, mas os laços permanecem muito fortes.”

“Eu sei,” Mara concordou, imaginando, por momentos, o seu pai inclinada sobre os seus papeis e livros, uma manta sobre os joelhos e um rigor no olhar. “A diáspora escocesa com os seus milhões, cada um orgulhoso da sua costela e ansiando eternamente pela sua casa num vale.”

Percival Combe inclinou a cabeça. “Essa atração é forte, Miss McDougall. Mesmo agora, séculos à frente dos seus dias, os clãs evocam grandes emoções. Para a Lady Warfield, você é família. Uma MacDougall.”

Mara levou os dedos às têmporas, sua mente debatendo-se. “De certeza que ela conhecia alguém mais apropriado, não?”

“Foi a si que ela escolheu.” O solicitador inclinou-se para ela, o seu olhar azul capturando-a, prendendo-a. “Ela era a última descendente do clã original e não teve filhos. Noutras circunstâncias, teria escolhido um herdeiro adequado à sociedade do seu clã. Mas ao casar com Lord Basil, alienou-se de todos eles.”

Ele recostou-se na cadeira. “E é aí, minha querida, que você entra.”

“Quer dizer, o que tenho de fazer para que isto aconteça.”

“Uma condição, sim.” Limpou a garganta. “Tem que cumprir um objetivo, que ela não conseguiu alcançar.”

O coração de Mara despencou.

Libertou um suspiro sonoro. Claro que seria demasiado bom para ser verdade.

“Não me diga que tenho que passar a noite num calabouço assombrado ou experimentar equipamentos de tortura medieval. Já tive a minha dose de espectros e esquisitices ultimamente.”

O solicitador abanou a cabeça, iluminou calorosamente o seu rosto. “Nada de tão aventureiro. Na verdade, Lady Warfield acreditava que você seria a pessoa mais indicada para a tarefa.”

“Como assim?”

“Ela achava que os seus dotes de organizadora, a ajudariam a coordenar o seu desejo de erigir um memorial aos MacDougall, no recinto do castelo.”

Mara endireitou-se mais, uma onda de esperança fortalecendo-se. Isto não era tão mau quanto ela havia pensado. Se o castelo viesse acompanhado de fundos, uma tarefa dessas não seria tão complexa.

Devia haver mais qualquer coisa.

Segura disso, inclinou a cabeça. “Então, o que devo fazer mais?”

“Tem que reunir o clã.” O solicitador observou-a. “Isso e certificar-se de que o maior número de MacDougalls possível venha assistir à cerimónia de inauguração do memorial.”

Mara pegou no seu copo de vinho e esvaziou-o. A sua benfeitora escolhera de forma imprudente. Ela era a última pessoa a ser capaz de reunir uma família, quanto mais um clã rachado pelo tempo.

Na condição de filha única, só entendia de famílias pequenas.

Pequenas e disfuncionais, uma vez que a sua mãe saiu de casa quando ela tinha dois anos e, passando a vida com o nariz enfiado em registos genealógicos, o seu pai não era propriamente de conviver com o punhado de familiares que ainda tinham.

Mara recostou-se na cadeira. “E se eu falhar?”

O solicitador respirou fundo. “Se após a conclusão do monumento e uma tentativa razoável para estabelecer boas relações entre os membros do clã, consigo como nova castelã de Ravenscraig, os ressentimentos da minha falecida cliente, não tiverem sido resolvidos, então, terá que ir embora.”

“Estou a ver,” Mara disse, surpreendida com o tamanho da sua desilusão. “O que aconteceria ao castelo?”

“Dito de forma simples, você ficaria com metade da fortuna que Lady Warfield lhe deixa e Ravenscraig ficará para o Fundo Nacional Escocês, da mesma forma que Wychwood ficou com o Fundo Nacional Britânico.”

Mara olhou para o lado, ainda mais surpreendida porque os seus olhos estavam turvos. Raramente se emocionava, orgulhava-se de ter os pés bem assentes na terra, e certificando-se que os seus sonhos e esperanças eram alcançáveis.

Mas em caso algum fugia de um desafio.

De facto, prosperou à conta deles.

“Miss McDougall?” A voz de Percival Combe chegou cheia de encorajamento, como se ele adivinhasse os seus pensamentos.

E ela estava a render-se, a sua determinação para ser bem-sucedida ascendia a cada lufada de ar que inalava.

“Pode ter a certeza que a ajudarei em tudo o que estiver ao meu alcance.” Voltou a falar, o subtexto das palavras dele cortejava-a. “Qualquer coisa que...”

“Qualquer coisa?” O coração de Mara teve um solavanco, uma noção do selvagem começava a girar dentro dela.

Percival Combe sorriu. “O menor detalhe.”

“Bem,” começou ela, “há uma coisa.”

“Não hesite, minha querida.”

Mara sentiu a aproximação de um sorriso. “É sobre uma cama...”

Mais tarde, no início dessa noite, mas no lado oposto de Londres, Sir Alexander Douglas suprimiu um bocejo com toda a dignidade nobre que possuía.

Raramente se sentiu tão cansado. Ou mais ressentido por não lhe ser permitido sucumbir ao pesado sono dos séculos.

Em vez disso, passou a sua noite a caminhar sobre o quarto *dela*, esperando, em vão, que os seus passos vigorosos rangessem suficientemente alto para a acordar. Infelizmente, a pousada modesta, que ela escolhera tinha alcatifa no chão.

Alex franziu o sobrolho.

Nunca tal coisa ele vira. Não lhe assentava bem que um MacDougall tivesse tais requintes de luxo.

Nada mesmo.

Olhou para o chão ofensivo, seguro de que teria custado uma fortuna. Uma manada de corcéis poderia cavalgar através de tecido tão denso e o seu som seria insignificante. Ele dera tudo para perturbar a moça.

No entanto, ela continuou a dormir, sem nada notar.

A sua ira crescia, parou os seus passos e desejou que o cheiro dela não invadisse o quarto.

Lamentavelmente, era o que acontecia, uma espécie de flagelo que o perseguia para todos os cantos do quarto, independentemente do lugar que escolhesse. O perfume estava no ar, flutuando como uma briza primaveril equivocada, fresca, leve e sedutora.

A carranca de Alex aprofundou-se.

Os seus ombros retesaram-se. Uma MacDougall deveria cheirar a esterco, ou pelo menos a cebola ou alho. Infelizmente, esta não cheirava. O seu odor era adorável e feminino, enfeitiçando-o a cada inalação. Então, para abastecer o seu fel, voltou-se lentamente, examinando de novo o seu quarto de dormir ricamente equipado.

O *Buxton Arms*, nome do estabelecimento que a placa anunciava, esse nome inglês escurecia a sua disposição. Assim como os ornamentos do quarto. E não era apenas a tapeçaria colada ao chão. Essa afronta particular mais não era do que uma pequena parte da decadência. Por Deus, o quarto minúsculo brilhava com mais luxo que toda a corte de Robert Bruce.

Uma fina cadeira almofadada, infinitamente sumptuosa, mereceu a sua atenção especial. A peça estava perto dos pés da cama, acenando-lhe. Alex cruzou os braços, determinado em não ceder. Preferia ficar numa cama de urtigas do que sentar-se na cadeira de um MacDougall.

Estivessem os seus membros doridos ou não.

Olhou para o seu reflexo no espelho, não para observar a sua magnífica aparência, mas a perfeição suave do próprio espelho.

A fortuna dos MacDougalls não tinha claramente diminuído ao longo dos séculos, se um membro do seu número covarde se podia dar ao luxo de ter um alojamento com tamanho esplendor.

“Chão atapetado!” Bufou, afastando-se.

O Silêncio e as sombras saudaram-no, o ping-ping da chuva e o respirar do vento noturno aumentavam o seu cansaço. Já para não falar no peso da sua malha e outros acessórios de cavalaria, tudo vestido para, expressamente, provocar terror na moça, caso ela acordasse e o vislumbrasse a pairar sobre ela.

Mas, infelizmente, isso não parecia provável.

Arriscou mais um olhar à cadeira, considerou prolongar a sua observação nas suas profundezas bem almofadadas. Afinal, ninguém saberia. Seguramente não estava abaixo da sua dignidade permitir-se um pequeno descanso?

A moça MacDougall não se movia há horas.

Além disso, ele era um guerreiro experiente, muito respeitado no seu tempo. Não tinha que provar as suas proezas ou vigores. Uma tão pequena satisfação era o mínimo que um MacDougall lhe devia. A decisão estava tomada, baixou-se até à cadeira, quase soltando um suspiro de prazer. Em vez disso, desembainhou a espada e pô-la sobre os joelhos.

Com efeito e bom propósito.

Um cavaleiro trajado para a batalha, com uma marca brilhante, faz uma aparição mais intimidadora do que um miserável cansado caído numa cadeira.

Mas logo que ele se instalou confortavelmente e pôs uma pose suficientemente assustadora, a garota mexeu-se.

E fê-lo de uma forma, que de imediato expulsou a sua exaustão. Na verdade cada nervo seu pulou em alerta máxima, quando ela se voltou e enrolou debaixo dos lençóis. Movimentos sensuais, abandonados, seguramente feitos com o objetivo de fazer um homem admirar a sua libertinagem, provocando mesmo dor com o desejo de a possuir.

“Raios partam!” Alex cerrou os pulsos contra o calor que sobre ele passava.

Por momentos, imaginou-a espalhada e os seus olhos festejando, devorando cada centímetro seu. Afundando bem dentro dela até que as suas contorções e gemidos fossem provocados pelos seus movimentos para dentro e para fora, e não pelos caprichos do sono.

Ele encarou-a, determinado a não se apressar, mesmo que ela se tenha esticado de forma provocadora debaixo dos cobertores. Como se pressentisse a sua fraqueza, ela parou, parecendo ter-se virado para o seu lado. Ele não conseguia ver bem, porque ela puxara os cobertores para junto do queixo.

Apenas o seu cabelo a marcava como uma MacDougall ansiosa por reclamar a sua cama. E que cabelo! Cabelo de mulher sedutora, todo de caracóis de chamas e ondas desalinhas. O tipo de juba selvagem que fazia um homem sofrer para enterrar a cara na sua riqueza e simplesmente inalar até se afogar nessa roda de fios de seda.

MacDougall ou não, tinha um cabelo glorioso.

Maravilhosas meadas de vermelho-ouro espalhados pela almofada numa explosão de cores. Por um momento de loucura insana, perguntou-se se tal dádiva teria o toque da seda, como parecia. Especialmente, como se sentiria uma tal delícia a escorregar pela pele nua do seu peito ou por outras partes sensíveis.

Não que ele tivesse interesse nisso.

A passagem de tantos séculos deve ter embriagado o seu cérebro. Nenhuma rapariga da sua laia deveria incendiar as suas necessidades, despertas desejos há muito adormecidos. Mas depois, ela voltou a mover-se, o movimento ligeiro enfatizando a plenitude madura do seu corpo, e pensamentos muito piores assaltaram-no.

Não é que ele pudesse evitar, pois ela rolara sobre as costas, esticando os braços acima da cabeça, numa pose lasciva, certamente destinada a tirar vantagem injusta. Como se ela soubesse que ele sofreu séculos de abstinência agonizante.

Sentindo-se acochado, Alex ficou tenso, a sua perturbação cresceu, quando a roupa escorregou para mostrar os mais perfeitos e cremosos seios que alguma vez vira. Cheios, redondos e deliciosos, coroados com um cume rosa profundo, que franzia sob o seu olhar. E a devassa não tinha ainda terminado o seu embuste.

Certamente segura de que tinha uma audiência cativa, começou a avançar o pé direito para a barriga da perna esquerda, o seu joelho erguido, levantando a roupa de cama o suficiente para revelar uma parte dela a que nenhum homem de sangue nas veias poderia resistir.

Suficientemente perto para ver claramente que o menor deslize de modéstia não protegia o seu segredo de vista. Apertando o queixo para que ele não o denunciasse num gemido, olhou para o espesso tufo triangular de caracóis vermelho-ouro.

Olhou e usou todos os elementos da sua força para ignorar o batimento na sua zona pública.

Felizmente, ela logo baixou o joelho, cobrindo assim essa parte do corpo. Por isso, ele voltou a sua atenção para os seios, nada surpreso por os encontrar ainda completamente destapados, os seus bicos enrugados e rijos.

Uma luxúria feroz agarrava-o, amaldiçoou a tensão nas suas partes vitais e concentrou todo o seu pensamento no que poderia ser pastar aqueles bicos duros com os dentes. Beliscá-los, lambê-los e fazer desenhos neles, até que ela arqueasse o seu dorso e gritasse no seu desejo por tratamentos mais íntimos, mais profundos. Prazeres das trevas, terrenos, em que ele não podia pensar.

Muito menos quando envolvia uma MacDougall!

Indignado, passou as costas da mão pela testa. Se ela pretendia seduzi-lo ou chocá-lo com a sua exibição devassa, não o conseguiria se fosse apanhado com o suor a escorrer pela testa.

“Não é ficando sentado e de má cara, que serás bem-sucedido face a tamanha tentação,” chegou das sombras uma voz profunda.

“O que fazes aqui?” Alex voltou-se, o choque da chegada prematura do seu amigo fez o seu coração disparar. “Não tens nada melhor para fazer do que espiar-me, seu pajem?”

“Algo melhor para fazer?” Hardwin de Studley, de Seagrave encostado à ombreira da porta, ostentava um ar galhofeiro no seu rosto aristocrático. “Nãaa, meu amigo, não posso dizer que tenha.”

“Assim parece,” ripostou Alex, mostrando o seu desagrado.

Ele deveria saber que o sacana mulherengo faria uma aparição.

Companheiros de batalha e amigos na vida tinham, agora, assegurada uma relação contínua, através de uma estranha viragem do destino. Tal como Alex, Hardwick, como era conhecido o cavaleiro negro, também fora vítima de um encantamento.

Ou uma maldição, dependendo da perspectiva de cada um.

Um promíscuo notável, Hardwick foi condenado por um feitiço de um trovador viajante a passar o resto da eternidade a agradar às mulheres, mas sem nunca mais alcançar a sua libertação. Ao mínimo sinal de recusa de alojamento do poeta errante, o *sennachie* reverteria os seus papéis, vinculando o amigo de Alex a vaguear pela terra, condenado a satisfazer uma mulher diferente todas as noites, para toda a eternidade.

Os lábios de Alex contorceram e a sua aflição começou a diminuir. Ele, ao menos, só precisa de guardar a sua cama, mantendo-a afastada de MacDougalls. Mesmo MacDougalls que lhe causam prazeres súbitos e lhe agitam os seus desejos mais profundos. Uma existência como a que o seu amigo tem que suportar não tem comparação.

“Será esta a última MacDougall?” Hardwick mudou de assunto, o seu olhar na donzela adormecida.

“Assim parece,” confirmou Alex, cuidando para que o seu olhar não mergulhasse na evidência confirmada pela aflição de Hardwick.

“E fêmea mais picante nunca passeou pela terra.”

Os olhos de Hardwick reluziam de interesse. “Devo amaciar a sua disposição para ti? Seria um prazer cumprir essa tarefa.”

“Não duvido.” Alex franze a testa, a sua disposição piorando, conforme segue o olhar do outro. Deus, tinha esquecido os seios expostos da moça!

Um festim para os olhos de um macho, os seios cresciam e desciam ao ritmo do seu sono. O seu volume redondo acenando.

“Deixa-a estar, Seagrave. Não merece tais atenções.”

Hardwick deu um passo em direção à cama. “Ah, mas o seu encanto está a pedir que seja...”

“Ignorada!” Alex levantou-se e usou a ponta da espada para pôr os cobertores no seu lugar.

Mas não antes de Hardwick romper em gargalhadas.

“Então é isso!” Riu sem contenção.

Recusando-se a ser atormentado, Alex voltou para a cadeira.

“Nãa, não é nada disso,” negou, voltando a colocar a espada sobre os joelhos. “Culpa-me pela preocupação, mas só te quero proteger. Suspeito fortemente...”

“Proteger-me?” O queixo de Hardwick caiu. “De um pitéu destes?”

“Suspeito que seja uma feiticeira,” concluiu Alex com um brilho intenso no olhar.

Verdade seja dita, ele tinha razão.

Mas o seu amigo, apenas, cruzou os braços.

“A tua contenção ressabiada não me engana.”

“Seja como for,” disse Alex, voltando o seu olhar para a moça adormecida, “seria sensato, por uma vez, pensares com a cabeça em vez de...”

“Com o pénis?” Hardwick riu. “Se a minha pobre maldição te deixa desconfortável, então deixar-te-ei para satisfazer o meu prazer em outro lugar. Uma pergunta, antes de partir: por que cobriste os seios da moça?” Alex fulminou-o com um olhar irritado, mas o malandro já tinha desaparecido. Esfumou-se no ar, antes que a irritação de Alex o transformasse em churrasco. Apenas a sua gargalhada ficou, ecoando no escuro, esbatendo-se finalmente, deixando Alex definitivamente sozinho.

Sozinho com a feiticeira MacDougall.

Uma lançadora de feitiço encantatório, cujos truques de ninfa causaram arrepios claros na sua medula.

Então, por que lhe cobriu ele os seios?

E porque estava ainda ali sentado? Já tinha o que queria saber imediatamente a ter-se infiltrado no seu quarto. Ela era uma verdadeira praga, mas não representava uma ameaça para a sua cama. Podia ter moedas suficientes para assegurar uma boa estalagem, mas não lhe parecia ter as algibeiras forradas ao ponto de pagar a quantia obscena que Donald Dimbleby estipulou para a cama de dossel.

Disso, estava ele certo.

Não havia razão para ele continuar ali, torturando-se, quando poderia voltar para a paz relativa dos bastidores do antiquário. A razão pela qual ele ficou, veio de uma última gargalhada sem corpo, flutuando até ele das sombras da porta.

Uma resposta tão desagradável, que ele quase quis trocar de maldições com o seu alegre companheiro.

Da maneira que as coisas estavam...

Ele teria simplesmente que fazer tudo ao seu alcance para assegurar que nunca teria que tomar tal decisão.

Capítulo Três

Oban.

A longa viagem de comboio de Londres ficou para trás, Mara colocou-se no meio da marginal da capital de Highland Ocidental e respirou fundo o ar da Escócia e, depois outro e outro ainda. Um ar limpo e frio, chuva fresca e viva, cheirando levemente a maresia, provando que o seu pai tinha razão quando dizia que a Escócia era diferente até no ar.

Especial.

Ele jurara que seria assim e, agora, que ela estava ali, um escasso mês depois daquele jantar fatídico com Percival Combe no finíssimo Wig and Pen Club de Londres, surpreendeu-se por ter de admitir que havia algo de quase inebriante em inalar tanto ar puro.

Ar bom e limpo das Terras Altas da Escócia, lembrava-lhe o batimento crescente do coração. E com o abanão suficiente para fazê-la endireitar as costas e alinhar os ombros. Contra o inesperado avolumar de emoções, Hugh McDougall insistiria em pisar o solo escocês. A terra de casa.

Mara supôs que era, – pelo antepassado há muito desaparecido, John, o imigrante. Ele e a incontável diáspora de escoceses, como o seu pai, cujas gargantas se abriam ao primeiro toque das gaitas de fole e vislumbre de um kilt axadrezado.

Recebeu um ar mais fresco nos ombros, reconheceu o aperto no seu peito exatamente pelo que era: o simples receio que a saúde do seu pai não lhe permitisse partilhar este momento com ela.

“Mas tu estás aqui, não estás Ben?” Baixou-se para acariciar a cabeça idosa do *collie*, e encontrou conforto no seu olhar escuro de derreter o coração.

Um olhar de aceitação, embrulhado, talvez, com um toque de gratidão, pois o Ben era o legado vivo de Lady Warfield e o dócil cão velho parecia reconhecer que a grande afeição da sua nova dona por caninos o poupou de passar os seus últimos anos num canil sem amor.

Desejosa de ver a sua nova casa, Mara passou a pente fino a marginal em forma de quarto crescente, procurou na multidão agitada, Malcom, o motorista que Percival Combe lhe garantira a encontraria. Um jovem, que ela supostamente reconheceria pela altura descomunal e fogoso cabelo ruivo, mas também pelo seu sorriso cativante.

Características menos óbvias do que as que ela suporia, uma vez que Oban estava cheia de homens altos de cabelo ruivo. E todos a quem acontecia ela abordar, lhe retribuíam um sorriso. Havia dois à porta de um *fish-and-chip*, mastigando alegremente o seu almoço, e um verdadeiramente bonito que lhe piscara o olho, antes de desaparecer para o interior de um talho.

Mesmo a baía de Oban, com as suas vistas deslumbrantes sobre o horizonte do Hébrido interior, fervilhava com eles, porque ela espiava um pescador de cabelo ruivo, que trabalhava dedicadamente no seu barco, e outros estavam nos carris do grande ferry do Caledonian MacBrayne manobrando para o cais.

O seu ritmo cardíaco começava a alvoraçar-se com os nervos e um crescente senso do hilário, Mara soprou a sua própria juba ruiva da sobancelha. Como é que, num labirinto de sorridentes homens ruivos, ela iria encontrar apenas um?

Com medo de que todos se pudessem também chamar Malcolms, apertou a mão na coleira do Ben e começou a descer a calçada. Antes de decidir onde procurar o seu Malcom, alguém lhe puxou a bolsa do ombro.

“Hey!” Ela voltou-se, pronta para o perseguir, mas parou logo que viu o culpado.

Ele ficou a menos de um passo dela, um metro e noventa e tal de radiante exuberância, nem um dia

depois dos vinte, assaltado pelo mais brilhante cabelo ruivo que ela algumas vira.

O seu Malcolm.

Mara sorriu, estendendo a mão. “Deve ser...”

“Malcolm.” O seu sorriso aprofundou-se para revelar uma covinha na face esquerda. “O próprio, tão certo como estar aqui.”

Ele estendeu a mão para pegar na mão dela, mas antes disso, o Ben empurrou-o para a frente e enfiou a cabeça entre os dois para cheirar os bolsos do jovem.

“Ben! Pa-”

“Oh, deixe lá, Mara McDougall.” Malcolm riu e baixou-se para coçar atrás das orelhas do *collie*. “Ele só vai cheirar a cavala, que eu tinha na mala do carro,” explicou num sorriso de barrar manteiga. “Consegui-as hoje de manhã e trouxe-as para vender a um ou dois hotéis.”

“Cavala?” Mara pestanejou, pouco segura de ter ouvido bem.

Mas a julgar pelo sorriso de covinhas espalhado pelo rosto todo, tinha ouvido bem. “Procuram um preço bom,” contou, irradiando satisfação. “A manteiga caseirinha da minha mãe também.”

Mara olhou para ele maravilhada, a sua voz suave e musical, lembrava-lhe outro sotaque escocês forte, que ouvira há não muito tempo. Um que, ao contrário deste jovem, não se apresentou com o simpático charme escocês, mas zumbia com animosidade incontida.

Mesmo assim...

Cavala e manteiga caseira fresquinha?

Mara olhou para o lado, na pequena baía agitada com as suas sombras de sol e água salpicada de prata, as palavras do jovem e a sua voz delicadamente cadenciada, pintando-lhe imagens divertidas na cabeça, pondo o seu coração em pulinhos.

Por um momento louco, ela imaginou uma pequena quinta com uma casa branca, baixinha e de palha, com uma pequena nuvem de fumo a sair da sua única chaminé. Uma mulher de faces róseas, sentada à lareira, uma batedeira de manteiga, entre os joelhos, batendo cadenciadamente para cima e para baixo.

Cenas de outro mundo, o seu pai ter-se-ia entusiasmado, com um sorriso sonhador. Uma simplicidade tristemente esquecida, posta de parte em favor do estilo de vida agitado dos dias de hoje.

Celta irrisório, chamou-lhe, travando-se, antes que também ela sucumbisse à febre de Brigadoon.

“Como me reconheceu?” Ela procurou um terreno neutro, um lugar seguro, longe dessas noções tolas e de que como elas podem pôr um coração vulnerável a pensar.

Sonhar.

“Eu podia ser qualquer pessoa.” Acenou a uma jovem inclinada ao trilho do porto, não muito longe deles, uma mochila super-cheia a seus pés. “Ela, por exemplo.”

Os olhos de Malcolm iluminaram-se com alegria. “Nem por sombras, Mara McDougall.” Ele descartou a possibilidade com um movimento da sua cabeça brilhante. “Aquela não tem pinta, ‘tá a ver?’”

“Pinta?” Mara pestanejou. “Acho que não percebo o que quer dizer.”

“Ah, não?” Malcolm olhou para ela, a sua expressão valia mais que duas ou três palavras escocesas. “Quero dizer, o estilo que eu vi em si, quando olhou para o cais, na direção das ilhas.”

O rosto de Mara ficou quente. “E então?”

“Então?” Malcolm, o Ruivo, levantou uma sobrancelha. “Você pertence a este lugar, Mara McDougall,” disse, simplesmente, o seu tom maravilhoso desafiando-a a afirmar o contrário.

E, Deus a proteja, mas a sua boca ficou subitamente demasiado seca, a língua demasiado enroscada, para que ela pudesse formular a menor negação.

Não tão tonta como se sentiu ali na calçada, olhando para ele aterradoramente.

Ben não sofreu quaisquer inibições. Continuava cheirando a perna do Highlander, o cão usava um sorriso de língua de fora, uns quantos enérgicos movimentos de cauda, para transmitir o seu entusiasmo.

Malcolm sorriu e tirou algo comestível do bolso, para deleite e agitação de Ben.

“Sim, era a força que te envolvia, quando olhavas para o Híbrido ainda agora,” disse ele, algo nos olhos dele quase a convenciam. “Nenhum verdadeiro escocês, independentemente do lugar onde nasceu, pode vir aqui e não sentir isso.”

E ela sentiu mesmo isso.

Ou sentiu alguma coisa.

Algo indefinível e um pouquinho assustador.

Uma consciência desconfortável de que as coisas que ela desdenhava na casa do pai, com um renque de cardos, mantas de xadrez penduradas, a campainha da porta tocando: ‘Scotland the Brave,’ não pareciam tão estrangeiras ali, naquela pequena cidade escocesa, com dezenas de homens de voz suave e cabelo ruivo, e as montanhas circundantes tocando o céu azul de verão.

O jovem Highlander observava-a de novo, e, de perto, mas antes que ela abrisse a boca, ele lançou mais um daqueles sorrisos cheios de sedução e pegou-lhe na mala de viagem, carregando-a facilmente debaixo dos braços.

“Vem, devo levar-te a Ravenscraig. Eles terão uma bela lareira à espera, e chá,” garantiu, dirigindo-se de imediato para um pequeno carro estacionado um pouco abaixo, na berma.

“Há algo que deve saber,” anunciou um pouco mais tarde, quando viravam a norte em direção à estrada da costa. “A boa gente em Ravenscraig pode parecer um pouco...”

“Um pouco quê?” Mara reteve a atenção, lançou-lhe um olhar rápido e cuidadoso.

Ela vinha a observar pela janela os fantasmagóricos tufo de névoa à deriva entre as Colinas, e pensava em sentar-se confortavelmente, numa cadeira de baloiço, em frente de uma lareira em chamas, tomando uma *lager* ou *stout*, com o Ben enroscado num tapete a seus pés.

Quem sabe até um tapete xadrez.

Mas estes pensamentos não provocaram a gargalhada que aconteceria noutra altura, porque algo no tom de voz do jovem Highlander lhe deu a impressão de que ele estava para dizer, há algum tempo, que a gente de Ravenscraig era esquisita.

Suprimindo um arrepio, ela ofereceu-lhe o sorriso mais animador. Mas o momento passara. Ele não parecia querer divulgar mais, a sua concentração estava, agora, focada no novelo de lã que era a estrada e, nos seus inúmeros cordeiros e suas mães, todos determinados a vaguear no asfalto.

Mara resistiu à vontade de questioná-lo, escolhendo, em vez disso, desfazer as rugas da saia. Sentindo-se um pouco melhor, pôs o cabelo para trás do ombro e voltou a sua atenção para as colinas de névoa levantada.

Como alguém de Filadélfia saberia, muito se poderia dizer para conter a curiosidade.

Ovelhas suicidas e pessoal do castelo que era um pouco *coiso*, de facto.

Para além disso, independentemente do número de excentricidades que a pudessem esperar em Ravenscraig, tinha um pressentimento que não tardaria muito a conhecê-los.

Quer queira quer não queira.

Castelo de Ravenscraig

Alex rangeu os dentes ao ouvir o nome, meio surpreendido por o seu olhar fustigante não ter chamuscado o raio das paredes. Para falar verdade, ele foi tomado por um temível desejo de fazer mais do que queimar a pedra miserável do castelo. Muito mais, como indicava a sua garganta a subir e os músculos tensos da mandíbula.

Começou a andar, as mãos fechadas em punhos duros. Que a sua cama tenha acabado no lar do seus inimigos era mais do que a sua alma ignorante podia suportar.

A sua cama estava num quarto designado para *ela*, um destino mais baixo do que ele merecia.

Perigoso, também, porque só de pensar nela, de como o seu olhar viajou sobre a sua nudez adormecida, aprofundando todas as suas fragâncias secretas e, que deus o proteja, encontrar-se intrigado

com ela, era suficiente para lhe romper os nervos.

Sofrera provações suficientes, quando a cama ficou desmantelada e esquecida, numa sala húmida num dos cortiços mais fedorentos de Edimburgo. Céus, ele perdeu a noção dos séculos que passou naquele buraco dos infernos.

Só de lembrar tem arrepios.

Que bênção seria, há não muito tempo, acordar e encontrar-se num lugar mais arejado.

Mesmo que Dimpleby fosse em solo Inglês.

Pelo menos, o eixo de luz solar ocasional entrava pela severidade das janelas. E as visitas que tanto se espantavam com a sua cama, provaram ser companhias mais interessantes do que os ratos de esgoto e a humidade com quem ele partilhou os dias em Edimburgo.

Mas *isto* – ele agarrou um pulso cheio de tapeçaria de seda da parede e agitou-a – aterrar aqui era insulto suficiente para vexar um santo.

Era um ato vil pedindo retaliação imediata, e ele sabia exatamente quem seria o destinatário da sua ira. Desejoso de libertar a sua fúria nela, ele agarrava a tapeçaria, o desejo de empunhar a sua ponta da sua espada em seus ornamentos requintados quase sobrecarregando-o.

Na verdade, estava tão tentado, que os seus dedos tinham coceira.

Ele sabia que a mulher-feiticeira cobiçara a sua cama, mas ele não esperava que ela o afrontasse, voltando à cena da sua traição.

Mas ela tinha, e só de pensar na sua perfídia, as suas orelhas ardiavam e a sua mão alcançava o punhal.

Arrependeu-se com a mesma rapidez, no entanto, e voltou a embainhar a espada preciosa de volta ao cinto.

Manter a calma, fê-lo passar por muitos tempos turbulentos, e qualquer cavaleiro da sua estirpe sabia que agir de cabeça quente era apenas o caminho mais curto para a desgraça. Assim, revogou a sua aflição e retomou o seu ritmo. Um sorriso suave nos lábios.

Um sorriso malicioso, temperado com uma pequena dose de satisfação.

Afinal, a longa espera para a chegada dela, permitiu-lhe ter tempo suficiente para conceber inúmeras e deliciosas maneiras de estragar o prazer dela na sua cama.

Em breve, ela estaria ali.

Ele conseguia cheirá-la.

Ela tinha aquele odor primaveril. Uma fragância fresca e leve, capaz de fazer um homem acreditar que estava a rolar com ela num prado em flor. A sua pele suave e nua, beijando o sol, e os seus lábios famintos devoradores.

Ele podia muito bem imaginar esse prazer.

Não que isso fosse importante. Ela podia banhar-se no seu odor feiticeiro, a ele tanto lhe fazia. Os seus poderes de sedução seriam inúteis com ele.

Ele permaneceria imperturbável, mais forte do que foi em Londres.

Para esse fim, fez uma carranca furiosa, esmagando todos os pensamentos de luxúria, curvas quentes ou respiração suave sussurrando na pele nua de mulher.

Levando os braços à cabeça, Alex ajeitou o queixo e estalou os dedos, preparando-se.

Sim, a sua chegada estava iminente.

E quando a noite caísse e ela procurasse o conforto de sua cama, ele tratá-la-ia com as boas-vindas adequadas.

Algo que ela não esqueceria para o resto da vida.

Primeira recepção!

‘Seja mil vezes bem-vinda!’ anunciava o enorme cartaz no portão de Ravenscraig. Uma quente

saudação gaélica, amarrada num floreado à ponte movediça, uma aparição inesperada, parando a respiração de Mara e lançando um trovão no seu coração.

Ela especou perante o sinal, surpresa e delícia rodopiando dentro dela. Uma mistura vertiginosa de emoções, prontamente seguida de uma pressa quente de autoconsciência, quando Malcom lhe deu um sorriso rápido e abrandou o carro para um ritmo de caracol.

Não que ela pudesse evitar ver a faixa luminosa.

Com o seu *lettering* azul brilhante, cada palavra com, pelo menos, um metro de altura. A saudação bateu-lhe no olho. E quanto mais se aproximavam, e as letras enormes a encaravam, mais o ar lhe faltava.

Falar estava fora de questão.

“Estiveram numa faina durante dias, a preparar a sua chegada,” Declarou Malcolm, poupando-lhe as palavras, quando passavam debaixo da faixa e através da espécie de túnel do portão da entrada. “Seja eu ceguinho, se não estão todos reunidos, esperando em frente do castelo.”

“Mas como-”

“Como é que sabem que estamos quase lá? Ah, bem, eu podia dizer que eles estão à espera desde que o dia nasceu, mas a verdade é que todos os lugares por onde passamos ligavam a relatar o nosso progresso.” Lançou-lhe um olhar. “Sabe que esta é a primeira vez que a senhora do castelo vem a Ravenscraig em mais de vinte anos?”

O queixo de Mara caiu. “A Lady Warfield não visitava?”

Malcolm abanou a cabeça. “Nunca veio, tirando uma ou duas vezes, depois de casar. Lord Warfield não gostava muito da Escócia. Dizem que ele se mexia muito e não aquecia e que odiava a névoa.”

Mara mal o ouviu, pois tinham acabado de deixar a parte mais densa da mata e o Castelo Ravenscraig foi ficando à vista, através das árvores.

Um baluarte elevado, e mais impressionante do que qualquer um que ela já vira, a sua casa ancestral estava ao fundo de uma imensa esmeralda de relva, e a sua aparência continha tudo o que ela ouvira sobre os romances da Escócia medieval.

Mais surpreendente ainda, o castelo parecia construído na berma do mundo, a terra terminando abruptamente atrás, sem mais nada à frente do que uma enorme faixa de céu azul sem fim.

“Oh, meu deus,” Mara ficou embasbacada.

Malcolm sorriu. “Uma bela visão, não?”

Mara olhou-o, um ridículo sentido de irrealidade formigando nas suas costelas e espremendo-a tanto, que ela se questionava se se sobrava espaço para os batimentos cardíacos. Ela não conseguiria seguramente encontrar palavras.

Um aceno foi o melhor que conseguiu.

O seu pai teria sido muito mais eloquente, os seus olhos cresceriam como pratos. Só de imaginar o seu ar deliciado, um sabor agridoce juntava-se à constrição no seu peito.

Nada nos seus sonhos mais selvagens a tinham preparado para isto.

Ela duvida que algo conseguisse prepará-la.

E apesar dos seus nervos estarem um pouco esfrangalhados, a segura na sua boca e o seu pulso acelerado asseguravam-lhe que ela não estava fantasiando.

Ravenscraig apareceu firme como o dia, perante ela, completo com duas torres redondas, flanqueando uma sólida porta cravejada de ferro maciço, acima do qual ela conseguia apenas decifrar o brasão dos MacDougall esculpido na pedra.

Não um brasão negro, sobranceiro, proibitivo e misterioso, mas uma maravilhosa pedra de arenito rosa, onde, fazendo jus à predição de Malcom, um grupo de pessoas a esperavam.

Um deles, um homem velho de pernas tortas, de kilt, veio para a frente no momento em que ela saiu do carro. Tinha uma aparência grisalha, com o rosto enrugado e olhos azuis esbatidos, mas o seu olhar estava alerta e sua expressão amigável.

“Hah! A senhora em carne e osso – finalmente,” ele cumprimentou-a, a sua voz chilreante amaciada pelo mesmo tom da de Malcolm.

“Bem-vinda a Ravenscraig. Sou Murdoch MacEwen, o administrador da casa.”

Mara pestanejou, esforçando-se para não arregalar os olhos.

Mas tudo nele, desde o *jaunty sporran* ao seu tufo de sobrancelhas grisalhas, se assemelhava a alguém acabado de sair da festa de uma casa vitoriana.

Ou pretendia escoltá-la a uma.

Coma incredulidade formigando para cima e para baixo na sua coluna, ela abriu a boca e fechou-a novamente antes de conseguir encontrar sua voz. “Obrigada, Mr. MacEwen,” conseguiu proferir, levantando a sua mãos - “Muito prazer-”

“Oh, bem, Murdoch chega.” Ele apertou brevemente a mão dela, antes de pegar nas malas. “Vou já levá-las para o seu quarto- pode conhecer os outros, entretanto,” acrescentou ele, com os ombros curvados pelo peso da bagagem.

Os seus próprios ombros doíam só de olhar para ele, ela tentou ainda alcançar de novo a sua mala, mas ele já estava longe, suas pernas tortas escalando largos degraus de pedra do castelo com uma agilidade surpreendente.

Ele desapareceu na escuridão do hall de entrada antes que ela pudesse protestar, e assim que o fez, os outros vieram para a frente. Um grupo genial, criados do local, pelo aspeto, seus rostos iluminados com carinho e bondade. E, fazendo justiça às sugestões de Malcolm, pareciam um pouco diferentes.

Mas não da forma que ela receara.

Ela sorriu, com o coração aliviado pelo modo como eles se reuniram em seu redor. O primeiro a chegar até ela, Gordie, o jardineiro de um braço só, falou com boa vontade, mas parecia de língua presa e envergonhado demais para dizer uma palavra. As raparigas gémeas, empregadas domésticas a julgar pelos uniformes brancos de avental, balançavam a cabeça em unísono num gesto acolhedor de boas-vindas.

“Bom dia para si, Miss McDougall,” disse a primeira gémea e corou até à raiz dos seus cabelos de cenoura. “Eu sou a Agnes, e ela é Ailsa.” Ela apontou para a sua irmã, que à semelhança do jardineiro só com um braço, parecia ter perdido a língua.

“Esta é a Innes.” Agnes voltou-se para uma minúscula mulher de cabelos brancos, pairando no meio do grupo. Innes faz velas de cera de abelha e sabonetes à base de plantas para as lojas de turistas em Oban. Nós usámo-los aqui, também. Não é, Innes? ”

Innes ignorou a rapariga, detendo-se em Mara. “Deus me valha, é mesmo a senhora?” Ela olhou com força para Mara. “Então, vai voltar para nós, *mo ghaoil*? Sem Senhor Warfield? ” Perguntou ela, a doçura distante do seu sorriso, era explanação suficiente para as palavras estranhas.

“É gaélico para *minha querida*,” -” Agnes resolveu o outro enigma, sua voz caindo num sussurro táctil. “Innes vive no passado e esquece o presente. Ela acha que você é- ”

“Lady Warfield,” Mara acabou por ela, o momento embaraçoso, travado pelos latidos de dois Terries Jack Russel, as suas voltas excitadas, cheirando Bem, todos os olhos para ele.

“Dottie e Scottie,” Malcolm acrescentou o nome dos pequenos cães, o seu rosto brilhando, quando Ben abanou a cauda e parecia sorrir dos ganidos dos jovens terriers.

Mara sorriu, também, os seus estremecimentos de há pouco desvanecendo-se, como a névoa sob o sol da manhã.

O Pessoal de Ravenscraig era excêntrico, muitos deles claramente peculiares, mas desde que ninguém mencionasse fantasmas, tudo estava bem.

Ou, assim ela pensava, até um olhar, quase beirando o alarme, atravessou, de repente, o rosto de Malcom. “Onde está a Prudentia?” Quis saber, o seu olhar flutuando sobre o pequeno grupo.

À menção do nome, Dottie e Scottie pararam de correr à volta de Ben, as suas orelhas arrebitadas e expressões de impaciência indicavam que conheciam bem Prudentia, e gostavam dela.

Mas dos seus companheiros de duas pernas, apenas Innes reagiu.

Ela vacilou.

E, de uma forma, que fez a nuca de Mara arrepiar-se. “Quem é Prudentia?” Perguntou, certa de que não queria saber.

“Prudentia MacIntyre, a cozinheira,” Ailsa falou finalmente, a sua voz afiada com constrangimento. “Está algures lá dentro, sentindo a atmosfera. Ela acredita que Ravenscraig está cheio de fantasmas e insiste que um novo chegou outro dia. Tem andado a bisbilhotar, desde essa altura, tentando contactar com a pobre alma.”

“Fantasmas?” A barriga de Mara despencou. “que espécie-”

“De espécie nenhuma – excetuando, talvez ratazanas, esboços e tubos de água quente,” atirou Murdoch voltando para junto do grupo. “Não assustes a menina. Nunca vi um espectro por aqui, e vivo em Ravenscraig desde garoto.”

Com olhar cortante para os outros, pousou a mão no cotovelo de Mara, e impeliu-a a subir as escadas do castelo. “Vamos embora, agora, não deixe que estes tontos tagarelas lhe encham as orelhas,” disse ele, conduzindo-a ao hall de entrada.

Uma elegante passagem de painéis, escura, cheia de velhos retratos de família e tapeçarias penduradas, e um cheiro leve a polidor de móveis, pedra gelada e tempo.

“Prudentia preparou uma bela sopa de *tattie* para si,” dizia o mordomo, enquanto a escoltava na penumbra. “Trata-se de uma sopa de batata, caso não saiba. Depois de comer, acompanho-a ao seu quarto. A sua linda cama chegou há uns dias e está lavadinha e agradável.”

“Obrigada, isso parece o céu,” concordou Mara, a sua barriga a rosnar antecipadamente. Não tinha percebido como estava com fome.

Também estava cansada.

Demasiado cansada para refletir sobre a preocupação da cozinheira com o sobrenatural, ou a sua própria noção perturbadora de quão facilmente uma mente impressionável poderia imaginar um de seus ancestrais embrulhados em xadrez e de olhar feroz, descendo de seu retrato, ao bater das badaladas da meia-noite .

Não, ela não iria pensar num absurdo desses.

Além disso, muitas outras coisas reclamavam a sua atenção.

Olhando em volta, ela desenhou uma respiração rápida, aquele aperto estranho, enchendo o seu peito de novo. Independentemente do lugar para onde olhasse, a vastidão de Ravenscraig engolia-a por inteiro, os seus tesouros parecendo piscar para ela como se estivesse esperando por esse momento só para a encantar e deslumbrar.

Efetivamente Impressionada, ela admirava as armaduras de pé colocadas em intervalos ao longo das paredes, e olhou com admiração para uma coleção de espadas e tarjas medievais, prometendo a si mesma que as examinaria mais tarde, com cuidado e atenção.

A espaçosa escadaria aberta varrida até às sombras na parte de trás da passagem, mas ao invés de subir as suas escadas suaves e velhas, o mordomo virou à esquerda, levando-a para o que só poderia ser o grande salão.

Mas Mara congelou no limiar, e engasgou-se.

E não foi por causa da vista do mar, acima de uma parede altíssima, ou das janelas arqueadas, nem pelas bonitas pinturas do teto.

Não, foi a mulher de ar estranhíssimo, no centro da sala, que roubou o ar de Mara.

Redonda, de cabelos crespos, e meia-idade, a mulher tinha um aspeto mais adequado a movimentar chaleiras num acampamento cigano, do que estar ao lado de uma mesa de jantar posta para uma pessoa no grande salão de Ravenscraig.

Definitivamente boémia, seus olhos estavam bem fechados e ela estendeu os braços para os lados, os dedos agitando-se enquanto balançava para frente e para trás.

"Eu siiiiinto a tua presença", ela chamou, numa voz baixa, de lamento. "Eu sei que estás aqui."

"Mrs. MacIntyre!" o rosto de Murdoch avermelhou-se. "Quer que a nova senhora pense que é maluca?" Repreendeu-a com um poderoso urro. "Componha-se e cumprimente Miss McDougall."

Prudentia MacIntyre saiu da espécie de estado de transe imediatamente. "A comunhão com os espíritos é importante, como deveria saber," ela carregou os seus olhos negros de aborrecimento. "As almas perdidas precisam de compaixão."

O velhote levantou o peito. "A alma perdida vai ser a tua, se não paras com este disparate."

Ignorando-o, a cozinheira voltou-se para Mara. "Há uma nova presença aqui," anunciou. "Um homem. Está muito zangado e acho que tem algo a ver consigo."

"Diabos dos infernos!" Murdoch mostrou-lhe um punho fechado. "Fora daqui, já, e não voltes a dar de caras, enquanto não voltares à razão!"

"Eu só queria avisar a menina." Prudentia escaldou-o com um olhar de indignação, antes de navegar para fora do hall, com as cintas do avental a baterem atrás dela.

"Esta é a vampira de Ravenscraig," Resmungou Murdoch, enquanto puxava a cadeira de Mara. "Ouve o grito de um fantasma no piar de qualquer maçarico-real. Não lhe ligue."

E Mara não lhe ligou. Especialmente, quando um pouco mais tarde, Murdoch voltou para a escoltar ao seu quarto. Agradavelmente satisfeita depois do seu jantar com queijo, sopa e bolos de aveia, empurrava os pés, a cozinheira e os seus devaneios, completamente esquecidos.

Ela já estava sonolenta da longa viagem, e a sopa saudável tinha acalmado os nervos. Os dois dracmas de whisky Talisker a que ela não tinha sido capaz de resistir, puseram-na a reclamar cama. Teve o seu desejo de cama.

A cama dela.

A incrivelmente romântica cama de dossel pela qual se apaixonara em Londres.

Ela sorria, enquanto o mordomo a levava até uma escada enorme sinuosa e, em seguida, através de um labirinto de corredores escuros, a cheirar a mofo. Andaram, andaram até que, finalmente, ele parou diante de uma porta escura de carvalho.

Olhou para ela de soslaio, enquanto abria a porta. "As noites podem ser frias, aqui. Uma das criadas deve ter posto uma *goonie* e uma botija de água quente na cama."

Mara começou a ouvir apenas uma palavra. "*goonie*?"

"Uma camisola de flanela comprida," traduziu Murdoch.

"Ah." Sentindo-se um pouco tola e mais aliviada do que queria admitir, Mara entrou no quarto.

Parecia um congelador.

Não que o frio fosse importante, com a sua nova cama ao lado da parede mais distante, lindamente arranjada e aberta em sinal de boas-vindas. Ela conseguia ver a prometida botija de água quente, fazendo uma lomba debaixo dos lençóis e um roupão cuidadosamente dobrado esperava por ela em cima das coberturas coloridas da cama.

Murdoch falou atrás dela. "Chamamos-lhe o Quarto dos Cardos, por causa da decoração do teto."

Mara quase entrou em choque, o seu olhar disparando para cima.

Certamente, os cardos estavam por todo o lado. Mas o estuque intricado que a fitava não tinha nada em comum com os seus cardos estampados da sua casa da de One Cairn Avenue em Filadélfia.

"Este quarto tem a melhor vista para o mar." Murdoch indicou uma fileira de janelas altas à esquerda

da sua cama. “E todas as noites terá uma fogueira,” acrescentou, olhando para a lareira. “Nós queimamos lenha na maior parte do castelo, mas imaginamos que apreciaria o cheiro de turfa? A maior parte dos americanos gosta.”

Demasiado gelada para pensar, Mara acenou que sim. “Cheira bem, de facto, – escuro e a terra doce, tal como imaginava.”

As turfás chiantes, brilhavam de uma forma delicada, um vermelho cereja. Isso, imaginara também, era exatamente como esperava. As fogueiras de turfa deviam ser acolhedoras e esta não era excepção. Mas para um arrepiante desgosto seu, o calor gerado não expulsava o frio.

Os arrepios já se espalhavam pelos seus braços.

“Posso apagar o fogo, se preferir?” Murdoch levantou uma sobrancelha. “Torna o quarto um pouco quente demais.”

“Nã-o-o, estou confortável,” Mara mentiu, rejeitando a sua proposta.

O que ela precisava era de mais um carrinho-de-mão de turfa lançado à lareira.

Tentando evitar que os dentes batessem, esfregou os braços. Se o mordomo não saísse rapidamente, para que ela se pudesse enfiar na cama, começaria a gerar estalactites.

Desejando em silêncio que ele saísse, olhou para a cama de dossel, contente por ver que a mesinha de cabeceira tinha uma chaleira eléctrica e um prato de bolo seco. Sorriu. Uma chávena de chá quente seria o ideal para a aquecer.

“Se não precisa de mais nada, retiro-me.” Murdoch movimentou-se na direcção da porta. “Durma bem.”

“Dormirei,” Mara descansou-o, esperando que o seu alívio não se notasse.

Ou o seu grande cansaço.

Duvidando se conseguiria chegar à cama antes de adormecer, fechou a porta atrás dele e voltou-se.

Depois, gritou.

O Highlander bonzão de Dimbleby descansava em cima da cama!

Um tecido de xadrez escocês, de aparência antiga, pendurado no ombro, encostava-se às almofadas, as suas pernas compridas e musculadas cruzadas nos tornozelos.

Se é que isso era possível, ele olhou-a de forma ainda mais insolente do que em Londres.

Aquele sorriso enraiveceu-a. Deixava-a suficientemente irritada para esquecer a sua incrível beleza masculina, a forma como os seus joelhos transpiravam, apesar do seu choque e irritação.

Ela encarou-o. “O que fazes aqui?”

“A guardar a minha cama – tal como te disse.”

“A cama é minha,” protestou, a descrença apoderando-se dela. “Eu comprei-a e tu podes pôr-te daí para fora. Já!”

Mas ele, apenas cruzou os braços atrás do pescoço e observou-a. “Não me parece, moça.”

“Moça?” O rosto de Mara pôs-se quente. “Eu não sou isso e tu és louco. Louco varrido!”

Um músculo esticou-se em sua mandíbula e seu rosto ficou endurecido, mas ele não parecia inclinado a deixá-la irritá-lo.

Nem se mexeu.

Muito pelo contrário, ele parecia irritantemente confortável.

“Isso é o que vamos ver, seu... seu...! Oh, não há palavras!” Girando, Mara abriu a porta.

“Murdoch!” Gritou, com o seu coração martelando. “Por favor, volte aqui!”

Mas o velho mordomo já havia desaparecido.

O corredor esticava-se escuro e deserto. Teria que lidar com o pateta sozinha. Mais zangada que receosa, ela virou-se para o confrontar, no exato momento em que ele desaparecera.

O quarto estava vazio.

Excetuando uma adaga, prendendo o roupão à cama.

Tremendo, ela atravessou a sala e olhou para a arma de aparência medieval. Precisava de toda a sua força para puxar o punhal do colchão. Quando finalmente conseguiu, arremessou-a para o mais longe possível e enfiou-se na cama, o *goonie* estragado apertado contra o seu peito. Gargalhadas fortes e masculinas encheram o quarto, depois, o som de fazer arrepiar os ossos, pô-la a mergulhar debaixo dos cobertores.

Da próxima vez, moça, a voz profunda do escocês sussurrou no ouvido dela, será a minha espada e tu usarás o roupão.

Capítulo Quatro

Mara acordou ao som de gaitas de foles. "Highland Laddie", ela reconheceu a melodia, afastando o sono dos olhos. Sem tambores acompanhado a animada melodia, mas os sons da agitação eram tão escoceses, tão certos, que um arrepio de excitação chicoteou todo o seu ser. O seu coração começou a bater mais rápido e ela inclinou a cabeça, escutando.

Seria um sonho?

Alguém tocava realmente gaitas tão cedo? Mesmo num castelo escocês genuíno, como Ravenscraig? Eram horas pagãs, especialmente para uma coruja, como ela. Ela ainda estava meio aturdida de sono e até com um pouco de jetleg.

Pode estar a ouvir o que gostaria de ouvir.

No entanto, as gaitas pareciam muito reais.

Não, eram reais, corrigiu, o seu pulso acelerando.

E nada a ver com os CDs baratos que o seu pai punha a tocar na sua casa de xadrez na *One Cairn Avenue*. Comprados em segunda mão, em Highland Games, os zumbidos e lamentos da amada música de gaita-de-foles de Hugh McDougall retumbava diariamente no triplex estreito de Filadélfia, cada nota ensurdecadora, abanando paredes e ofendendo ouvidos, aterrorizando os vizinhos. Estas gaitas excitavam e saudavam.

Especialmente, com esse ar tão limpo e estimulante entrando pelas enormes janelas abertas. Doce e puro ar escocês. E suficientemente revigorante para que ela deslizasse o olhar através da sala, algo no mais profundo de si amolecendo e aquecendo, enquanto vislumbrava água azul cintilante, uma faixa de céu de verão sem nuvens. A manhã cheirava a pinho, a novos inícios e ao mar, e ela não queria perder um só instante de tudo isto.

Sentindo satisfação, ela soprou uma mecha de cabelo do rosto e espreguiçou-se debaixo das cobertas, ansiosa para desfrutar de sua primeira manhã como 'dona da casa'. Castelã de seu próprio castelo. Uma noção que ainda confundia a sua mente, mas um estatuto que ela suspeitava lhe agradaria muito.

Até que ela se lembrou da noite anterior.

O choque de o encontrar na sua cama.

De uma só vez, quaisquer vestígios de sono desapareceram. Ela podia ver o Highlander sexy tão claramente como se ele estivesse diante dela, a sua beleza deslumbrante tornando o seu coração pesado, a sua grosseria e ousadia enviando solavancos quentes de indignação por todo o seu corpo.

Ela sentou-se, segurando um travesseiro contra o peito, enquanto examinava o quarto. As janelas de aparência inocente olhando para ela a partir de três lados e a parede mais próxima com a sua penteadeira de carvalho pesada e o guarda-roupa, um enorme espelho de moldura dourada.

Não querendo espiar em profundidade a limpeza do espelho, ela deixou seu olhar numa escrivaninha antiga, agraciada por uma tigela de porcelana antiga e um jarro a combinar. Com a mesma rapidez, a sua atenção se mudou para a esplêndida lareira. O aroma ligeiro de turfa ainda subia das brasas há muito frias, e a sua lareira de mármore branco brilhava com o sol da manhã.

Ela soltou um sorriso reprimido.

Tudo parecia inofensivo.

Olhou para o lugar onde tinha deixado o punhal de aparência medieval. Como suspeitou, não estava lá. Nem em outro lugar que ela pudesse ver.

Limpou os olhos, a parte de trás de seu pescoço formigando. Franziu a testa, mordeu o lábio inferior. Teria conseguido imaginar tudo isto?

O Highlander pecaminosamente lindo que ela apanhou a descansar na sua cama? O seu olhar

ousado e quente?

A forma como o seu olhar de pálpebras pesadas tinha deslizado sobre o seu corpo? Arrogante e conhecedor de cada milímetro da intimidade dos seus seios ou as pernas, ultrajando-a, fazendo-a sentir-se nua.

Despida e exposta.

Desnudada para seu deleite, era assim que ela se sentia, e só de lembrar fez uma determinada parte dela a formigar e latejar, um calor delicioso fundido entre as coxas. Apesar do seu agravamento. O canalha moreno, carrancudo, vestido de xadrez era simplesmente lindo, o seu sotaque escocês profundo potencialmente sedutor.

E o brilho perverso nos olhos verde-mar dizia que ele sabia disso.

Pior, ele dera-lhe a impressão muito distinta de que também sabia há quanto tempo ela não gozava um orgasmo. Talvez até que ela nunca teve um verdadeiro orgasmo. O mundo parando, o coração pulando, uma libertação exuberante, que ela suspeitava, ele dava a todas as mulheres subjugadas à mestria do seu amor.

Sim, era assim.

O verdadeiro motivo para o seu olhar lancinante, que penetra a alma.

Ele não queria apenas reclamar a cama, a sua leitura quente dizia-lhe que ele a queria a ela também.

Na cama dele e por baixo dele.

Ele queria-a de qualquer jeito.

Mara estremeceu e arrastou os seus dedos frios das sobrancelhas até às têmporas. Não ele não podia ser real. Não esteve lá num momento para desaparecer no seguinte. A verdade é que ela tem passado por muita coisa, ultimamente. Afinal, não era todos os dias que uma rapariga de Filadélfia herdava um castelo.

Principalmente, uma rapariga do lado errado de Filadélfia.

Irritada, arrancou um fio solto nos revestimentos de cama. Então, pronta para atribuir o episódio perturbador ao esgotamento da viagem ou a uma imaginação fértil, ela soltou um suspiro e recostou-se nos travesseiros.

Infelizmente o seu olhar caiu sobre o roupão rasgada.

Goonie.

Um fio de apreensão deslizou por sua espinha. Se ela tivesse imaginado o incidente, não haveria um rasgo na camisola. A inspeção cuidadosa do material poderia provar se o *hottie Scottie* do quarto dos fundos de Dimpleby tinha ou não tinha estado em seu quarto de dormir.

Lentamente, como se o roupão branco amarrotado se pudesse transformar numa cobra e mordê-la, avançou a mão ao longo das coberturas da cama, alcançando o *goonie*, antes de perder a coragem.

Depois, colocou-o no seu colo para um exame minucioso.

Os dedos, que sondavam, não precisaram de ir longe.

Quatro rasgos de duas polegadas marcavam o vestido. Dois rasgos ao nível do tórax, um na frente e um na parte de trás, e dois na altura da coxa, também na parte da frente e nas costas.

Os rasgos combinavam perfeitamente, como se um punhal tivesse sido empurrado a direito através do roupão dobrado.

Mara sentiu uma pontada de pânico. Olhou especada para o *goonie*, o brilho da manhã numa espiral distante. Até o tocador parou a sua melodia alegre, os guinchos vivos esbatendo-se em nada, à medida que calafrios a fustigavam.

Engoliu em seco, com o coração batendo. Não devia estar surpreendida. Sabia que a adaga não estaria lá. Assim como tinha a certeza que os rasgos na camisa de noite estariam lá. Sabia, igualmente, que ela estaria condenada se passasse o dia escondida debaixo das cobertas.

Não se iria acobardar, certamente.

Tinha que existir uma explicação lógica.

Mas sem o café da manhã, ela só conseguia pensar em duas hipóteses de acção.

Primeiro, iria examinar o quarto. Ainda havia uma hipótese de encontrar o punhal.

Outra opção era supor que o goonie já estivesse rasgado, antes de ser ali colocado. Neste caso, pediria simplesmente à criada que verificasse a condição da peça.

Decisão tomada, enviou outro olhar para o canto e deslizou para fora da cama. Foi direta ao guarda-roupa de castanho, mas os seus olhos arregalaram-se, logo que abriu as duas portas. Alguém arrumara as suas coisas. Tudo havia sido impecavelmente dobrado e pendurado nos cabides.

O cheiro a urze saía das gavetas arrumadas, e, numa inspecção mais atenta, ela viu pequenas saquetas entre as roupas. Tal como os cabides, as saquetas tinham as cores dos MacDougall.

Olhando para o padrão de xadrez tão familiar, um senso de orgulho ancestral nunca antes sentido, encheu-lhe o peito.

Ravenscraig era o seu novo lar. Ela pertencia aquele lugar e não iria permitir que um indivíduo grosseiro, um moreno irresistível de um bastidor de antiquário londrino, lhe arruinasse tudo.

Um metro e noventa e tal de pura beleza masculina das terras altas, tanto fazia.

Olhares de fazer derreter e tom de voz macio como manteiga ou de outra forma.

Felizmente, os pensamentos com o escocês mal-humorado lembraram-lhe da sua missão.

Ela tinha que encontrar o punhal.

Também precisava de se vestir.

Não esperava que ele reaparecesse agora, mas também não queria correr riscos. Se ele voltasse, ela não lhe daria o gostinho de a apanhar despida, nua e vulnerável.

Da próxima vez, estaria preparada.

O seu pulso acelerado remexeu o guarda-roupa, agarrando as primeiras roupas que os seus dedos encontraram, vestiu-as. Umas calças pretas de elástico e um top preto com gola alta e uma faixa branca. Ignorou o casaco *Barbour* novo e impermeável e enfiou os pés nuns sapatos pretos rasos. Posto isso, arranjou o cabelo num carrapito francês rápido, segurando a sua espessura indisciplinada com um gancho largo de casca de tartaruga.

Sem se importar com a maquilhagem, passou o quarto a pente fino, nem um milímetro por verificar. Até levantou as pontas do exuberante tapete turco. Mas o misterioso punhal continuava a esquivar-se.

“Tem que estar aqui,” Ela inclinou-se, ajoelhando-se e investigando debaixo da cama.

Lamentavelmente, nada para além das tábuas altamente polidas a saudaram.

Nem um coelhinho de peluche.

Pior que tudo, alguém escolheu esse momento para bater à porta, abrindo-a quase de imediato.

Fazendo cara má ao timing, Mara esgueirou-se de debaixo da cama e pôs-se de pé.

“Bom dia.” Forçou um sorriso à criada de faces rosadas, que pairava no limiar, segurando uma pesada bandeja de prata nas mãos.

“Um belo dia para si, menina. A cozinheira achou que preferia o pequeno-almoço no quarto.” A rapariga aproximou-se, colocou a bandeja numa mesa perto das janelas. Mas depois, hesitou, o rosado das suas faces aprofundou-se. “Posso levá-lo e trazê-lo mais tarde, se estiver ocupada.”

“Não, está bem. Estava apenas a procurar o meu brinco, caiu para debaixo da cama,” Mara improvisou, a sua boca salivando ao cheiro do bacon e salsichas *Lorne* castanho-dourado.

“Procuro mais tarde.” Olhou para a comida, esperando que a barriga não roncasse.

“É um pequeno-almoço escocês completo,” disse a rapariga, num tom orgulhoso. “Bacon crocante, salsichas, morcela e *haggis*, cogumelos, tomates e feijões.” Fez uma pausa para puxar a cadeira a Mara.

“Também tem tostas e um grande bule de chá.”

Mara deu um grande sorriso à rapariga, esperando assim demonstrar o seu agradecimento. Também reprimiu um pedido de café. Precisava de um grande e forte café americano para conseguir pensar, mas os aromas celestiais que vinham do tabuleiro mais do que compensavam a falta de café.

Mesmo assim, não conseguiria engolir nada até ter algumas respostas. Por isso, ignorou a fome, e respirou profunda e silenciosamente.

“Quem estava a tocar gaita-de-foles, ainda agora?” Inclinou a cabeça, esperava que a pergunta inofensiva, abrisse caminho para perguntar aquilo que, realmente, queria saber. “Era ‘Highland Laddie.’ Reconheci a melodia.”

A rapariga pestanejou. “Peço perdão, *miss*, mas deve estar enganada.” Olhou para Mara, a sua sobranalha tremia. “Ninguém aqui toca gaitas.

“Mas eu ouvi-”

“Oh, o Murdoch é um gaiteiro, isso é. Desde que era pequenino. Mas há anos que não toca. Diz que os seus pulmões estão demasiado velhos e cansados.” A rapariga passou os olhos pela bandeja. “Se não tem fome, eu posso-”

“Não, deixe, por favor. Estou esfomeada e cheira tão bem.” Mara mal se deu conta do que disse.

“Obrigada por trazê-lo, Agnes, ou será Ailsa?”

“Sou a Ailsa.” A rapariga fez uma reverência. “Agnes está a limpar a biblioteca, esta manhã.”

“Espere, por favor.” Mara levantou a mão, quando Ailsa se virou para sair. “Gostaria de lhe perguntar outra coisa.”

“Sim, *miss*?”

Mara tirou o *goonie* da cama e mostrou-lho. “Sabe se estes rasgos estavam neste roupão, antes da noite passada?”

Os olhos da rapariga arregalaram-se. “Oooh, nãao, isso é impossível. Eu própria trouxe o roupão para cima. Eu teria notado.”

O coração de Mara disparou. “E um punhal de pedras?”

“Peço desculpa, *miss*, mas não sei do que fala.”

“Uma adaga, incrustada de jóias, um punhal, como lhe chamam. Com um ar medieval. Nunca viu nada parecido neste quarto?”

“Caramba, *nã*.” Ailsa acenou que não. “Deve haver alguns punhais no hall, juntamente com as outras armas medievais, na montra, mas nenhum deles é feito com pedras. E mesmo que existisse, não estaria neste quarto.”

“Tem a certeza?” Mara sentia o seu coração a bater loucamente, o seu rosto a ficar quente. “Talvez alguém tenha trazido um acidentalmente? Um que você nunca viu?”

“Isso não é possível. Eu limpo o pó ao hall todos os dias. Eu saberia se houvesse por lá um punhal precioso.” A rapariga baixou o tom de voz, olhou por cima do ombro. “O Murdoch limpava-nos o couro, se nós movêssemos uma dessas relíquias. Até fica a ver quando as limpamos.”

“Percebo.” Mara ficou tensa.

E percebia mesmo.

O escocês bonzão *esteve* no seu quarto. E tentou assustá-la deliberadamente. “Só mais uma coisa,” acrescentou, mantendo o tom de voz. “Há outra saída para fora ou para dentro deste quarto, além daquela porta?”

Ailsa sorriu. “Oh, sim, pelas janelas. Uma delas é uma porta que leva às ameias. O Murdoch não lha mostrou?” Olhou nessa direção. “Há mesmo uma saída de lá, direta para a falésia. As escadas são escavadas diretamente na rocha. Levam à masmorra do mar.”

Mara engoliu em seco. “Masmorra do mar?”

Cruzes, parecia algo saído de uma novela escocesa medieval.

Mas Ailsa sacudia a cabeça. “Ah, bem, é, na verdade, uma caverna, mas costumava ser um quarto de tortura.” Ela fez uma pausa, a sua voz tomou um tom de conspiração. “Nunca estive lá em baixo, mas as pessoas mais velhas daqui dizem que há uma fenda na caverna, que se abre para uma câmara inferior. Supostamente, aí era a masmorra. Está a ver, quando a maré subisse, alguém que estivesse lá dentro, morreria afogado.”

“Que horror.” Mara tremeu e esfregou os braços.

“É apenas uma lenda.” Ailsa deu de ombros. “Além disso, mesmo que as histórias sejam verdadeiras, não é usado há séculos. Duvido mesmo que alguém tenha descido o penhasco nos últimos anos. As escadas são demasiado escorregadias e íngremes para serem seguras. Ninguém se atreveria a usá-las.”

Hah! Mara quase bufou.

Ela sabia exatamente quem usaria essas escadas, e usou.

Esperou que Ailsa saísse, antes de se sentar para tomar o pequeno-almoço. Embora o festim de partir o coração, estivesse já um pouco frio, ela limpou o prato. Incluindo os *haggis*, que ela adorava. Até bebeu o chá todo. Os seus planos matinais mudaram, e ela precisava de um reforço.

Em vez de explorar o interior do castelo, como pretendia, iria fazer o reconhecimento da sua masmorra.

Deixou sair um suspiro profundo. Algo lhe dizia, que ali iria encontrar o seu visitante não convidado da noite passada. E quando o encontrasse, ia mostrar-lhe que também sabia jogar o jogo dele. Sentindo-se melhor, serviu-se de uma chávena de chá morno.

Desta vez, ele seria apanhado sem guarda.

E ela pretendia divertir-se com a sua desgraça.

Apoiando as suas mãos contra a parede das ameias de Ravenscraig, Alex inclinou-se e viu o progresso entediante da MacDougall descendo o lado irregular do penhasco. Ela escolheu cuidadosamente o seu caminho, consciente de que um pé fora do lugar poderia fazê-la deslizar pelas escadas húmidas. Mergulhar na morte certa das rochas afiadas lá em baixo, onde teria à sua espera nada mais do que um túmulo de água, com pássaros marinhos e névoa para chorar a sua partida.

Ele seguramente não o faria.

E com razão. Por isso, estreitou o olhar na direcção dela, sentindo um insignificante pingo de piedade. Na verdade, sentiu um canto da sua boca a içar-se.

Só um MacDougall poderia ser tão tolo para descer um desfiladeiro tão traiçoeiro, usando um calçado tão ridículo.

Se aqueles pequenos pedaços de nada, se podiam chamar sapatos.

“Diabos a levem,” irritou-se, franzindo o celho atrás dela.

Até o cão dela teria mais juízo.

O velho animal, Ben, assim julgou Alex ser o seu nome, recusara-se não só a segui-la até ao parapeito, como também se recusara a deixar o passeio da parede. Em vez disso, plantou-se na frente de um dos encaixes da ameia e ficou a observar a feiticeira. Nã... o cachorro babava atrás dela. Pior, ele também lançou alguns olhares enluarados a Alex, mesmo abanando mesmo o rabo plumoso, até que Alex olhou para ele.

Verdade seja dita: o cão especava para ele, agora. Mas Alex ignorou-o, ajustando a mandíbula e fixando a sua atenção na dona do animal. Em tempos, noutra vida, ele adorava cães. Até tinha um especial, Rory, que o seguia para todo as batalhas e até deu a sua vida para poupar a de Alex.

Agora, evitava-os.

Era demasiado doloroso, quando as suas vidas curtas terminavam e a sua continuava. Também não era fácil suportar o medo que lhe devotavam agora. Que um cão de uma MacDougall seja um dos poucos a

mostrar interesse nele, gelava-o até ao osso.

Ainda assim, o velho cão tinha algo do Rory, e, o que quer que fosse, Even so, the old dog had something of Rory tocou o seu coração mais do que o desejável.

“Espera aí,” avisou, quando Ben se aproximava dele. “Não quero nada contigo.”

Nem com a tua dona dos infernos.

Esta última frase ficou por dizer, os olhos castanhos fiáveis do animal, tornavam impossível falar mal da moça aos seus ouvidos. “Maldito Colin MacDougall, e todos os dias do além,” rosnou, perguntando-se por que é que aqueles olhos pareciam abençoados com a sorte do próprio diabo.

E de todos os MacDougalls que encontrou, Mara era a pior de muitos. A moça de cabelos de fogo possuía o rosto de um anjo, a boca de uma peixeira, eo corpo de uma sereia.

A sua alma era certamente mais negra que o caldeirão de uma bruxa!

Igualmente aborrecido, é que ela sabia que ele a observava. Por que outro motivo ela deixou balançar os quadris de uma forma tão provocante, a menos que o quisesse enervar?

Fazendo-o ficar duro como granito com a necessidade de a possuir?

“Maldito o calor escorregadio de uma mulher e o chamariz sedoso e apertado dos seus encanos.” Alex sussurrou as palavras e apertou as mãos contra a pedra fria e arenosa da ameia. A sua disposição tornou-se mais negra do que as nuvens que desciam no horizonte. “Eu não desejo a loba MacDougall.”

“Se tu o dizes, meu amigo.”

Hardwick, de novo, e parecia divertido. A irritação invadiu Alex. Girando sobre si, olhou intensamente para ele. O covarde merecia. Estava apenas a alguns passos de distância, um olhar de angústia simulada na sua cara bonita.

“Esqueceste o mais simples da conduta de cavalheirismo?” Hardwick quis saber. “Não te importas que a dama perca o equilíbrio e caia na morte?”

“Dama?” As sobrancelhas de levantaram-se. “Duvido que conheça o significado da palavra.”

O seu amigo estalou a língua. “Há quem pense que a castigas em demasia.”

“Harrumph.” Alex não se rebaixaria a comentar uma noção tão ridícula. Um gemido de desprezo bastava.

O seu olhar inclinou-se sobre o problema do seu amigo. Embora verdadeiramente lamentável, Hardwick, sem dúvida, sofrera um abrandamento do seu cérebro devido a suas escapadas noturnas.

Alex, no entanto, possuía uma constituição muito mais resistente.

E contenção.

Ele não seria influenciado pelo movimento de uma bunda redonda e bem desenhada. A vivacidade provocatória dos seios redondos e exuberantes. Ou pelos mamilos duros e completos dos seios da MacDougall, seguramente cheios de veneno – caso ele seja doido o suficiente para um dia os sugar.

Hardwick parecia pronto para saborear seus seios e muito mais. "Ahhh, banhar-me em tais tranças", declarou o corrupto num suspiro agradecido. "Afundar até ao-"

Você é pior do que um veado no cio. "Uma faísca quente de raiva queimado dentro de Alex. "Nae, do que uma munição de bestas vorazes", acrescentou ele, seguindo o olhar de seu amigo.

Um devaneio de que se arrependeu de imediato.

Mara stood in profile halfway down the cliffside steps. She'd unclasped her hair, allowing it to tumble in burnished copper waves around her shoulders. More vexing still, she was running her hands through the gleaming tresses, letting the silken strands spill from her fingers like pure, molten gold. Mara ficou de perfil a meio do seu percurso nas escadas do rochedo. Soltou o cabelo, deixando-a cair em ondas de cobre polido à volta dos ombros. Passava as mãos pelos cabelos brilhantes, deixando os fios sedosos derramar de seus dedos como puro ouro derretido, o que era ainda mais irritante para Alex.

Then, as if aware of her audience, she refastened her hairclip with a slow deliberation surely meant to seduce. It was a trick she plied well. Each careful movement of her fingers caused her skimpy, sheath-

like top to ride upward, freeing glimpses of taut, creamy-looking skin. Sakes, even the dimpled indentation of her navel popped into bold, wanton view.

Então, como se consciente de seu público, ela voltou a prender o cabelo lentamente, como quem quer deliberadamente seduzir. Era um truque que jogava bem. Cada movimento cuidadoso de seus dedos fazia com que o seu top minúsculo subisse lhe causou, vislumbrando-se parte da sua pele tensa e cremosa. Céus, mesmo as covinhas do seu umbigo surgiram numa visão ousada e devassa.

Alex gemeu.

Depois jurou baixinho.

As suas vestes deixavam pouco para a imaginação. O material tecido preto e leve do seu top agarrava-se aos seios, mostrando a sua maturação, enquanto a suas calças apertadas chamavam atenção para a curva das ancas e do traseiro bem feito.

O mais doce que ela já vira.

No mesmo instante, relembrou a sua espiada nos cachos ruivos entre as coxas, como ela avançou lentamente o pé até a perna, dando-lhe uma visão cada vez melhor. O coração de Alex começou uma batida lenta e sua boca ficou seca, a seu corpo inteiro contraindo-se.

Uma condição que ele se recusava a reconhecer.

Preferia morrer uma segunda vez do que admitir que uma MacDougall inflamava o seu desejo.

Felizmente, uma gargalhada saudável acalmou o seu ardor.

“Hah, Douglas – Não penses que me podes enganar!” Hardwick tocou-lhe no ombro. “O que tu queres está esparramado na tua cara. Talvez agora queiras responder à minha pergunta?”

Ignorando-o, Alex olhou por cima da borda do parapeito, observava a moça chegar ao fundo das escadas. Esperou até que ela desapareceu atrás de uma curva do penhasco antes de se voltar para o seu amigo.

Logo que o fez, cruzou os braços e convocou a sua pior cara. Sabia exactamente qual era a questão e não fazia a mínima tensão de lhe responder.

“Não penses que o teu silêncio me engana” Hardwick voltou-se ligeiramente e olhou para o mar.

“Foram muitas as mulheres que partilhámos.” Voltou a olhar para Alex de soslaio. He glanced back at Alex. “No entanto, nunca me invejaste o prazer de desfrutar de um seio nu de uma formosa moça.”

“E então?”

“Na verdade, festejamos juntos mais do que peitos nus.”

Alex pressionou os lábios numa linha apertada.

“Seguramente não te esqueceste?” Hardwick olhou para ele, os seus olhos faiscaram em regozijo. “Devo nomear alguns nomes? As tuas favoritas, talvez? As que-”

“Deixar-e em paz é o que tu vais fazer.” Alex olhou para ele. “A tua língua é mais solta do que a de uma velha.”

“Enervei-te, foi?” Hardwick engatou a anca num merlão. “Não tenahs medo, eu vou arrancar a tua doce flor até admitires que a queres,” disse, estudando os nós dos dedos. “Estes dias, mais aprecio mulheres de cabelo negro. Mesmo assim, uma cambalhota com-”

“A única cambalhota que tu vais dar dessa parede, se não parares de jorrar disparates.”

“Disparates?” Hardwick levantou-se, sacudiu o seu xadrez. “Uma vez que estás com um temperamento tão idiota, despeço-me.”

Alex abanou a cabeça, o seu olhar fixo no horizonte.

“É bom que olhes para o mar, meu amigo. Hardwick bateu a mão no ombro de Alex, toda a alegria desapareceu. “Não deixes que ela fique muito tempo na costa. As marés aqui são traiçoeiras. Especialmente se ela for apanhada de surpresa.”

Alex podia sentir a sua cor a crescer, o colarinho apertando-lhe o pescoço. “A minha tarefa

ficaria simplificada, se as ondas a levassem."

"E que tarefa seria essa?" A diversão mais uma vez tingiu as palavras de Hardwick's. "Afastá-la da tua preciosa cama ou levá-la para lá?"

Na fração de segundo que Alex levou para pensar numa resposta mordaz, seu amigo desapareceu. Onde momentos antes, o aperto firme de Hardwick aquecia o seu ombro, agora só sentia o frio do vento vivo do mar. Mas as zombarias de Hardwick ecoavam em sua mente enquanto ele olhava para as rochas pontiagudas muito abaixo, observava os longos rolos brancos, batendo contra elas. Estremeceu, forçando a mão pelos cabelos emaranhados pelo vento.

Seria imaginação sua, ou do aviso do Hardwick, ou a parte coberta de algas nas rochas ao longo da base do penhasco estava muito mais estreita do que momentos antes?

E por que não tinha voltado para cima, a tentadora MacDougall? Será que ela não sabe o perigo que corre, depois de a maré subir? Onde tinha ido, afinal? Até o seu cachorro choramingava, agora, andando pelas ameias em agitação. Pior, o animal não parava de olhar para baixo. Espetava-o com olhares preocupados, suplicando.

Fingindo não vê-lo, Alex ajeitou a manta contra o vento lacrimejante e espiou a pequena faixa de litoral, mas não viu sinal da moça.

Ela desapareceu tão profundamente como Hardwick.

Alex apostou nisso, em seguida, deu um grande suspiro.

O que tinha ele a ver o seu desaparecimento?

Era bem feito para ela e os problemas dele ficariam solucionados, se ela tivesse sido arrastada para o mar.

Então, por que não lhe agradava essa possibilidade? E por que é que o crescente tamanho das ondas o impelia a correr pelas escadas e resgatá-la?

Por que se importava sequer?

Porque era o maior tolo das *Highlands*, respondeu-se, enquanto descia os degraus dois a dois.

Mara estava a poucos passos da caverna do mar e percebeu que nunca tinha visto tanta pedra negra e molhada. Nem lodo. Lodo verde, muito dele brilhando assustadoramente em poças de água rasas, mas a maior parte cobria as paredes da caverna. Soltou um suave assobio e olhou em volta, olhos atentos. A gruta devia ser o lugar mais assombroso que ela já vira.

Fria e húmida, bem no fundo do penhasco, um mundo escuro e sombrio preenchido com cheiro de mar. Cheiros fedorentos, pois, ao contrário do travo fresco, que ela normalmente associava ao oceano, a masmorra de Ravenscraig fedia a algas podres e peixes mortos.

Franzindo o nariz, ela estremeceu e desejou que realmente fossem apenas peixes mortos exalando um tal mal cheiro. Afinal de contas, havia um dispositivo de aparência assustadora de suportes e correntes enferrujadas pendendo das paredes verde-brilhantes da caverna.

Felizmente, um número incontável de conchas cresceu sobre os restos desagradáveis de tortura medieval, cada minúsculo crustáceo uma garantia de boas-vindas. Há séculos que seus antepassados tinham usado a caverna do mar para a sua finalidade original.

Também não parecia que alguém estivesse ali nos últimos anos.

Franziu a testa e cutucou uma corrente oxidada, semienterrada na areia molhada.

Ela tinha certeza que escocês bonzão tinha usado a câmara de horrores dos MacDougall como esconderijo. Estremeceu novamente, esfregou os braços contra o frio. Ele era a única pessoa que ela não se importaria de ver pendurada num suporte de parede de ferro, ou, melhor ainda, definhando no fosso do calabouço.

Uma masmorra medieval.

Mais arrepios começaram a correr-lhe pela espinha. As masmorras eram lugares desagradáveis, terríveis. Muitas vezes, apelidadas de fundo de garrafa, por causa da sua forma, tornavam a fuga impossível.

Os braços de Mara ficaram com pele de galinha e sua respiração ficou presa. Ela não podia acreditar que estava tão perto de um tal horror. E sem as luzes e cordas de salvaguarda que transformaram essas masmorras em castelos turísticos.

Este era o seu castelo.

A masmorra do seu clã, e ela devia ser a primeira pessoa a entrar ali em décadas, talvez séculos. Sabe-se lá o que pode ter acontecido aqui?

Talvez até mesmo um dos grandes homens de Robert Bruce tenha morrido lá em baixo. A possibilidade existia. Qualquer estudante de história escocesa sabia que os MacDougalls estavam entre inimigos mais amargos do Bruce.

Mara respirou fundo. “Um homem do próprio Bruce,” sussurrou, a sua imaginação a voar, a ideia eletrizando-a.

Com o coração acelerado, ela se aproximou. A fenda de aparência irregular no chão da caverna acenava-lhe irresistivelmente. Ela olhou por cima da borda mas só viu escuridão. Esfregando os olhos, desejou ter trazido uma lanterna. Rejeitou a ideia de uma só vez. Era certamente melhor não ver o que a escuridão mantinha escondido.

Desejou ter trazido outro calçado.

A maré estava a chegar. A água do mar gelada já rodava os de seus tornozelos, e salpicos de espuma fustigavam o seu rosto, fazendo seus olhos arder. “Que explosão”, murmurou, pestanejando furiosamente.

Começou a recuar da masmorra, encolhendo-se com o barulho provocado pelos seus pés na areia ensopada. Estragaria os sapatos, mas não os ia tirar. Franziu a testa novamente e afastou um tufo de cabelo húmido do rosto. Não sabia como, mas perdera o elástico do cabelo. De maneira alguma adicionaria à sua desgraça pôr-se a chapinhar descalça nos montes de algas fedorentas e sabe-se lá mais o quê.

Não que seus sapatos encharcados oferecessem muita proteção.

Olhou para eles, no momento em que uma onda de frio bateu na parte de trás dos joelhos. Seus pés deslizaram sobre alguma coisa e ela escorregou. “Oh, oh”, gritou, sacudindo os braços, enquanto o mundo se virava ao contrário, e o seu traseiro aterrava no lamaçal viscoso.

O respingo enviou-lhe mais água salgada para os olhos, e uma segunda onda, mais poderosa bateu-lhe nas costas, empurrando-a para a frente, em linha direta à fenda do chão da caverna. Uma fenda escancarada, que de repente, parecia muito mais larga do que momentos antes.

“Oh, nãaaaao!” Ela lutava contra a maré crescente, a areia que arranhava e pedaços de algas escorregadias. “Socorro! Alguém me ajude, por favor!”

Mas ninguém veio.

Apenas a maré com as suas ondas martelando friamente, cada uma arrastando-a mais para o calabouço do mar. “Oh, nãoooo,” Lamentou novamente, sentindo a areia movediça por debaixo dela, sem oferecer qualquer segurança.

O seu coração parou, o terror tornava a respiração impossível. O fosso da masmorra estava mesmo à sua frente.

Ela fechou os olhos, era insuportável assistir ao desaparecimento do mundo, mas mesmo antes de conseguir escorregar até à borda, alguém a agarrou, içando-a no ar. A força bruta do seu socorrista fez com que o colar rebentasse junto à garganta, fazendo-a mesmo sufocar, enquanto o alívio vertiginoso lhe punha estrelas girando na cabeça.

Engasgou-se, lutando para apanhar ar, e o homem afrouxou o movimento. Mas, por um momento medonho,

ela pendia sobre o fosso do mar, sua negritude olhando para ela até que o seu salvador a arremessou para o seu ombro largo e bem musculado.

Pulverizada, ela pendia de cabeça para baixo, seus pulmões em chamas e os seios saltando contra as costas do homem, enquanto ele caminhava para fora da caverna. Pelo menos, era isso é o que ela esperava que ele fizesse. Seus olhos ardiam muito para saber com certeza.

E o sangue correndo na sua cabeça fazia-a sentir-se tonta.

Ela respirou tremulamente. “Obrigada. Muito obrigada. Mas já me pode pôr no chão.”

Ignorando-a, o homem apenas grunhiu. Depois, prontamente, apertou-a contra si. Ela tentou libertar-se, mas o braço dele era como ferro. Ele passou, mesmo, as mãos nas suas nádegas, o seu aperto triturando uma certa parte do seu corpo contra o eito dele.

Seu rosto inflamado. Este não era o momento nem o lugar para esse tipo de estimulação. “Hey, atenção à mão!” protestou, tentando contorcer-se. “Melhor ainda, ponha-me no chão.”

Era a mesma coisa que falar com uma parede. Em vez de soltá-la, ele apenas a mudou de braços e continuou o seu caminho. Fora da caverna do mar e ao longo da base do penhasco, pode ter sido o seu passo decidido que fez com que os dedos dele a tocassem nas suas partes mais íntimas.

O calor irrompeu pelo seu pescoço, escaldando-lhe as faces.

Ele praticamente tinha a sua mão no meio das pernas dela.

Intencionalmente ou não, os seus dedos deslizavam por ela. Uma fricção íntima que a perturbou verdadeiramente. Principalmente, quando um dos seus dedos sondou uma parte particularmente sensível. Mara estremeceu, um formigueiro caminha pela sua carne mais terna.

“Ponha-me no chão,” ela fervia, bloqueando as sensações causadas por seus dedos conquistadores. “Agora”.

E como ele não obedeceu, ela sabia o que fazer.

Não cresceu nas piores ruas de Filadélfia, em vão.

“Peço desculpa – sei que salvaste a minha vida,” disse, com sinceridade.

Mas já chegava.

Então, abriu a boca o mais que pôde e enterrou os dentes nas suas costas.

“Owwwwwwww!” Ele congelou e ela desenhenciou-se, pontapeando-o na canela, como medida de prevenção.

Ela tropeçou para longe dele, mantendo as mãos e os punhos levantados, pronta para o ataque. Não que esperasse um. Não agora, com o bastardo a pular num só pé e agarrado à perna.

Sentindo-se apenas um pouco culpada, ela olhou para ele, tentando limpar os olhos para obter uma aparência decente. Com ou sem ardência nos olhos, ela não deixou de ver o punhal de pedras preciosas sob o cinto de couro largo.

Era ele!

O Highlander sexy.

E, com um ar de quem saiu de um dos livros favoritos de seu pai, sobre os clãs das Terras Altas. Grande, robusto e de tecido escocês, ele também parecia estar molhado, despenteado, e feroz.

“Tu!” Gritou Mara. “Como te atreves a seguir-me!”

“Nã me empurreis, moça.” Enfrentou-a. “Nã me quereis ver maldispuesto, e eu nã vos estava a seguir. Foi insensatez minha julgar-vos em perigo,” chiou, segurando a canela firmemente.

“Insensatez?” Mara levou as mãos aos lábios. “Tens mesmo uma forma estranha de te exprimires. Isso não posso negar. Quem és tu, afinal?”

“Sir Alexander Douglas,” Gaguejou, o seu olhar verde-mar perfurando o dela. “Cavaleiro do reino escocês.”

Mara pestanejou. Isto era pior do que ela podia esperar. E não pelo facto de ele alegar ser um cavaleiro. Toda a gente sabia que as pessoas estavam sempre a ser armadas *cavaleiros*.

Principalmente, os cantores e estrelas de cinema.

Não. Foi a maneira como ele fez a declaração que lhe deu arrepios. Ou a sua indumentária escocesa antiga.

Ele disse aquilo como se fosse um *verdadeiro* cavaleiro.

Um desses de armadura brilhante, espada enorme e cavalos de guerra. Mara afastou o cabelo. “Tu és louco.”

“Siiim, sou,” sussurrou, soltando a perna. “De um modo que pode ser muito perigoso para ti.”

“Não te aproximes mais!” Avisou, quando ele começou a aproximar-se, as suas roupas esvoaçando com o vento. “Deixa-me em paz e ninguém precisa de saber que te vi.” Ela avançou até aos degraus do penhasco. “Vai-te embora.”

“Que Odin me valha!” Perseguiu-a, o seu semblante escurecendo. “Achas mesmo que eu queria estar aqui?”

“O que sei é que estás – e que isso não me agrada!” Ripostou com o pulso frenético.

Depois, recorrendo a um truque que aprendeu nas ruas de Filadélfia, apanhou um punhado de areia e atirou-lha aos olhos.

“Pelas chamas de Hades!” Rosnou, levando os punhos aos olhos. “Maldita bruxa de cauda negra! Maldita prole dos MacDougalls!”

Mara não ficou ali a ouvir.

Voltou-se, correu escadas acima tão rapidamente quanto lhe permitiam os seus sapatos ensopados. Nem pensar em ficar ali à espera que ele se acalmasse.

Mesmo assim, quando alcançou a varanda, curvou-se no parapeito.

A sua Némesis não estava ao alcance da vista.

Desaparecera de novo, muito provavelmente vovera à caverna do mar. Não que isso fosse importante. Agora, ela sabia como ele entrara no quarto. Se voltasse a tentar a mesma graça, teria uma surpresa.

Ela trancaria a porta das ameias.

Se ao menos conseguisse apagar a sua imagem da cabeça. O formigueiro que ele lhe causou com um simples olhar, com o movimento de um simples dedo.

Louco ou não, ele tirou-lhe o ar.

E foi o primeiro homem a causar-lhe alguma excitação.

Uma pena ele não bater bem da cabeça. Imagine-se um homem julgar-se cavaleiro.

Da estirpe de Sir Lancelot e do Rei Artur.

Mara respirou. Nunca tinha ouvido nada tão ridículo.

Nem tão delicioso com essa ideia.

Capítulo Cinco

No instante em que a megera de cabelos de fogo passou por cima do topo da falésia, Alex voltou à matéria, na areia da praia pedregosa. Gaiivotas gritavam por cima da sua cabeça, como se rissem dele. Ele coçou o queixo com as costas da mão, acreditando que elas estavam mesmo a rir-se dele. “Lá se foi a cavalaria,” murmurou, olhando para o rodopio das aves.

Não sabia para onde olhar.

Sobretudo, não voltaria o seu olhar para o cimo do penhasco, para os parapeitos do castelo.

Se o fizesse, ainda a veria. Com os seios saltitantes e o seu tornear de quadril balanceando, enquanto subia as escadas à pressa.

Mas na verdade, até os movimentos do seu cabelo acobreado e brilhante permaneciam abronados na sua mente. Cada fio encaracolado brilhava e cintilava ao sol da manhã, implorando um toque masculino.

Como os seus dedos ansiavam fazer as honras.

“Raios e coriscos!”

Ele silenciou o desejo, olhou através da água para a linha irregular do interior do Hébrido, as grandes colinas de Mull, cortadas de azul no horizonte.

Tu és louco, acusara ela.

E não era assim que devia ser?

Alex respirou fundo, encheu os pulmões com o ar tonificante do mar. “Parte-me ao meio, se ela não me enfeitiçou,” reclamou com os olhos voltados para a luz oblíqua do sol. Passou uma mão no cabelo, ajustou o queixo contra o seu mau humor. A verdade é que sabia exatamente o que o afligia. Estava há demasiado tempo sem uma mulher.

Há séculos.

Mesmo assim, ele não estava disposto a deixar que as curvas maduras de uma fêmea MacDougall e as suas tranças em balanço o levassem à loucura.

As costas doíam-lhe, onde ela afundou os dentes, a canela latejava, e seus olhos ardiavam como fogo. Essas eram as coisas que importavam. Não o facto de o seu pénis ter inchado e alongado, quando sentiu os seios dela, cheios, pressionando contra ele, quando a resgatava da caverna do mar.

Ele ainda não conseguia acreditar na vileza do seu ataque.

Mas seu corpo destroçado estava ali para o provar.

A feiticera tinha causado mais danos nele do que o cavaleiro mais ousado.

Maravilhado com sua bochecha, manteve o olhar sobre o mar da ponta da ilha, a ascensão das ondas espumantes. Noutros tempos, o seu coração teria pulado a tanta beleza. Ele tinha mesmo sido conhecido por compor versos sobre as glórias do magnífico Mar Ocidental da Escócia.

Esta manhã, ele só conseguia pensar nela.

Estava obcecado por ela, independentemente da ligeireza com que ele lhe reunisse defeitos. Das várias formas que devia ter acabado com ela e na satisfação que isso lhe causaria. No sangue gelado que lhe corre nas veias e na sua linhagem podre. Não deveria surpreender-se que ela tenha soltado as garras para cima dele, como um felino indignado, irado e bufando. Como é que ele pode ter pensado que um demónio precisava ser resgatado?

E isso nem era o pior.

Ela fizera pouco dele.

Ele viu a incredulidade na cara dela, quando ouviu o seu nome e revelou o seu estatuto de cavaleiro. O seu semblante carregou-se, ele pegou um pedaço de madeira e atirou-a às ondas. Só o nome Douglas deve tê-la impressionado. Dificilmente raça de homens mais nobre terá atravessado a terra.

Muito menos nos tempos que correm.

No entanto, ela olhou para ele, como se ele tivesse acabado de declarar que a lua se ia despencar do céu.

Soltou um suspiro quente, enfiou os dedos no cinto. A verdade é que ele nunca tinha dito uma mentira em toda a sua vida demasiado longa.

Nem mesmo a uma MacDougall.

Um Douglas era demasiado honrado para isso. Também não se guerreavam com mulheres. Ele conhecia cavaleiros que se aproveitavam de jovens desprevenidas e mesmo outros que levantavam a mão à própria esposa.

Mas ele não.

Ele abominava tais comportamentos.

O simples pensamento revolvia-lhe as entranhas. Tal vilania nunca atravessara o seu pensamento. Nunca em todos os anos que foi amaldiçoado a guardar a sua cama.

Assustar os MacDougalls foi sempre suficiente.

Até agora.

Gostando ou não, esta MacDougall requeria meios de persuasão mais eficazes.

Não que ele fosse levar avante a sua ameaça de a espetar com a espada.

Mas isso não queria dizer que não ponderasse outras possibilidades. Manter a sua mente ocupada com fraquezas tão agradáveis, ajudava-o a lidar com os instintos mais básicos que ela lhe inspirava.

Claro que havia uma tática que ainda não tentara com ela.

O seu brilhantismo exaltava-o.

Sentindo-se melhor, esticou os braços sobre a cabeça e estalou os dedos. Em breve iria até ela. Em nome da sua dignidade, repetiria o seu nome e as razões por que estava ali.

Se mesmo assim, ela não tivesse a boa vontade de acreditar nele e renunciasse à sua cama, ele dir-lhe-ia simplesmente que já não pertencia a este mundo.

Declararia, no bom inglês do rei, que era um fantasma.

Uma alma descarnada, amaldiçoada a caminhar entre os vivos.

Isso deveria agitá-la, com certeza.

Só de imaginar a sua reação, ficou com um sorriso nos cantos da boca. Ele conseguia imaginar aqueles olhos de âmbar abrindo-se em terror ao perceber que estava na presença de um espírito. Duvidava que a ousadia dela conseguisse ultrapassar um tal choque.

Terá sensatez para fazer as malas e partir, depois disso.

Ele não queria saber para onde.

Ele só esperava que, antes que ela fosse, não o tratasse novamente com a provocação do vislumbre da sua nudez. Se ela ousasse fazê-lo, ele não se responsabilizaria pelas suas acções.

Há muitas coisas que um homem pode aguentar.

Ver um pedaço tentador como esta MacDougall com o seu traseiro glorioso nu, em todo o seu esplendor fumegante, e não tirar um pedaço, não era uma dessas coisas.

Alex enviou outro pedaço de madeira para o mar e sorriu. Algo lhe dizia que os seus dias de monge estavam a acabar.

Ele só esperava que a antecipação não o matasse.

“Um maníaco?”

O tufo grisalho das sobrancelhas de Murdoch ergueu-se bruscamente, Mara pensou que elas iam voar. “Que tolice, menina. Pode haver alguns oportunistas nas redondezas, a maior parte vem do sul. Mas um Highlander completamente louco? ”

Mara anuiu. “Se o seu sotaque amanteigado não era escocês, então eu falo uma nasalação do

Texas.”

Murdoch esticou o queixo.

Ele andava de um lado para o outro em frente das janelas altas da biblioteca, o seu kilt abanando acima dos joelhos ossudos. Agora, parava para olhar para ela.

“Um Highlander,” repetiu, parecendo incrédulo. “Podemos ficar um pouco atravessados, quando nos irritam, admito. Teimosos todos os dias. Mas loucos?”

“Louco varrido.” Mara cruzou os braços, segura disso.

Murdoch abanou a cabeça, esticou-se para virar um candeeiro na parede. “Só não se aborreça,” disse, afastando-se da luz suave e dourada. “Vou ligar para a casa da mãe do Malcom para que ele e outros rapazes vasculhem os jardins e as matas.”

“Não estará lá.” Mara deu uma olhadela ao teto alto e tentou conter a sua agitação.

Murdoch não acreditava nela.

“Ele estava lá em baixo na rebentação,” lembrou-lhe, o seu rosto aquecendo, quando se lembrou dos dedos deslizantes do cretino. Da forma como ele se esfregou nela.

Com ou sem intenção, o seu toque afetou-a, rompendo fronteiras íntimas que não deveriam ser ultrapassadas em tais circunstâncias. No entanto, foram, e o choque daí resultado foi intenso, tirando-lhe, mesmo, o ar dos pulmões.

Claramente, a causa para isso era o facto de ela nunca ter experimentado sexo quente e alucinante, de se agarrar aos lençóis.

Na verdade, não se lembrava de algum homem a ter tocado tão intimamente, fazendo a sua barriga palpitar, o resto do seu corpo...

Mara mordeu o lábio, sentindo os arrepios até agora.

Era por causa do sotaque escocês, seguramente. Um gemido profundo e suave que levava qualquer uma à loucura. Principalmente, as americanas, e ela não estava imune.

Mesmo assim...

Ela não gostava nada do que estava a acontecer.

Murdoch olhava para ela com estranheza, as suas sobrancelhas peculiares desenhando uma linha na testa. “Os rapazes encontra-lo-ão, seguramente.” Fez um gesto na direção das janelas. “Ele tem que passar pela mata, para passar pela Estrada de Oban.”

Mara endireitou a espinha, não querendo mostrar-se derrotada, “A última vez que o vi, estava no fim das escadas do penhasco.”

Murdoch encolheu os ombros. “Pode ser, mas não estará lá agora, não é assim?”

Inclinado pela idade, mas eriçado pela autoridade, ele olhou-a por debaixo da cabeça de um veado particularmente desagradável, o mais carcomido pelas traças, era esse o troféu que agraciava as paredes da biblioteca. Todas as criaturas abomináveis sem corpo pareciam observá-la com os seus olhos glaciares, avisando-a que não disputasse a opinião do velho.

“Veja bem, menina, nenhum Highlander com o mínimo de bom-senso, ficaria ali por muito tempo, sabendo a tempestade que se avizinha,” Declarou, mostrando a sua sabedoria.

Mara tinha que concordar.

Atrás dele, para lá das vastas sombras da biblioteca, o dia tornara-se soturno, sem sol e cinzento. Rajadas de chuva explodiam contra as janelas, e ventos molhados e uivantes sacudiam as persianas.

Algures, uma solta bateu contra a parede, e se a névoa que baixava servia para indicar algo, era que o sol não se voltaria a mostrar nesse dia.

“Nã se preocupe.” Murdoch aproximou-se mais da janela, olhou para a chuva pegada. “Se o canalha ainda estiver por aí, será encontrado.”

“Assim espero.” Mara não conseguia tirar a dúvida da sua boca. “O homem é perigoso.”

Irritantemente sedutor.

Outro surto de calor disparou nela, que engoliu em seco, desejava que a imagem dele parasse de a assombrar. O seu sotaque rico e rouco e as coisas más que fez com ela.

Céus, uma mulher podia atingir o clímax, só de o ouvir!

Franziu a testa. Se as vestes do Highlander de olhos verdes eram rasgadas diretamente das suas fantasias mais secretas, não sabia, mas ele também era grosseiro.

Muito possivelmente demente.

Não, muito provavelmente, demente.

Seus nervos num aperto, ela sentou-se a um canto da janela, tomando cuidado para não perturbar Scottie e Dottie, o par *Jack Russell terrier* de Ravenscraig. Os cães pequenos beneficiavam do aconchego almofadado da alcova de gémeos, e estavam juntos, enroscados num ninho de mantas velhas e travesseiros.

Cãezinhos espertos. A biblioteca estava fria e a ficar gelada.

Tão fria, que ela pegou numa manta do banco no lado oposto ao dos cães e enroscou-o à volta dos joelhos.

Muito abaixo, o manto branco de Firth de Lorne lançado e agitado, o ar invernal das ondas de chumbo dava-lhe arrepios. Mas gelada como estava, mais valia estar a balançar no Firth do que ali sentada, escondida e com numa manta de lã e a lenha crepitando na grande lareira verde-mármore.

Mordeu o lábio, intrigada.

As chamas alegres não passavam um pingão de calor.

Mas eram bonitas.

Como as cabeças medonhas dos veados e os muitos retratos em molduras douradas dos MacDougalls envoltas em tecido tartan, as chamas davam à sala uma deliciosa sensação de séculos anteriores.

Quase como se tivesse entrado numa máquina do tempo.

E para ela, mesmo um vislumbre fingido da elegância desses tempos há muito passados valia alguns arrepios. Então, lançou os pés ao chão e forçou um sorriso ao mordomo de kilt.

“Diga ao Malcom e aos outros para terem cuidado,” avisou. “O homem julga-se um cavaleiro medieval.”

Para seu espanto, Murdoch piou. “Tem a certeza que ele não lhe estava a contar uma história gorda?”

“Não.” Mara negou com a cabeça. “Estava a falar a sério. Tenho a certeza que ele acredita nisso.”

“Muito bem!” Murdoch olhou para baixo, sacudiu alguns fiapos do kilt. “Então, o Malcolm pode informar o moço que não estamos necessitados dos serviços de cavaleiros.”

“Não acredita em mim.”

“Oh, menina, eu não duvido de si.” Olhou para o lado, observou o velho Ben passear e chapear no tapete, perto da lareira. “Estou é inclinado a pensar que o moço a achou atraente e quis impressioná-la.” Voltou a olhar para ela. “Como isso não aconteceu, ele está neste momento em Oban, a afogar as mágoas num belo *dracma*.” Um sorriso malicioso iluminou os olhos do mordomo. “É um Highlander muito estranho, se não tiver um pouquinho de sentido romântico nele.” Mara pressionou os lábios. O seu Highlander era sexo ambulante. Não um poeta gaélico. Uma máquina sensual. Viril e demasiado físico, era um homem lindo de tirar o fôlego, preenchido de arrogância e impulsos negros, era melhor nem pensar nisso.

O seu propósito não era impressioná-la, definitivamente.

Pelo menos não favoravelmente.

Com o coração a escorregar, puxou um travesseiro para o colo. Um frio penetrante subia através das almofadas de assento, refrigerando-a. Ela estremeceu novamente, agarrou o travesseiro para se aquecer.

“Ele não é um romântico,” disse. “Queria assustar-me.”

“Uma ova!” Murdoch bufou. “Esqueça esse enfado. Se for encontrado, tudo se resolverá. Por que-”

“Sir! A Prudentia precisa de si na cozinha!” Disse uma voz sem fôlego por detrás deles.

Murdoch voltou-se. “Precisa? Agora?”

Ailsa, ou talvez fosse Agnes, acenou que sim, sacudindo os caracóis brilhantes. “O-o-oh, *sir*, tem que vir. Ela está muito exaltada.”

O mordomo enfiou as mãos nos quadris. “E o que é que ela armou, desta vez?”

Ailsa-Agnes humedeceu os lábios. “Queimou os fogões e o pote do borrego.”

“Então conseguiu uma proeza!” Murdoch dirigiu-se para a porta de kilt a abanar. “É quase impossível queimar alguma coisa num forno Agá! O raio do fogão funciona com termostato, nem sequer há um botão para subir ou descer a temperatura. Como raio é que ela-”

“Não foi isso que começou.” Ailsa-Agnes apressou-se a segui-lo. “Foi o novo fantasma. Disse ela-”

“O novo *quê?*” Murdoch parou na soleira. “Não me digas que ela vai começar de novo com a história do papão?”

“Vai sim, senhor.” A rapariga corou, torcendo as mãos. “Ela diz que o fantasma sussurrou ao ouvido, logo que as batatas e o borrego se estorricaram.”

“E o que disse o fantasma?”

Ailsa-Agnes corou ainda mais. “Que iria ver o traseiro de todos os MacDougall tão queimado como carvão. E no fogão mais quente dos infernos.”

“Que podridão!” Murdoch explodiu, disparando pela porta.

A rapariga parava no limiar da porta, enviando um olhar de desculpas a Mara.

“Vai precisar de alguma coisa, miss?”

Mara acenou que não.

Do que ela precisava era de um forte *Bloody Mary*. Ou dois. Isto não podia estar a acontecer. O fantasma da cozinheira já parecia o seu Highlander. O suficiente para arrepiar a sua pele e o coração lhe cair aos pés.

Então, esperou que Ailsa-Agnes saísse atrás do mordomo, olhou à volta para ter a certeza de que *ele* não estava à espreita nas sombras. Satisfeita, empurrou os pés e mudou-se do lugar perto da janela para um assento numa mesa de carvalho, que estava no meio da biblioteca.

Uma mesa composta com o seu computador, resmas de arquivos e livros, registos privados de Lady Warfield, e pilhas de correspondência sobre o clã e comunidades genealógicas. Um prato de bolo de aveia com parmesão e uma chávena de chá, há muito frio.

O trabalho dela.

E sustento.

Pegou num bolo de aveia, sentindo-se melhor. Mergulhar no trabalho era um excelente antídoto. Principalmente, contra Highlanders ultra-sexy, de sotaque sensual, e cozinheiras manhosas que imaginam encontros com fantasmas.

Não havia melhor maneira de acabar com esse stresse do que se ocupar com seus planos para *One Cairn Village*. Um projeto que ela tinha secretamente pensado como *Brigadoon Revisited*.

O seu próprio bilhete com faixas tartan para cumprir a estipulação mais difícil do legado de Lady Warfield.

A que lhe exigia reunir o clã e assegurar que os seus membros olhariam favoravelmente para a memória de Lady Warfield.

Mara soprou uma mecha de cabelo do rosto permitiu-se um momento de satisfação em silêncio. Olhou para uma pilha desordenada de envelopes, a maioria deles contendo selos estrangeiros, em

seguida, olhou através da sala para Ben.

Ao contrário de Scottie e Dottie, o colíe de idade não fugira do frio da sala. Ele estava, ainda, esparramado onde ele se sentou antes, confortável e feliz em frente do fogo da lareira.

"A tua dona vai ser bem lembrada," Mara prometeu-lhe, não se tendo surpreendido de todo, quando ele bateu com o rabo no tapete da lareira como se tivesse entendido.

Era uma promessa que ela tencionava manter.

E não apenas por razões egoístas.

Ravenscraig crescia dentro dela, não o negava. Mas também as suas pessoas. O gaitero misterioso, que ninguém admitia existir. As criadas gémeas com os seus caracóis brilhantes e o seu rubor. A pequena Innes de cabelo branco, que insistia em perguntar a Mara pela saúde de Lord Basil. Gordie, o jardineiro de um só braço, que lhe tinha oferecido um ramo branco de urze para dar sorte.

Até mesmo Murdoch.

Não. Especialmente o velho rabugento, admitiu com uma secura quente apertando-lhe a garganta.

Seria impensável que Ravenscraig fosse tomada por estranhos do Fundo Nacional da Escócia e o mordomo de pernas tortas se encontrasse, de repente, deslocado.

Isso não iria acontecer.

Ela não o permitiria.

As doações em dinheiro para o memorial MacDougall já choviam do mundo inteiro. Alguns membros do clã até enviaram pedras. Pedras bonitas de todos os cantos da Escócia e tão distantes como o Cabo Bretão ou mais longe.

O seu pulso baixava, por fim, o ritmo. Voltou-se para o computador e esticou os dedos. O memorial estava em autogestão.

One Cairn Village era o projeto que mais necessitava da sua habilidade organizacional.

Nomeado assim, em honra do memorial que ela queria ver erigido no seu centro. *One Cairn Village* era também um aceno ao seu pai, Hugh, obcecado por genealogia, e à casa de forrada de tecido xadrez da sua infância: *One Cairn Avenue*.

Um postal de uma velha vila das Terras Altas da Escócia, *One Cairn Village* would consistiria num anel de casas rurais caiadas de branco, cada uma ostentando uma porta azul-brilhante, com uma janela de cada lado. O local mais idílico seria escolhido, um lugar especial atolado de urze e com vista para o mar e colinas circundantes.

Um refúgio.

Um refúgio acolhedor para atrair MacDougalls e outros escoceses da diáspora, com cada chalé a albergar uma pequena oficina de artesanato, que ofereceria tudo, desde velas e sabonetes da Innes feitos à mão a joalheria celta, artigos de lã, mel de urze e cerâmica.

Podiam ser dadas aulas de gaélico e de gaita-de-foles e um dos chalés, o maior, teria um centro moderno de pesquisa, para aqueles sequiosos de traçar as suas raízes escocesas.

MacDougalls que quisessem ficar ou trabalhar em *One Cairn Village* seriam bem recebidos. Outros visitantes poderiam ficar em chalés de férias mais pequenos, igualmente singulares, ou nas hospedagens vitorianas que pretendia construir na vila.

Um plano ambicioso, mas exequível.

Se os MacDougalls estiverem a morrer por um pedaço da velha terra mãe, morderão a isca e aparecerão.

Determinada em fazê-los vir, Mara abriu um dos velhos livros de Lady Warfield e passou um dedo pelas linhas de nomes e endereços cuidadosamente escritos.

Cada um representava um membro da família alargada de Mara. Longínquos membros do clã, que só poderiam empolgar-se com a ideia de contribuir com comércio ou talento para *One Cairn Village*.

Ou, pelo menos, desejar visitar.

Tinha passado apenas por algumas páginas, quando a caligrafia enroscada começou a ficar esbatida. Ela não conseguia focar-se.

“Não é verdade,” resmungou, servindo-se de outro bolo de aveia.

Estava a concentra-se lindamente.

Mas em como o escocês bonzão seria na cama, em amaldiçoar o seu belo esconderijo das Highlands! Maldita seja ela por se sentir atraída por ele.

Franzindo a testa, ela esfregou as mãos e soprou nas palmas da mão. A temperatura parecia ter descido vinte graus nos últimos dois minutos.

Até o Scottie e a Dottie se devem ter fartado da sala fria, porque a Dottie deu um súbito gritinho afiado e saltou do lugar da janela. Tão rápida como um relâmpago, raspou-se para fora da biblioteca, com o Scottie no seu encalço.

Fugiu tão rapidamente, que o mais provável é que estivesse já a meio caminho de Londres. Depois da forma como ela o atacou na praia, não o podia censurar.

Que espécie de homem ficaria à espera, depois que a mulher que ele resgatou da morte, lhe tivesse agradecido saltando para cima dele como uma alma penada?

Céus, ela tinha-lhe mordido mesmo?

Sentindo vergonha por essa parte, ela respirou profunda e indecisamente. Desta vez, fez mesmo asneira.

Não que se importasse com isso.

Afinal, ele enfiou um dedo no seu clítoris.

Ainda para mais um dedo a circular!

Mara fechou os olhos e abafou um gemido.

Por que é que ela tinha sempre tão má sorte com os homens? Onde estava o cavaleiro numa armadura brilhante, por quem ela esperou a vida toda?

E por que é que ela não conseguia deixar de pensar noutra coisa que não fosse o Alexander-não-sei-quantos?

Um homem que se julga Sir Galahad.

Isso era um problema enorme.

Abrigar fantasias secretas com cavaleiros arrojados era uma coisa, um homem dos nossos dias alegando ser um, era outra coisa completamente diferente.

Era nesse ponto que os seus comparsas de Filadélfia lhe tinham ensinado a pôr um travão. Ela vira o perigo da demência. As notícias da noite Americana estavam cheias dos estragos que ela causava. Ela sabia demasiado sobre lunáticos para se apaixonar por um.

Independentemente da tentação que poderia sentir para continuar com estes jogos de loucura, mesmo que por um período curto. Os cavaleiros já não percorriam os meios rurais, resgatando e arrebatando donzelas indefesas. Esses dias estavam ultrapassados, infelizmente.

As hipóteses de ser arrebatada por um cavaleiro irresistível, de xadrez, eram tão prováveis como as de esbarrar contra um dos tão afamados fantasmas que dizem assombrar as ilhas britânicas.

Mordeu um grito.

A sua última excursão levava-a a quase todas as supostas mansões e *pubs* assombrados do Sudoeste Inglês e ela não vira um único espírito.

Excetuando, talvez, as bebidas espirituais, servidas em copos!

Os fantasmas não existiam.

Assim como os cavaleiros medievais, por muito que ela quisesse que sim.

A verdade é que ela estava necessitada de uns bons beijos de cavaleiro. Beijos escaldantes, selvagens. Beijos intensos, de boca aberta, cheios de ar e línguas enroscadas. Beijos íntimos. Sobretudo esses. Ela apenas fantasiava com tais prazeres. E, de cada vez que o fazia, uma onda de calor formigava

pelo seu sexo. Que felicidade, ter um cavaleiro a saciar-lhe essa sede!

Um cavaleiro escocês cujo tom de voz sensual fluía por ela como mel derretido. Só de se lembrar que a sua voz a punha tonta de desejo.

Mas ela não queria ser simplesmente dominada por um homem.

Nem enganada.

Seria demasiado fácil deixar o seu coração nos braços de um homem que era a materialização dos seus sonhos.

Infelizmente, no caso do escocês bonzão, era também um pesadelo ambulante.

Ela suspirou. A cabeça doía e o latejar nas têmporas fazia com que os olhos doessem também. Tentando ignorar o desconforto, ela estendeu a mão ao livro e olhou para a letra esbatida, até os sarrabiscos e as linhas se transformarem numa coisa única.

“Raios!” Resmungou, afastando o livro.

Precisava de ocupar a cabeça com outra coisa.

Tal como, tentar perceber por que é que os castelos nunca tinham aquecimento central. O frio na biblioteca ia direitinho aos ossos. Um frio penetrante, a que os seus últimos excursionistas teriam apelidado de “do outro mundo”.

Não tendo nada disso, levantou-se e dirigiu-se à parede de livros mais próxima, pôs-se a examinar os volumes impressionantes encadernados a couro. *Os anos da cavalaria, Cavaleiros na Sociedade Medieval, A História do Torneio.*

Ela gemeu.

O latejar nas suas têmporas aumentou.

Aqueles títulos eram tudo o que ela não precisava. Mas sem saber como, *A Idade da Cavalaria* estava nas suas mãos, as suas páginas pesadas debruadas a ouro abriam-se como que por magia, numa página a cor, representando um cavaleiro das cruzadas do século XIII.

Sobre um joelho, as mãos levantadas numa súplica silenciosa. Cruzes adornando a sua túnica e uma espada de mau-olhado, pendurada num cinto, abaixo dos seus quadris.

Mara fitou o cruzado, o seu coração saltando. A sua boca seca. E os arrepios mais estranhos corriam para cima e para baixo na sua espinha. Não por causa da beleza do seu tão romântico cavaleiro, a sua cavalaria ou valor captado eternamente naquelas páginas.

Oh, não. Não era nada disso.

Nem era da súbita briza fria que lhe invadia as faces. Um vento frio que a rodeava, arrepiando-lhe a pele e informando-a de que algo estava com ela na biblioteca.

Não, alguém.

E ela sabia exatamente quem.

A sua respiração parou, o mundo inteiro parecia ter parado.

Era inútil negá-lo.

Voltou-se. “Tu!” Gritou, a voz estridente não poderia ser a dela.

Ele estava apenas a uns passos de distância, sorrindo. “Sim, sou mesmo eu.”

Mara engoliu em seco, para não discutir com um louco. O livro caiu das suas mãos. Mal reparou nisso, só olhava para ele, especada, perguntando-se como um homem daqueles se conseguia mover tão silenciosamente.

E possuía tanta graça, com aquela incrível masculinidade. Cada milímetro dos seus ombros largos, da sua altura lhe retirava o ar, e o seu sorriso lento e preguiçoso enviava-lhe uma excitação perigosa, que a trespassava.

O cabelo dele solto sobre os ombros e aqueles olhos verde-mar intensos prenderam-se nos dela. O brilho do fogo da lareira atrás dele, definindo a silhueta do seu corpo enorme e musculado. O seu bom aspeto era mais do que aparente, a sua proximidade incomodava-a e excitava-a. Havia qualquer coisa

nele, definitivamente.

Um puro magnetismo animal, que ela preferia mil vezes não ter percebido.

Infelizmente, percebeu.

Então, franziu a testa e afinou o olhar para ele. “Como é que chegaste aqui?”

“São muitas as formas,” disse ele, com um sorriso inclinado. Aproximou-se mais, a sua voz aprofundando-se numa ameaça de seda, “Senhora, ficaria assombrada com a riqueza das minhas habilidades.”

“Não sei porquê, tenho dúvidas”

“Ah, sim?”

“Assim o disse.” Mara ergueu o queixo. “Nada do que faça me surpreende.”

Ele sorriu e assobiou a melodia de ‘Highland Laddie.’

“Tu!” Os olhos de Mara arregalaram-se. “Eras tu, o gaiteiro!”

Ele colocou as mãos nos quadris, cheio de presunção. “Eu não disse que os meus talentos te surpreenderiam?”

Mara recuou e bateu na parede de livros. “Talvez o meu fascínio seja pela, apenas, pela ousadia.”

“Ahhh, mas a tua astúcia agrada-me, Mara.” Aproximou-se, sorrindo de uma forma que acabou com o frio. “Ou melhor: agradecer-me-ia, se não carregasses um nome tão arruinado.”

O frio voltou. “Há homens à tua procura.” Ficou tão alta quanto possível, encolhendo a barriga. “Neste preciso momento.”

“E achas que me encontrarão? Ou vais chamar tu por eles? Ele inclinou-se e depositou-lhe nos lábios um beijo aveludado e suave. “Por alguma razão, não me pareceu que o fosses fazer,” sussurrou no seu ouvido.

Mara gelou.

Claro que não iria chamar por ninguém. Não conseguia falar de todo.

Ele elevou-se sobre ela, seus olhos escurecendo quando se aproximou para tocar seu rosto. Levantou uma mecha de cabelo do rosto dela, esfregando-a entre os dedos, observando-a. Depois, deslizou os dedos pelo queixo até ao pescoço. A intimidade da sua carícia pôs-lhe o coração a bater descontroladamente e essa sensação perpassava todo o seu ser. A qualquer momento, os joelhos caíam ao chão.

Ela sabia, conseguia vê-la chegar.

A sua total rendição.

E não parecia haver nada que ela quisesse fazer para contrariá-la.

Engoliu em seco. “Quem és tu?”

Mas ele deu um passo atrás, sua atenção já não sobre ela, mas sobre o livro caído a seus pés. De alguma forma, o livro tinha caído aberto naquela página do belo cavaleiro das cruzadas. A sua *Highlander* estava olhando para a página, um fantasma com um sorriso brincando em seus lábios.

“Eu disse-te quem era, mas não acreditaste em mim,” disse ele, num tom áspero. Quando voltou a olhar para ela, o sorriso tinha desaparecido. “Por isso, vim para te dar uma hipótese de redenção. Assim o exige a minha honra.”

Mara piscou, o feitiço sensual que tecia à sua volta em volta dela fora quebrado. “O que é que isso quer dizer?” Ela franziu o sobrolho. “Por que é que eu me deveria redimir? O malcriado aqui é o senhor. E está a invadir propriedade privada. Eu poderia mandar prendê-lo”.

Imperturbável, ele baixou-se para pegar no livro, fechando-a com cuidado. “Senhora, não estivesse eu tão irado convosco, divertir-me-ia”, disse ele, transbordando de arrogância. “Está obcecada com um cavaleiro pintado e em ler livros sobre cavalaria, mas você não sabe nada sobre comportamento galante. Sobre a honra de um cavaleiro.”

As faces de Mara flamejaram. “O que sei é que o senhor é um maluco de primeira classe. E eu não

estou obcecada.”

“Sim, A senhora não sabe nada,” repetiu ele, pousando o livro. “Se soubesse, desconfiaria das palavras que escolhe.”

O coração de Mara ficou um pouco inquieto. Algo no seu tom de voz e a dureza de sua expressão assustava.

“Então, por que não me diz o que é que é suposto eu saber? Desafiou ela, forçando uma bravura que não sentia. “Mas poupe-me à parte do cavaleiro, sim? Não estou na disposição para piadas.”

A sua cara escureceu. “Disse-lhe uma vez que não brincava, senhora”

“Então, agora sou uma senhora? E por duas vezes, já.” Ela levantou o queixo para ele. “Graças aos céus pelos pequenos milagres. Começava a ficar cansada de ser “moça”.

“É uma língua afiada a sua, Mara MacDougall.”

“Faço o melhor para lhe oferecer um pedaço da minha mente.” Disse, inclinando a cabeça para ouvir a sua refutação.

Não chegou.

Em vez disso, ele cruzou os braços e observou-a. Uma raiva cuidadosamente controlada rolou sobre ele, e um silêncio desconfortável instalou-se entre os dois. Os joelhos dela começaram a tremer, e o sangue a pulsar nos seus ouvidos tornava-se ensurdecedor.

“Não olhe assim para mim,” disse, incapaz de suportar o silêncio do seu olhar escaldante. “Diga alguma coisa.”

“O meu nome é Sir Alexander Douglas,” ele consentiu, falando num tom de voz baixo, suave e controlado. “Sou um cavaleiro da realeza escocesa, e foi o meu rei, o bom Robert Bruce, quem me concedeu a posse do castelo de Ravenscraig. Na minha jornada para cá, para reclamar Isobel MacDougall como minha noiva prometida, fui vítima de uma emboscada e morto pelo seu primo Colin e seus homens. Desde então, tem sido minha missão manter a sua ignomínia longe da minha cama.”

Ele ergueu a mão e pegou-lhe no queixo, para que ela não desviasse o olhar. “A cama era a minha prenda de casamento. E foi ela que urdiu o meu assassinato.”

Mara afastou-se dele, caindo para trás até colidir com a mesa. Olhou para ele, atordoada demais para respirar. “Deixe-me ver se entendi.” Lutava para manter a voz firme. “Você está dizer que está morto?”

“Não estou morto nem vivo,” disse ele, calmo como a luz do dia.” Essa, minha senhora, é a grande dor de tudo isto.”

“Então, o que é?”

Ele arqueou uma sobrancelha. “Não consegue adivinhar?”

Mara acenou a cabeça. “Não sei se quero. Eu -”

Um enorme rugido de trovão engoliu-lhe as palavras, um *bum* que abanou as janelas e o chão, e mandou abaixo a eletricidade, deixando a biblioteca às escuras.

Mara engasgou-se e levou as mãos ao peito. Quase esperava que ele viesse para cima dela naquele instante, mas quando as luzes voltaram, ele tinha-se mudado e estava, agora, em frente à porta.

“Como é que foi para aí tão rapidamente?” Afastou-se da mesa, mais ousada, agora que a distância da sala os separava. “Ninguém se mexe assim tão depressa.”

“Como diz?” Um canto da sua boca levantou-se com espanto “Não sabia que os fantasmas só precisam de pedir um desejo para estarem onde quiserem?”

“Os fantasmas não existem,” Mara insistiu, voltando a ficar gelada.

“É uma pena não acreditar em mim” disse, parecendo tudo menos dececionado. “Terei que a convencer do contrário.”

Não se incomode, tentou dizer, mas as palavras prenderam-se na garganta.

Ele fazia uma vénia galante, à saída da porta. “Até à próxima, linda senhora,” a sua voz flutuou até

ela.

Depois, o silêncio.

Ela voltava a estar sozinha.

Olhou para o limiar vazio, a escuridão. Calafrios varreram-lhe a coluna para cima e para baixo, e se o seu coração batesse mais rápido, ela achava que teria um ataque.

Sir Alexander Douglas chamara-se ele.

Um nome romântico.

Um nome de cavaleiro.

Nome dos homens de armas do grande Bruce.

Claro. Como poderia ser de outra forma?

Da mesma forma que há lunáticos que acreditam ser a reencarnação de César ou Cleópatra. Sempre as altas divindades druidas e nunca os camponeses. Pessoas que sofrem a ilusão da grandeza, com as cabeças inchadas de vaidade e disparates.

O seu Highlander tinha muita companhia. E muitos deles viviam em quartos de borracha.

Mara franziu a testa, o seu olhar ainda na porta vazia.

Que sorte a dela esbarrar num escocês tão louco!

Mordeu uma gargalhada histérica e olhou para o livro de cavalheirismo. Ele parecia mesmo parte daquilo. Se queria invocar o seu próprio cavaleiro armado, ele prestava-se ao papel, definitivamente.

Com a respiração ainda instável, pegou no livro e levou-o ao coração. Por mais que ela odiasse admiti-lo, se realmente tentasse, poderia fingir com ele que era um cavaleiro.

Até mesmo tolerar a sua grosseria.

Não havia grande coisa que não fizesse por um homem tão absolutamente bonito.

Mas aquilo do fantasma foi a gota d'água.

Ela, Mara McDougall, outrora do sul de Filadélfia, e, mais recentemente, dona do castelo de Ravenscraig, nas Terras Altas da Escócia, não queria ter nada a ver com fantasmas reais ou imaginários.

Nem assustadores.

Nem amistáveis.

E muito seguramente, nem os irresistivelmente sensuais.

Capítulo Seis

Muito mais tarde, Mara afastou-se da mesa e esticou o torcicolo e cólicas que assolavam todos os seus movimentos. Estremeceu e revirou os ombros, em seguida levou os dedos rígidos e doridos, à parte de trás do pescoço e esfregou-o. Um silêncio pulsava à sua volta, e a menor agitação e sussurros da biblioteca derrotados pela quietude da hora.

Mesmo o crepitar da lareira tinha parado por volta da meia-noite, mas um vento húmido ainda suspirava através das janelas. Rabanadas de nuvens cinzentas, passavam, também, à deriva transformando a noite num mundo de prata e sombras.

Ela estremeceu, girando em volta para perscrutar os cantos mais profundos e vazios da sala. Os que estavam atrás dela. Lá, onde mais do que partículas de poeira pudessem brilhar na quietude.

Uma calma suficientemente antinatural para fazê-la estreitar os olhos e melhor sondar a escuridão.

Seu pai havia jurado que a Escócia tinha magia. Fadas dançando e *kelpies* aquáticos, poderes que não são deste mundo. Tudo isso estava lá, insistia ele, vivo e esperando, no azul das colinas, no mar e no céu.

Não duvides da trama e envolvência da tua herança. As suas palavras familiares enchiam-lhe o coração, de forma tão real que ela quase o sentia atrás de si, as suas mãos envelhecidas pousadas nos seus ombros. *Não há um milímetro das Terras Altas da Escócia que não esteja envolvida em lenda. Coisas maravilhosas podem acontecer ali – é só abrir o coração.*

Ela quase acreditava nisso.

Ou, pelo menos, começava a admitir que alguma coisa havia.

Uma magia sedutora, fiada de névoa, urze e romance.

A atração de pedras antigas e mitos gaélicos, cativantes e sedutores, sempre presentes no sangue, libertando-se para lançar chamas descontroladas, sempre que memórias ancestrais se agitavam. Especialmente se ousou pisar em solo escocês. Então, poderia haver um caminho sem volta, sem possibilidade de refutar o chamamento do lar.

Assim clamava Hugh McDougall.

Sem vontade de o refutar nesta hora insensata, Mara levantou-se, ajustando os ombros contra quaisquer possíveis formas de encantamentos indesejáveis das Terras Altas. Do género que se esquia nestas noites frias e molhadas. Então, respirou fundo e preparou-se para, mais uma vez, passar a biblioteca a pente fino.

“Eu sei que estás aqui,” falou, empurrando o cabelo para trás.

Na verdade, tinha tanta certeza disso, que a sua respiração ficou presa e a sua pele arrepiou-se.

Sentia a sua presença. Cada milímetro do seu enorme corpo escocês.

Mas não ali, onde o luar derramava uma luz prateada, por entre o gradeamento das janelas altas. Também não o sentia perto da mesa desorganizada e bem iluminada, onde ela tinha trabalhado desde o almoço.

Ainda assim, ele estava lá.

Ela sabia, simplesmente, que ele pairava nas sombras, de rosto pétreo e em protesto, a sua arrogância e irritação enchendo a sala, enquanto a espiava.

Franziu a testa, ao imaginar que ouviu um riso masculino abafado.

“Mostra-te,” exigiu, esfregando os braços arrepiados, ignorando os picos na nuca.

Mas por muito que brilhasse, nada de cavalheiresco lhe respondeu. Não havia nada das terras Altas para além dos tecidos tartan pendurados na parede.

Olhos verdes intensos, cheios de orgulho e desafidores tão profundos como um mar revolto não estavam ali, seguramente.

Até o frio de gelar ossos retrocedera.

Tudo o que restava era a confusão feita por ela.

Isso e o seu estômago roncando. Fazendo uma careta, passou a mão pela barriga, contente por mais ninguém, além do velho Ben, poder testemunhar o ruído das suas entranhas.

Comera o último bolo de aveia com parmesão há horas, e tinha esquecido o jantar, que ainda aguardava num carrinho de rolamento coberto de pano, intocado e frio debaixo de uma cúpula prateada reluzente.

Não fazia ideia do que teria sido a sua refeição. E agora também não a queria. A exaustão pesava mais do que a fome, mas não se arrependia de um único momento dos seus esforços.

Cada dor valeu o esforço. O caos das prateleiras vazias e documentos espalhados. Até ter deixado passar o jantar e forçar os olhos ao ponto de parecerem lixa.

Encontrara o que procurava: verificação da existência de um certo cavaleiro medieval.

Sir Alexander Douglas existira realmente.

Um parente menor dos poderosos Douglas do sul, era o bastardo de uma mulher Macdonald de Moidart, nas ilhas ocidentais, cresceu nas sombras do remoto castelo Tioram, até que passou o fim da juventude ao serviço da família ilustre de seu pai.

O livro de Ravenscraig sobre a Escócia medieval descrevia-o como um jovem enérgico, com iniciativa e charmoso, asseverando que o clã Douglas o recebeu muito bem, apesar das suas origens mais humildes. Afinal de contas, cresceu rapidamente no seio da cavalaria para eventualmente se juntar ao seu primo mais conhecido, o bom Sir James, no seu apoio firme a Robert de Bruce.

Logo depois, o bem-amado bastardo de um povoado das Terras Altas tão selvagem que era conhecido por *Garbh chriochan*, ou a Zona Áspera, cavou para si um lugar na história, tornando-se um dos homens de confiança do rei herói.

Homem de tanto valor, revelam os livros, que o rei Robert lhe concedeu, de facto, o castelo de Ravenscraig, juntamente com a mão de Isobel MacDougall.

Uma honra concedida ao cavaleiro no longínquo ano de 1307.

Mara respirou fundo, resistindo à vontade de abrir os livros e reler as entradas. Não que fosse necessário. Ela já conhecia todas as frases.

Cada uma delas encaixava na estória do escocês sexy.

Até à parte em que Sir Alexander Douglas viaja para reclamar os terrenos dos MacDougall. O seu casamento arranjado com a bela herdeira de Ravenscraig.

Lady Isobel MacDougall.

Uma antepassada de Mara, ainda que só pelo laço ténue de um nome partilhado.

Com Lady Isobel, a estória da voz de ouro do Highlander desviava-se da verdade.

“Lamento muito,” sussurrou, as duas palavras escorregaram pelos seus lábios, antes mesmo que ela percebesse que lamentava o teor da sua descoberta.

Revelações irrefutáveis.

E condenáveis.

Sir Alexander Douglas era uma ratazana.

Uma corrente de ar frio passou por ela na entrada, mas ela mal notou. A cabeça doía, os olhos ardiam com o que só poderia ser fadiga. Um cansaço crescente que turvava a pilha de livros a lado do seu computador portátil. Pestanejou e tocou um dos volumes mais antigos, acariciando a suavidade e o relevo da sua capa de couro.

Quando passou os dedos pela lombada, o silêncio da biblioteca engrossou. Era um silêncio tranquilo e profundo, apenas quebrado pelo vento e o bater da chuva nas janelas. Olhando nessa direção, avistou

um lampear distante e ouviu o estrondo distante do trovão.

Uma estranha sensação de urgência agarrou-a, a sensação de estar a ser observada à distância. Desta vez, não se iria voltar.

Em vez disso, libertou um suspiro agitado. “Como é que eu poderia saber o que diriam os livros?” Disse, meio convencida de que ele a ouvia. “É por isso que estás tão zangado? Porque a história te difama?”

Uma condenação, aparentemente, merecida.

O verdadeiro Sir Alexander, corrigiu, fixando o olhar numa ampla faixa de luar passando obliquamente através do tapete. Um canalha de primeira água, o canalha tinha sido emboscado e morto por Colin MacDougall.

Os factos históricos trouxeram à luz um estória bem diferente.

E não era heróica.

Cronistas da época alegam que Sir Alexander roubou o mais precioso bem dos MacDougalls, um broche cravejado de rubis adquirido da própria capa de Robert Bruce.

Uma relíquia sagrada, conhecida como a pedra de sangue de Dalriada, apreendida, por acaso, numa luta em Dalrigh.

Ainda mais contundente, era o facto de todos os livros, que ela encontrou, pintarem Sir Alexander sem um único osso cavalheiresco. Absolutamente desprovido de escrúpulos, abandonara Lady Isobel no altar. Partindo em fuga com a inestimável relíquia do clã MacDougall e envergonhando a sua filha mais reverenciada.

Mara inclinou-se na cadeira, escutando o crescente martelar da chuva. O vento tempestuoso. Cruzou os dedos e estalou-os. Não admirava que o bandido desaparecesse da história, depois de tal golpe.

Como não, se tinha usado a riqueza adquirida com a venda da relíquia dos MacDougall para financiar uma vida confortável longe da costa escocesa.

O trapaceiro!

E que personagem histórica mais adequada que o escocês gostoso escolheu para pseudónimo – um guarda negro, inclinado a afastá-la de Ravenscraig.

Um artista à caça de mulheres ricas, que achava que a podia conquistar com uma argumentação tão pouco credível.

Mara estremeceu, acariciou as orelhas de Ben, quando ele estendeu os pés e se arrastou até ela. Ele soltou um ganido de velho cão satisfeito e baixou a cabeça sobre os joelhos, olhando para ela com devoção canina. Impensável, algum homem dedicar-lhe um olhar tão lunar.

Ou mulher.

Com a sua fascinante aparência e aquele tom de voz de fazer incendiar uma mulher a vinte passos de distância, ele podia muito bem ter deixado uma legião de herdeiras assassinadas desde o Fim do Mundo da Cornualha até John O’ Groats! Mesmo através das Ilhas Ocidentais e no cume de Orkney e Shetland. Ela podia imaginá-lo espalhando charme pela terra, aproveitando-se de inocentes apaixonadas.

Talvez se tenha especializado em americanas, sabendo da sua predileção por escoceses.

Uns paninhos axadrezados e uns quantos tiques e trejeitos eram suficientes. Provavelmente, tinha uma rotina muito bem ensaiada para turistas ricas. Um esquema que repetidamente usava e com sucesso.

Mara eriçou-se.

Ela não tinha a certeza de como ele pretendia continuar a enganá-la, mas o seu plano fracassaria.

Ela até podia ser uma herdeira inexperiente, mas *One Cairn Avenue* servira para alguma coisa. O melhor endereço de Filadélfia preparava uma pessoa para o melhor e para o pior. Ela sabia bem cuidar de si.

Não lhe adiantava tentar convencê-la de que era o fantasma de um cavaleiro medieval.

Pelo menos, não alegava ser Robert Bruce, ou, outro favorito de Mara, William Wallace.

Embora, ela suspeitasse que ele tinha o jeito dos dois homens com o sexo oposto.

“Não somos tão ingênuas, pois não, meu queridinho?” Inclinou-se para beijar a cabeça desalinhada de Ben. Se não estivesse tão cansada teria rido bem alto.

O farsante não poderia ter usado um método pior para a usar.

Um fantasma!

Não ficaria surpreso ao perceber que ela sabia exatamente o tipo de personagem com duas caras que ele escolheu para a sua alegada identidade?

Esse pequeno detalhe deveria pôr um ponto final no seu assédio.

Depois de perceber que ela estava na cola dele, ele desaparecerá tão rapidamente como o seu homônimo o fez há séculos atrás.

Só que este Alexander Douglas iria de mãos a abanar.

Voltou a olhar pelas janelas, viu a lua a aparecer entre o movimento rápido das nuvens. Quase cheia, lançou uma ampla faixa prateada sobre o Firth, antes de voltar a desaparecer.

Se ao menos ele desaparecesse.

Melhor: se ela deixasse aquela obsessão.

Mas era demasiado tarde, porque ele já a tinha beijado. Ainda que brevemente.

Ela continuava a sentir os lábios dele roçando os seus, a intimidade da sua respiração quente na sua face. Ela recordava demasiado bem o choque que o calor do seu beijo sensual lhe enviou ao corpo.

Um calor incrivelmente delicioso, fluído e derretido, de uma intensidade chocante.

Ela suspirou longa e desajustadamente. Claramente, o seu cansaço e o adiantado da hora estavam a tomar conta dos seus sentidos. Ele não merecia que ela, ou qualquer mulher, fizesse rapsódias com o seu beijo.

Principalmente, um beijo tão rápido, que nem deu para sentir o sabor da língua.

Raios!

O coração dela deslizou e o pulso saltou. Por que é que tinha que pensar naquilo?

Bloqueou a sua mente, antes que disparates destes voltassem a aparecer, levantou-se e pressionou a mão ao pequeno ponto de dor nas suas costas.

Já era bem tempo de procurar a sua cama.

“*A minha cama,*” enfatizou, enquanto olhava na direção da porta, o velho Ben arrastando-se atrás dela.

O silêncio e as sombras também a seguiam.

Uma presença palpável, aproximando-se dela rapidamente dava-lhe arrepios.

Bem como o som de passos de chumbo que se aproximavam da biblioteca.

Congelou, deslizando os dedos pela coleira de Ben.

Arrastando-o com ela, apressou-se pela sala, encostando-se à parede ao lado da porta, ao mesmo tempo que alguém facilitava a sua abertura.

Ela quis que o Ben não ladrasse, esperou que ela própria não emitisse um som. Mas o seu queixo caiu e suspirou, quando Prudentia deslizou pelo seu esconderijo.

Vestida com um roupão rosa fosco, a cozinheira do castelo ia de braços esticados, segurando alguma coisa que pareciam cabides de metal. Completamente absorta no seu próprio mundo, começou a movimentar-se pela biblioteca com os movimentos roliços de um marinheiro bêbado.

Mara estacou a olhar para ela com os olhos arregalando-se sobre aquele momento.

Cantarolando baixinho, Prudentia fazia círculos de cada vez mais pequenos na sala, dando uma varredela suficientemente perto de Mara para que ela percebesse que o que ela segurava nas mãos não eram cabides.

Eram varinhas mágicas.

O coração de Mara desatou aos saltos, as suas faces incendiavam.

Varinhas mágicas pertenciam à mesma categoria dos fantasmas e outras palermices que se sucediam nessa noite.

Coisas com as quais ela não queria ter nada a ver.

Mesmo assim, ficou a olhar com uma satisfação mórbida. Sentindo-se repelida e intrigada, ao mesmo tempo. Até que a mulher parou no lugar exato onde Alexander Douglas tinha estado, quando ela o viu pela primeira vez nessa tarde.

Para seu horror, as hastes de metal nas mãos da cozinheira, ficaram frenéticas, estalando ruidosamente umas contra as outras, enquanto saía e entrava na zona onde ele havia estado.

“Fala comigo!” Prudentia pediu num sussurro animado. “Vem -”

“Pare já com isso!” Mara gritou, precipitando-se para a frente.

Ben ladrou.

A cozinheira voltou-se. O seu peito enorme arfava e um brilho peculiar iluminava os seus minúsculos olhos castanhos. As varinhas mágicas pararam de estalar e apontaram diretamente para Mara.

“O que pensa que está a fazer?” Um músculo contraiu-se na mandíbula de Mara. “Isso são varinhas mágicas.”

Prudentia recompôs-se instantaneamente, assumindo uma postura quase régia. “Pois são, são sim.”

“Livre-se delas.” Mara deu um passo em frente. “Não permito essas coisas debaixo do meu teto.”

A cozinheira encarou-a com um olhar, que só poderia ser considerado superior. “Anda aí um espírito muito perturbado, e a senhora seria sensata, se mostrasse um pouco de compaixão. Estas entidades precisam da nossa compreensão.”

“Nossa?”

Prudentia anuiu. “Dos que ainda estamos na planície terrena.”

“Eu acho que você é que vai precisar de compreensão, quando eu contar isto ao Murdoch.”

Alguma da altivez da mulher desapareceu. “Estou apenas a tentar ajudar,” disse, enfiando as varinhas mágicas no bolso. “A nova presença está muito perturbada. Não me parece que goste de si.”

“Quero lá saber que me odeie. Os fantasmas não existem, Sra. MacIntyre. Nem aqui, nem em lado nenhum.”

“O-o-oh!” Prudentia pressionou os dedos nas têmporas. “Não devia ter dito isso. Ele diz que você o insultou.”

“Acho que está na altura de se recolher.” Mara pousou a mão cotovelo da mulher e puxou-a para a porta. “Se isto não se repetir, não conto nada ao Murdoch.”

A boca da Prudentia apertou-se.

“Esse velho pestilento faria melhor em estar caladinho, na presença dos espíritos,” cortou, varrendo-se porta fora.

Mara observou-a navegar pelo corredor mal iluminado, em seguida, deixou escapar um longo suspiro no instante em que ela desapareceu numa curva na extremidade do corredor.

Estranho ou não, a cozinheira sentiu alguma coisa.

E a implicação arrefeceu o sangue de Mara.

Só um tonto não reconheceria a coincidência das varinhas mágicas terem ficado loucas no lugar exato onde o escocês bonzão a abordara.

Beijara.

Estremeceu. Não acreditava em coincidências.

Mas acreditava no destino. E o dela começava a inquietá-la.

Um arrepio desceu a sua coluna por causa do rumo dos seus pensamentos, então, agitou-se um pouco e voltou-se na direcção da biblioteca.

Mas não entrou.

Amanhã ainda haveria tempo para arrumar tudo aquilo.

Apesar de acreditar no destino, também era prudente. As sombras nos cantos pareciam mais escuras. Mais próximas, também. Dedos longos e escuros ao longo estendiam-se na alcatifa, apontando para ela, exatamente como fizeram as varinhas de Prudentia

E não era só isso.

O luar brincava numa cadeira alta, perto de um dos cantos, e ela quase podia imaginar uma figura de pé no mesmo lugar. Uma forma masculina, indistinta na deslocação da luz, mas suficientemente bem definido para revelar a altura e ombros largos.

E o que poderia ter sido, incrivelmente, o brilho de uma armadura.

O coração de Mara bateu. Ela engoliu em seco e pestanejou e a ilusão se foi.

“Não resultará,” disse, fechando a porta. “Não tenho medo.”

Muito menos de um homem com formato de luar.

Mesmo assim, subiu as escadas até ao quarto, duas a duas.

Alex materializou-se ao lado da cadeira de braços, tudo menos chocado com a sua indignação. Encarou a porta da biblioteca fechada onde ela tinha estado enquadrada, cada centímetro da sua exuberância delineado pelo luar e o brilho da lâmpada de mesa.

Provocante.

Uma mulher de espírito, todas as curvas e tentações maduras, seu cabelo acobreado brilhante, caindo sobre os ombros e aqueles seios deliciosamente cheios drenando sobre ele. Os mamilos arrepiados insinuando-se, belos. Seus grandes olhos cor de âmbar abrindo-se quando ela olhou na direcção dele, vendo-a a olhar para ela do lado da cadeira.

Foi isso que o irritou.

Ela viu-o, mas recusou-se a admiti-lo.

Uma pena que não o tenha visto, quando ele tocou “Highland Laddie.” Se ela o visse, então, seria presenteada com uma visão demasiado ousada para a negar. Ele tocara a gaita com todas as regalias reais, esperando apanhá-la a espreitar atrás da cortina. Se estivesse, ele planeava enviar um vento só para que ela visse o que um verdadeiro *highlander* usa debaixo do kilt!

Mas a impiedosa cuspidora de fogo não aproveitara a oportunidade, e ainda bem.

As suas partes viris nuas tê-lo-iam traído seguramente, se ela as tivesse visto.

“A moça é uma praga.” Seguro disso, voltou-se para a mesa onde ela tinha estado a trabalhar, desenterrando todas as mentiras que foram escritas sobre ele. “Sim, a pior espécie de praga.”

Mas o perfume dela pairava na sala, as suas malfadadas notas estavam a enlouquecê-lo. Até que se lembrou do olhar fechado dela, quando ele lhe contou a verdade.

Algo que ele não fizera com outro MacDougall.

Mesmo assim, ela continuava a não acreditar nele.

“Diabo dos infernos!” Praguejou, abrindo as janelas. Olhou para a tempestade agitando o Firth, as suas águas negras brilhando como se tivessem sido polidas. Frias como a alma de uma megera.

Nada do que ele disse a convencera.

Mais uma vez, ele falhara.

Nem rasgar as suas roupas de noite com a sua melhor adaga o ajudaram na sua luta para se livrar dela.

Agora, também queria entrar nela. Não apenas uma vez, mas várias. Lenta e profundamente, com longos derrames de fluídos, depois mais aceleradamente, até que os dois estivessem esgotados de prazer e satisfação. Ele gemeu e passou uma mão furiosa pelo cabelo.

Cobiçar uma MacDougall não só o enfurecia, como lhe revolia as entranhas.

Nunca ele se julgaria tão covarde.

Em breve estaria pior que Hardwick.

“Nãaa, não chegará a tanto,” prometeu, caindo de joelhos em frente ao assento da janela. Com uma

carranca escura e uma pancada violenta derrubou as almofadas para o chão.

Depois, inclinou-se para a frente e descansou a cabeça nos braços cruzados.

Não que estivesse à espera que os deuses ouvissem as suas preces. Não agora, nesta existência maligna.

Colin MacDougall, aquele bastardo sem coração, transformou-o numa criatura.

Um fantasma.

Uma caricatura da masculinidade, em pele e osso, cujas súplicas de orientação seriam provavelmente ignoradas pela própria Criatura Negra, muito menos os antigos que não eram suscetíveis de lhe conferir a sua magia. Em todos os séculos as suas preces foram ignoradas.

Mesmo assim, ele balbuciava-as.

Pouco depois, ergueu-se. Mesmo que não fosse do seu agrado, tinha trabalho para fazer.

Mara MacDougall não lhe deixava alternativa.

Era altura de lhe dar provas irrefutáveis.

Bem acima da biblioteca, numa das torres mais antigas da Ravenscraig, Mara encostou-se à porta fechada e trancada do Quarto dos Cardos e soltou um grande suspiro. Um luar prateado espalhava-se pelo chão e névoas finas deslizavam pelas janelas. Nada se movia ou olhava para ela das sombras, mas uma pessoa ingénua poderia facilmente imaginar o espírito do passado deambulando por todo o lugar.

Um ambiente assustador, que ela simplesmente ignorou.

“Fantasmas e varinhas mágicas zangados”, ela ofegava, o coração tropeçando loucamente.

Em breve, deixaria de ouvir, pela manhã, versões de "Highland Laddie", interpretada por escoceses fogosos, e passaria a ouvir o tema da *Quinta Dimensão*.

Quase já o escutava agora, então, pressionou o peito com uma mão, lutando para colher ar. E o juízo.

A calma pouco usual nela.

Mas acabara de resvalar num labirinto de corredores e galgado escadas íngremes três a três, sendo uma delas, uma sequência escura, sem corrimão e tão estreita, que deve ter sido construída para pessoas muito pequenas.

Era uma escada demasiado medieval para o gosto dela.

Dito de outra forma: para o seu gosto atual.

Até bem pouco tempo, ela desmaiaria por algo que lhe lembrasse, ainda que vagamente, o seu período favorito. Mas agora, desde que uma certa pessoa chegou à sua vida, preferia coisas de uma era mais moderna.

Coisas seguras.

Coisas normais.

Tal como gente que não alega ser fantasma ou gente que os quer encontrar.

Varreu um caracol da testa e tentou não ouvir os ruídos e estalidos do castelo, à sua volta. Ruídos noturnos, provavelmente, provocados por canalizações antigas, o vento, ou o movimento de ratos sonâmbulos.

Ou, talvez, por *ele*.

Alexander dos dedos errantes e beijos fugazes. Ele tinha provado o quão rápido podia se mover. Em mais de um sentido, recordou, todos os sentidos alerta. Ele já tinha violado o Quarto dos Cardos, uma vez.

Isso foi antes de ela conhecer a porta para as ameias.

Agora já sabia.

Também sabia que quase todos os castelos escoceses tinham passagens secretas. E muitas delas levavam a quartos de dormir. O escocês *gostosão* podia já saber dessas passagens e estar já escondido no quarto.

Mas um olhar atento ao quarto cheio de antiguidades provava o contrário.

Mesmo assim, ela verificou a fechadura da porta e as traves de todas as janelas, e até empurrou uma cadeira de estofos pesada, contra a porta que dava para as muralhas.

Sentindo-se, por fim, a salvo, deixou-se cair na cama com um suspiro profundo. Alguém tinha acendido a lareira e o cheiro doce fumado da turfa embalava-a num ambiente aconchegante.

O Quarto dos Cardos sabia bem.

O calor torrado, o cheiro da Escócia, e as boas-vindas.

Sorrindo, pela primeira vez em horas, afastou os sapatos, deixando-os espalhados no lugar em que caíram. Numa questão de segundos, as calças e a camisola de gola seguiram-se-lhes. Mexeu os dedos dos pés, libertando um suspiro de satisfação. Adorava dormir sem nada, só a pele e os sonhos.

Estar nua era o seu pecado.

Bem, por agora, apenas seminua.

Ainda tinha o sutiã preto e calcinhas condizentes. Ficaria assim um pouco mais, não se desnudaria completamente, antes de ter a certeza absoluta que não seria perturbada.

Não que alguém pudesse entrar, mas podiam bater à porta. Pelo rumo que as coisas levavam, a pequena boneca Innes poderia passar para lhe oferecer conselhos sobre a noite de núpcias com o Lord Basil.

Isto, se a velha senhora não desmaiasse do choque de ver Mara nos seus minúsculos pedaços de roupa interior.

O escocês sexy teria, com certeza, uma reação bem diferente.

Uma reação que lhe poria o coração aos saltos, e deslizaria para dentro dela. Quente, duro e fundo. Movimentos lentos e sinuosos para dentro e para fora, numa pilhagem veloz e furiosa até que ela o agarrasse frenética, gritando o seu desejo e se perdesse na glória do seu prazer conjunto.

O tipo de sexo desinibido e selvagem, que só acontecia nas páginas mais quentes das novelas românticas.

E não iria acontecer com um homem que se julga um fantasma.

Por muito que o seu tom de voz profundamente suave das *Highlands*, a excitasse.

Ela bufou de agitação, e agarrou a barriga. Talvez ela devesse ceder e comprar um vibrador. Ficar toda quente e excitada com o sotaque sexy da voz de um homem louco era descer tão baixo como uma garotinha.

O seu humor começou a escurecer, contorceu-se por cima das cobertas e premiu um botão da aparelhagem de música, que estava na mesa-de-cabeceira. De uma só vez, o tema do *Fantasma da ópera* encheu o quarto.

“Não me parece.” Mudou de botões, até encontrar a *Patética* de Tschaikovsky. Satisfeita, rolou sobre as costas e esticou-se.

Assim está melhor.

Apesar de adorar o *Fantasma*, e de fazer questão de ver o musical, sempre que ia a Londres, a sua banda sonora era tudo o que ela menos precisava, no momento.

Tinha tido a sua dose de fantasmas recentemente. A *Patética* servia melhor a sua disposição.

Muito melhor.

Fechando os olhos, deixou que a música mergulhasse nela. Tschaikovsky tinha a capacidade de a transportar. Ia direta a um mundo romântico, preenchido com os seus sonhos mais secretos.

Um lugar repleto de cavaleiros corajosos, de olhos negros, cujos sorrisos derretem instantaneamente os joelhos e onde vive as suas paixões mais arrebatadoras. Heróis corajosos e ousados, que não temem nada e amam com tal ferocidade, que desafiam o próprio diabo pela mulher do seu coração.

Homens, que dariam o seu último suspiro em nome da honra.

Ou da sua dama.

Mara suspirou. Ela podia desmaiar com um homem assim. Por agora, apenas ouvia Tschaikovsky e sonhava.

Fantasiar com o cavaleiro brilhante, que ela sempre desejou que viesse a galope descendo a Cairn Avenue para a resgatar e arrebatá-la. Nunca aconteceria, mas ela ficaria com o sonho. A música, bela e arrebatadora, ajudava-a a conjecturar sobre a sua figura.

Só que, por algum motivo, os seus olhos castanhos ficaram misteriosamente verdes.

Verde-mar.

E estavam a observá-la.

Ela sentou-se, os seus olhos voavam para todo o lado.

Ele estava ao pé da sua cama.

E com todas as privilégios reais.

O sangue de Mara gelou. “Oh-meu-deus!”

Ele encostou-se às pernas da cama e cruzou os braços. “Minha senhora, eu duvido que exista um.”

Com o coração galopando, Mara deu uma espiadela à porta.

Estava seguramente trancada.

E a grande cadeira de estofos, ainda estava encostada à porta da muralha.

Engoliu em seco. “Não pode estar aqui,” murmurou, segurando um travesseiro contra o peito. “Eu estou a sonhar. Se fechar os olhos e voltar a abri-los, você desaparecerá.”

“Sabes que isso não é verdade, Mara.”

“Então, o que está aqui a fazer?”

“Deverias saber,” disse ele, com um tom de reprovação na voz. “Vim experimentar a minha espada.”

Ela pestanejou. “A espada?”

“O que te contei hoje é a mais pura verdade, no entanto, duvidas de mim.” Por baixo do visor do seu elmo, os seus olhos estreitavam-se perigosamente. “Eu não minto.”

“Não lhe chamo mentiroso.” Os dedos dela enterravam-se na almofada. “O que alega é impossível.”

Ele sacou da espada e deixou que o brilho do aço lhe respondesse.

Mara engoliu em seco e aproximou-se da cabeceira da cama. “Olha, eu não sei qual é o teu jogo, mas essa coisa parece-me demasiado real para me pôr com discussões.”

“Não te enganes,” disse ele, os olhos cintilando como duas esmeraldas. “A espada é real e eu não faço jogos. Devo provar como está afiada?”

Ele avançou para ela em passos lentos e Mara arregalou os olhos. A espada brilhava, como se estivesse iluminada por dentro, e mesmo os olhos remelosos de Murdoch conseguiriam provar os seus afiados gumes.

Não era, definitivamente, uma reprodução para palco.

Então, quando ele investiu contra ela, ela sabia que ia morrer.

Em vez disso, sentiu apenas, uma corrente de ar veloz, na orelha. Antes que ela fechasse os olhos, ele embainhou a espada e voltou para o pé da cama.

Uma mecha do cabelo dela pendia nas suas mãos enluvadas.

Ele abriu um sorriso diabólico. “Prova suficiente, moça?”

Mara estacava para ele, o sorriso custava-lhe mais do que o “moça”

Levantou o queixo. “Isso apenas prova que alugaste um fato verdadeiro. E que tens uns pés rápidos.”

O sorriso dele desapareceu. “Tu ofendes-me além do suportável. Desaparece da minha cama, moça, e já, ou eu corto mais do que uma mecha de cabelo.”

Mara corou, sem perder o olhar dele. Demasiado tarde, ela apertara tanto a almofada, que ela deslizara abaixo dos seios.

Pior que isso, um dos seus mamilos soltara-se do sutiã.

Ela irritou-se, cobrindo-se. “Então, além de malcriado és um devasso.”

O seu rosto escureceu. “Uma prostituta infiel e barata excitar-me-ia mais do que uma fêmea de sangue MacDougall. Mas toma nota disto: Se eu te desejasse,” inclinou-se, mostrando-lhe a madeixa de cabelo, “Possuir-te-ia mais rapidamente do que a minha espada reclamaria o seu troféu.”

“Oh!” O calor enchia as faces de Mara. “Sai daqui! Imediatamente.”

“Como queira.” Fez uma vénia reverencial e encaminhou-se para junto da lareira.

“Hey, homem de lata,” chamou ela, “a porta é do outro lado.”

Ele continuou a andar.

Mas depois de alguns passos, parou e voltou-se para ela. “Eu não preciso da porta.”

Voltou a fazer uma vénia, mais curta desta vez.

Depois, atravessou a parede.

Capítulo Sete

Na manhã seguinte bem cedo, Mara seguia através de um bosque cheio de teixos antigos. Placas de sinalização em intervalos regulares asseguravam-lhe que ela ia na direção dos estábulos de Ravenscraig, mas as suas dúvidas aumentavam a cada curva do caminho sinuoso.

Pouco mais do que um caminho de cabras cortava através de árvores largas, cada nova curva dava-lhe breves vislumbres do Firth e dos contornos das Hébridas Interiores, ilhas infinitas esticavam-se como pérolas azuis nubladas ao longo do horizonte.

O seu pulso acelerou, a beleza do seu novo lar dava-lhe um aperto no coração.

O ar segurava uma pitada de chuva e os arbustos brilhavam com o orvalho. Mara respirou fundo, mal conseguia acreditar que estava aqui, vivendo e respirando num lugar tão especial, tão distante do mundo que tinha sido a sua realidade.

Ela vinha de um lugar de ruas movimentadas, edifícios de cimento, vidro e aço, onde os fumos do trânsito e os cheiros dos mercados turvavam o ar da cidade. Os seus ouvidos estavam preparados para o rodízio de autocarros, o zumbido do tráfego, as buzinas, e a agitação dos peões que se precipitam num fluxo interminável de movimento.

As cidades americanas nunca paravam.

Os bosques aqui eram para lá de sossego, a paz quase furava a alma.

Nada rodeava Ravenscraig para além do um fabuloso cenário das Terras Altas, aldeias acolhedoras, e Oban, uma cidade suficientemente grande para os padrões escoceses, mas pequena e exótica para ela. A Escócia era um bom lugar.

E ela estava a cair nos seus encantos.

Melhor ainda, a expansão azul do Firth que ela continuava a vislumbrar através das árvores parecia suave como vidro. Nenhum dos espectros movimentando-se na superfície poderia apresentar uma forma humana. Essa teria sido a única nódoa na sua manhã. Não se surpreenderia de o ver a tentar assustá-la de novo, esvoaçando em cima das águas.

Graças a Deus, não estava.

Agradecida por pequenos milagres, abanou a cabeça, aborrecida por permitir que esse pensamento lhe ocupasse a mente. Claro que o nevoeiro tinha algum mistério, poderia mesmo oferecer especulações sobre seres do outro mundo. Mas este nevoeiro diurno não era desse género assustador.

Estava uma bela manhã escocesa.

Algures perto dali, apanhou o cheiro de uma fogueira progredindo rapidamente. Ela conseguia cheirar a sua água doce fria, sentia que o percurso da queimada era paralelo ao caminho.

Como sentia a sensação desconfortável de estar a ser observada.

Ela franziu o sobrolho, incapaz de o negar.

Apenas se enganou na direcção. O escocês sexy não estava sobre o Firth de Lorne, esvoaçando na névoa do mar. Estava muito mais perto. Zangado, perigoso e insanamente masculina, a sua presença espalhava-se por todo o bosque.

Insultando e provocando até o seu pulso correr de forma selvagem e arrepios se levantarem em cada centímetro do seu corpo.

Lançou um suspiro e afastou o cabelo. “Disparates e Parvoíces,” murmurou, repetindo a abordagem de Murdoch do profano, como se essas três palavras fossem um mantra.

“Cobras e Lagartos,” acrescentou como medida de prevenção, pedindo esta emprestada a uma mulher azeda que vivia na esquina de Cairn Avenue.

Com menos de 1,5m a minúscula criatura com a sua língua afiada e olhar feroz enviava gracejos a tudo que estava abaixo dos céus.

Mas com ou sem farpas certeiras, o seu fantasma escocês não parecia impressionado.

Muito menos intimidado.

Longe disso, a sua essência ponderosa continuava a girar à sua volta. Tentadora e orgulhosa, a consciência dele sobre ela provocava-lhe arrepios em cada extremo dos seus nervos, penetrando os seus escudos e barreiras. Forçando-a a acreditar.

Pergunta: quando é que ele se tornou no *seu highlander* fantasmagórico?

Nem queria saber, lançou um olhar pelas árvores, esperando o pior. A julgar pelas suas travessuras passadas, ele poderia muito bem, estar encostado a uma árvore, de braços cruzados, observando-a.

Invisivelmente, claro.

Desde a noite passada, ela sabia que ele podia estar em qualquer lado.

Fazer qualquer coisa. Até seduzi-la.

Ver através das suas roupas.

“Que bonito! Estou a perder o juízo.” Olhou à volta, enquanto contornava um fragmento de musgo de aparência esponjosa. “Estou a ser seguida por um fantasma.”

Um fantasma muito sexy.

Apertou o lábio inferior entre os dentes e acelerou o passo. Enquanto ela o pressentisse apenas, e não o ouvisse atrás de si, perseguindo-a, ou espiasse um certo brilho de aço arqueando entre o nevoeiro, estaria a salvo.

Assim esperava.

Determinada a provar isso, respirou fundo o ar puro e frio. O ar fresco e espesso das Terras Altas da Escócia, com o cheiro amadeirado de terra molhada e fetos. Cheiro pungente e rico que a teria deliciado, se esta fosse uma manhã normal.

Mas não era.

Infiltrar-se num bosque de teixos, que começava a parecer mais misterioso a cada passo, não ajudava.

Principalmente, sabendo que as árvores estão ali há mil anos.

Estremeceu com este pensamento. Grandes como eram, os teixos de Ravenscraig, seguramente estavam ali no tempo do homem de lata, talvez até tenham testemunhado a sua perfídia. Estavam ali, de pé, enquanto ele trovejava por este mesmo caminho, na calada da noite, a famosa pedra de sangue de Dalriada, seguramente enfiada numa algibeira do cinto.

Homem de lata, mesmo.

Aparentemente!

Ela estremeceu, tirou o casaco apertado contra um vento cortante como facas.

Com o vento, o bosque parecia rastejar sobre ela, ficando mais escuro e mais impenetrável. Mesmo o Firth sumiu de vista, a sua ausência repentina deixou-a cercada por ramos de baixa propagação dos teixos e seu próprio mal-estar.

Igualmente desconcertante, era o facto de algumas das árvores maiores parecerem ocas, o seu interior vazio, coroadado de negritude. Sombras negras exigindo um olhar mais próximo.

“Não, obrigada,” declinou, despachando-se.

Thomas o Rhymer veio à mente. O grande místico do século XIII supostamente dormia numa teixa oca, aguardando o seu renascimento num bosque nalgum lugar perto de Inverness.

E se tal esconderijo era bom o suficiente para ele, uma espada em balanço de um fantasma com ódio de estimação aos MacDougal, certamente não hesitaria em usar uma árvore oca para seus próprios propósitos obscuros.

E não estaria a dormir.

Não, estaria espiá-la.

A engendrar o seu próximo passo, ou mesmo rindo-se dela.

Certa de que não apreciaria o seu humor, Mara olhou em volta, perscrutando as velhas árvores retorcidas, e desejando que a sua imaginação não fosse tão vívida.

Onde estavam os estábulos?

Meio a correr, meio tropeçando, ela tropeçou numa raiz, seus braços batendo. Quando se endireitou, murmurou, “Isto tem mão do diabo,” tomando emprestado outro dos sofismos da velhinha de Cairn Avenue.

Se ao menos, ela tivesse um dedal desse vinagre. Em vez disso, pressionou a mão na anca, respirando fortemente. Ventos frios chicoteavam em torno dela, rajadas geladas que lhe despentearam o cabelo e rasgaram as suas roupas. Quase como mãos invisíveis tentando despi-la, até que ela ficasse nua e tremendo no caminho turfoso.

A ideia endureceu-a e ela endireitou as costas. “Não me assustas”, garantiu, levantando o queixo, quando o vento diminuiu. “E nunca vais ver-me nua!”

Ahhh, mas eu já vi, um forte sotaque escocês ecoou atrás dela. E suficientemente perto para perceber que esses flamejantes cabelos de MacDougall não são matizados.

Os olhos de Mara arregalaram-se. “Seu estupor!” Gritou, girando à volta de si própria.

Mas ninguém a cumprimentou, exceto o bosque vazio e um traço persistente da sua voz, como seda profunda e perturbadora.

Ele tinha-a visto nua.

E de uma forma muito mais íntima do que um olhar rápido ao seu mamilo exposto. Ele tinha-a visto, de alguma forma, entre suas pernas e, que deus lhe valha, sabendo que ele lhe tinha enviado um espiral de calor.

Um calor excitante, descaradamente delicioso.

Por um momento muito louco, ela imaginou o seu corpo másculo contra o dela. Pele na pele. A sua respiração suave e quente na sua carne. Os beijos do Highlander como uma ignição dos sentidos, as mãos dele explorando as suas curvas, despertando-a de maneiras que ela nunca sonhou que uma mulher podia ser despertada.

Não era um facto para todas as mulheres americanas que os escoceses eram os melhores amantes do planeta?

Não, todas as mulheres à face da terra sabiam isso, e ela supunha que fosse verdade.

Seguramente, nunca desejou um homem tão intensamente – ou se sentiu tão louca por querer um.

Sir Alexander Douglas não era real.

Ele representava tudo em que ela não acreditava. E odiava MacDougalls.

Tanto fazia que, tecnicamente, ela fosse uma *McDougall*.

De qualquer forma, ficar toda quente e excitada só porque ele era alto e lindo de morrer, e tinha uma voz de enfraquecer os joelhos, não era saudável.

Querer beijá-lo até ficar louca, afogar-se no gosto dele, ia contra toda a razão.

Francoamente perigoso.

Um facto que ela não conseguia ignorar desde a noite anterior.

Passara horas voltando-se e girando, petrificada com a possibilidade do seu reaparecimento. O seu coração batia tão rapidamente, que ela ouvia o seu martelar como um bombo nas suas orelhas.

Os seus joelhos ainda tremiam. E não era por ele ser tão incrivelmente sexy que ela até se esquecia de respirar, quando ele a cercava, espetando-a com aqueles olhos verde-mar tempestuosos, derretendo tudo à volta, como se só ele existisse.

Quer dizer, como se ele existisse realmente.

Sabendo que ele não existia, soprou uma mecha de cabelo do rosto. Como tinha conseguido vestir-se esta manhã e descer tantas escadas sem cair a todo o pano, estava para lá da sua compreensão.

Ele chocara-a assim tanto.

E continuava a enervá-la. À espreita em algum lugar, perfurando-a com o olhar, seu dedo do pé bateu numa pedra que bloqueava o caminho.

“Aiiiii!” agarrou o pé, olhando para a rocha – um pedaço de líquen manchado de granito que parecia devolver-lhe um olhar furioso.

Também não estava em nenhum lado do caminho que ela estava a fazer.

Pestanejou e olhou à volta. A rocha agressora levantava-se de um pedaço de grama, na berma de uma encosta de fetos e um amplo campo de pastagem.

O caminho ao longo do bosque de teixos não era visível de lado nenhum, as árvores estavam, agora, nas suas costas. De alguma forma, ela libertara-se das suas garras. Não havia nada de sinistro a rodeá-la, agora, apenas um emaranhado de zimbro, tojo e giestas.

E os olhos que a fitavam não eram os de Sir Alexander, mas os de um cavalo.

Um cavalo magnífico, mascando erva a apenas uns passos dela. Todas as linhas elegantes e musculadas com um manto negro a cobri-las, olhava para ela com interesse, sem pestanejar.

Outros cavalos, igualmente impressionantes, a observavam à distância. Mas foi ao avistar o estábulo, ali próximo, que todo o seu medo sentido no bosque desapareceu.

Ela olhava, de queixo caído.

Varrida de admiração, tomou o caminho através da grama, com a excitação a aumentar, à medida que se aproximava do antigo edifício e o seu conjunto de estábulos.

Pé direito baixo, construção de pedra, e com um telhado de ardósia cinza, os estábulos de Ravenscraig mostravam o peso dos anos. Séculos de vento, chuva, e longos invernos frios tomaram posse, suavizando as bordas e escurecendo a pedra, mas era esse o seu encanto.

Tudo menos datas rabiscadas e memórias minúsculas, os estábulos viviam e respiravam história. Cada pedra tosca cantarolando com a idade, mas também com atividade suficiente para manter o pensamento *dele* afastado.

Desejando poder esquecê-lo completamente, aproximou-se do estábulo, sem que a sua chegada perturbasse as galinhas chocas esgaravatando e dando bicadas no chão, perto de uma cerca, nem o punhado de ovelhas desgrenhadas e peludas, e vacas de casacos vermelhos das Terras Altas, que vagueavam perto dos estábulos.

Tudo, menos as pedras murmurantes, parecia normal.

A nuca de Mara arrepiou-se. Possibilidades selvagens giravam dentro dela. Por muito romântico que fosse imaginar pedras a vibrarem com a idade, ouvi-las, de facto, era completamente diferente.

Mas ela reconheceu a origem do som: sons de vozes repetidas e murmúrios de vozes masculinas.

Vozes escocesas, e vindas das traseiras dos estábulos.

Um mistério rapidamente desvendado, quando o Scottie e a Dottie apareceram sabe-se lá de onde, com as suas patas curtas e corpos brancos e castanhos, manchados de caca enegrecida.

“Quantas vezes tenho que lhes dizer que não brinquem no esterco?” Malcolm, o ruivo, derrapou atrás deles, parando, com o rosto ainda mais brilhante.

“Miss Mara!” Olhava para ela de olhos muito abertos, peito a arfante, e uma pá de estrume nas mãos.

Scottie e Dottie continuaram a correr, farejando os seus calcanhares até que o jovem Highlander soltou um assobio agudo. “Estes dois estão num lindo estado.” Abanava a cabeça, enquanto os pequenos cachorros fugiam em direcção ao galinheiro. “O que a traz por aqui tão cedo? O Murdoch não me avisou da sua vinda.”

“Ele não sabia.” Mara estremeceu, quando um ventinho solto lhe desgrenhou o cabelo. “Ninguém sabe.”

Achas que não? Um tom de voz mais intenso do que o de Malcom rosou na sua orelha.

Mara engasgou-se, mas Malcom não parece ter ouvido nada. “Sim, bem, se soubesse.” Enviou um

olhar a outro jovem que acabava de sair de trás dos estábulos. “Já teríamos tirado o carregamento de estrume.

“Carregamento de estrume?” Mara olhou de um jovem para o outro, sem deixar escapar as manchas pretas nas suas botas apertadas. “Quer dizer limpar os estábulos?”

“Sim, mas mais que isso,” explicou Malcolm. “Iain e eu estávamos a carregar estrume para o Sindicato Nacional de Agricultores.” Ele fez uma pequena pausa. O seu rosto sardento flamejava. “E para si. Cada pá ajudará a angariar fundos para *One Cairn Village*.”

Mara pestanejou. “Há quem pague por estrume?”

Malcolm sorriu. O sindicato não, mas as pessoas a quem eles enviam os lotes, sim” explicou, afastando uma madeixa de cabelo ruivo da testa. “Há quem acredite que o estrume pode ser transformado em eletricidade. O gás metano é um produto que tem origem no estrume. O povo que sabe disso diz que, com as misturas de calor adequadas, o esterco proporcionará uma nova e inesgotável fonte de energia.”

“As pessoas que estão a investigar pagam bem por cada carro de estrume que entregamos.” Iain juntou-se a eles. Enviou a Mara um sorriso seguro. “Se dali sair alguma coisa, o Murdoch diz que já temos fundos suficientes para os alicerces do seu projeto.”

O coração de Mara apertou-se. “Nunca ouvi falar de tal coisa, mas parece promissor. A sério, nem sei o que dizer.”

O que ela sabia, não estava a pontos de revelar – que se um esquema tão irrealista existia e era real, talvez as alegações de um certo fantasma escocês medieval, que já provara os seus poderes de cavaleiro, também não fossem tão rebuscados.

A possibilidade provocou-lhe dor de cabeça, por isso, plasmou no rosto o seu melhor sorriso e ignorou as dificuldades. “Malcolm, perguntaste por que estou aqui.” Endireitou-se, reunindo toda a sua coragem. “Queria andar a cavalo.” *Quero sair por aí, a apanhar vento frio no rosto, de cabelo a esvoaçar e, oxalá, limpar a cabeça.*

Precisava tanto disso.

Então, preparou-se para ser firme, pressentindo as objecções de Malcom. “Queria uma boa montaria. Pretendo cavalgar por umas boas horas.”

“Oh, não, menina, não pode fazer isso.” Malcom parecia chocado. “O Murdoch pendurava-nos pelos dedos dos pés.”

Iain pigarreou. “Veja bem, nós podemos dar-lhe um passeio adequado”, disse ele. “Os cavalos de Ravenscraig são muito espirituosos. Mesmo as éguas são muito tensas. Estes estábulos há séculos que são o orgulho dos MacDougalls. Nós temos os melhores anglo-normandos que poderá encontrar.

“Anglo-Normandos?” A barriga de Mara apertou-se. “Isso parece um pouco arcaico.”

Malcolm tentou sorrir. “Oh, ele quer dizer que as suas origens estão na raça do cavalo Normando, que foi premiado como cavalo de Guerra medieval,” explicou. Eram raros por estas bandas, mas diz-se que um dos seus antepassados, Colin MacDougall, trouxe o primeiro para cá, no início do século XIV. A lenda diz que ele arrancou o cavalo a outro cavaleiro, durante uma batalha.”

Mara engoliu em seco, um mal-estar girava na sua barriga como um nó frio e duro. “O Murdoch disse algo sobre uma colónia de focas,” atirou, mudando de assunto. “Gostava de vê-la.”

As sobrancelhas de Malcolm ergueram-se mais. “Isso ainda é pior. Não pode ir lá,” disse com a voz a engrossar. “É muito longe e os penhascos são perigosos. Para além disso, e se o sandeu ainda estiver por aí?”

“Sandeu?” Mara decidiu que aqui e ali devia comprar um dicionário escocês. “O que diabo é isso?”

“Um louco,” Iain traduziu. “Um daqueles que não gostaria de encontrar num lugar tão remoto como a colónia de focas. Peço perdão, miss, mas toda a Oban sabe que houve um lunático a incomodá-la a noite passada, e que ele fugiu.”

Mara lançou um olhar a Malcolm, mas ele apenas encolheu os ombros.

“A palavra passa rapidamente.” Abanou a cabeça, como se ela fizesse luz. “Mas não se preocupe. Quem quer que fosse, não está em lado nenhum, agora. Procuramos a noite toda e não encontramos nenhum sinal dele.”

Mara sorriu. Agora, tinha-os na mão. “Então, não há nenhuma razão para eu não montar a cavalo, ou há?”

Iain olhou para baixo e arrastou os pés salpicados de estrume.

Malcolm franziu a testa. “Tem a certeza que não quer reconsiderar?”

“Tenho.” Ela tinha que se afastar, limpar a cabeça. “Apetece-me dar uma grande volta sozinha.” E era verdade. “Não precisam de se preocupar com a falta de experiência. Já montei antes.”

Só esperou que eles não suspeitassem, que foi num pónei alugado, para cima e para baixo na Cairn Avenue, quando fez cinco anos.

“Por amor de deus, Alex, quanto tempo mais vais deixar a moça a sofrer?” Hardwin de Studley estava na berma do penhasco, com o seu enorme manto ao vento. “Há uma eternidade que me enches as orelhas com disparates sobre a honra, no entanto não fazes nada para ajudar uma donzela em apuros.”

“Deixa-me estar, aviso-te.” Alex manteve o olhar na crista da onda azul do Firth “As tuas punhaladas estão a passar das marcas.”

Hardwick suspirou. “Qualquer parvo consegue ver que ela não domina o cavalo.”

Alex olhou para a superfície das águas, e para o seu amigo. “Vês uma mulher em apuros em cada rabo de saia. Sabemos muito bem o tipo de ajuda que lhes queres oferecer,” tentando ignorar a saliente aflição do seu amigo.

Um impedimento que a mulher perseguida pelo homem de manto esvoaçante começava a não conseguir esconder.

Alex fez uma carranca, dando sinais da sua irritação.

“Aquele diabo de cabelo em chamas é tudo menos indefesa. Nunca encontrei uma moça mais ousada,” declarou, cruzando os braços. “A culpa é dela. Foi ela que mandou aqueles dois garotos chorões selarem o cavalo.”

“Ah!ah! Eu devia ter percebido.” Os olhos negros de Hardwick lampejaram. “Estás com ciúmes!”

“Uns rafeiros, os dois,” Alex negou.

“Ok, era só para me certificar.” Hardwick enfiou os dedos no cinto da espada, claramente divertido. “O grandalhão de cabelo ruivo é quase tão alto como tu, e o outro não é propriamente um lingrinhas.”

“As mulheres perderam o juízo.”

“Pelo contrário, aguçaram-no. Hardwick inclinou a cabeça e sondou Alex com o olhar. “Aqueles dois rafeiros, como lhes chamas, são a razão para teres deixado a moça sentada por quase uma hora, enquanto a égua enche a barriga de trevos.”

“Já não me conheces, se pensas que me importo com dois rapazes dos estábulos, mal saídos dos coiros, a cobiçarem uma MacDougall.” Alex respirou fundo, esperava que o calor no rosto não significasse que tinha corado. “Não me importa nem um pouco pela quantidade de rapazes por que se deixa bajular. Muito menos me interessa quanto tempo leva para aprender a arte de equitação.”

E não voltaria a olhar para o percurso dela.

Pelos santos, ela podia ser uma prostituta sarracena, pela forma como se sentou no cavalo, com as suas pernas bem torneadas abertas num convite abrasador e os seios a saltarem, de cada vez que o seu cavalo tonto se dignava a mover.

Ignorando-a, Alex estreitou os olhos na sua montaria. “Estou muito mais interessado na égua,” disse, estudando as linhas do animal. Não vês uma semelhança com o Pagan?”

“E se vir?” Hardwick encolheu os ombros. “A vingança que procuras já passou há muito, é melhor esquecer-la. Que é que importa se os MacDougalls foram bem-sucedidos com a semente do pagan?”

Fez uma pausa para ajustar o manto.

“É apenas a minha semente que me interessa, quando tenho por perto uma tentação destas.”

“És pior que um veado com cio.” Alex abanou a cabeça.

Hardwick sorriu com ironia. “Mas digo a verdade, meu amigo.”

Alex bufou.

O seu amigo fez uma vénia zombeteira. “Olha para a moça e diz que ela não mexe contigo. Ou a depressão murchou-te a virilidade?”

“Eu devia repreender-te por isso.” Alex deu-lhe um olhar fulminante. “Dá-te por feliz por eu ser um homem delicado.

“Que loucura – nenhum de nós vencerá.” Hardwick riu. “Só seríamos bem-sucedidos se nos mutilássemos. Pensa na perda que seria para o sexo oposto, se eu perdesse uma certa parte da minha anatomia.”

Agarrando o braço de Alex, ele deu-lhe uma piscadela malandra. “Querias esse peso na consciência? Pois a verdade é que, se não estivesses tão obcecado pelo dever, também darias bom uso ao teu instrumento”, provocou. “A tua fruta está pronta para a colheita.”

Alex sacudiu-se. “Ela está preparada para mais do que isso,” virou-se cauteloso de que o seu tom de voz não revelasse o seu verdadeiro significado.

Em vez disso, voltou-se para ver o mar, todos os caminhos que levam à exuberância dela lhe atravessavam a cabeça. Esses pensamentos puseram-no riço. E de uma forma pior que Hardwick alguma vez poderia supor experimentar, excitação permanente ou não.

O seu amigo desejava todas as mulheres.

Alex ardia por, apenas, uma.

Era uma verdade que não queria admitir. Nem ao Hardwick, nem a ele próprio e, muito menos, a ela.

Principalmente, depois de visitar, no início dessa manhã, o local planeado para o seu *One Cairn Village* e de ver os progressos da obra. As árvores a serem aparadas, alicerces a serem feitos e o incessante acumular de pedras para o memorial.

Uma coisa abominável, que, ele ficou a saber, levaria uma placa de bronze glorificando os seus inimigos. Colin MacDougall e a sua amante intriguista, a mal-afamada Lady Isobel de má-memória.

Verificando-se com um esforço, ele cerrou os punhos e deu um passo mais perto da borda do penhasco. “Malditos MacDougalls”, ele fervia, olhando para as ondas rasgando nas rochas, até que os olhos lhe doessem e a sua necessidade diminuísse.

"Bruxa pestilenta!"

Um monumento para os seus demónios.

Havia tanto que um homem podia engolir.

Ele viera para aquele local, a mando do seu rei, esperando uma noiva agradável, se não desejável, um pedaço de terra a que chamasse sua, um hall, algumas cabeças de gado, filhos para perpetuarem o seu nome, e paz. Tais eram os desejos dos homens no seu tempo; pelo menos daqueles que de classe, que serviram a coroa e ganharam esse privilégio.

Ele não desejava mais do que qualquer outro.

Talvez desejasse encontrar a medida da felicidade.

Em vez de...

Cavalgara sobre um ninho de vermes.

Os seus nervos queimavam, ajustou a mandíbula tão furiosamente que duvida que não tenha partido os dentes. O fel subiu à sua garganta tão quente e grosso, que ele quase se engasgou.

“Será que sabes que ela está a imortalizar dois dos piores chacais de toda a história de seu clã ignorante?”, Grunhiu, mantendo seu olhar sobre as rochas. “Eu vi o projeto para a placa comemorativa, ouvi os operários a dizerem os nomes com admiração e reverência.”

Respirou com dificuldade, pontapeou uma pedra sobre a borda do penhasco. “Tolos ignorantes.”

“Sim, certo,” Hardwick cantarolou, como se não tivesse ouvido uma única palavra. “Vôltas-me as costas para esconderes o desejo pela moça. Fazes carrancas para o mar e finges que não encontraste o teu par. Diz-me que não estás em chamas para a possuir.”

Alex apertou os lábios. Não havia nada a dizer.

O amigo conhecia-o demasiado bem.

“O teu silêncio grita,” disse o patife, provando-lhe isso mesmo. “Agora, deixo-te. O nosso velho companheiro de armas, Bran de Barra convidou-me para um festejo. Serás poupado à minha presença, pelo menos por uns tempos.”

“Que os antigos sejam louvados,” Alex respirou, sem olhar para ele. “Estou cansado da tua língua de trapo.”

Hardwick rodeou-o pela frente, bloqueando-lhe a visão. “Podes vir comigo”, sugeriu ele, pegando no braço de Alex. “A mesa de Bran está bem recheada, a cerveja é a melhor nestas ilhas, e o vinho flui livremente. Já pra não falar das mulheres...”

“O salão de Bran de Barra é terreno fértil para a fúria.” Alex disparou: “Preferia ser castrado a aceitar uma das prostitutas, a que ele chama convidadas.”

“Castrado?” Hardwick riu. “Com que propósito? Há séculos que não afundas a tua espada. A não ser que me tenhas mentido.”

Alex voltou-se de novo para o mar. “Motivos de força maior mantêm-me ocupado.”

“Pois, a tua cama amaldiçoada.” A leviandade de Hardwick desapareceu. “Em nome dos velhos tempos, faz-me o favor de cuidar da moça, depois que eu parta. Se ouvires o teu coração, apressar-te-ás a ajudá-la.”

Alex fez um som evasivo. A verdade é que não tinha a certeza de ter coração.

Isso desde aquele dia distante, que ele escolheu esquecer.

“Talvez deixes a teimosia de lado, quando eu estiver longe,” sugeriu Hardwick, afastando-se dele. “Só mais uma palavra, antes de ir: se te recusares a ajudá-la, mais cedo ou mais tarde, um daqueles garotos o fará.”

Depois, Hardwick foi-se.

Desta vez sem deixar uma das suas habituais gargalhadas.

Apenas uma pitada de recriminação, e o desejo louco de Alex.

A maldita rapariga era demasiado bela.

Tinha um cabelo de chamas brilhantes, uma pele suave e sedosa, curvas sensuais, e uma língua seguramente capaz de levar um homem à loucura, no melhor sentido possível.

E se ele gostaria de juntar a sua língua à dela!

Furioso, fez uma carranca e passou as mãos pelo cabelo. Ela podia ficar no seu corcel imóvel até que o sol congelasse. Ele não se iria voltar.

Não que fosse necessário. A sua imagem já estava gravada na sua alma.

Tal e qual.

E isso tornava tudo pior.

Se fosse de carne e osso, talvez fosse ela a curar as feridas que lhe foram infligidas pelos seus antepassados. E seguramente, poderia curar outros assuntos recalcados. Ele já vira o suficiente dela, para perceber que era feita para a paixão.

A paixão dele.

Desde que a viu em sua cama, vestindo apenas dois pequenos pedaços de renda preta, foi tomado por uma necessidade furiosa como nunca antes acontecera. Percebeu que ela só estaria bem em seus braços, selvagem e desinibida. Ela consumia-o como nenhuma outra mulher que tivesse conhecido.

Mais irritante ainda, era a sua afeição pelo velho mordomo de cabelos grisalhos que o incomodava.

Não da maneira que ele se ressentia dos dois rapagões dos estábulos, mas porque o homem de joelhos tortos lembrava-lhe o seu pai.

Um grande campeão dos seus tempos, mas curvado e confusa de espírito nos últimos anos, recebera Alex de braços abertos, tratando-o sempre com o mesmo amor que aos seus filhos legítimos.

Por vezes, até com mais amor.

Com os olhos a arder, Alex respirou fundo e fixou os olhos no mar. “Ela é uma MacDougall,” rosnou, escurecendo a disposição.

Muito provavelmente, ela o apunhalaria com a sua própria adaga, se ele alguma vez se deitasse com ela.

Dando uns passos, abriu uma garrafa que trazia à cintura e deu uns goles saudáveis. Ardente *uisge-beatha*. Um ótimo whisky escocês garantia a cura de memórias dolorosas e outros perigos mais doces de Mara MacDougall.

Quer ela se sentisse atraída por velhotes grisalhos ou não.

Muita maldade poderia ser vertida sobre o seu sangue covarde, capaz de manter os trovadores mais profícuos ocupados até à eternidade.

Ainda assim, sorveu um pouco mais de *uisge-beatha*, depois, voltou-se.

Como suspeitava, ela continuava sentada na égua. As suas mãos seguravam as rédeas de forma tão firme, que lhe davam um ar tão teimoso como o da égua que tentava controlar, e a frustração ou fúria inflamavam-lhe as faces.

Especialmente interessante, era o facto de o frio matinal estar a fazer maravilhas às pontas dos seus seios.

Alex engoliu em seco. Raios de mamilos deliciosos!

Gostaria de ser ele a causa desses picos tão provocantes. Melhor do que isso, adoraria rasgar a sua blusa preta pegajosa e afundar a cabeça na plenitude desses seios cremosos, e beber o seu perfume sedutor. A sereia sedutora em que ele pôs os olhos, mas não se atrevera a tocar, ainda.

Uma falta que tencionava remendar.

Os cantos da boca contorceram-se num sorriso malicioso e ele começou a avançar. Ele não podia ficar ali a manhã toda, a vê-la lutar com o descendente de Pagan.

Gostava da ideia, ainda mais pelo momento, reuniu energia para se materializar.

Afinal de contas, a única coisa que podia fazer era ajudá-la. Na qualidade de cavaleiro da realeza escocesa, tinha um voto de honra de defender donzelas em apuros.

Não tinha nada a ver com a perspectiva de os jovens corpulentos dos estábulos chegarem em seu Socorro, antes dele.

Absolutamente nada a ver.

Capítulo Oito

Mara agarrou as rédeas e deixou o ar sair lentamente. Também endireitou as costas e deu o seu melhor para afugentar o medo. Calma e serena. Completamente no comando. Supunha que um cavalo que não se movia, sempre era melhor do que um que andasse aos coices para trás e para a frente. Isso não, tão alto no trilho do penhasco, gaiotas voando por toda a parte, as rochas abaixo parecendo tão nítidas e irregulares. Um corcel parado era definitivamente um mal menor. Mesmo assim, fingir dignidade não era fácil com calafrios percorrendo a sua espinha. O pior é que alguns desses arrepios varreram os seus seios, causando uma onda de sensações.

O sangue corria e o corpo respondia. Quase poderia jurar que alguém a tocava.

Não, acariciando-a.

E de uma maneira tão íntima e deliciosa que a fazia estremecer. Fazia uma ideia de quem seriam as mãos que provocavam tais sensações de prazer deliberado e concentrado. Nenhum amante terreno que conheceria a afectava de forma tão poderosa. E vento algum, nem mesmo nas mágicas montanhas escocesas poderia causar aquilo. Havia outra coisa por trás.

Ela conseguia sentir o ar à sua volta carregando, tornando-se elétrico. Tinha, também, a certeza que uns olhos verde-mar a fixavam, capturando-a com um olhar, mesmo que não o visse.

Ela sentia o seu atrevimento.

Havia um único homem tão seguro de si, vivo ou não. Ele era do tipo que conseguia ser implacável, quando queria alguma coisa. E afinal, não a queria expulsar de Ravenscraig?

Uma pena que ela não quisesse partir.

Então, reuniu toda a sua bravura de Cairn Avenue, levantou o queixo. Fingindo que o vento que a percorria tão intimamente era apenas o vento do mar. Mas foi quando a sua égua miserável parou de pastar e começou a empinar-se e a tremer, que ela aceitou o que sempre soube.

Tinha companhia.

Um olhar de relance para o lado, confirmou tudo.

Sir Alexander caminhava na sua direção. E vinha pela borda do penhasco – um lugar ainda agora deserto.

Mara pasmou a olhá-lo, a Cairn Avenue esquecida. Nenhum homem podia ser tão belo. Alto, bem constituído, e com um cabelo castanho frondoso, batendo-lhe nos ombros, era devastadoramente atraente. E tão sólido e real como qualquer pessoa. Ela continuava a ouvir o mar a bater nas rochas, por baixo dele, mas um estranho zumbido enchia, também as suas orelhas. A pressa do seu sangue e do seu pulso aos pulos de excitação espancavam-na. E ele continuava a aproximar-se, com o seu corpo másculo poderoso e a intensidade do seu olhar a fazerem pular o seu coração.

Meu Deus, ele apareceu do nada.

“Não é possível.” Ela moveu-se na sela, consciente da loucura da sua negação. “Não estás aí,” acrescentou, ao mesmo tempo. “Estou a ter um sonho mau.”

“Moça, eu sou o teu sonho,” afirmou, quase em cima dela. “Não devias trazer a alma nos olhos, se não quisesses que eu soubesse.”

“Não sei do que está a falar.” Ela sabia, e o calor varreu-lhe o pescoço.

“Eu diria que sabes.” A sua boca curvou-se com uma linha do sorriso. “A sério, devias estar contente por eu estar aqui. Não sabes que as pedras aqui são mais perigosas do que o caminho de teixos, onde enfiaste o pé numa pedra?”

Mara engasgou-se. “Eu sabia que estavas lá!”

O sorriso dele tornou-se demoníaco. “Eu posso estar onde me apetecer, doçura.”

“Eu não sou a tua “doçura”.’”

“Também não devias estar aqui.”

“Tenho todo o direito de estar em Ravenscraig. Caso não tenhas ouvido, é meu agora.”

“Seja como for, onde se veem estas pedras agrupadas ao longo do penhasco, há muitas vezes buracos profundos no meio.” Apontou na direção das pedras inocentes, que pontificavam no topo da falésia. “Ou fissuras sem fundo, escondidas pela urze que te vi admirar. Pior que isso-“

“Eu não sou nenhuma fedelha, que nunca viu uma montanha ou floresta.” Mara eriçou-se, sem querer admitir que esta era a primeira vez que estava perto de uma falésia tão selvagem e ventosa.

“As serpentes abundam nas urzes,” continuou, como se não tivesse falado antes. “Adoram o verão e de deslizar sobre grandes rochas planas para se aquecerem ao sol. Também se divertem a assustar os cavalos de cavaleiros não qualificados.”

Fez uma pausa, deixando o seu olhar a planar sobre ela, da cabeça aos pés, uma e outra vez. “És uma *amaricana* desabituada dos perigos das nossas montanhas,” observou, aprofundando o seu sotaque. “Toldam-se de escuro e rolam do mar ou deslizam pela ribanceira. Engrossam rapidamente e depois, enroscam-se por toda a parte, engolindo moças tontas antes que elas percebam que estão perdidas.”

Mara olhou para ele e quis fazer uma careta, mas foi incapaz.

O seu tom suave como seda estava a apanhá-la.

E havia mais.

Talvez o esgar de preocupação, quando falava dos perigos, como se, de facto, se preocupasse caso ela passasse por uma tal calamidade.

Loucura ainda maior, ela viu-se acreditar nisso.

Depois de todos os perigos relatados, ela estava bastante contente com a sua presença.

Não o iria admitir, mas se ele fosse real, ela até estaria radiante. Arrancou esse pensamento da cabeça. Demasiadas dúvidas toldavam a sua apreciação. Não era todos os dias que uma mulher tinha uma conversa com um ser que talvez fosse fruto da sua imaginação.

Pelo menos, desta vez não estava decorado como um homem de lata.

Agora tinha um toque moderno, tinha a mesma vestimenta castanho-avermelhada, que usava da primeira vez que o viu no antiquário e casa de curiosidades de Dimpleby.

Calças e túnica medievais, reconhecia agora. Mas um vestuário pecaminosamente revelador das suas pernas longas e viris. Os seus gémeos bem musculados. Mara mordeu o lábio, o seu pulso voltava a acelerar.

Sempre teve um fraquinho pelos gémeos sexy de um homem.

Mas a adaga de pedra que ele tinha usado para rasgar a sua camisola de noite, estava escondida debaixo de um cinto largo de couro, pendurado à volta das suas ancas, e ele cometeu o erro de sorrir, quando percebeu que ela reconheceu a peça.

“Não houve nada de engraçado aqui.” Ela levantou um olhar firme e duro. “Para um cavaleiro, não seguramente nada de honroso.”

O seu sorriso pedante desapareceu. “Oh, moça, não sabias que os Highlanders têm um sentido travesso?”

“Não conheci assim tantos,” Mara admitiu, desviando o olhar. “Posso ter ascendência escocesa, mas sou de Filadélfia. Fui criada na Cairn Avenue. Um lugar tão distante da Escócia, como da lua.”

Ele inclinou a cabeça e estalou a língua, com alguma tristeza. “Oh, moça, se não conheceste um Highlander, ainda não viveste nada.”

A respiração de Mara ficou presa nessa implicação, algo afiado e quente comprimia o seu coração, porque o primeiro homem a tentá-la e perturbá-la daquela forma, era não só mais belo de todos, como o único que nunca poderia ter.

Nunca.

A não ser que ela se quisesse juntar a ele numa qualquer esfera que habitasse, quando não a perseguia.

Algo que não estava disposta a fazer.

A vida dela pode nunca ter sido soberba, mas era a sua vida.

E ela gostava de viver.

Gostava especialmente de Ravenscraig. Não apenas do castelo, porque o bosque também a encantava, com todo o seu mistério. Agora, a vista do mar ao longo do caminho que seguiu; as grandes falésias que caem diretas na água. Era um mundo talhado de mar, terra e céu, e toda essa beleza a chamava.

Não apenas o que os olhos viam, mas as sensações no seu interior.

Quase como se uma parte dela, sempre tivesse estado ali, arrastando-a, trazendo-a para casa.

Ela não queria sair dali. Queria ali ficar, mesmo no cimo daquela falésia tosca, e empoleirada num cavalo beligerante, que claramente a desprezava. Ela não queria apanhar um avião e voltar à sua antiga vida, o mundo real, que agora parecia tão distante.

Tão inadaptável.

Mara pestanejou por causa do súbito calor que lhe picava os olhos.

Não chegou às lágrimas.

Por enquanto...

“Ah, bem,” Sir Alexander falava, com um tom de voz que ela considerou provocador. “Pensei ajudar-te. Pela segunda vez, devo acrescentar. Mas se preferes ficar a olhar par o Firth, partirei.”

Mara girou sobre si. “Tu és um fantasma.”

“Sim, isso sou,” concordou ele.

Deu uma breve risada, julgando claramente mal o olhar aflito que ela sabia estava estampado em todo o seu ser.

“Vá lá, moça, não é assim tão mau,” disse, aumentando o sotaque, e a sua intensidade derretendo-a.

Ele aproximou-se. “Ou tens medo que esteja aqui para a escoltar para o outro mundo? Se é assim, põe as suas dúvidas de lado, pois não faço ideia onde é tal lugar e não desejo procurá-lo. O meu único desejo é guardar a minha cama.”

Ela pestanejou. “Então, o que estás aqui a fazer?”

A cobiçar-te e a dizer mentiras.

A verdade silenciosa foi arremessada por um suspiro de Alex. “Eu avisei-te,” disse ele, a sua voz mais áspera do que ele teria desejado, “Pensei em vir em teu socorro. Ou preferes ficar nestes penhascos até escurecer?”

“Não, embora o crepúsculo visto daqui deva ser um espectáculo.” Voltou a cabeça para olhar ara o mar, de novo, e o sol oblíquo reflectiu-se no seu cabelo, fazendo os fios brilharem como chamas fundidas. Quando se voltou para ele, a luz caiu sobre o seu rosto, mostrando a sua dúvida persistente.

E com razão, pois ele dissera uma não verdade.

Os seus objetivos mudaram.

Ele já não se importava em expulsá-la da sua cama. Agora, o seu único desejo era levá-la para a cama. De preferência, nua. Isso e ser de carne e osso, perguntando-se por que não sentia vontade de a assustar.

Apenas de acalmar e sossegá-la, depois reivindicá-la como sua.

Os deuses sabiam como ele estava com uma ereção. Outra vez. Desta vez, só de ficar tão perto dela, e cheirar o seu perfume.

Fechou os punhos, tentando não reparar na beleza dos seus seios contra o top apertado. Não se lembrava da última vez que tocou nos seios de uma mulher, mas estava ansioso por sentir os dela debaixo dos dedos, ardendo por saber ao que saberiam, se ele os lambesse e sugasse.

Fazer deles pasto para os seus dentes, depois sugar uma daquelas cristas rosadas bem para dentro da sua boca, puxando-o firmemente, enquanto uma das suas mãos deslizava para o espaço húmido e suave no

meio das suas coxas. Despertá-la-ia, deixando os seus dedos a explorá-la e dando-lhe prazer.

Alex gemeu, e afastou-se. Passou uma mão pelo cabelo, a fúria fervendo dentro dele.

Tinha que a possuir.

Ela consumia-o como uma febre, e em breve nem conseguiria respirar, se não a conseguisse tomar para si, afundar-se na estreiteza e no calor do seu sexo.

A profundidade do seu desejo assombrava-o. O mais alarmante é que não era apenas pelas suas curvas sensuais ou os olhos apertados beijando-me o corpo todo, mas a forma como esses olhos podiam iluminar uma sala, quando sorriam. Como o sorriso dela aquecia até os cantos mais recônditos do seu mundo sombrio e solitário.

A maravilha que lhe plasmava o rosto, quando se perdia em reflexões românticas sobre o mundo *real* em que ele vivia.

O que já não existe há muito tempo, a não ser em pedras caídas, relíquias oxidadas e crónicas em lombadas de couro cheias de mentiras.

Alex estremeceu, disfarçou o desespero com tosse.

A maior parte dos mortais que encontrou já não apreciam a era que foi a sua. Aquela Mara MacDougall parecia interessar-se, mesmo que de uma forma super-afetada, movia-o numa ferocidade que ele não conseguia controlar.

Já não conseguia.

A verdade era que ela precisava dela.

Se ele ainda tivesse um pingo de valor, desapareceria da vida dela e não se voltaria a mostrar. Ou pelo menos, continuaria com o seu plano original de a afastar com sustos.

Por direito, Ravenscraig deveria ter sido seu, agora nas merecidas mãos dos seus descendentes.

Tivera ele vivido para os procriar!

Em vez disso, ela dormia na cama dele.

Mas ela também o desejava. Ele sentia a excitação nela.

Ele só precisava de olhar para os seus seios, ou para a curva doce do seu lábio inferior, e o aroma estimulante do seu desejo inundava dela, uma maré erótica para afogar os seus sentidos.

Essa era a resposta dela.

E confundia o seu discernimento.

Fazendo dele um guarda negro ao seu próprio serviço – um tratante, que tem na cabeça apenas bebidas, mulheres e pilhagens. Alex fez uma carranca, passou a mão pela barba. Mais um pouco e ele não seria melhor do que Bran de Barra, o senhor supremo da luxúria e todos os seus amigos debochados.

“Tens a certeza que podes pôr este cavalo a andar?” Ela observava-o, a dúvida enublado-lhe os olhos. “Quer dizer, podes ao menos tocar em coisas reais?”

“Duvidas?” Um músculo saltou-lhe no queixo, mas quando falou, as suas palavras foram suaves e bem medidas. “A minha espada não cortou uma mecha do teu cabelo? Não deste um pontapé na minha canela, depois que te salvei da gruta do mar?”

“Tinha-me esquecido,” admitiu Mara, o calor assaltando-lhe as faces.

Era difícil pensar num momento em que, por apenas olhar para ele a respiração fluiu, o seu sotaque forte, amanteigado não lhe provocou um turbilhão de vibrações no ventre. Ele era simplesmente muito lindo, a sua nacionalidade escocesa medieval apenas o tornava mais irresistível.

Alisou o cabelo para trás e esperou que a leitura de pensamentos não constasse na lista dos seus poderes sobrenaturais. “Então, ajuda-me a voltar para os estábulos?”

Ele levantou a mão, como se jurasse pela sua honra. Onde desejar ir.”

Mara considerou.

Não que tivesse muita escolha.

A égua já havia perdido interesse nas suas trocas e voltara a pastar. Acanhada como era o animal, podia muito bem ser meia-noite, antes que ela conseguisse sair do penhasco, se rejeitasse a ajuda dele.

Mesmo assim, não se entregaria facilmente. “Como sei que sabes montar?”

Ele ofereceu-lhe um sorriso lento e sexy. “Sei”.

Mara deu um tapa no pescoço da égua. “Ela não quer fazer mais nada para além de parar e comer,” disse ela, o sorriso dele a pô-la toda quente e excitada. “Por que haveria de cooperar consigo?”

“Para alguém que faz olhares de lua a cavaleiros pintados, achei que saberia a resposta.”

Mara corou. “Claro, sei coisas sobre cavaleiros medievais, estudei-os.” *Tu é que tens um jeito irritante de roubar os pensamentos coerentes da minha mente.*

“Então, és uma mulher com gosto para as leituras.” Ele aproximou-se com o olhar trancado no dela. “O que é que aprendeste sobre cavaleiros medievais?”

O coração dela bateu mais forte. O que não sabia, fantasiava.” Sei que os heróis de cavalaria dominam as suas montarias com uma habilidade lendária.”

“Assim é. E que mais?”

“Li sobre os torneios e os custos das armaduras.” Não estava prestes a dizer-lhe que sabia que os cavaleiros tinham fama de amantes magistras.

“Um cavaleiro tem mais do que armadura e espada,” disse ele, o tom da sua voz adivinhando exatamente onde ela queria chegar.

Que ela suspeitava que ele seria um demónio na cama, o seu ato de amor cru e primitivo, deliciosamente terreno.

Ele tinha um certo ar...

Ela apostava que ele adorava fazer sexo oral às mulheres.

A esse pensamento, um calor serpenteava por ela. Um calor profundo, pulsante, sexual, que se instalou abaixo do seu ventre, e depois se espalhou pelo corpo inteiro, pondo as suas partes mais íntimas formigando de antecipação.

Mordeu o lábio, tão excitada que não se atrevia a respirar, não fosse ele adivinhar o quanto a excitava. Na verdade, sentia-se dorida por dentro, temeu gritar se ele não a beijasse. Ou melhor ainda, que deixasse deslizar a sua mão por entre as suas coxas, outra vez, como fez na gruta. Só que desta vez não acidentalmente, mas esfregando-a bem até que ela atingisse o clímax.

Mexeu-se na sela, o desejo espalhando-se nela. Nunca desejara tão persistentemente. Sensações tão quentes e requintadas que ela mal as podia suportar.

E tudo isto, só por um olhar dele.

Como é que uma *aparição* a podia fazer sentir assim? Não podia ser um fantasma de jardim? Magro e de cabelos brancos? No mínimo, um pouco transparente?

Por que é que tinha que parecer tão real?

Tão sexy até à medula?

E porque se estava a permitir ficar de quatro por ele?

“Como costuma dizer um certo amigo mal-intencionado, o teu silêncio fala alto,” sussurrou, a sua voz perigosamente suave. “Portanto, conheces as várias habilidades de um cavaleiro?”

Mara engoliu em seco, sabia que ele se referia a mais do que dominar cavalos e torneios. O olhar intenso em seus olhos disse que ele poderia até mesmo sentir o mesmo calor e agitação que ela; a poderosa atração que se estendia tão furiosamente entre eles. Então, levantou-se, cada centímetro quadrado de Cairn Avenue desafiando-a a ser ousada.

“Suponho que seja este o momento de provar quem és,” desafiou. “Mostra-me o que sabes fazer.” O sorriso dele tornou-se perverso. “Como quiser.”

Mara estreitou os olhos. “Nada de brincadeiras esquisitas com o cavalo.”

“Não farei isso, apenas consigo, menina,” ele concordou, fechando os últimos cinco passos entre eles.

“Não desta vez.”

Assim esperava. Tensa, a égua já balançava a cabeça e empinava-a à medida que ele se aproximava.

Mas quando ele fixou o cavalo com o seu olhar firme, ela parou de se mover e ficou perfeitamente imóvel. Sir Alexander lançou um rápido olhar de “eu bem te disse”, e então começou a cantar palavras, que soavam a gaélico, na orelha do cavalo.

Ele esfregou seu focinho, passando as mãos suaves ao longo do cachaço e ombros. Grandes mãos, bem formadas que pareciam demasiado reais e que ele movia com autoconfiança, cada percurso calmo, comprovando a sua habilidade.

Voltou a olhar para Mara. “E agora, já confia em mim para a ajudar a voltar aos estábulos, Mara MacDougall?”

“Não,” deixou escapar, antes que a cautela a fizesse mudar de ideias. “Ainda não. Queria ver a colónia de focas.”

“Então, acompanho-te até lá,” concordou ele, volteando as costas dela. “Farei com que aprecie o trilho.”

Tomou as rédeas e comandou o cavalo, num galope suave. “Relaxa,” insistiu, puxando as costas de Mara para o seu peito.

Depois, riu, envolvendo-a com um dos braços e levando o outro às rédeas.

Depois, voaram. Primeiro, trovejando pela grama coberta de pedregulhos, espirrando através de regatos espumantes, em seguida, voando por cima de encostas sempre crescentes e íngremes e desfiladeiros ladeados de rochas.

Sempre em frente, o vento a bater-lhes no rosto, até que Mara sorriu também. Numa alegria vertiginosa, ela agarrou-se com força ao braço dele, certa de que o seu coração iria explodir a qualquer momento.

Tanto pela cavalgada selvagem, como pelo calor crescente das coxas dele pressionadas contra as suas, tão intimamente.

Um triunfo que a encheu ainda mais, quando ele chegou mais perto e gritou, “Estás a ver o que fizeste comigo? Esqueci-me que eras uma maldita MacDougall!”

E tinha conseguido isso mesmo.

Ele estava totalmente enfeitiçado.

Agora, que alcançaram o ponto mais alto do promontório, ele tinha a certeza disso. Percebera isso nos breves momentos em que ela se levantou da sela e ele a viu a observar as focas na berma do penhasco.

O seu fascínio pela Escócia mexia com ele de uma forma muito estranha e profunda.

Algo muito mais perigoso do que a comichão nas suas partes íntimas.

E isso só poderia significar uma coisa.

Ela amaldiçoou-o tão completamente como os seus vis antepassados com o seu broche covarde. Por que outra razão lançaria ele um cavalo através dessas falésias perigosas, só para que uma MacDougall pudesse espiar a confusão e gritaria de um grupo de focas fedorentas.

Mas ele fizera mais do que isso.

E adorou cada momento de glória.

Agora, encontravam-se ali, no destino dela, e Alex olhava desconfiado para toda a situação. Depois, ficou ainda mais birrento, com medo que ela visse o seu semblante.

Como é que ela podia esparramar a sua barriga na erva do penhasco?

Pior, ela posicionou-se entre as pernas abertas dele, para evitar cair no precipício. Pelo menos, foi essa a justificação que deu, quando se estendeu debaixo dele.

Um truque de sereia, Alex tinha certeza.

Não que se importasse com isso.

Longe disso, ele abriria as suas pernas alegremente, só para ela, até gostou de ver o seu corpo voluptuoso, contorcendo-se para ficar na melhor posição de observação da colônia de focas, no fundo do penhasco.

Estava tão completamente endoidecido, que gostou, especialmente, quando ela agarrou os seus tornozelos e avançou um pouco para ver melhor sobre a berma. Uma berma perigosa, que lhe lembrava a sua maldição, o seu dever sagrado de guardar a sua cama e de a manter longe da gente dela.

As suas sobranceiras juntaram-se e ele olhou para o céu. Por todos os deuses e seus agentes, terá perdido o juízo? Ficou mole como um velho trémulo?

Pelos vistos, sim.

Por que mais ele ficar lá como três tipos de um tolo, enquanto sua gloriosa senhoria se esticava debaixo dele, convidativa? Por que não aproveitou para acabar com ela, quando teve oportunidade? Um simples movimento de pé mandá-la-ia ao mar. Ele poderia livrar-se dela instantaneamente.

Se o destino fosse gentil, ele poderia deixar de ser atormentado por um MacDougall por um ou dois séculos.

Ficaria em paz.

Então, por que não o fez?

Antes que ele pudesse decidir, ela deu um pequeno suspiro de admiração. Ele olhou para baixo, mesmo a tempo de a ver levantar os quadris e aproximar-se mais da berma. Outro estratagem para fazer com que o seu traseiro deliciosamente redondo contorcer-se e balançar.

Ela estava a atormentá-lo deliberadamente.

Alex sufocou um gemido. A sua virilidade levantou-se dura como pedra.

Pior, ela estava tão perto do abismo. Literalmente pendurada sobre ele, esticando o pescoço e tão absorta a observar os saltos das ficas, que nunca perceberia o que aconteceu, se ele a enviasse num mergulho ao encontro das focas.

Mas não foi capaz.

Não com os seus *oohs* e *ahhs* a darem-lhe tanto prazer. Ele não se lembrava da última vez que viu alguém tão cheio de admiração e prazer.

Bem, talvez no dia em que ela entrou no antiquário e se apaixonou pela cama dele.

Alex pigarreou. Cada músculo do seu corpo estava tenso, e a frustração brotou dentro dele. A cabeça latejava.

A verdade é que, em vez de acabar com ela, ele estava muito mais interessado em saber como seria se ela se apaixonasse por ele.

O pior é que ele já suspeitava de como seria amá-la.

Felizmente, o aperto dela nos seus tornozelos trouxe-lhe pensamentos mais aceitáveis. De cada vez que os seus dedos apertavam mais ou simplesmente se moviam, outro surto de sangue fervente corria direto às suas partes íntimas.

O que faria, se ela lhe segurasse o pénis num tal aperto?

Já a respiração dele tinha virado irregular e seu coração batia tão ferozmente, que ele se perguntou se ela não o ouviria. Ele tinha endurecido ao estiramento máximo, cada centímetro pulsando tão dolorosamente que ele temia envergonhar-se em breve.

Uma possibilidade muito real, se ela ousasse mover aquela bunda deliciosa, mais uma vez.

Em vez disso, ele olhou por cima do ombro. “Ohhh, vês os pequeninos?” Gritou, com uma alegria que se espantava no coração dele.

Mara sentiu os olhos a abrirem, picos de consciência tomavam conta dela.

“Não são lindinhas?” Conseguiu dizer, surpreendida por a sua língua ter conseguido articular algo coerente.

Devia ter pensado melhor, antes de olhar para cima.

Principalmente porque estava no meio daquelas pernas incrivelmente excitantes!

Engoliu em seco, incapaz de desviar o olhar do membro indecentemente dotado exibindo-se descaradamente sobre ela.

Ainda bem que ele não estava de kilt.

Ela teria gozado ali mesmo. Ainda assim, as suas calças medievais apertadas, mostravam tudo. E não deixava espaço a dúvidas sobre o que lhe ia na cabeça.

E não era apenas duro. Era comprido, grosso e bem feito. O mais chocante de tudo é que o seu eixo se contorcia.

“Está-” fechou a boca, antes de deixar escapar o óbvio.

Ele já sabia, de qualquer maneira.

O rosto dela estava em chamas, desceu como num túnel pelas pernas dele e ficou de pé. Limpando o pó dos joelhos, tentando não olhar para o cume ousado da sua excitação.

“Vamos voltar, agora,” disse ele, a tensão na sua voz respondendo à pergunta não formulada.

“Sim, acho que é melhor.” Mara sacudiu o cabelo para trás, sabia que devia estar vermelho.

"Obrigada por me trazer aqui em cima."

"Estou feliz que você tenha gostado da vista."

Ele não disse mais nada. Apenas a olhou por um momento longo, e depois, caminhou apressadamente para a égua, deixando-a espedada.

E ela ficou. Felizmente, ela tinha certeza que o coração lhe tinha parado. *Ele sabia*. Ela quase desmaiou com a visão daquele sexo lindo e ele estava zombando dela.

Um embaraço escaldante apertou o seu peito. Talvez ele conseguisse mesmo ler a sua mente!

Bem, ela iria virar a mesa.

“Oh, sim, gostei da vista,” chamou atrás dele. “Mas já as vi maiores.”

Ele parou o seu trilho. “Sim?”

Ela sorriu. “Claro que sim.”

Ele lançou-lhe um olhar rápido e abrasador, em seguida retomou a caminhada.

“Colónias de focas maiores,” soprou, logo que ele saiu do alcance da sua voz.

Ela observou-o de trás, e achou a facilidade com que montava para a égua um tanto irritante. Parecia mais confortável com o cavalo do que qualquer cowboy de rodeo que ela tivesse visto na televisão. Haveria algo que ele não conseguisse fazer?

Sir Alexander Douglas tinha a aparência do próprio diabo, falava com sotaque escocês, tinha mais *sex appeal* no seu dedo mindinho, do que a maior parte das estrelas de Hollywood nos seus corpos inteiros, e tinha um jeito com os cavalos que pouco menos era do que mágico.

Tocava um razoável “Highland Laddie” na gaita-de-foles e até atravessava paredes.

Que mais poderia uma mulher desejar?

Mara suspirou. Irritado ou não, o coração dela saltava ao vê-lo conduzir a égua por várias etapas, como se tivesse sido coreografado pelo Royal Ballet de Londres.

Ele era, de facto, perfeito.

Mas havia uma coisa que ele não era: um homem de carne e osso.

Era um espectro. Uma sombra.

O fantasma de um cavaleiro escocês medieval.

Mara respirou fundo e tentou pôr no rosto um ar pouco impressionado. Falhou completamente. Quer gostasse quer não, se ainda alimentava algumas dúvidas sobre ele, já não conseguia. Não depois de o ver com a égua.

Ele era, de facto, quem dizia ser.

E ela estava caidinha por ele.

Estava na cara.

Alex estava indeciso entre gritar de triunfo ou indignação. Estava também um pouco envergonhado daquela figura, mas ela abusou demasiado. Principalmente com aquele comentário idiota sobre as suas partes viris.

Ficou carrancudo e deixou o cavalo respingar num riacho, depois, puxou as rédeas do lado oposto. De certeza que ela nunca tinha visto ninguém com um pau melhor. Ele conhecia as suas medidas comparadas com outros homens.

Mais do que favorável a ele!

“Foi incrível,” disse ela, apressando-se para ele.

Alex começou a voltar-se para a olhar. Como é que ela ficou tão perto sem que ele notasse? A resposta chegou tão rapidamente como o trovão no seu coração.

Ele estava demasiado ocupado a olhar para o traseiro dela.

Não voltaria a acontecer.

Tinha que parar de prestar atenção a tais coisas, uma vez que o simples sorriso dela o distraía. Ou a forma como o vento marítimo brincava com o cabelo dela, enviando o seu perfume fresco provocar os seus sentidos.

Não podia, especialmente, perceber a forma como as suas calças pretas aderiam às suas pernas bem torneadas. Endireitou os ombros, cerrou os dentes contra a luxúria que se apoderava dele. Vestida do jeito que estava, até um simplório veria, com um simples olhar, o triângulo de caracóis bronzeados entre as suas pernas.

Um tesouro escondido apenas por um fio de tecido preto, e uma tentação suficientemente forte para pôr de joelhos o homem mais forte.

Alex respirou com dificuldade, seguro de que tinha sido enfeitiçado.

Tinha que ser o próprio diabo para seduzir assim um homem. No seu tempo, uma mulher assim, teria a cabeça enfiada num tacho de óleo a ferver.

Depois de todos os homens com o cio a terem experimentado.

Rapidamente, antes que a dor nos seus testículos, o levasse a pôr-se nessa fila, inclinou-se um pouco e colocou-a abruptamente à sua frente.

“Oh!” ela engasgou-se, contorcendo-se como um cesto de enguias recém-capturadas.

“Fique quieta,” avisou. “A não ser que queira conhecer outros talentos de um cavaleiro, não me teste, porque eu já estou morto por mostrá-los.”

O movimento parou.

Infelizmente, o latejar na sua virilha, não.

Então, enterrou as esporas na égua e puseram-se a trote. Depois, em galope rápido. Uma estupidez que ele viria a reconhecer, um erro grave que empurrou o seu corpo sensual com força contra o dele e lhe pôs o cabelo a voar sobre o seu rosto.

E isso não foi o pior.

Não, o maior tormento era o cheiro de jasmim e rosas amarrado àquelas tranças. Até agora o seu perfume, apenas o provocara, mas agora envolvia-lhe as faces e deslizava-lhe pelos lábios, cada fio sedoso inebriando-o.

Intoxicando-o.

Deixando-o sem outra escolha, que não fosse agarrar-se às rédeas com toda a força. A égua reagiu em protestos, com as patas dianteiras levantadas. E, quando os seus cascos voltaram à terra, Alex desceu, varrendo consigo a sereia, num movimento rápido e furioso.

“Outra façanha cavaleiresca,” disparou, puxando-a para os seus braços. “Mas nem de longe tão gratificante como esta!”

Ele pegou-lhe o rosto com as duas mãos, e inclinou a sua boca sobre a dela e beijou-a longa e profundamente. Um beijo que a devorava e lhe queimava os pés. O sangue dele também fervia, deslizou as mãos pelos seios dela e fechou os dedos nos seus mamilos, brincando e provocando, até que ela gemeu em reposta. Ela fantasiara com cavaleiros e ele queria agradecer-lhe.

Mas ela roubou-lhe o seu trovão, pressionando o seu corpo mais contra o dele, agarrando-o rápido e esfregando-se contra a sua virilha. Abriu a sua boca por baixo da dele e o beijo tornou-se selvagem. Fusão intencional das línguas, suspiros e respirações, e tão ousado, tão potente, que os joelhos dele quase dobraram.

Nunca uma mulher o beijara com tamanho abandono, tão agarrada e tremendo de desejo doce e imprudente. Ele puxou-a, ainda mais para si, enquanto a falésia começava a girar e as nuvens e a névoa se transformaram num borrão cinzento contra o céu e o mar azuis.

“Mara...” Não podia crer que estava a usar esse nome, o nome de uma *MacDougall*. Mas ela causava-lhe uma felicidade deslumbrante. Impressionado pelo seu desejo, estendeu os dedos sobre a plenitude dos seus seios, medindo-os e pesando-os, depois, sacudindo os polegares para trás e para a frente, num impulso firme, circulando as rodela firmes e franzidas dos seus mamilos. Ele estava em glória por a sentir, com um pouco de receio de morrer de prazer – isto é, se pudesse!

“Beija-me de novo, longamente.” Soprou a súplica para dentro da boca dele, as palavras tremidas quase o desumanizavam.

“Moça, moça...” Agradeceu, enterrando a sua língua contra a dela. Uma e outra vez, cada deslize aveludado desfazendo-o, fazendo o seu sangue correr quente e grosso.

O desejo dela corria da mesma forma, ele percebia isso, pois a cada toque das suas mãos nos seios, ela tremia, com o desejo a enroscar-se nela, até ele o sentia. Cada redemoinho da sua língua catapultava-a para maiores níveis de entrega, acordando uma paixão dentro dela, que ele já mais supusera existir.

E ele já sabia que ela seria boa!

“O-o-oh.” Encostava-se a ele, o seu desejo era palpável.

Mas quando o balanço dos seus quadris cresceu num frenesim e as mãos dela o roubavam por debaixo da túnica, com as suas unhas arranhando-lhe as costas, Alex soube que não aguentava mais.

Algures através da névoa de paixão, campainhas de alerta soavam mais alto cada vez que a língua dela girava em torno da sua. Quanto mais ela se agarrava a ele, quantos mais suspiros da alma vertia contra seus lábios, mais selada estava a sua desgraça.

Ele perdia o controlo.

Ele, o sedutor, estava a ser seduzido.

Aquele beijo era mais potente que o mais forte vinho normando. Ele estava ébrio para lá da redenção. Saciar a sede do seu corpo nunca seria suficiente. Ele desejava a sua alma e o seu coração. Toda ela. Os seus risos e sorrisos, as suas esperanças e sonhos. Até a tristeza e dores de coração. Durante todos os seus anos mortais.

Nada mais o satisfaria.

O diabo sabia, que ele nunca a poderia satisfazer. Não da forma que ela merecia.

“Chega!” Ele separou os seus lábios dos dela, ofegando.

Olhou para ela, a repulsa açoitando-o. Não por ter beijado uma *MacDougall* – mas por causa do que ele era.

Um fantasma.

Uma criatura. Uma abominação da natureza.

Só os céus sabiam que capricho do destino lhe permitia manifestar-se de forma sólida. Conteve uma gargalhada amarga. De momento, não poderia ser mais sólido!

Era desprezível.

Mara derretia contra ele, agarrada, os seus lábios continuavam a roçar contra ele num convite irrecusável, sua respiração continua, implorava-lhe que continuasse o que tão rudemente interrompera.

“Filhos de Hades!” Afastou-a, embora lhe cortasse a alam, ele não tinha nada para lhe oferecer.

Nada nele era recomendável para uma mulher de carne e osso.

Mesmo uma descendente do maldito MacDougall, o bastardo que o amaldiçoou, merecia mais do que um fantasma. Fantasma ou não, ainda possuía honra bastante para evitar qualquer mulher de um tal destino.

A sua cabeça a ficar mais clara, ele sabia o que devia ser feito.

Segurando os braços, olhou profundamente em seus olhos, preparando-se contra a dor que estava prestes a infligir. “Ouve, moça, eu não me deixarei encantar”, mentiu, com a voz tão dura quanto conseguia. “Eu admito que me tentaste, mas o arдил acabou. Eu vi através da tua maldade.”

“O quê?” Ela pestanejou, os seus lábios inchados de beijos formavam um pequeno ‘o’ de surpresa. “Não percebo. Beijaste-me e foi perfeito, lindo...”

Deixou que as palavras rolassem, bateu com a mão na face, toda a cor de seu rosto desaparecera. Mas recuperou rapidamente, com os olhos a brilhar de fúria.

A sua agitação fez com que os seios se levantassem, de uma forma, que quase quebrava a resolução dele, mas a raiva a percorrê-la e o seu olhar lancinante agradavam-lhe. A fúria impedia que sofresse, talvez até pudesse enviá-la para os braços de um homem a sério.

Um que lhe oferecesse mais do que beijos quentes e carícias ao vento.

Alex fez uma carranca, desta vez sem precisar de disfarçar o seu descontentamento. Que espécie de homem usa poderes inumados para forçar o vento a emprestar-lhe o seu toque para acariciar a sua dama?

Um homem indigno, diabólico!

O tipo de demónio em que ele se transformara.

“Não podes dizer que não gostaste!” Ela olhou para ele de olhos brilhantes, a sua voz quebrando. “Eu sei que gostaste.”

“Sim, porque tu és uma feiticeira,” ele provocou-a, como coração que ele não sabia possuir, explodindo-lhe dentro do peito. “Enfeitiçaste-me. Devias dar-te por contente que não te apedrejo. Ou coisa pior!”

Ela olhou para ele, as suas faces num vermelho vivo. Tinha tanta dor nos olhos, que ele mal suportava olhá-la. “Seu cachorro!” Enfureceu-se, a sua raiva lançado sobre ele. “Não fui eu quem te empurrou do cavalo!”

Todo o seu corpo tremia, ela cravou os dedos no peito dele, enfatizando cada palavra com um puxão afiado. “Você poderia ter-nos matado, obrigando o cavalo a uma paragem tão brusca. Depois, arrastaste-me para baixo e beijaste-me. Saqueaste a minha boca e quase me quebraste as costelas de tanto aperto. Foste tu! Não eu!”

Alex fechou o rosto e os lábios numa linha rígida. Se se atrevesse a abrir a boca, teria retratado cada palavra. Ajoelhar-se-ia aos pés dela e explicar-se-ia, pedir-lhe-ia perdão e deixá-los-ia entregas aos desígnios do destino.

Mas ele conteve a língua. A sua maldita honra impedia-o de falar.

Ela afastou-se, varrendo a boca com a mão. “Não acredito que te deixei tocar-me. Tu nem sequer és real. Uma invenção minha!”

As palavras fatiavam Alex, ferindo-o de uma forma, que nenhuma espada alcançaria. A verdade das suas acusações condenava-o, com uma intensidade próxima do insuportável.

Ainda assim, ele teve que incitá-la a detestá-lo.

Só assim, ela pararia.

Para ele, pouco importava.

Tinha a eternidade para limpar as feridas. Ela só tinha esta vida de mortal.

Ele tinha votos secretos a cumprir. Fora um louco, ao pensar que poderia ultrapassar uma maldição, que o acompanhou durante tantos séculos. E ainda mais louco, por não ter percebido, o que o seu engano provocaria nela.

Não vendo outra opção, ele moveu-se à velocidade da luz, varrendo-a nos braços e levantando-a para trás da égua, antes que ela pudesse protestar. “Ficai aí”, ordenou ele, soltando-a apenas o tempo suficiente para balançar-se atrás dela. “Aquietai-vos desta vez. Não vos contorçais.”

E ela não o fez.

Ela sentou-se atrás dele tão rígida como um pedaço de madeira, o que lhe agradou a ele e foi muito melhor para ela.

Mas depois, de terem atravessado os promontórios e passavam ao lado do local onde a sua amaldiçoada *One Cairn Village* se ergueria em breve, ela ergueu finalmente a voz.

“O que vai fazer quando voltarmos aos estábulos,” perguntou. “Alguém pode vê-lo”.

“Ninguém me vê, a não ser que eu queira. E vós tendes a língua de um sino de igreja,” Atirou Alex, esperando que o insulto a calasse. Fazer com que ela o injuriasse, para não se importar com a sua atitude, quando alcançarem os estábulos.

Acima de tudo, queria desaparecer.

Mas primeiro tinham que deixar para trás o local infernal do projeto dela, e irritado ou não, o lugar coalhava-lhe o sangue. Tremendo, deu uma palmada debaixo do cachaço da égua e cavalgaram através da terra nua, revolvida, tentando não ver sinais reveladores do seu sonho.

Seu pesadelo. Um bofetão no rosto.

Só o facto de cavalgar nesses terrenos punha-lhe o cabelo em pé.

“Fiz-te uma pergunta, homem de lata,” provocou, a sua voz trémula contrariando as suas palavras duras. “O que vais fazer, quando voltarmos?”

“Filhos de Lucifer,” Alex praguejou, incitando a égua a uma velocidade superior, quando passaram pelo monte de pedras para o memorial. “Farei o que sempre faço.”

“E isso é?”

“Guardar a minha cama.”

“Queres dizer, a minha cama.”

“Nã, é minha,” rosnou ele, fazendo o possível por ignorar a forma como a sua bunda friccionava a sua masculinidade ainda hirta.

Ele fez uma carranca. A cama dela, havia dito ela.

A cama dele, insistiu, e o seu coração, dividiu-se na mentira.

A cama não era nem dele, nem dela.

Era deles.

E ele era o maior louco do mundo por admitir tal coisa.

Capítulo Nove

Algumas noites mais tarde, estava no seu quarto a admirar as mudanças que lhe fez. Não eram bem alterações, eram mais adições. Itens selecionados com todo o cuidado, colocados estrategicamente para assegurar que nunca mais precisaria de entrar no quarto sem ser tomada por uma companhia indesejada.

Particularmente por uma espécie irritantemente atraente, com quase dois metros de altura.

Ela também esperava ver-se livre do frio estranho do quarto e dos vários rangidos, gemidos, e baques da noite em que ela tinha a certeza, Sir Alexander havia conjurado para a perturbar. Durante três noites ele atormentou-a com este tipo de trapaça, às vezes provocando estrondos suficientemente altos para quebrar os vidros das janelas, deixando, depois, as luzes a piscar.

Acordava-a de madrugada com o som da porta a abrir e a fechar – embora ela a tivesse trancado com segurança!

“Estas brincadeiras acabaram, homem de lata.” Ela afastou o cabelo do rosto e continuou a andar pelo quarto. Sentindo-se mais confiante a cada passo. “Foste ultrapassado.”

Olhou para Ben pelo canto do olho, dormindo feliz e contente, à luz da lareira. Estranhamente, o velho cão não parecia importunar-se com as travessuras do cavaleiro.

Para ela já chegava.

Principalmente, depois daquele beijo, que nunca devia ter acontecido. Estremeceu e esfregou os braços. Pelo menos, não o voltara a ver.

Boa viagem.

Por ela, podia passar o tempo dele enfiado na gruta do mar. a fazer *bodysurf* com as ondas que lá entram. Ou melhor ainda, uivando às horas no calabouço sombrio até encontrar o castelo de outro escocês crédulo.

O seu acabara de ficar indisponível.

Caso o Ben sentisse a falta dele, poderia pôr-lhe uns vídeos do Casper, o fantasma simpático do filme “Os caça-fantasmas”.

Havia um limite para o número de insultos que uma mulher deve tolerar, e ela já atingira esse limite. Escocês bonzão, homem da lata, deus celta do sexo, ou qualquer disfarce que ele escolhesse, teria uma surpresa desagradável, se resolvesse repetir a sua aparição.

“Chega de trotar atrás de alguém que não existe,” barafustou contra a figura adormecida de Ben. “Acabou-se o cheirar as ondas do ar e cauda a abanar para o vazio.”

E acabaram-se os arpejos e suspiros ou olhares devoradores, para ela.

Chegava de formigueiros, onde ela não queria sensações; Um fim à sensação de que ele a estava a tocar, a acariciá-la por todo o lado, mesmo quando ela não o via. Tinha que esquecer os seus beijos de cavaleiro, o seu sotaque explosivo. Nunca mais os seus braços fortes, medievais, a abraçariam.

Não que ela se importasse, com a falsidade de todos os seus olhares de fazer explodir o coração.

Mesmo *gostosão*, o escocês!

Franziu a testa e cutucou um pedaço de algodão na alcatifa. O estupor de olhos de ogre incendiou-a, sim senhor. Até a levar a beira de um tremendo clímax de fazer tremer a terra, apenas para a fazer imergir num vazio gelado e chocante, no momento em que ela começava a quebrar. E isso tudo sem sequer a despir.

Não voltaria a acontecer.

Agora, estava preparada, tomara as suas precauções.

Pelo que lhe disseram, eram boas precauções. Altamente eficazes e capazes de repelir mesmo o

espectro mais difícil.

Esperando que assim fosse, ela dirigiu-se ao toucador de carvalho pesado e pegou numa vela delicadamente cónica. Cheirou com gosto. Feita à mão por Innes e com um odor delicado de lavanda, era uma vela encantada.

Uma vela espanta-fastasmas.

Pelo menos, foi o que alegou a velhinha, informando-a orgulhosamente que a perita em fantasmas de Ravenscraig, Prudentia tinha feito rezas de limpeza de espíritos ao último lote de velas especiais de lavanda, feitas pela Innes. Aos sabonetes de urze, também, não que Mara desejasse ir a tais extremos. Ela não precisava que Sir Alexander lhe aparecesse no chuveiro, não fossem os feitiços da Prudentia falhar.

Também não acreditava realmente nos autoproclamados poderes da cozinheira. Nenhuma macumba resmungada pode transformar objetos domésticos em intimidadores de aparições.

Mas ela estava disposta a tentar tudo.

Mesmo que, empregando métodos tão dúbios, tenha aumentado consideravelmente de a fúria de Murdoch.

Embora, para seu crédito. Com a exceção de um ou outro arrufo e estreitar de olhar á cozinheira e a Innes, o mordomo de pernas tortas permitiu que Mara fizesse o que entendesse no Quarto de cardos.

E ela agradeceu.

Enquanto o simples pensamento num certo cavaleiro medieval, fizesse pular o seu coração, ela tinha pouca escolha.

Furiosa ou não, ela estava impregnada de um entusiasmo formigante, só com a memória de suas mãos torneando os seus seios, os dedos brincando com seus mamilos. Lembrando a sua língua misturando-se na dela, uma agonia insuportável. Então, ela pousou a vela roxa anti fantasma, de Innes, respirou fundo, e foi para as janelas altas do outro lado do quarto.

Grandes trechos de tecido tartan MacDougall estavam pendurados na parede, desde ontem, e essa visão dava-lhe muita satisfação.

Uma satisfação imensa.

Por muito que o fantasma escocês detestasse o seu clã, as novas cortinas deveriam irritá-lo o suficiente para o manter afastado do quarto.

Se não, ela tinha outras armadilhas anti aparição, na manga.

Contra-medidas, que nem mesmo ele poderia desviar.

Um riso nervosa, subia-lhe pela garganta, afastou um painel de tecido pesado e espiou o exterior. Felizmente, o seu tratamento especial às janelas continuava lá: Largas tranças de rama de alho e as suas cabeças, encostadas ao vidro, esperavam. Assim como finos cachos de fruto de sorveira acabados de cortar.

Mara sorriu. Mais vale duvidar da segurança do que não se ter preparado de todo.

Igualmente reconfortante era o facto de o passadiço estar aparentemente vazio, as ameias estavam sossegadas. Nada de cavaleiros em malha ou *highlanders* de olhar sensual a vigiar as pedras. Ou, numa imagem ainda mais assustadora, nada de Sir Alexander arrogantemente inclinado nas ameias, de braços cruzados a olhar para ela.

Mara libertou o suspiro que tinha estado a prender e voltou para o quarto.

Só esperava não se ter esquecido de nada.

Mas as velas anti fantasma da Innes já estavam acesas para a noite, e as suas chamas douradas refletiam agradavelmente na linha de pequenos espelhos, que ela colocara na cornija de mármore. Até o espelho isolado tinha o seu próprio ramo de sorva fresca. Um crucifixo de madeira adornava as paredes, uma até lhe piscava por detrás da porta de quarto.

Colocou também pequenas tijelas de água benta em cada superfície disponível. Isto, insistiu Prudentia, era um impedimento incrivelmente poderoso de visitas noturnas da variedade sobrenatural.

Mara fungou, incapaz de varrer as suas dúvidas.

A improbabilidade da magia da água mágica fez contrair um músculo debaixo do seu olho. Se a água estava encantada ou não, ela agradeceu mentalmente às empregadas domésticas gêmeas. Agnes e Ailsa, por a terem trazido do poço ancestral das colinas celtas.

Depois, antes mesmo de ela ter tempo de se sentir ainda mais tola, pegou a taça mais próxima e começou a aspergir as gotas geladas sobre o quarto, tendo especial cuidado em derramar um círculo de proteção ampla em torno de sua cama.

“Quase feito,” tranquilizou Ben, desenhando um círculo, também, à volta dele.

Só para prevenção.

Ela não acreditava realmente que o Sir *Alex* fosse prejudicar um velho cão inocente.

A verdade é que ele parecia gostar bastante do Ben. Mesmo do Scottie e da Dottie, embora esses dois só lhe rosnassem ou lhe beliscavam os tornozelos, quando não o podiam evitar, de todo.

Mara suspirou, acariciando com a mão, um dos postes trabalhados da sua cama.

Não, ele não magoaria o Ben.

Sir Alexander Douglas fora, seguramente, um amante de cães, uma qualidade que ela, normalmente, valorizava imenso. E essa qualidade, o seu *highlander* beijoqueiro parece ter carregado pelo mundo fantasmagórico.

Essa verdade apertou-lhe o peito, pondo-a numa agitação emocional que ela não queria reconhecer. No momento em que não queria pensar nada de bom sobre ele.

Agindo assim, deixava-a com uma sensação de despojamento.

Então, afastou-se do cão adormecido e pousou a tijela de prata vazia. Fizera tudo o que pudera, e não havia razão nenhuma para povoar o seu coração de “ses” e de o-que-poderia-ter-sido.

Principalmente, por ele ser tão insuportável.

Limpou as mãos, desejando poder esquecê-lo assim tão facilmente. Em vez disso, o seu coração deslizava e a sua boca ficava completamente seca. Os seus olhos ardiavam com lágrimas, que ela insistia em não deixar cair, e, por dentro, sentia-se oca.

Mas, pelo menos, estava aqui e não numa das pousadas de Oban, com medo de desfrutar da sua herança.

Também era suficientemente MacDougall para não deixar que um fantasma a impedisse de gozar do seu prazer de dormir nua. Bem, quase nua, decidiu, começando a despir-se. Deixaria ficar o seu sexy top preto. Apesar de as noites de verão das terras altas nunca chegarem à escuridão total, o quarto estava encerrado em sombras com tantas mantas dos MacDougall penduradas nas janelas.

A escuridão só não era total por causa do brilho das velas da Innes.

Mesmo assim, ela não estava com disposição para ligar as luzes. Se o homem de lata estivesse escondido em algum lugar, atirando-lhe punhais invisíveis, tinha que esticar aqueles olhos fantasmagóricos.

Na verdade, talvez o encorajasse com um pequeno *show*.

Sentindo-se deliciosamente perversa, jogou-se para cima da cama, “a minha cama”, disse desafiando o silêncio.

Em seguida, girando para o seu lado da cama, iniciou uma sequência de elevação de pernas, baixando-as e levantando-as de modo deliberadamente lento. Ele já havia revelado ser incapaz de evitar espreitar por entre elas, por isso, ela iria obrigá-lo.

Com sorte, ele correria tanto, que ficaria com os tomates roxos.

O seu *top* malandro, deveria merecer, no mínimo, isso.

Um pedaço de rendas puras e totalmente decadente, que lhe custara uma fortuna. Ela viu-se incapaz de lhe resistir, desde o momento em que o vira exposto numa montra de uma boutique de lingerie em Covent Garden. Comprara-o a crédito, com a intenção de o guardar para uma noite especial de sexo de fazer

selvagem e escaldante.

Sexo de deixar tudo de fora, de entrega, completamente selvagem.

O tipo de romance que os escritores inventaram para convencer leitores inocentes que realmente existiam.

“Ha, ha, ha,” troçou, voltando as costas e cruzando os braços atrás da nuca. Quem é que ela queria enganar? Os únicos homens que conheceu não mereciam nada parecido com jogos de sedução.

Até agora, eram todos ou cromos ou loucos varridos. Ou traziam tanta bagagem agarrada, que daria uma hérnia dupla a qualquer trabalhador de companhia aérea.

Os únicos machos galantes a notá-la tinham quatro pernas e narizes molhados.

E mais recentemente, atraía fantasmas.

Melhor dizendo, um fantasma.

Então, colocou uma carranca no rosto, que esperava ser suficientemente assustadora para afastar um batalhão inteiro de tais sujeitos e levantou a perna novamente, desta vez tocando nas roupas novas da cama.

Mas o momento em que seus dedos tocaram o cortinado de tartan brilhante, um choque de tremores gelados disparou através dela. Ter o xadrez MacDougall nas janelas era uma coisa, mas enfeitar o seu magnífico dossel com as cores do clã era algo completamente diferente. Sentindo-se menos ousada, ela afastou o pé e deslizou entre as cobertas. Eles também eram de um elegante tecido tartan MacDougall, mas puxá-los até o queixo sabia bem.

Meio esperando ouvir a voz escocesa intensa de Sir Alexander, sussurrando, ignorou as picadas na nuca e tentou ignorar todos os quadros com retratos antigos que estavam nas velhas paredes do quarto. Se se atrevesse olhar, suspeitava que não seria a carranca de um daqueles antepassados barbudos que lhe apareceriam, mas ele.

Mesmo antes que ele descesse da pesada moldura dourada e continuasse rasgando cada pedacinho de tecido tartan do quarto. Ela também não duvidava que ele conseguisse fazê-lo.

Alguém que atravessava paredes e desaparecia da garupa dos cavalos podia fazer qualquer coisa.

Segura disso, ela enterrou-se mais nos cobertores. Mesmo que vivesse até aos cem anos, jamais esqueceria a forma como ele simplesmente desaparecera, quando chegaram aos estábulos.

Oh, sim, o currículo dele era impressionante.

E nada que ele pudesse ainda fazer a surpreenderia.

O que a incomodava eram as admoestações dele aos seus antepassados. Não que ela alguma vez lhes tivesse dado importância. Pelo menos, não como o seu pai, com a sua obsessão por genealogia.

Caramba, às vezes, ele falava tão animadamente sobre antepassados, como Colin MacDougall e Lady Isobel, que Mara quase esperava que eles marchassem pela Cairn Avenue acima e tocassem à campainha da porta, fazendo-se anunciar para o jantar.

Hugh McDougall era obcecado pelas raízes.

Por muito ténue que fosse o laço a reclamar.

Família é família, costumava dizer. Um MacDougall é um MacDougall, independentemente das transformações do nome, e dos séculos e dos oceanos que os separam.

O sangue o dirá, insistia ela, acenando às palavras. A Escócia reclamava sempre a sua gente.

Mara voltava-se de lado, então, para que ele não a visse virar os olhos ao contrário.

Mas agora...

Para surpresa dela, desde que chegou ao castelo Ravenscraig, deu por si a importar-se com isso, também. Não com o olhar louco e turvo do pai, mas o suficiente para se perturbar de cada vez que Sir Alexander procurava denegrir o seu nome.

Os MacDougalls eram um grande clã escocês. Antigo e orgulhoso. Se tinham em Robert Bruce um inimigo mortal, é porque tinham as suas razões.

Agora, que ela não podia duvidar da alegação de Alex ser um fantasma, tinha que assumir que ele baralhava o passado para servir os seus propósitos.

A história não mentia.

Os canalhas, sim. E ele era, obviamente, um covarde de primeira água.

Perigoso, astuto e demasiado sexy.

Mara mordeu o lábio, o calor aquecia-lhe bruscamente as faces. Não queria pensar nele.

Mas antes de o conseguir expulsar da sua mente, uma explosão de ar frio varreu o quarto, fazendo ondear os panos e revolvendo as velas de cheiro a lavanda, feitas por Innes. Em poucos instantes, a temperatura foi de fria a gelada.

“Oh, não!” Os olhos de Mara arregalavam-se, enquanto o fogo da lareira aumentava e assobiava.

As placas de turfa não saltavam, nem se elevavam em chamas multicolores – a turfa ardiam suavemente. Delicadamente. Até ela sabia disso.

Depois, voltaram a arder suavemente e tudo ficou calmo.

Como antes.

Mara engoliu em seco, perguntando-se se teria adormecido sem dar por isso, e se teria acordado de um pesadelo.

Mas várias das tigelas de prata com água benta estavam agora espalhadas pelo chão, o seu conteúdo penetrando na espessura da alcatifa turca, prova suficiente de que a tempestade foi real.

Pelo menos, tão real como o fantasma escocês que a enviou.

Tinha que ser ele. Uma vez que ele enviou o vento para fazer o seu trabalho sujo, talvez as suas precauções estivessem a funcionar. Pelo menos, o suficiente para que não fosse ele a manifestar-se.

Exatamente o que ela pretendia. Por muito que uma pequena parte dela sentisse a falta dele.

Ser possuída por um cavaleiro medieval impoluto poderia estar no cerne das suas fantasias, mas ela teria preferido que ele viesse ter consigo como viajante do tempo, em vez de em forma de aparição. Os fantasmas ainda não estavam nos seus planos. Fogoso ou não, ele tinha que desaparecer.

Era hora, também, para usar a arma secreta de Prudentia.

Com o coração numa tempestade de trovões, ela desceu da cama e pegou num ramo de salva seca atrás da fileira de espelhos na lareira.

“Fora daqui,” ordenou, dizendo as palavras que a cozinheira lhe ensinara. Depois, atirou um fósforo para as ervas, que se incendiaram num ápice, enviando uma pluma de vapores acres directamente para o rosto, deixando-lhe os olhos a arder.

“Desaparece!” Avisou, com um tom que enviou Ben para debaixo da cama. Mara franziu a testa, passou uma mão sobre os olhos lacrimejantes. “Vê os distúrbios que causa, Sir Alex! Assustar um pobre e velho cachorro. Volte para Dimpleby e assombre outros móveis! Deixe-me em paz, a mim e ao Ben.”

Começou a sufocar, mas continuou a mover-se pela sala, agitando sempre o ramo de salva a arder. Rapidamente, um fumo nocivo engrossava o ar. Uma nuvem tão espessa, que ela não conseguiria ver o sacana, se ele se colocasse mesmo à sua frente.

“Raios,” suspirou, com a garganta a arder.

Ben refugiou-se com medo, debaixo da cama.

“Está bem, eu paro,” ela acalmou-o, agitando a sálvia para apagar a sua ponta a arder. Mas os seus esforços, apenas causaram mais aumentaram a nuvem de fumo e enviaram uma chuva de faúlhas para o chão.

“Raios! Raios! Raios!” Saltou, quando algumas das faúlhas aterraram no seu pé.

Desesperada, agarrou num vaso de esporas-bravas cor-de-rosa, atirando as flores para cima da cama e afundando a sálvia a arder, para dentro de água. A extraordinária arma à prova de fantasmas da Prudentia, soltou uma última fumarada e um assobio.

Depois, tudo ficou calmo.

Exceção feita ao rugido do sangue nos seus ouvidos e estrondos do riso forte e masculino, vindo do lado de fora das janelas.

O riso *dele*.

Reconhecia-o em qualquer lugar.

Mesmo no meio de mil homens rindo de alegria. E esta conclusão fez com que o seu coração parasse.

Não, o seu coração pulava.

Batia num alívio vertiginoso por não o ter expulsado.

Pior: a alegria começou a crescer dentro dela e, só a sua garganta dorida a impediu de rir com ele.

Alex, chamou, o assumir da situação a bater-lhe como um soco no estômago. E até isso era motivo para rir.

Mas por razões muito patéticas.

Razões ressaltadas pelo súbito silêncio da varanda..

Ele desaparecera.

E, por muito que ela quisesse, não o podia perseguir.

“Oh, Ben, o que vou eu fazer?” Sussurrou, vendo o cão deslocar-se numa baralhação para o tapete da lareira.

Sabendo que não havia nada a fazer, caiu na cama, agora húmida, e olhou à sua volta para os seus fracassados esforços de caça-fantasmas. Hordas de tecidos tartan por toda a parte transformavam o quarto numa espécie de armazém de tecidos dirigido por *escocésófilos*. Velas, cruces e sorva estavam espalhados em número suficiente para encher uma antiga igreja celta.

Já para não falar nos espelhos e outros toques.

Gemendo, pegou em algumas esporas bravas amassadas, que estavam debaixo dela e atirou-as para o chão. Nem um para chafurdar na sua autocomiseração, tentou ver as coisas por um lado positivo.

Pelo menos, ninguém a via. Que os céus a ajudassem, se pudessem.

Eles iriam pensar que ela ensandeceu de vez.

Mas talvez ela tenha enlouquecido mesmo.

Por que outra razão se deixaria apaixonar por um fantasma?

Foi o tartan que atçou a sua fúria.

E ainda se estava a refazer do choque. Alex encarou a névoa cinzenta que o envolvia. Quis ficar de novo no seu mundo de entre os mundos, o reino místico em que ele mergulhava e emergia ao longo dos séculos, mas não esqueceria a afronta a que assistiu no Quarto dos Cardos. De como ele ficou na varanda, incapaz de fazer mais do que um bocejo.

Bastou um olhar pelo quarto embrulhado em panos para esquecer o mais ínfimo pingo de remorsos que sentira por infernizar a vida da moça, nos últimos dias. Algo que ele fizera para o seu próprio bem, esperando que ela cedesse e deixasse Ravenscraig.

Para que recomeçasse o seu trabalho com a sua “Excursões Exclusivas” e viajasse para algum canto remoto do mundo, onde o pudesse esquecer.

Principalmente, que esquecesse aquele beijo.

Ou do quão perto ele esteve de a possuir, ali na grama, por cima da colónia de focas. A lembrança espremeu-lhe o coração, envergonhando-o e ultrajando-o. Transformara-se num tolo conduzido pela luxúria, muito pior do que Hardwick, pois permitiu que uma MacDougall se esgueirasse pelas suas defesas.

Mara, com o seu cabelo de fogo brilhante a cair pelos ombros, e os seus olhos brilhantes.

Como a sua paixão se incendiou rapidamente.

Alex soprou furiosamente, e passou uma mão pelo cabelo. Sentia tusa por ela até agora. Quente, latejante e quase quebrando de desejo.

“Fogo e fúria dos infernos,” fervia, sabendo-se perdido.

A maior maldição de todas era que o seu desejo de se enterrar dentro dela era apenas metade da dor que o assolava.

A maior agonia era a da lembrança do passeio pelas falésias. De como ela era doce e feita para os seus braços, aninhada confortavelmente entre as suas coxas. Os seus suspiros de prazer e o seu riso aqueceram-no, e nesse curto espaço de tempo, ele sentiu-se vivo de novo.

Foi uma experiência gloriosa.

Tão inebriante, que ele esquecera tudo o resto, incluindo a sua situação de fantasma. E esse estado detestável era algo de que ele nunca podia ignorar. Mas conseguiu fazê-lo... tão facilmente.

Impensável que ele volte a sucumbir.

Ele não podia reclamar um lugar no mundo dela e ela, seguramente, não queria um lugar no seu. Passou a mão pela barba e olhou em volta, grato por o turbilhão de névoa ter Escondido grande parte da noite misteriosa do reino. Pesadas nuvens de trovoada zanzavam acima e por baixo dele, e ele escolheu sensatamente não pensar nos estranhos habitantes que espreitavam mais profundamente do meio da névoa giratória, onde a própria névoa se transformava numa parede intransponível de nevoeiro.

Havia cantos piores neste local, ele sabia.

Mara não pertencia a nenhum deles.

Desgraçadamente, ele sim.

Essa verdade era a razão pela qual ele tentou tão desesperadamente tornar as noites dela miseráveis.

Por isso, ela se foi embora, antes que a sua ligação se fortalecesse. E antes que ela se desse conta do quanto ele a queria e precisava dela. Se ela adivinhasse que o simples facto de o chamar pelo nome, quase o pôs de joelhos.

Antes, ele causara-lhe o mesmo tipo de angústia que sentia agora.

Em vez disso, ela ficara blindada pelo seu trabalho para atrair, deus sabe quantos MacDougalls para Ravenscraig, persuadindo-os a comprometerem-se a participar no projecto de *One Cairn Village*.

Ou pelo menos, a estarem presentes na grande inauguração da pedra memorial dos MacDougall.

Uma empresa tola e ignorante, que o enchia de fúria.

Pelos dentes de Odin, ele nem conseguia caminhar pelo edifício, sem que as suas entranhas se revolvessem. Para ela o plano era um sonho que lhe iluminava o olhar quase tanto como naquela tarde, nas falésias.

Só que na altura, ele foi o responsável por esse brilho.

Até que o seu tempo juntos azedou, como seria de esperar.

Fazendo cara feia, pendurou as mãos no cinto da espada, tentando resfriar o seu temperamento.

Por que é que ela não era razoável? Por que não perdeu a coragem e fugiu aterrorizada, como todos os outros MacDougall ladrões de camas fizeram ao longo dos séculos?

Longe disso, ela seguiu com os seus planos com todo o zelo e determinação, que ele nunca atribuiria a uma moça da sua raça lamentável.

Quando não estava ocupada a transformar Ravenscraig num paraíso para MacDougalls deslocados e famintos, ela arrastava tantos metros de tartan do clã para o seu quarto, que ele duvidava alguma ser capaz de conseguir limpá-los da sua memória nos próximos cem anos.

Quiçá mais.

“Maldita sirigaita,” praguejou, golpeando a névoa fria e perguntando-se se voltaria algum dia a sentir calor. “Que belzebu e todos os seus ajudantes de cauda carreguem os MacDougalls! Todos eles.”

Principalmente, a Mara, com as suas curvas exuberantes e a sua pele cremosa, o seu cheio exótico e cheio de feitiços com que ela seguramente se banhava. E os pedaços de renda preta que tinha usado para o despertar.

E conseguiu.

Furioso, Alex apertou os dedos no cinto, contorcendo o rosto por causa das dores na zona púbica e o aperto no peito.

Ela podia considerar-se uma sortuda por ele ter ficado entre reinos, em vez de ficar na sua muralha. Ele não conseguiria controlar-se por muito mais tempo, se tivesse ficado.

Como se atrevia a cobrir a sua cama com roupas MacDougall?

Por Deus, o insulto era enorme, mais valia tê-lo esbofeteado.

Não era só o facto de ter transformado a sua cama num santuário dos MacDougall. A rapariga de bronze tinha enfeitado a câmara inteira com essas cores abomináveis.

“Também é tonta,” murmurou, espreitando através de uma bolsa de névoa mais densa. “Tonta e parva.”

Por que outra razão enfeitaria o quarto com aqueles trapos ridículos?

“Dentes de alho e sorva nas janelas!” Chutou um novelo de névoa, de algum modo contente com os seus rodopios e ondas, quase como que atenuando a sua ira.

Bufou e prosseguiu. “Espelhos e tijelas de prata na borda da lareira. Cruzes nas paredes.”

Ela achava o quê? Que ele era um vampiro?

Um bruxo?

Se assim era, precisava de uma lavagem à cabeça. Ele mais não era que uma alma penada. Um bom e honrado homem nos seus dias, encurralado no tempo e no espaço, sem qualquer culpa. Às vezes, vagueava nesta misteriosa zona cinzenta e, outras vezes, rumava pelo mundo terreno até à atualidade.

Que duraria até quando a sua cama calhasse de cair nas mãos sangrentas dos MacDougall.

Ele também poderia visitar outros séculos, se assim escolhesse. Só que o seu próprio tempo estava perdido.

Mas vampiro não era.

Ele era simplesmente o resultado ilegítimo da traição dos MacDougall e do seu broche enfeitado.

A maldita pedra de sangue de Dalriada.

Um broche, que ele *não* roubara. Ele mal lançara os dedos na maldita bugiganga, quando os soldados de Colin lançaram as flechas sobre ele.

“Pragas,” rosnou, e as névoas escureceram, passando de cinzento claro a um negro furioso, o próprio ar crepitava com a sua raiva.

“Desovas de Satanás,” praguejou, envolvendo-se a si próprio no ataque.

Mas era demasiado tarde.

Já relâmpagos giravam e trovões ecoavam através dele, cada estalo ensurdecador agitando o nevoeiro a seus pés e rodeando-o com cheiro de enxofre.

Um aviso.

Um lembrete inconfundível para a imprudência da sua ira.

A fúria continuava a percorrê-lo, mas rangeu os dentes e forçou-se a aclarar as ideias.

“Maldição.” Pressionou os dedos contra as têmporas até que a escuridão se fez luz e a tempestade desapareceu. Só então, baixou as mãos, amaldiçoando-se pela sua insensatez.

Como é que ele se foi esquecer dessa irritação particular deste lugar de descanso cinzento para os condenados?

Esta terra de sombras, preenchida com névoa, mas também calma. Paz abençoada, pelo menos, para aqueles que não se excediam, como ele tinha acabado de fazer e, como muito provavelmente, continuava a fazer, pois não conseguia parar de se irritar.

E ele não veio até aqui para ficar sisudo.

Ele só queria encontrar um lugar solitário. Que o ajudasse a limar arestas calmamente, que o ajudasse a esquecer. O problema era que ele não conseguia, e quanto mais a sua fúria se acendia, mais ele arriscava uma visita tempestuosa.

Só que da próxima vez, os relâmpagos não passarão ao lado dele.

Da próxima vez, irão contra ele, deixando-o chamuscado, com cicatrizes, que levarão meio século a sarar.

Isso sabia-o ele por experiência própria.

Assim como sabia que não regressaria ao quarto de Mara.

Ele iria, onde deveria ter ido há dias. Na altura em que Hardwick o sugeriu. Mas mais vale tarde do que nunca.

O seu amigo amoroso com certeza estaria ainda lá, gozando dias de rebeldia e festa. E mesmo que não estivesse, Bran de Barra dar-lhe-ia as boas vindas.

E sem relâmpagos e raios. Ou o cheiro agressivo do enxofre.

Longe disso, todas as necessidades e desejos de um homem se encontravam na ilha de Barra, e as vezes que se desejar.

Havia razões fortes para Hardwick passar tanto tempo por lá.

Agora, Alex visitaria, também ele, Bran MacNeil.

Há demasiado tempo que ele não partilha o pão e as mulheres com os grandes homens de barba das ilhas, tão famosos pela sua hospitalidade. Poucos chefes eram tão amados, a imparcialidade e abertura de Bran era apreciada por todos. De decisão tomada, Alex sorriu. Nem mesmo o pulsar quente das suas partes baixas o incomodava já. Em breve, ele saciaria esse fogo, ficaria inteiro de novo.

Tão inteiro quanto um fantasma pode ser, corrigiu, com a sua excitação a subir.

Morto por se por a caminho, cruzou os braços e concentrou-se em arranjar a indumentária adequada para uma visita à maravilhosa torre de menagem de Bran. Como se pela mão de uma feiticeira, as suas melhores vestes substituíram a túnica e calça simples que usava. Satisfeito, ajustou cuidadosamente o grande e volumoso manto e correia reluzente que usava por baixo, e depois, foi a grande velocidade para onde a névoa cinzenta parecia menos densa.

Com um lento sorriso nos lábios, ele sacou a espada com um floreio e brandiu-o num movimento de moinho de vento, cortando as cortinas movediças da névoa até que conseguiu uma clareira suficientemente grande para espiar através dela.

Cobrindo o fio da espada, esperou até que a névoa à volta da abertura se afastassem ainda mais e a magnífica praça da torre de menagem e as paredes com cortinados da propriedade de Bran MacNeil apareceu perante os seus olhos.

A bandeira de Bran esvoaçava no ponto mais alta da torre, as suas cores fortes orgulhosamente chicoteadas pelo vento. Não é que Alex achasse que a talha tosca do chefe das Hébridas estivesse noutra lugar. Dezenas de embarcações estavam ancoradas na pequena baía que rodeava o rochedo do castelo, os seus altos mastros, inclinados, as proas confiantes furando a névoa marítima e indicando que Hardwick estava longe de ser o único convidado de Bran.

Um olhar mais atento provava isso mesmo, enxames reveladores de ilhéus envoltos em mantas de xadrez, de aparência feroz movendo-se sobre a muralha, cada um deles ostentando brilhantes jóias celtas, uma mulher bem feita de olhar sensual pendurada em cada braço. Os barbudos Hébridos pendurados com mais aço do que aquele que Alex via há séculos. Mas ele sabia que na casa de Bran de Barra tal exposição era apenas para ser exibida.

Bebida, mulheres e orgias eram as razões daquela reunião na fortaleza de Bran.

Como sempre, a porta do hall ficava aberta, a multidão acotovelava-se à entrada. Muitos dos foliões eram mulheres seminuas, beldades adquiridas para o prazer dos convidados de Bran. Gargalhadas femininas muito agudas e uma canção obscena enchiam o hall com fumo de tochas iluminando as profundezas, onde os visitantes celebravam de forma barulhenta, uma festa já bem avançada.

Uma festa a que muitos chamariam de orgia.

Um sorriso negro curvou os lábios de Alex. Ele diria muitas orgias.

O deboche no seu apogeu.

Exatamente o que ele precisava.

Então, silenciou quaisquer dúvidas existentes sobre a participação em tal depravação, fechou os olhos, e forçou-se a manifestar-se no pátio de Bran.

Num impulso, a névoa apressou-o, o impacto quase espremia o ar dos seus pulmões, enquanto o ar se contraía e girava à sua volta. Um vórtice giratório conduzia-o, numa espiral, sempre para baixo até que o barulho no salão de Bran deixou de ser suave e passou a uma cacofonia ensurdecadora.

Alex juntou os seus olhos, fechando o pulso e concentrando-se.

Depois, estava lá, terra firme debaixo dos pés, os ouvidos assaltados pelos gritos luxuriosos de várias mulheres mergulhadas em êxtase.

“Pois sim,” concordou, sorrindo, enquanto as suas partes viris se contraíam em agrado, o seu pau inchava e crescia, mesmo antes de abrir os olhos.

Não perdeu tempo avançou para a luta, os seus olhos buscavam uma rapariga agradável. De preferência seminua, peituda e com belas coxas redondas, preparadas para se abrirem.

Uma verdadeira cortesã, versada em todas as formas de lascívia.

Sobretudo, suficientemente dotada, para varrer Mara MacDougall da sua mente.

De uma vez por todas.

Capítulo Dez

Uma mistura de aromas picante apoderou-se de Alex com pleno vigor, no momento em que se materializou no meio do pátio de Bran de Barra. A secagem de algas e peixes mortos, o fresco e fumegante esterco animal, e o amadurecimento inconfundível de muitos corpos sujos, cabeludos - os cheiros vinham de todos os lados, tirando-lhe o fôlego e, instantaneamente, aniquilando a razão para estar lá.

Ficou muito quieto, tentando não inalar os cheiros.

Por Deus, até os seus olhos ardiam.

Ele pestanejou e começou a caminhar em direção à torre de menagem, tendo cuidado com os seus passos.

Para ser franco, não se devia importar. Uns bons cem anos antes do tempo de Bran, o seu próprio mundo tinha odores igualmente intensos. Na verdade, a maior parte dos pátios do seu tempo cheiravam bem pior que este de Bran.

Além disso, ele não veio aqui para agradar ao nariz.

O seu propósito era atender a outros assuntos, como lhe lembrou uma súbita explosão de um riso feminino. Olhou à volta para espiar de onde vinha o som, um monte de mulheres enchiam jarros de água do poço do castelo.

Uma tinha um peito excepcionalmente formoso, com a sua plenitude cremosa transbordando do corpete decotado. Deliberadamente ou não, a crista dos mamilos estava completamente à vista. Outra tinha um sorriso com covinhas e quadris arredondados, curvas exuberantes e um belo e redondo traseiro podiam garantir uma cama idealmente aquecida.

“Meninas,” cumprimentou Alex, contente por trajar a sua melhor indumentária escocesa.

“Sir,” disseram em uníssono, os seus olhares atrevidos causando, definitivamente, um grande efeito nele.

“Temos mais que encher do que estes cântaros,” provocou a moça de grandes seios, olhando para ele de forma sugestiva, enquanto levantava a sua jarra. “Poderá o cavalheiro, porventura, ajudar-nos?”

Alex lançou-lhe um sorriso. “Talvez mais tarde, meu doce. Agora, tenho que falar com o teu dono e um amigo, Sir Hardwin de Studley.”

“A festa do Bran é no salão,” acrescentou outra rapariga. “O Hardwick está em... bem, logo verá!”

“Seguramente,” concordou Alex, percebendo a sua intenção.

E o calor agradável que lhe assomou aos testículos, quando ouviu as suas palavras corajosas. Já estava de novo excitado. Não com a tusa que o trouxera ali, mas com um agradável formigar pesando que fazia a sua *seta* contrair-se de uma forma agradável.

Ele suspirou profundamente. Sim, mas prazeroso.

Tanto haveria para dizer sobre o estado de *semiexcitação*. O desejo reprimido leva à maior libertação. E um pau endurecido e balançando entre as pernas de um homem, poderia ser um tormento delicioso.

Principalmente, se ele estiver apenas a usar uma grande manta com camisa açafão e o orgulho escocês por baixo.

Saboreando agora essa felicidade, Alex olhou de novo para a moça de peito abundante.

“Sim, Hardwick estará mergulhado no que quer que seja que encontrou para seu deleite,” disse, com a forma sugestiva das suas próprias palavras a fazerem o seu mastro levantar-se um pouco mais... “Quiçá eu volto para vos ver, depois de o encontrar?”

Talvez para a ajudar a encher o seu cântaro?”

“Sou a Maili, caso me queira procurar,” ronronou, deixando o olhar a pairar sobre ele. “Tenho sempre necessidade de ajuda.”

Piscou o olho e deixou a língua escorregar pelo lábio inferior. Com o objetivo de aumentar o seu apelo, ela pousou o jarro de água e ergueu as mãos para o cabelo solto, o movimento fez com que os seios ficassem tensos contra o corpete decotado.

Alex respirou apertado. Seu pênis inchou e se esticou ainda mais. “Moça, você tira o meu fôlego.” Ele deu um passo em direção a ela, o seu desejo de anunciar-se a Bran antes de participar da hospitalidade do ilhéu, rapidamente perdendo importância.

Ao aproximar-se da dama, o sol afastou as nuvens, a sua luz oblíqua caindo sobre os seios magníficos, brilhando em seu cabelo. A juba gloriosa vagamente da mesma cor que Mara MacDougall.

Tranças lustrosas caindo livremente sobre os ombros, brilhando numa cascata de bronze, cada fio parecendo, de repente, acusador para ele.

Alex parou, a sua necessidade retrocedendo novamente

Ele reprimiu um careta. Nada corria como ele tinha planeado.

Interpretando mal a sua hesitação, a moça começou a se atrapalhar com os laços de seu corpete, desatando-os até que o material ficou completamente aberto e os seios saltaram livres. “Olha bem o que te espera,” disse, abanando-os. “E lembra-te, o meu nome é Maili. Não deixes que o Lord Bran te ofereça outra!”

Depois, sorriu – um sorriso de dentes tortos e amarelos.

Na verdade, os dentes roçavam o verde.

Alex esperou que ela não tivesse percebido que ele notou. Mas notou. E o calor persistente nas suas virilhas resfriou.

Engoliu em seco, forçando-se a dar-lhe um aceno amigável. Sentindo-se culpado, agarrou num ramo de flores selvagens do ar e ofereceu-lhas com toda a pompa e circunstância que conseguiu reunir.

“A menina será a desgraça de qualquer homem,” disse sabendo que ela entenderia as palavras de um modo agradável.

Depois, voltou-se e caminhou na direção da torre de menagem. Suspeitava que tinha visto piolhos rastejando em seu cabelo. Como poderia ter pensado, mesmo que por um instante, que a moça no poço se assemelhava Mara?

O seu estômago deu uma volta, por ter sequer considerado essa comparação. Franzindo a testa, apressou o passo, contornando uma enorme pilha de conchas de preto brilhante, ao tropeçar num pano de xadrez comprido e amarrotado.

Um tecido *MacDougall*, e com a própria mulher embrulhada nele!

“Pelos tomates de Odin!” O coração de Alex bateu contra suas costelas. Ele olhou para ela, os seus olhos viam-na, a sua mente gritava-lhe que não podia ser.

A não ser que ela estivesse sonhando acordada – Dormindo profundamente em sua cama e sonhando tão profundamente que o poder de seus pensamentos permitiu-lhes materializarem-se.

O que queria dizer que ela estava a sonhar com ele.

Engoliu em seco, o seu coração em trovões tão altos, que ele mal podia ouvir os seus pensamentos. Ou mexer-se. Não com ela, de novo, esparramada debaixo dele.

Só que desta vez eles não estavam em cima das falésias, e ela estava quase nua, usando apenas aquele pedacinho de tecido preto de que tanto gostava. Pior ainda, ela estava deitada de costas.

Ela também olhava para ele, seu olhar fixo na parte que oscila dele, e que as dobras do seu grande manto nada fizeram para ocultar.

Ela podia ver tudo dele.

“Bela moça, se continuas a olhar dessa forma, eu não me responsabilizarei pelos meus atos,” avisou,

sabendo que ela não o ouvia.

Mas tentá-lo podia ela, na ilusão do sonho ou não. Ela contorcia-se no xadrez e fazia ruídos macios e pequenos, choramingando, cada movimento sinuoso dava-lhe vislumbres breves dos seus encantos. A ascensão e queda dos seus seios coroados de paixão, uma aparição fugaz do mamilo. Então, que os deuses o ajudassem, graças a uma elevação dos quadris, viu o triângulo escuro de seus cachos femininos, uma tentação quase enlouquecedora, doce demais para contemplar.

No entanto, ele a contemplou, e todo o seu corpo se apertou numa necessidade feroz, urgente. Ela cruzou as pernas dela, o arco das suas costas, mostrando-lhe ainda mais. A estreita faixa de renda preta não escondia nada. Frágil e pura, ela só revelou seus segredos mais sombrios e a humidade ali reunidos. Pior, os ricos odores da sua excitação vagueavam a intoxicá-lo.

“Mara.” Olhou para ela, com o coração alargado na doçura do seu nome. O seu controle quebrado, todo o seu longo pedaço duro exigia libertação. “Tenho que te ter – agora, neste momento,” confessou, quase derramando o seu líquido, quando ela o alcançou e enroscou os seus dedos à volta do seu pénis quente e dorido e começou a acariciá-lo.

Ela fechou os olhos em êxtase, arqueando as costas, enquanto o mais suave dos suspiros lhe escapava dos lábios. Seus seios arrepiados ficaram mais corados e os seus dedos apertaram-se mais, deslizando para cima e para baixo, ordenando-o furiosamente, e ele não conseguia sentir nada.

“Nã!” rosou, amaldiçoando o véu do seu sonho, que o enganou com a sensação do toque. “Nã posso suportar isto,” rosou por entre os dentes, uma angústia quente varrendo-o por dentro.

Depois, ela desapareceu, deixando apenas um pedaço de tartan esfarrapado e sujo. Um tartan de MacNeil de Barra, e rapidamente foi arrebatado por uma lavadeira de olhar atormentado, que se apressou a apertar contra o peito um conjunto de lençóis e mantas.

“As minhas desculpas,” disse ela, sobre o ombro dele, enquanto se afastava, com o tartan enlameado atrás dela.

Alex ficou a olhar para ela, atordoado demais para se mover. Aos poucos, seu coração parou de correr e ele passou a mão sobre o rosto, soltando um grande suspiro. Nunca fora tão consumido por uma moça. Se ela não fosse uma invenção de sonho, ele tê-la-ia levado às pedras frias e turvas.

Mais do que uma vez. Indiferente a quem o observasse.

Apenas ela importava.

Ela tinha trabalhado sua magia de bruxa nele de outras maneiras também. Ele beliscou a ponte de seu nariz, esmagando a cabeça de forma impressionante. Pensara realmente nela a sonhar em sua cama?

Não na sua, mas na dela?

Sim, tinha. E supunha que, chegada a noite, a lua cairia do céu.

Mas ele não veio até aqui para não lhe escapar, e iria escapar-lhe. Mesmo que tivesse que ir para a cama com todas as moças que Bran tivesse para lhe oferecer.

Com esse intuito, marchou ao longo do pátio, um edifício de pedra alto, de telhado inclinado. A torre de Bran. Dentro de suas paredes robustas aninhava-se o célebre salão-de-todos-os-prazeres do chefe dos Hébridos.

O sol brilhava através das estreitas janelas redondas com tampo e Alex deu um passo mais rápido, ombreando com algumas cabeças de cerveja cambaleando, enquanto cruzava a ponte movediça, então, subiu a pedra íngreme da rampa para uma porta que ficava ao alto na espessura da parede.

Maciça e cravejada de ferro, a porta era larga, permitindo a entrada em domínio privado de Bran incontestavelmente. Alex parou no limiar, ajustando sua manta. Em seguida, ele ajeitou os ombros e entrou.

Um caos familiar recebeu-o.

O salão com uma neblina de fumo cavernoso, repleta de foliões, criados movimentando-se com jarras de cerveja e pratos de carnes assadas. Tochas e velas lançavam sombras nas paredes cheias de armas

penduradas e no teto de vigas, e os cães corriam por todo o lado, latindo e esperando as sobras.

O barulho era ensurdecedor. Homens rindo e acotovelando-se lotavam as mesas de cavalete e acumulavam-se nos corredores. Um número incrível de mulheres de seios nus posavam perto da enorme lareira acesa, cantando algumas canções obscenas, outras arejavam as saias - para o deleite da audiência barba banhada de cerveja.

Elogios e incentivos enchiam o ar, com o resultado esperado.

Um músculo contraiu-se na mandíbula de Alex. E em outro lugar. Tais exhibições ousadas de corpos femininos eram mais do que entretenimento. Mas, logo que ele se mostrou no pátio, cheiros desagradáveis apressaram-se de todos os lados.

Ele preparou-se, tentou não tapar o nariz. Ofender o seu anfitrião era a última coisa que queria.

Mas os juncos do piso estavam emaranhados e sujos e, obviamente, não eram mudados há mais séculos do que ele queria imaginar. Pior, a névoa espessa de fumaça do salão quase o sufocou.

O ar fresco, limpo do mundo da sua Mara passou pela sua mente e ele engoliu um insulto, disfarçando-o atrás de uma tosse. Já havia cabeças girando, olhares curiosos voando na sua direção.

Não que ele se importasse com quem o observava.

Também não importa se se importasse, pois era tarde demais para sair.

Tinha sido visto.

O seu anfitrião estava sentado num dos vãos das janelas, uma devassa seminua aos seus joelhos.

“Céus! Serei enganado pelos meus próprios olhos?” Bran de Barra explodiu em espanto, levantando-se. “És mesmo tu? Alex Douglas? Vieste agradecer o meu salão?”

Estreitando os olhos para Alex, ele pegou numa cerveja de um folião que passava, esvaziou-o, e em seguida, jogou a caneca vazia no chão. "Pelos joelhos de Thor, és tu!", Gritou ele, batendo na coxa. “Pela minha honra - isto é uma verdadeira surpresa!”

Em seguida, ele aproximou-se correndo, todo riso e charme, a barba espessa dividida num sorriso. “Bem-vindo, bem-vindo!” Agarrou os ombros de Alex, sacudindo-o. “A Minha casa é tua. E qualquer coisa nela que te possa agradar!”

Libertou Alex e fez-lhe um manguito com o braço. “Muitas das minhas fantasias, como desejas.”

“E para ti. “Alex enfiou a mão no xadrez, produzindo rapidamente um cinto de ombro com o melhor couro, magnificamente trabalhado. "Pela tua recepção.”

Bran de Barra sorriu. “Só um Douglas para oferendas dignas de um rei,” elogiou, desenrolando o cinto com prazer óbvio. “Eu digo: Muito obrigado!”

Alex começou a negar a sua razão para estar ali, mas antes de o conseguir fazer, o rosto de Mara apareceu do nada, com os seus olhos de âmbar a olharem para ele das sombras.

Olhando friamente. Iradamente.

O calor entrou como uma bala no peito de Alex, apertando-o como uma viseira.

Engoliu em seco, sentindo-se como um rapaz apanhado a fazer o que não devia. “A tua generosidade permanece incólume”, disse a Bran, forçando a resposta esperada. “O esplendor da tua hospitalidade é vertigi-”

“Para os meus amigos tudo!” Bran cortou, colocando as mãos na anca. “Então, vieste juntar-te às nossas festividades? Diz que sim!” Rodou nos calcanhares, com uma alegria aparente. “Quer dizer que finalmente afastaste a última MacDougall daquela tua cama?”

Alex olhou numa certa direção, revelando que a imagem da sua senhora tinha desaparecido.

“Aquela cama e os MacDougalls ainda me atormentam. Poderosamente tarde. Ele optou pela verdade, ainda que não inteira. “Por isso, vim procurar diversão, sim.”

Bran levantou uma sobrancelha. “Do tipo que ali o Hardwick prefere?” Zombou, inclinando a cabeça para estrado do salão.

Alex seguiu-lhe o olhar, sabendo o que veria.

Hardwick estava numa mesa de cavalete comprida almofadada, o que significava que era para convidados de honra.

Uma moça bem feita com um fluxo de cor da meia-noite estava montada nele, o balanço rítmico de seus quadris, não deixava dúvidas quanto ao tipo de entretenimento que concedia. As suas partes íntimas aceleraram àquela visão, os gemidos de luxúria da moça enviavam-lhe calor pelo corpo todo. O seu pénis inchou de uma só vez, o seu comprimento duro fazia uma tenda no seu manto.

Mas era *dela* que ele precisava.

O raio da Mara MacDougall. A própria com o seu temperamento escaldante, o seu gosto por velhos cães e pernas cambadas e barbas com cãs. Só ela envia luxúria pelo seu corpo, aquece-lhe o sangue e o põe duro como granito. Ele queria-a debaixo dele, nos seus braços, ou tê-la de qualquer forma e saboreá-la.

Não uma qualquer saia fácil das Hébridas, cuja cara ele esqueceria antes de sair de dentro dela.

Algo dentro dele incendiou, uma dor ardente e profunda rasgava-lhe o peito. Ele suspeitava que era a consciência incômoda de que ele estava tão obcecado por ela, que nenhuma outra mulher lhe interessava. E isso era uma complicação que ele preferiu ignorar, focando-se apenas no inchaço latejante da virilha.

“Não é preciso responder, meu amigo.” Bran passou um braço pelos ombros de Alex. “É óbvio que vieste pela mesma razão pela qual Hardwick vive aqui!”

Radiante, impulsionou Alex mais para o fundo do corredor. “Tenho a moça ideal para ti - Galiana. Ela vai ver as tuas necessidades e satisfazer todos os teus desejos, até vai buscar uma moça nova, depois de acabares come ela, se quiseres.

Alex acenou, a sua garganta estava subitamente tão apertada como as partes íntimas de um homem.

Agora que chegara finalmente a altura de quebrar os seus longos séculos de abstinência, ele não podia ignorar a evidência de que nenhuma outra mulher, além de Mara, lhe serviria.

Hardwick – ostentando uma furiosa lança dura, ainda não se tinha conseguido vir.

Afastou o pensamento, recusando-se a considera-lo. Ele podia enfiar a sua espada onde escolhesse e teria enorme prazer nisso! Foi sempre um homem muito cobiçado, pelo menos, na sua vida terrena.

Depois de recuperar da Galiana, abriria caminho por uma série de queridinhas do Bran, gozando com todas elas até à última gota de sémen do seu corpo.

Só então arriscaria voltar para Ravenscraig e enfrentar Mara MacDougall. Bani-la, de vez.

Antes que um deles rasgue um buraco ainda maior em seus corações.

“Então?” A voz profunda de Bran soou ao lado dele. "Não é tudo o que prometi?"

Alex começou. Não tinha percebido que tinham cegado ao estrado.

Mas tinham, e Bran ficou a sorrir para ele, uma mão no ombro de uma mulher voluptuosa, embrulhada em escarlata e ouro. O homem da ilha ergueu a trança de linho pesada, oferecendo-lhe os lábios para um beijo repenicado.

“Esta é a Galiana!” Sorriu para ela, com o seu peito de barril inchado. “Tem sangue de reis nórdicos, é inigualável na sua arte. Não a ofereço a qualquer um.”

Alex engoliu em seco, incapaz de dizer palavra. A mulher era desejável e tentadora.

Respirava uma sensualidade da espécie mais negra, mais primitiva. Generosamente feita e olhar atrevido; só de olhar, qualquer homem se sentiria mergulhado num mar de luxúria. O sangue de Alex já aquecia nas veias e ele pôde sentir os sumos do amor a reunirem-se na ponta da sua espada.

Mas havia um cão velho a deambular perto dos juncos – um cachorro incrivelmente parecido com Ben, e parou o seu farejar para fixar o seu olhar em Alex.

Um olhar imperturbavelmente acusador.

“Então, meu amigo? Achas que serve?” Bran observava-o com um olho arqueado. “Se não, há muitas mais por onde escolher. Ruivas, amantes loucas, mulheres exóticas de outras paragens. Até uma ou duas donzelas, se as preferires intactas.”

Alex acenou a cabeça, a sua escolha estava feita. Tinha visto o suficiente para perceber que a mulher nórdica serviria. O melhor de tudo é que o seu cabelo era louro puro e não cor de bronze. O seu olhar franco era claro como o azul do céu e não cor de âmbar dourado, como o mel aquecido pelo sol.

“Sim, ela servirá muito bem.” Acenou para ela, sabendo que ela acederia. Só gostava que essa admissão não o fizesse sentir-se o maior palhaço do mundo.

Fez o melhor por ignorar o olhar do velho cachorro.

Em vez disso, manteve a sua atenção na beldade, deixando que a sua generosidade o fizesse esquecer. A curva sensual dos seus lábios enviou um choque de calor para a sua virilha, e ele conseguia ver-lhe os mamilos através da túnica transparente, o sombreado dos cachos do seu “v”. A sua pele branca e cremosa, com uma suavidade de seda, as suas curvas suficientemente exuberantes para um homem se afogar.

“*Lady Galiana* – Aceito a sua companhia,” disse, as palavras rijas, mas honestas.

Ele precisava dela. Mas não pelas razões que ela assumia.

Mas parecia satisfeita, quando inclinou a cabeça, o fogo ligeiro dos seus olhos revelava o seu consentimento, a sua ânsia em partilhar prazer com ele.

“Seja, então!” Bran anunciou, batendo na sua bunda avantajada, e dando-lhe depois uma afetuosa cotovelada para a frente. “Leva o meu amigo Alex para o nosso melhor quarto e certifica-te que fica confortável.”

Depois, o enorme ilhéu afastou-se, largando o seu volume na sua cadeira de lorde e arrancando outra adorada para o seu colo, com uma mão já escorregando pelo decote do corpete.

“*Lord Bran* sabe o quanto uma mulher gosta de ser tocada por um homem.” *Lady Galiana* aproximou-se mais para roçar os seus seios fartos contra Alex, enquanto a sua mão descia pelo seu braço. “Estou ansiosa por saber se tudo o que se diz do toque dos *Douglas* é verdade!”

Um sorriso lento curvou os lábios de Alex. “Mostrai-me os aposentos e já vereis.”

“O-o-oh, Já estou a ver,” ronronou ela, passando a mão pelo seu membro duro, enquanto saíam do salão. Ela inclinou-se para ele, deixando os seus dedos a medir a plenitude, espessura e tamanho do seu ferro. “És um homem sem igual.”

Alex duvidava disso e quase lho disse, mas a sua administração especializada era demasiado agradável para ele dar importância a isso. Elogio exagerado ou não, desde que os seus dedos continuassem a fiar aquela magia, as suas palavras murmuradas pouco importavam.

Ela sabia, claramente o que fazer com os homens, e a itinerância dos seus dedos, já estava a afastar a imagem de *Mara MacDougall* da sua cabeça.

Cegando-o, também, pois no final de um corredor mal iluminado, mesmo antes da entrada de umas escadas ainda mais mal iluminadas, embateram contra um objecto sólido.

Um covarde alto, de ombros largos e cabelo preto corvo e uma tenda que rivalizava com a de Alex.

“Por Deus!” Alex pestanejou ao ver *Hardwick*.

“Diabos me levem!” *Hardwick* especou também para ele. “O que fazes aqui?”

“Isso devia ser óbvio.” Alex sorriu. “Ou a tua memória é tão curta, que não te lembras de me ter sugerido uma visita ao Bran? Pelo fantástico ar híbrido e outras delícias?”

Hardwick franziu a testa. “Estava apenas a brincar, achei que soubesses disso.” O seu olhar girou para o movimento lento e deliberado dos dedos de *Lady Galiana* sobre o cume excitado de Alex. “Não tens razão nenhuma para visitar este paraíso de sereias. A única fêmea de que precisas espera-te em *Ravenscraig*.”

Alex endureceu. “Eu vi-te mais cedo, seu pulha,” disse endireitando os ombros. “Não me pareceu que te importasses de mergulhar a tua própria mangueira nas ofertas de Bran.”

A boca de *Hardwick* torceu. “Talvez o meu coração não esteja muito dado.”

“Achas que o meu está?”

“Acho?” Hardwick bufou. “Eu sei que está. Vi bem a forma como a olhavas.”

“Ela é uma MacDougall.”

“Tu ama-la.”

Alex cerrou os punhos, algo dentro dele se torcia. “Eu sou um fantasma – caso te tenhas esquecido!”

Hardwick riu. “Ela não se importa.”

Alex podia sentir a parte de trás do seu pescoço a arder. “Não amo mulher nenhuma, seu idiota.”

“O louco aqui és tu,” Hardwick ripostou, enviando outro olhar desaprovador à virilha de Alex, onde Lady Galiana continuava o seu ataque sensual. “Se te negas a voltar ao mundo a que pertences, serei obrigado a desafiar-te ao pátio de Bran.”

Desta vez Alex vociferou. “Leva o teu traseiro de volta para o salão e procura divertir-te. Eu farei o mesmo com ou sem a tua aprovação.”

“Só estava a avisar-te, como amigo.” Hardwick parecia ofendido. “És incapaz de ouvir o teu coração.”

“Não preciso de fazer isso.”

Hardwick abanou a cabeça. “Enganas-te, amigo. Não há maior necessidade do que essa.”

“Eu estaria a atender a essas necessidades, neste momento, se não tenho esbarrado em ti,” Alex retrocou, mas Hardwick já tinha desaparecido.

E Lady Galiana chamava-o, puxando-o escadas acima.

Infelizmente, a cada degrau, as palavras marteladas de Hardwick penetravam mais fundo na mente de Alex. O bravo intrometido, tinha conseguido alcançar, pelo menos, um dos seus objectivos.

Estragara a noite de Alex.

Quanto às suas outras intenções, apenas gastou saliva. Alex não precisava de procurar o seu coração. Ele já o conhecia.

Demasiado bem, até.

Amava, de facto, Mara MacDougall.

Que o destino se compadeça dele.

Ring, ring, ring.

Mara voltou-se na cama, socou o travesseiro algumas vezes, em seguida, colocou outro sobre a cabeça. Desde quando o seu despertador tocava tão absurdamente alto? *Ring, ring, ring.* Mais pareciam as badalados do Big Ben do que de um telefonezinho que cabe na palma da mão.

“Oh, pára,” suplicou, rolando sobre a barriga. Fez uma carranca à almofada. Por que não o admitia simplesmente? Ela sabe exatamente quando é que o toque ficou tão estridente.

No momento em que Alex pôs um pé nos seus sonhos e pairava sobre ela, resplandecente no seu enorme manto, um enorme broche celta brilhando sobre o seu ombro, a sua magnificência escocesa planando sobre ela.

Era ostentação pura de erotismo no masculino, crescendo para lá do razoável.

Ela ainda conseguia ver tudo, o tamanho e peso das suas bolas, o comprimento e espessura do seu pénis e o ninho brilhante dos caracóis negros, à sombra das dobras do seu manto.

Nenhuma mulher de sangue vermelho deveria merecer a glória de ter algo tão provocatório pendendo-lhe sobre a cabeça.

Pelo menos, quando não a pode possuir!

Respirou fundo, enterrou os dedos na almofada. Na verdade, não ficou a pender por muito tempo.

Levou pouco mais do que o tempo de um suspiro seu a esticar completamente. E ainda menos do que isso a que tal visão apusesse quente e húmida. Vê-lo cheio e longo desconcertou-a, varreu-a um desejo desesperado e absoluto, que ela suspeita jmais se apagará.

Ainda estava húmida.

Ainda dorida.

Ardendo e num formigueiro, como ficou quando estendeu a mão para ele, fechando os dedos ao redor de seu pénis, deleitando-se com o quão quente, sedoso e duro o sentiu, quando o acariciou, como ela lutou só para ouvir os seus gemidos de deleite e prazer, e não o incessante tique-taque do seu alarme de viagens.

Mas o pequeno relógio tinha vencido. O barulho irritante sobrepôs-se ao sotaque sexy do escocês, até não ouvir mais nada. Então, infelizmente, até mesmo o seu membro macho, comprido e não era mais que uma dobra grossa do xadrez MacDougall, agarrado à mão.

Uma dobra muito grossa.

Mara gemeu, o desejo ventando dentro dela, a sua frustração quase a devorava.

“Droga,” gritou, piscando ao calor que lhe molhava as pestanas.

Tinham chegado tão perto!

Ela sentira-o na sua mão, respirou o seu odor rico e limpo de macho. Mais uma ou duas carícias e ela sabia que ele afastaria a sua túnica e a puxaria para si, possuindo-a com toda a paixão feroz e urgente de que ela precisava.

Se ao menos em sonhos.

“Nã-o-o,” engasgou-se, havia lugares dentro dela que doíam tanto, que ela mal conseguia respirar. Reprimiu um soluço, desejou que o seu corpo deixasse de arder por ele, tentou ignorar o fogo selvagem que a invadia. O seu coração esmigalhado.

Em vez disso, o triiiiiimmm infernal aumentava a cada Segundo, com cada som metálico a leva-la à loucura. Enfiando as mãos na almofada, levantou a cabeça e olhou para o pequeno objeto do tempo.

Duas e meia da manhã.

Não pregou olho.

Não é que alguém a pudesse censurar. Sentou-se na cama, arrastou algumas almofadas para trás das costas e examinou o quarto, achando-o mais desarrumado do que esperava. As sombras não haviam começado o seu processo de ocultar os estragos. O Quarto dos cardos parecia saqueado, demolido por um lunático.

Uma idiota louca chamada Mara McDougall.

Franziu a testa, passou uma mão pelo rosto. Quem para além de uma pessoa perturbada ouviria o conselho de uma maluca como a Prudentia, e transformar um elegantíssimo quarto de castelo, pensado para uma princesa, em algo melhor descrito como um paraíso para leitores da aura e outras modernices desta nova era?

Era patético.

Toda a sua vida estava descontrolada.

O pior de tudo era a sua frustração em perder o seu sonho. Credo, mesmo que só na imaginação, Alex sentia mais o calor sensual do que em qualquer relação carnal que tenha encontrado.

Ela desejava-o.

Em forma de fantasma ou não. Ela não se importava.

Se ela pudesse, ao menos, beijá-lo, tocá-lo sem que ele desaparecesse, morreria feliz. Nem precisava de a possuir, se não pudesse. Sentarem-se, apenas, à frente de uma acolhedora lareira, disfrutando do sorriso dele e ouvindo a sua voz profunda e rouca seria suficiente.

Se ela pudesse tê-lo.

Mas duvidava que pudesse, uma injustiça que lhe revolvía as entranhas.

Toda a sua vida, as coisas supostamente boas vinham com um senão. Todas as tigelas de sopa tinham uma mosca a boiar. Todos os seus desejos morriam na areia.

Principalmente o amor.

“Amor.” Pegou numa espora-brava amassada, ao aldo da almofada e atirou-a na direcção da lareira.

Fez um arco promissor, mas não passou da cama. Tal como tanta coisa na sua vida, falhou o alvo, e aterrou certinho contra um dos pilares da cama, antes de deslizar para baixo e ficar como uma moita murcha sobre a roupa da cama.

Não, uma moita fedorenta.

Mara torceu o nariz. Não admirava que não tivesse conseguido dormir. O quarto tinha um cheiro horrível. Lã húmida, flores mortas, incenso velho e um cheiro pungente a sálvia queimada contaminavam o quarto inteiro.

Herdeira americana morre asfixiada por inalação de mezinhas anti-fantasmas, em castelo escocês.

Ah! Um título destes poria muita gente a dar à língua. Lá na terra e por outros lados. Afastando um caracol da sua sobrançelha, imaginava as repercussões.

Os risinhos e o escândalo.

Os olhos redondos da Cairn Avenue brilhando com a ideia feita de bem-me-parecia-que-ela-era-mal-comida. A tristeza e mortificação do seu pai. O velho e delicado solicitador Combe gentilmente derrubado pela culpa e pelo remorso. Fumos anti-fantasma, sim. Os seus lábios contraindo-se numa espécie de sorriso.

Graças a Deus.

Se conseguia ter sentido de humor na sua situação, é porque não tinha perdido o juízo todo.

Sentindo-se, de alguma forma, melhor, escorregou da cama, enfiou uma manta ao redor dos ombros e atravessou o quarto. Só precisava de um pequeno puxão para afastar as novas cortinas MacDougall e deixar a luz prateada inundar a sala.

O simples brilho da lua não eliminaria o odor da sua tonta tentativa de exorcismo.

Ela precisava de ar fresco, isso sim.

Muito ar.

E não apenas para o quarto. Mais do que tudo, ela precisava de arejar as ideias.

“Isso e banir Alex e a sua magnificiência da sua mente,” sussurrou, abrindo a porta para as ameias e saindo.

Foi direta ao muro das ameias e encostou-se nos merlões, cruzando as mãos na pedra fria e estendeu a vista pelo Firth. As águas-espalhadas da ilha pareciam quase translúcidas à luz de prata clara, e uma meia-lua pálida brilhava no céu em tons de pérola.

Estava frio e o ar cheirava a urze e pinho, um mar sugestivo e pedras molhadas ao vento. Tremendo, ajustou mais a manta aos ombros. Raramente vira tamanha beleza. Não imaginaria um escocês alto, esplendidamente esculpido, atrás dela, partilhando a magia da noite.

E estava uma noite encantadora.

Ela sentia isso nos ossos, na forma como o ar suave murmurava romance.

Os escoceses das terras altas orgulhavam-se destas noites luminosas e com razão. Tanta beleza vista de perto e tão cintilante era mais do que ela conseguia aguentar.

Mas deus lhe valha, se ela conseguiu escapar-se das ameias tão facilmente quanto o fez da cama. Nem mesmo descalça, com os seus pés a gelarem na pedra fria do adarve.

O que era o frio comparado com a perspectiva de não voltar a ver o homem por quem se apaixonara desesperadamente?

Se é que se pode chamar homem a um fantasma.

Mara levantou a cabeça ao vento.

Ela não iria lamentar seu destino. Sir Alexander Douglas era mais do que homem suficiente para ela. Tudo que ela precisava. Ele era o único homem que lhe tinha realmente tirado o fôlego, a encheu de sonhos impossíveis, ou fez o seu coração chorar de desejo por ele.

Mas ele não estava ali, e não havia nada que ela pudesse fazer, por isso, olhou para baixo para a água brilhante, o estranho brilho verde na base da falésia.

Estranho brilho verde?

Desembaciou os olhos e olhou mais de perto. O brilho era definitivamente verde e estranho. Mais inquietante, pulsava.

Ela abriu a boca para respirar, mas não saiu nada. Em vez disso, ela agarrou a mão à garganta, arregalando os olhos quando o brilho cresceu num eixo rodopiante de luz verde iridescente. Uma luz radiante, do outro mundo movendo-se lentamente por baixo da vertente telhas. E vindo em sua direção! Atordoada demais para se mover, observou, fascinada a coluna brilhante tomando a forma de uma mulher.

Uma bela mulher iluminada por dentro.

E transparente como vidro. Mara conseguia ver a curva da margem através dela.

A mulher era um fantasma. E com essa percepção, veio uma suspeita terrível.

Talvez o Alex a tenha enviado?

O coração de Mara parou. Não acreditava que ela tinha estado ali, a tremer ao frio, sofrendo por ele e desejando que ele voltasse, e ele envia-lhe uma amiga para fazer o que ele não foi capaz de fazer: assustá-la.

Não, não podia ser.

Recusava-se a acreditar nisso. Nem ia a lado nenhum.

Nem esta noite, nem daqui a um ano. Ravenscraig era dela, agora, e ela não tinha qualquer intenção de abdicar de nada.

Se a beldade verde tivesse outras razões para vaguear pelas falésias de Ravenscraig a meio da noite, talvez reivindicar algo para Alex, teria uma enorme surpresa.

Mara não o queria partilhar.

Mas quem quer que fosse o fantasma, não daria muitas hipóteses a Mara de a desafiar, pois já ela já tinha desaparecido.

Desapareceu mesmo antes de Mara ter a certeza que a viu. Mas viu. Os joelhos a tremer e o seu batimento cardíaco podiam prová-lo.

Ela estivera lá.

“Sem brincadeira,” Mara engasgou-se e a reação pôs-lhe a boca seca.

Agarrando-se firmemente às ameias, inclinou-se tanto quanto foi capaz e olhou a praia deserta. Na água apenas a lua brilhava e nada de formas femininas iridescentes deslizando pelas rochas.

Tudo parecia estar como devia.

E ela sentiu-se uma tonta.

Respirou fundo e afastou-se da muralha, a força do sono esmagando-a. O mais rápido que conseguiu enfiou-se na cama, puxando os cobertores até ao queixo.

Uma mulher de verde! Terá imaginado tudo? Talvez tivesse visto a versão escocesa de gás de pântano?

Não sabia e também não importava.

Tudo o que lhe interessava era que Alex fosse seu.

Quanto mais rápido melhor.

Capítulo Onze

“Agrada-te isto? Lady Galiana movimentou o pé descalço de Alex para o seu colo, puxando-o para mais perto do “V” das suas coxas. O óleo está suficientemente quente?”

“Oh, sim.” Alex inclinou a cabeça contra a borda da banheira, forrada de pano e deu um sorriso lento. “Eu estou bem satisfeito.”

A beleza de cabelos loiros fixou os olhos dele. “Eu ainda nem comecei a satisfazer-te”, sussurrou, massajando mais óleo perfumado nos dedos do pé.

Ela aguentou o olhar, puxando suavemente cada dedo do pé. “Se acha que isso é felicidade, espera até eu massajar mais acima”, prometeu, nunca quebrando o ritmo dela, seus dedos suaves trabalhavam numa magia sensual, que ele nunca sonhara.

Alex engoliu em seco, o seu mundo contraído na banheira de madeira, nuvens de vapor saindo da água aquecida, e as ministrações tentadoras da beleza nórdica.

Bran não exagerara em nada o seu talento.

Sua mestria erótica tirou-lhe a respiração e cada deslizar de dedos pela pele fazia sentir-se como se mil lábios doces e macios brincassem sobre os seus pés. Ele mudou de posição na banheira, enquanto deliciosas sensações passavam de seus dedos para a sua zona púbica, endurecendo-o. O mais encorajador de tudo, era que o seu sofrimento com Mara recuava. Não muito, mas o suficiente para lhe dar esperança. E os pequenos golpes de culpa que Hardwick lhe tinha arremessado já não se sentiam tão profundamente.

Afinal, foi por causa da *amaricana* que nada surgiu da sua atração mútua. Um dia, ela iria agradecer-lhe por ter terminado tudo, antes que uma verdadeira tragédia acontecesse.

Então, ele instalou-se mais confortavelmente na banheira, esforçando-se para apreciar a água morna e oleada, envolvendo o seu corpo nu. A cintilação das tochas dourava as curvas abundantes da mulher nórdica e ele a olhava com prazer, desfrutando como os seios magníficos subiam e desciam coordenados com seus movimentos.

“Doce moça, perguntaste se o óleo estava suficientemente quente.” Segurou-lhe uma das mãos e colocou-lhe um beijo na palma. “Se estivesse mais quente, eu derreteria.”

Ela sorriu e mergulhou a mão na água fumegante, arrastou os dedos pingando pelo peito. “Então, talvez devêssemos ir para a cama?”, Ela sugeriu, seu olhar seguindo o caminho de seus dedos, à medida que eles deslizavam mais baixo.

“Você é um homem bem favorecido.” Ela passou os cachos grossos em sua virilha. “Vai ser um prazer raro atendê-lo.”

“Em breve, moça, em breve,” Alex respirou, a palavra *cama* desencadeando outro ataque de culpa. Franziu a testa, sabendo que não devia estar ali.

No entanto, ele merecia satisfazer a sua vontade. Principalmente, depois de ter passado tanto tempo desde que tocou numa mulher intimamente. Entre o turbilhão de água quente à sua volta e os dedos prendados da nórdica, é muito natural que ele tivesse enrijecido.

Olhou para as vigas do teto, mais perto do que alguma vez esteve em séculos.

Em seguida, os dedos dela mergulharam para a parte inferior, dançando sobre suas bolas apertadas, amassando-as e acariciando-as. “Poderias intoxicar uma mulher”, ela respirou, tomando seu comprimento inchado em outro aperto firme e acariciando-o, habilmente.

“Tenha piedade!” Ele quase se vinha fora de água.

Maldita alma necessitada. E maldita Mara MacDougall por o fazer arder com um desejo tão furioso,

que uma das saias de Bran de Barra quase o fez verter o seu sémen na água da banheira.

A culpa da sua vulnerabilidade era de Mara. Se ela não o tivesse inflamado para além da razão, ele seria o sedutor aqui. Ele possuiria a beleza nórdica e qualquer outra *ninfete* de Bran tremendo de desejo e gemendo debaixo dele, gritando de prazer, enquanto ele a satisfazia a todas, uma a uma.

Em vez disso...

Só conseguia pensar em Mara. Só a ideia de se afundar no corpo de outra mulher, amortecia o seu desejo, fazia-o correr de forma visível e dolorosa.

“Poo amor de Deus,” grunhiu, amarrando-se nas bordas da banheira.

Seria o feitiço de Mara tão grande que ele não podia desejar outras mulheres? Mesmo depois de séculos de abstinência? Um olhar por si abaixo, dava-lhe essa resposta.

Só a sua ruiva de olhos de âmbar atrevidos de uma MacDougall serviria.

E ele estava furioso.

Loucamente apaixonado.

“Desagrado-te?”

Alex olhou para a mulher nórdica. “Não és tu.”

“Então, o que é?” Ela segurou os dois seios com as mãos, levantando-os e fazendo-os saltar. “Gostas do que vês?”

“Senhora, vós sois encantadora,” Alex cobriu-se, cruzando as pernas para esconder a sua falta de apreço. “Bem feita e empolgante,” acrescentou, tentando afundar mais na banheira. “Aqueceríeis o sangue de qualquer homem.”

“Mas não o teu?”

“O meu coração está entregue,” Alex falava verdade, incapaz de fingir por mais tempo. “E com o meu coração, o meu corpo também.”

“Mais da metade dos homens que visitam o salão de Bran têm esposas ou namoradas em outras partes do reino.”

“Eu sou distinto.”

“Prova-o, então,” desafiou, puxando o corpete para baixo, para que os seus seios saltassem à vista.

Ela tinha adoráveis seios, redondos e cheios e estavam à sua disposição. O resto dos seus encantos eram igualmente atraentes e seriam oferecidos com igual generosidade.

Mas ele não a queria.

Mesmo assim, não conseguia desviar o olhar. Estava preso no meio de um pesadelo, sonhado por ele e de onde não conseguia sair.

“Ah, gostas do que vês.” O trinfo esvoaçava pelo rosto dela, ao fazer uma má-interpretação do seu olhar. “Eu sabia que me irias preferir àquela dama MacDougall a que Hardwick se referiu.”

“Mara.” O olhar de Alex arregalou-se muito, quando o rosto da sua amada se espelhou no da mulher nórdica.

Ele limpou os olhos, com o coração num trovão. Mas não conseguia negá-lo – a Lady Galiana tinha companhia. A beleza nórdica estava perante ele, mas ele também via Mara.

Ela pavoneava-se pelo seu quarto vestindo apenas aquele top preto minúsculo, o seu favorito.

Tinha posto uma manta MacDougall por cima dos ombros.

Alex começou a insultar o xadrez escocês, mas depois, para seu espanto, descobriu que era indiferente a isso. Mais importante era o facto de ela se estar a aproximar, uma imagem sombria, misturando-se com a da mulher nórdica. A perfeição doce impondo-se às formas de Lady Galiana.

Então, Mara estava completamente à sua frente, a outra mulher desaparecendo.

Os olhos de Alex arredondaram-se.

Nunca vira tal coisa e não sabia o que fazer, agora.

Ele agarrou a borda da banheira, sentiu que o quarto começava a girar. Empurrando os pés, saltou da banheira. "Mara!", Ele chamou, quase embatendo num candeeiro de pé, porque o quarto estava girando ainda mais rápido, agora.

A velocidade fê-lo ficar tonto e ele debruçou-se para a frente, apoiando as mãos em suas pernas, lutando para limpar a cabeça. Uma névoa escura e fria soprava à sua volta, puxando-o para um vórtice.

"Moça", chamou novamente, em busca de Mara na neblina cintilante. "Onde estás tu, agora?"

Apenas o silêncio por resposta.

Até que vindo de algum lugar desta roda-viva de loucura, ele ouviu uma aguda respiração de mulher.

"Volta," era a voz de Lady Galiana. "Eu farei com que a esqueças."

"Alex..." Uma segunda voz implorava muito mais fraca. A voz de Mara tão querida, mas a quilômetros e séculos de distância, chamando-o num tom febril, arrastando-o para ela.

"Por favor... Preciso de ti. Quero-te."

Alex de cerrou os punhos, esforçando-se para ver uma névoa mais espessa derramada para dentro do quarto de amor da torre de Bran. A névoa veio num redemoinho brilhante, girando em torno dele. O piso inclinou-se, tecendo-se até que ele deu uma guinada e lutou descontroladamente para se equilibrar.

Ainda ouviu a mulher nórdica chamando o seu nome, sentiu-a a agarrar-se a ele, através da neblina, tentando mantê-lo ali.

Vislumbrou Mara mais uma vez, mas a Lady Galiana voltou a aparecer à sua frente, a sua voz crescia. "Não precisas da moderna. Anda, deixa-me..."

"Alex, por favor, eu preciso tanto de ti..." A voz de Mara chamava-o. Dourada e doce, enchia-lhe os ouvidos, ancorando-o, enquanto a névoa se girava mais rapidamente, apressando-o para o abismo negro do tempo.

"Na-o-o..." a Valquíria lamentou-se com a voz sumindo.

Depois, Alex ficou sozinho, e ali estava apenas a pressa do vento, enquanto ele fazia uma espiral através da escuridão, de volta para o seu lugar.

Ao seu lar, à sua cama.

À mulher que ele queria para si. Não entendia por que a queria tão ferozmente, sabia apenas que a queria. Era uma mulher de paixões fortes, enorme delicadeza, corajosa e engenhosa. Era muito mais do que isso, apesar de certas coisas não lhe dizerem respeito nenhum. Mas diziam e ele não tinha interesse nenhum em outras mulheres. Ele apenas desejava Mara.

E estava prestes a tê-la.

Independentemente do quanto isso lhe poderia custar.

"Alex!" Limpou os olhos, os seus sonhos mais loucos tornaram-se realidade. Ele estava ao pé da sua bela cama, olhando para ela de uma forma que a arrepiava. Levou uma mão ao peito, incrédula. "Estás mesmo aqui?"

E nu! Não tinha a certeza de ter dito estas últimas palavras.

Ela olhou para ele, inteiro.

Ele sorriu, o seu corpo alto e musculado prateado pelo luar. "Sim, moça, estou aqui." Aproximou-se, o seu sotaque escocês tão sexy roubava-lhe o fôlego. "Na verdade, não planeava ver-te tão cedo. Mas parece que não me consigo manter-me afastado de ti."

Ele estava molhado. Pequenos pingos de água brilhavam nos seus ombros e iluminavam os seus cabelos do peito, tremeluzindo como diamantes dispersos. Mas mesmo quando ele se aproximou, ela sabia que estava a fantasiar.

De que outra forma poderia o quarto girar à sua volta, uma névoa cintilante, esbatendo tudo em redor, menos a cama e eles os dois? Ela não queria saber. Só que, como nos sonhos, ela conseguia agarrar-se a

ele, segurando-se firmemente, mas sem conseguir satisfazer-se.

Ela precisava dele perto, pele na pele, partilhando a respiração e os suspiros.

“Doce sirigaita.” Ele enroscou uma mão no seu cabelo, o seu olhar a comprovar-lhe que ele percebia a sua necessidade. “És minha. Hoje e sempre.”

Ela acenou com a cabeça, sem fazer ideia de como ele veio até ela, mas muito contente que ele tenha vindo.

Mordeu-lhe o lábio, meio a medo que o feitiço fosse quebrado, desfazendo a magia e trazendo de volta a crua realidade, que tornava uma relação com ele impossível.

Ele nem sequer existia!

No entanto, ali estava ele, sussurrando lavras gaélicas, acariciando-lhe o dorso, as suas mãos escorregando por todo o lado. O seu toque emocionava-a. Cascatas de desejo eram derramadas sobre ela, o seu desejo crescia intensamente. O seu beijo era electrizante, cada impulso corajoso da sua língua na sua boca transportava-a para alturas que ela nunca supôs existirem.

“Oh...” Ela afastou o cabelo do rosto dele, enfiando os dedos nos fios grossos, enquanto arrepios deliciosos e um calor formigava dentro dela. Uma oferta preciosa, que ela quis guardar no mais fundo de si, para quando o sol brilhasse e não a lua, para quando estivesse demasiado acordada para acreditar numa tal maravilha.

“Não podes estar aqui,” disse, ainda assim.

Ele riu docemente, parecendo muito real.

“Chiuu, moça, sente apenas.” Ele envolveu-a nos braços, esmagando-a contra ele e oferecendo-lhe outro beijo ardente. Uma fusão de línguas e respiração tão delirantemente boa, que o seu corpo inteiro se agitava com tamanho prazer, e ela quase recebeu morrer com tanta intensidade.

Ela sabia que poderia vir a desejar os seus beijos.

Talvez já os desejasse.

“Sou teu, Mara-moça.” Ele afastou-se para a olhar, com os olhos em chama de paixão. “Vês o que me fizeste. Não consigo estar sem ti. Já nem sequer quero saber do teu nome, embora preferisse dar-te o meu.”

“O teu?”

Conteve o fôlego, mas ele tomou-lhe o rosto nas mãos e beijou-a de novo. Desta vez de forma brusca, as suas línguas enroscavam-se furiosamente.

“Juro que me enfeitiçaste de forma muito pior que os teus antepassados,” garantiu, deixando uma mão escorregar à volta do pescoço, enfiando os dedos no seu cabelo. “E tanto me faz só te desejar a ti. Para sempre. Lembra-te disso amanhã.”

“O que queres dizer com isso?” Pestanejou, o seu tom de voz assustava-a.

Ele afastou-se para olhar para ela, a intensidade desse olhar derretendo-a. “Que temos de aproveitar o que temos esta noite.”

E as outras noites? O resto da minha vida? Mara recusava-se a aceitar a vida dele tal como era. Mas um tremor mau percorreu-a e ela escolheu ignorá-lo.

Afinal de contas, tratava-se apenas de um sonho.

Depois, ele voltou a beijá-la, provando-o. Outro beijo arrebatador, que ela desejou que durasse para sempre.

“És minha, Mara, nunca te esqueças disso,” ele sussurrou, e esse sussurro suave como seda acelerou o seu coração, o seu calor carnal fluindo dele, aquecendo o seu sangue. “Esperei por ti demasiado tempo e não te vou deixar fugir, agora que te alcancei.”

Eu não quero que me deixes fugir.

Admitir isso dividiu o seu coração, mas a sua garganta estava demasiado engasgada para deixar sair palavras. Em vez disso, o mais doce calor invadiu-a.

Como se adivinhasse isso, ele levantou as cobertas, passando-lhe uma mão pelo ventre e colocando-a no lugar exato. “Aquietai-vos. Deixai-me olhar-vos, pois necessito.”

“Também eu.” O pulsar entre as suas pernas era agora um tormento, que ela não suportaria por muito mais tempo. “És o meu sonho e eu quero-te.”

Antes de acordar e te perder de novo.

Ela queria agarrar-se a ele com todas as forças, bebê-lo. Afogar-se na sua magnitude, gravar a sua imagem na alma dela e deixá-lo ali para as noites vazias, em que não sonhasse.

Porque esta noite, ele era dela.

A sua lógica lutou contra a impossibilidade e a sua garganta engrossou penosamente. Mas ela limpou as suas preocupações e continuou a olhar para cada pedacinho glorioso e magnífico do seu corpo.

Estremeceu, todos os seus sentidos mais vivos que nunca. Era tão lindo que quase doía olhá-lo. O seu corpo rijo de guerreiro medieval brilhava à luz do luar e o seu cabelo estava húmido, como se tivesse acabado de sair do duche.

Cheirava bem, também. Limpo, fresco e viril.

Deliciosamente sexy.

E estava tão furiosamente duro, que uma inundação antecipada lhe passou pelas veias, fazendo-a vibrar num desejo que ela mal podia suportar. Toda a sua virilidade pairava ali a um palmo dela, e essa proximidade punha-a numa fogueira. Apenas uma briza de ar e o seu top minúsculo os separavam.

Desesperada, ela esticou os braços para desfazer o laço da pequena peça de vestuário, bem no meio das pernas. “Não aguento mais-“

“Oh, moça, não devias ter feito isso.” Ele olhou para ela, com o olhar escurecendo, quando a pequena peça se afastou. “Agora, tenho que te amar como só um Highlander sabe.”

“Que bom.” O coração dela passou-se. Algures dentro dela, algo primordial se desfazia. A excitação entrava como chicotes por si adentro, fazendo-a afastar as pernas, despindo-se ainda mais. O seu pulso martelava com tanta força em seus ouvidos, que ela se perguntava se não vinha do seu peito.

“Então, moça!” Ele manteve o olhar nela, levando a mão ao seu topo do seu monte, esfregando delicadamente. “Vais-me pôr em chamas?”

“E já estou.” Ela estava louca de desejo por ele, os joelhos tremiam e abriam-se ainda mais, dando-lhe maior acesso a ele.

“Sim, isso é bom, garota.” Inclinou-se com a intenção de a ver melhor, enquanto os seus dedos brincavam com os seus cachos. “Não te consigo ver suficientemente bem. Mostra-me mais, Mara. Mostra-me tudo em ti”

“E eu terei tudo de ti.” *Uma e outra vez, até que o sol nasça, e depois ainda mais.* Ansiosa, ela olhou para a erecção dele. “Quero-te agora, dentro de mim.”

“A seu tempo, meu doce.” Ele pôs uma mão no seu seio, acariciou e apertou os mamilos. “Largarei a minha semente, logo que te penetre e esperei demasiado tempo para não prolongar o nosso prazer.” Os seus olhos escureceram ainda mais, o seu olhar a avaliar as suas intimidades. “És linda e excita-me olhar para ti.”

“Toca-me de novo. Ali, como fizeste antes.” O desejo corria louco em suas veias, tornando-a atrevida. “Eu rebento, se não o fizeres,” arfou, certa de que rebentaria mesmo. “Preciso de ti.”

“Não tanto quanto eu preciso de ti.” O seu olhar ainda paralisado no seu sexo, colocou as mãos nos joelhos dela, abrindo-os mais, até que a sua feminilidade ficou completamente aberta para ele.

“Não te movas, doçura, deixa-me olhar para dentro de ti, tocar-te...”

“O-o-oh!” ela estremeceu, um pulsar requintado, quase insuportável batendo por todo o corpo, quente e delicioso.

E depois, ele tocou-lhe, de novo, traçando o seu centro exato. Ondas de desejo varriam-na, enquanto a sua mão se movia sobre ela, os seus dedos provocando-a e provando-a, à medida que uma vontade

tremenda crescia dentro dela. Era maravilhosamente delicioso estar tão aberta para ele. Nunca experimentara nada tão empolgante como os seus dedos conquistadores trabalhando a sua magia, enquanto o seu olhar a absorvia e queimava, enviando pequenas faíscas para cada lado que olhava.

Ela alcançaria o clímax a qualquer momento.

“É tão bom.” *Estou a sonhar.* Ela sabia que estava.

“Não, tu e que és boa, Mara.” O seu polegar começou a desenhar círculos no clítoris, enquanto os outros dedos procuravam a sua fenda. “Era isto que querias?”

“Sim!” Ela estava quase a explodir um prazer tão requintado. “Mas também preciso de ti dentro de mim.”

“Sem pressa, moça.” Mas ele rolou em cima dela, ajustando o seu corpo a dela. Fez deslizar o seu sexo para dentro e para fora da sua humidade macia, com cada deslize deixando-a mais próxima. “Esperei demasiado tempo por uma prazer assim, e não me vou apresar, agora que o destino foi tão generoso.”

A expressão dele alterou-se por um instante, os seus olhos pareciam perturbados. “Ou não te estás a divertir? Não era isto que querias?”

Eu queria que tu fosses real. Mara encontrou o seu olhar, as palavras silenciosas rasgavam-lhe a alma. *Quero que me ames. Que precises de mim tanto quanto eu preciso de ti e te a mo.*

Por mais impossível que pareça!

Ele queria-o, apesar das contrariedades, apaixonara-se por ele, apesar das questões práticas. E a sua necessidade envolvia-lhe o peito, apertando-a imensamente.

Mas em vez de gritar os seus desejos mais profundos, ele virou a cabeça para o lado e acenou, deixando o seu corpo a implorar libertação, em vez de o deixar ver o seu coração marejando-lhe os olhos.

Um orgasmo de fantasia, era melhor do que não o ter de forma nenhuma.

A qualquer momento, ela ficaria fragmentada em mil pedaços, a sua libertação estava tão próxima, que ela não se importava que os seus gritos fossem ouvidos em todas as montanhas da Escócia.

Ela sabia que ele também a desejava. Ele continuava equilibrado sobre ele, continuando com os seus movimentos sensuais, não lhe deixando outra hipótese que não fosse esperar que ele mergulhasse dentro dela, em breve, deixando-a muito perto do clímax. Ela estava tão perto. Nunca sentira tamanho prazer, um tal abandono a um homem. E não o voltaria a repetir.

Só com ele, pois não voltaria a permitir que outro homem lhe tocasse.

Nunca mais.

Uma emoção crua e ponderosa apertou-lhe o coração, o amor, como numa espiral através dela. Ele fazia-a sentir-se tão viva, bela, sexy e desejada. Cada milímetro seu vibrava com sentimentos por ele, as noites longas e vazias já não tinham importância, enquanto se aproximava da sua libertação, da sua felicidade.

A felicidade dela. Alex sabia que ela estava muito perto de atingir o clímax e o seu prazer era demasiado empolgante para se observar. Nunca tinha visto uma mulher usar com tanta beleza a sua excitação. Ele introduziu um dedo pela sua humidade suave e deixou-o escorregar, encontrando-a quente, elegante e molhada.

Parou por momentos, o seu coração capturado. Ela era tão perfeita, tão querida. Arqueava-se para ele, o balanço urgente dos seus quadris dizendo-lhe tudo.

Era a hora; ela não conseguia esperar mais.

Muito menos ele.

“Moça, tenho que te possuir agora.” Segurou-lhe o rosto com as mãos beijando-a arrebatadoramente. Ela devolveu-lhe o beijo, quase em febre, ao mesmo tempo que envolvia as suas pernas à volta dele e

pressionava a aproximação, o seu beijo selvagem com a boca toda, mais urgente que o anterior.

“Sim, garota, mostra-me o quanto precisas de mim.” Ele agarrou o seu traseiro, apertando-o e amassando-o, a sua pele suave e nua enlouquecendo-o, incendiando-o.

“Sim!” Gritou ela, moendo-se contra ele, sem misericórdia. Esfregou as tetas contra ele, fez deslizar uma mão entre eles para o prender e orientar o seu pénis sobre a sua humidade lisa. “Oh, Alex, sabes tão bem.”

“Nem metade do que tu sabes.” Ele quase rebentou, quando ela apertou os seus dedos nele, não acariciando, como tinha feito antes, mas segurando-o de uma forma firme e possessiva, facilitando-lhe a entrada dentro dela.

Não muito longe, apenas um ou dois milímetros.

Mas o suficiente para fazer com que todas as estrelas do céu explodissem na sua cabeça. Se despenhassem à sua volta, cegando-o e fazendo o seu mundo girar até ele ter a certeza que tudo nele iria escorrer para fora. O seu corpo inteiro agradeceu o poder da sua paixão, a sua glória.

“Doce moça,” sussurrou com carinho para dentro da boca dela, depois levantou os cotovelos para a olhar. “Não te movas, ou eu mergulho completamente e acabamos antes mesmo de começarmos.”

Ela agarrou-se a ele, mexendo as ancas, e esse movimento fez com que ele mergulhasse mais um milímetro ou dois.

“Esperei tanto para te ter.”

“Não, moça.” Alex usou toda a sua força para se puxar para trás deixar apenas uma ponta sua dentro dela. “Eu é que esperei - uma eternidade. Nunca eu pensei dar o meu coração, e muito menos a ti. Mas dei e agora vou saborear-te. E cada momento precioso que temos.

Ele trancou o seu olhar na tormenta de luxúria dos dela, tentando ignorar os movimentos sensuais do seu corpo, um calor aveludado batendo tão perto, esperando que ele a embainhasse.

“Quero amar-te por completo.” Pôs a palma da sua mão nos seus seios, fazendo um dos dedos circular à volta da sua crista, antes de baixar a cabeça para lambar e sugar o outro, enterrando-o bem fundo na sua boca.

O seu sabor roubando-lhe a concentração, o seu pénis deslizando mais a cada pulsão quente do seu mamilo, até que mergulhou completamente. Perdeu-se por completo, gritando com a sensação quente e delicada do seu lago.

Passou tanto tempo...

E no entanto, parecia uma novidade, pois nenhuma mulher o tinha possuído tão completamente, não apenas satisfazendo as suas necessidades físicas, mas reclamando-lhe o coração e tudo o que ele era, até a própria alma.

Os seus sentimentos por ela eram surpreendentes, atirando-o par um canto, como nada que ele alguma vez tivesse vivido.

Ela era um raio de uma MacDougall!

Ele não se importava.

Só sabia que lhe queria agradar como nenhum outro homem o fizera antes, e que não queria que este momento acabasse. Esperando força, ele respirou fundo, o seu calor diabólico, apertado quase desfazia a sua masculinidade. O seu mundo começou a girar mais rapidamente, cada turbilhão afundando-o mais naquela mancha de calor prazenteiro.

Lembrou-se de estender a mão e esfregar aquele lugar especial, deixando um dedo conquistando e rodando ali, enquanto se afundava mais nela, cada movimento para dentro e para fora reclamava mais um pedaço seu fazendo com que o mundo à sua volta se dividisse.

“Alex!” A sua voz não tinha fôlego, era um grito a pedir boleia para algum lugar da loucura, a sua doçura enroscada nele, ligando-o a ela tão profundamente quando a montou nas suas profundezas sedosas.

Ela arqueou os seus quadris, e ficou selvagem, agarrando-se a ele e arranhando as suas costas,

tornando impossível dar-lhe o amor lento e suave que tinha planeado.

“Moça, eu não consigo aguentar-”

“Então, não aguentes!” Ela agarrou o seu rosto e puxou-o para si, plantando-lhe um beijo rápido na face.

“Com mais força, mais rápido,” implorava, pintando as palvars na sua boca, enquanto a beijava profundamente, a sua língua seguindo o ritmo da sua junção furiosa. “Não apres...” Ela ficou rígida, segurando os seus ombros, o seu sexo apertando o dele calorosamente. “Por favor, não pares!”

Mas era tarde demais.

As estrelas que giravam à sua volta explodiam agora em seu redor e dentro dele e o seu sémen projetado para dentro dela numa pressa furiosa. “Mara...” Caiu contra ela, a sua energia fora drenada até à última gota para dentro dela. “Lembras-te do que eu disse...”

Farei qualquer coisa para te ter..

As palavras brilhavam no ar, sobre a cama dela, prateadas e verdadeiras, mas nem de longe tão brilhantes como a luz cintilante das estrelas que giram à sua volta. Giravam cada vez mais, seu brilho dominando tudo, até que ele deixou de ver as suas palavras.

Deixou de ver a Mara, também.

Ou a sua cama.

Nem mesmo o quarto. Somente a luz ofuscante perfurando-o tão violentamente, cada raio quente espetava uma punção através dele, despedaçando-o, até que a luz crepitante finalmente baixou e ele foi largado, golpeado e quebrado, à deriva nas brumas cinzentas, que ele conhecia muito bem.

O medonho mundo entre os mundos, e se o lampejar servia de alguma indicação, ele aterrara no pior canto possível de imaginar.

Agora, estava verdadeiramente amaldiçoado.

Então, cerrou os punhos contra a dor, recusando-se a reconhecer o calor escaldante, as queimaduras marcadas no seu corpo nu. Cada uma dessas feridas é o preço por se ter deitado com uma mortal.

Tanto fazia.

E ele levava a sério a sua jura. Arranjaria uma forma de voltar para ela.

Fará qualquer coisa para a ter.

Qualquer coisa? Mara pestanejou, uma das suas remanescentes partes coerentes tentando entender as palavras dele. Que mais poderia fazer por ela? Ela já ardeu com o maior dos desejos, caminhava para o maior orgasmo da sua vida. Ele deu-lhe o coração. Ela viu o amor brilhando no seu olhar, quando a penetrou.

Pensarei nisso mais tarde.

Por agora, não conseguia concentrar-se noutra coisa que não fosse o latejar do seu coração, espalhando prazer por todo o seu ser. Sensações tão fortes, que ele já nem o conseguia sentir. Apenas o pulsar quente do seu clímax em crescimento, desde que ele tomou conta dela, quebrando-a em mil pedacinhos brilhantes.

“Oh, meu deus,” gritou, enrijecendo. O seu corpo tremia tanto e ela apertou os ombros dele tão furiosamente, que os seus dedos os atravessaram, as suas unhas cavando de forma crescente nas suas palmas.

Ela mal notou.

Ela flutuava, num estado de beleza. Satisfeita, feliz, e flutuando lentamente de volta à realidade.

O dos Cardos e a sua cama vazia.

Mara franziu o selho, enviando um olhar para o despertador. Eram perto de três horas e a coisa voltou a explodir e começava a tocar infernalmente alto, de novo.

Rolando para o seu lado, abraçou-se e tapou os ouvidos para não ouvir o toque. Levou também uma

almofada à cabeça, fechou os olhos e tratou de reviver cada momento incrível do seu sonho.

Afinal, era o sonho dela, podia desfrutá-lo.

Já começava a excitar-se, outra vez. Um divertido tremor de terra não era suficiente para uma rapariga habituada a fingir com os trapalhões com quem já teve a infelicidade de dormir.

Sexo imaginário ou não, Alex batia-os a todos. Olhou para a copa da cama e lançou um suspiro.

Só de pensar no seu nome, ficava derretida.

Sir Alexander Douglas.

“Homem-ao-metro...” Ela virou-se de costas e esticou os braços sobre a cabeça, balançando os dedos dos pés. Doces e preguiçosas gavinhas de calor pulsante ainda a percorreram, e se ela se concentrasse bastante, poderia imaginar que estava um pouco dorida.

Não, ela era suave.

Os seus olhos abriram-se. Uma suspeita impossível percorreu-a, o choque espreitava em cada canto escuro do quarto.

Um quarto que ainda cheirava aos seus miseráveis feitiços anti-fantasma, mas também do sexo.

Sexo louco, sujo e suado com que ela tinha sonhado.

A única questão é que os sonhos molhados não deixam dores por dentro. E seguramente também não deixam cheiros reveladores no ar.

O seu coração começou a saltar. “Impossível.”

Arrastou-se para for a da cama, acendeu a luz. Mas mesmo antes de olhar para baixo, sabia o que iria ver. E viu. Por todo o interior das suas coxas a evidência inegável da sua excitação e da dele.

“Oh, não,” gritou, tremendo. “Não pode ser.”

Mas era.

Até a cama dela gritava a verdade. Os lençóis húmidos. E as almofadas. Quase molhado, tal como tudo estaria, se ele acabasse de chegar do duche.

Ele era tudo o que ela imaginara.

Completamente nu, o seu corpo magnífico brilhando com gotas de água. O seu cabelo castanho farto e brilhante, húmido e cheiroso, como se tivesse acabado de o lavar.

Talvez tivesse mesmo – para se fazer mais desejável, antes de lhe aparecer.

Como se ela não corresse cem quilómetros para se atirar em seus braços. Como se ela não pulasse para ele, ainda que o derrubasse, na ânsia de o encontrar.

Soltou um suspiro trémulo, aceitando a sua paixão assolapada. Estava pronta a acreditar em circunstâncias que ultrapassavam o razoável. Era indiferente o que ele era, ou a condição em que estava. Desde que fosse ele a segurá-la e a beijá-la, nada mais importava.

Mas agora ele desaparecera.

Ela caiu de costas na cama, enfrentando a dura realidade. A sua visão ficou turva, um calor ardente picava o interior dos olhos. A Mara-nunca-chora-McDougall estava despedaçada.

Porque ela era também a Mara-pensando-claro-McDougall e ninguém, mesmo com apenas um pingão de bom-senso, desapareceria, simplesmente, depois de sexo tão alucinante.

Nem mesmo um fantasma escocês.

A não ser que não tivesse escolha.

E isso era, talvez, mais assustador do que ela suportaria pensar.

Capítulo Doze

Seis semanas sem fantasmas, mais tarde, Mara sentou-se à mesa de carvalho escuro no meio da biblioteca e analisou o estado incrível de suas finanças. Ou melhor, o aumento incrível no estado das finanças de Ravenscraig.

Não o seu pessoalmente, mas o da propriedade.

Mesmo assim, não poderia estar mais satisfeita.

Ela fechou o livro da razão que estava a estudar e recostou-se na cadeira. Olhando em volta, bateu com a caneta contra o queixo, o olhar passando rapidamente ao longo dos muitos retratos de molduras douradas, que lotavam as paredes forradas de livros. De kilt com orgulho, cada um de seus antepassados de barbas espessas e olhar feroz pareciam aprová-la.

Talvez com razão.

Nunca alguém que tolera não fazer nada trabalhara tanto. E continuava, dedicando mais tempo e energia a Ravenscraig que alguma vez dedicara a *Excursões Exclusivas*. Embora ela nunca o viesse a admitir, havia dias em que o seu coração quase explodia de orgulho.

One Cairn Village, secretamente apelidado *Brigadoon Revisitado*, estava a fazer-lhe surpreendentemente bem, o seu progresso surpreendia-a. O belo memorial MacDougall, a meio da construção, veria em breve a sua conclusão, bem como o centro genealógico especial, estado-da-arte.

Algumas das pitorescas casas de hóspedes caiadas estavam prontas, algumas já com os seus primeiros ocupantes sonhadores. A maior parte, MacDougalls e admiradores da história da família. Mas havia outros, novos visitantes chegavam todos os dias.

One Cairn Village movia-se, e uma espécie de dormitório fora montado no porão abobadado de Ravenscraig para abrigar qualquer excedentário até que a pousada de estilo vitoriano fosse construída, algures no próximo ano.

Mara largou a caneta e revirou os ombros doloridos. Tudo ficaria perfeito, e isso não era algo que a detivesse.

Havia determinadas coisas que nem mesmo o trabalho árduo e a determinação conseguiam resolver.

Não querendo ir por esse caminho, deslizou o olhar na direção das janelas altas, gradeadas. Finas nuvens arrastavam-se num céu brilhante de final de verão, e cada painel de vidro de chumbo brilhava ao sol oblíquo da tarde.

Permitiu-se um suspiro e tomou um gole cauteloso no chã de hortelã fumegante. A verdade era que ela tinha todos os motivos para estar feliz. Delirantemente feliz. O fluxo incrível de coisas boas a caminho parecia não ter fim. Bênçãos que, às vezes, chegavam dos lugares mais inesperados

Como aquela mulher indescritível, vestida de *tweed* que tinha vindo do sul de Inglaterra para pesquisar as suas remotas ligações aos MacDougalls. Ou uma professora de arte, e uma das suas primeiras visitantes, que surpreendeu toda a gente, criando um belo logotipo para *Once Cairn Village*, com um cardo e fitas tartan.

Um projecto impressionante, que ela insistiu em oferecer.

A bela fita de cardos enfeitava, agora, as embalagens de todo o artesanato e presentes de Ravenscraig, e vendia bem em tudo, desde canecas de café a porta-copos, de camisetas e toalhas de chá.

Mara forçou um sorriso e tomou outro gole de chá morno. Nunca teria esperado que Ravenscraig prosperasse assim. Maravilha das maravilhas, um retrato de Lady Warfield pairava sobre o grande coração verde-marmoreado da biblioteca, e ela ainda estava para ver um visitante MacDougall que não parasse para comparar a sua semelhança com a velha senhora.

Alguns até sorriam.

Mara engoliu em seco e passou a mão pelo rosto, afastando um traço de suor. "Raios, Alex." Fechou os olhos com força até que a visão clareou. "Como ousas fazer com que te ame para depois

desapareceres?” *Eu nem sequer me importo que sejas um fantasma. Ter-te, de vez em quando, era suficiente.*

Tem sido o suficiente.

Infelizmente, não para ele. A sua ausência penetrava-a diariamente, lembrando-a de que poderia e deveria ter sido.

Falhou com amantes escoceses fantasmagóricos.

Mas deu-se bem com Ravenscraig.

A possibilidade de perder o castelo ao fim de um ano era, agora, tão remota como a lua, o seu futuro e o seguro da propriedade. Uma certeza de que envolveu todos em Ravenscraig num triunfo eufórico e com um propósito.

Até já o velho Murdoch acrescentara uma espécie de mola ao seu andar torto.

Era uma vergonha deixar que os humores a deitassem abaixo. Ela deveria andar tão vertiginosamente feliz, como todos os outros sob seu teto. Olhou fixamente através da biblioteca para o fogo crepitante de bétula na lareira e desenhou uma respiração profunda. Nada a deveria incomodar.

Especialmente, os *nadas* inexistente.

“Miss, peço desculpa por incomodar,” Ailsa-Agnes interrompeu com toda a educação escocesa, “mas o seu pai está ao telefone.”

Mara saltou, quase derramando o chá no colo. "O meu pai?" Ela pestanejou para a menina. "Ele nunca liga", disse, seu coração a mergulhar. "Ele nem sequer tem um telefone celular, chama-se orgulhosamente de dinossauro tecnológico. Sou eu quem lhe liga sempre.

“Algo se passa.” Mara tinha a certeza disso.

“Não faço ideia,” A gémea parecia confusa, entregando o telefone a Mara. “Mas ele parece estar bem-disposto.”

Bem-disposto?

A preocupação de Mara aumentou.

O maior contentamento do seu pai, para além das pesquisas sobre a ancestralidade, era agitar-se com aflições.

A última vez que lhe ligou, Hugh McDougall estava seguro de que os seus problemas cardíacos o levariam ao hospital mais tarde ou mais cedo.

Até se queixou que estava muito fraco para trabalhar no seu livro sobre a história da sua família, um projeto sem fim, mas que ele acarinhava há anos.

Mara ficou a olhar para o telefone, até que Ailsa-Agnes saísse e ela o levasse a orelha.

“Pai?” Perguntou. “Estás bem?”

“Se estou bem?” A voz do pai irrompeu pela linha. “Mocinha, eu nunca estive tão bem!”

Mara pestanejou, perguntando-se se alguém lhe estaria pregar uma partida. Mas era mesmo a voz de Hugh McDougall

Mesmo que parecesse diferente.

Com a saúde tão forte, como quando ela era pequena.

“Fico feliz em ouvir-te tão alegre, mas não percebo,” disse, com a sobrancelha franzida. “Da última vez que falamos, disseste que podias fazer um bypass, de novo.”

“Isso era dantes.” Hugh McDougall bufou. “Agora é diferente. Tudo mudou.”

Isso estava bem definido.

Apenas seis meses antes, ela mal sobrevivia, administrando a sua empresa de excursões, conseguindo pouco mais do que pagar o aluguer. Agora, ela possuía um castelo escocês, tinha trabalhado o suficiente para manter o estipulado para assegurar a sua herança, e estava irrevogavelmente, irremediavelmente apaixonada.

Por um fantasma.

Um escocês sexy, que lhe oferecera o melhor sexo que ela alguma vez tivera e desaparecera. Ou lá como é que se dizia, quando um fantasma se escafedia e não voltava.

Fechou os olhos por instantes, e respirou fundo. “Peço desculpa, pai, não te ouvi. O que estavas a dizer?”

Uma gargalhada foi a resposta.

Uma barrigada de riso, que fez o telefone estremecer na sua mão e que lhe magoou a orelha. Também ouviu algumas palavras abafadas, ao fundo, como se alguém estivesse lá com ele.

Mara afastou o telefone do ouvido, completamente confusa. A outra voz parecia de uma mulher. E o riso do pai era demasiado alegre para o seu normal.

Por muito que o amasse, o pai dela era um homem calmo, que vivia calmamente. Pouca coisa lhe interessava, para além de escavar as suas raízes. Para além disso era um hipocondríaco encartado, um bebé chorão.

“Tens a certeza que estás bem?” A preocupação de Mara só colheu outro esgar de alegria transatlântica. “O que se passa contigo?”

“Uma coisa maravilhosa”, jorrou o pai, como se estivesse de olhos arregalados. “Algo que não vais acreditar.”

Mara preparou-se. As *coisas maravilhosas* de Hugh McDougall eram normalmente embaraçosas. Como daquela vez que ele cobriu a casa toda de xadrez, no Natal e fez um arco de tartan gigante na chaminé.

“Acho que é melhor dizeres-me o que se passa, “disse ela.

“Vou-te visitar, Marinha! Para a cerimónia de inauguração do memorial,” Ele cantarolou, a sua excitação arrastada pelas ondas sonoras. “Será a minha lua-de-mel!”

Mara quase largou o telefone. “Lua-de-mel? Mas tu não és casado.”

“Sou, sim senhora,” ripostou. “Desde o sábado passado, e deu-me um novo fôlego na vida. Sinto-me com energia suficiente para atravessar o Atlântico para te ver a ti e a *Auld Hameland*.”

“Por que não me disseste nada? Conheço a pessoa?”

Uma pausa. “Não disse nada, porque tivemos uma pequena cerimónia civil e eu sabia que estavas muito ocupada aí. Não te queria preocupar, caso não te pudesses ausentar.”

“Quem é ela?”

O pai dela limpou a garganta. “Euphemia Ross.”

“A *Bruxa*?” Mara arregalou os olhos. “Ela é uma pastilha!”

Hugh McDougall tossiu alto e depois, houve um ruído confuso, como se ele pusesse a mão sobre o receptor.

“Ouve lá,” disse, depois de um momento, num tom de voz conciliador. “Euphemia é-”

“Desculpa,” Mara balbuciou, horrorizada, não conteve a língua. “Apanhaste-me de surpresa.”

“Bem, eu próprio estou surpreendido,” admitiu, parecendo amolecido. “Contigo longe, eu precisava de alguém para me ajudar com o livro. Fazer recados, revisões, manter as minhas notas em ordem, esse tipo de coisas. Um pouco de cozinha, arrumar a casa aqui e agora. Uma coisa levou à outra e-”

“Casaste com ela e vens passar aqui a lua-de-mel?”

“É isso mesmo,” confirmou, e Mara quase ouvia o seu sorriso a espalhar-se. “Os médicos dizem que ela foi a melhor coisa que me aconteceu nos últimos anos.”

“Então, fico feliz pelos dois,” Disse Mara como se tivesse engolido uma garrafa de vinagre.

“Serás calorosa com ela,” dizia o pai dela. “Ela está ansiosa por pesquisar os ancestrais de Ross.”

“Ross era o nome do seu terceiro marido,” Mara não conseguiu evitar o comentário.

O que o antecedeu era Cherokee. Nessa altura, o nome da bruxa de Cairn Avenue era Sol Nascente ou Madrugada. Tinha algo a ver com a aurora.

Mas isso não fazia dela uma Americana nativa.

Não que isso fosse importante.

“Esquece tudo isso,” disse o pai. “Vais gostar dela, logo que a conheças melhor.”

“Concerteza que sim.”

“Podes contar com isso.” A voz de Hugh McDougall ficou áspera. “Alguma vez menti à minha menina?”

“Não,” Mara admitiu, com um nó de crítica crescendo na garganta.

“Então, está combinado. Vemo-nos em breve.”

Depois, o pai desapareceu. Não já só o seu pai, mas o quarto marido da bruxa de Cairn Avenue, e com essa incrível transformação, ela confirmava que o mundo tinha enlouquecido.

Totalmente maluco.

Com ela a liderar o desfile.

Pousou o telefone e agastou o cabelo. Depois tentou alcançar o chá e percebeu que já tinha despejado a chávena.

Enrugou a testa. Pela primeira vez, aquela bebida fortificante podia tê-la ajudado.

“Ah, bom,” disse, imitando, uma das frases favoritas de Murdoch.

Teria que ver o lado positivo da situação.

Desde que o seu pai e a Euphemia Ross não agissem como amantes loucos e se pusessem a rolar em frente à lareira, tudo se resolveria.

Ela só queria que a sua vida amorosa estivesse tão bem.

Mas não, estava arruinada.

Longe dela, fora de controlo e em lugares que ela não podia seguir.

Pelo menos, não nesta vida.

“A sério.” Levantou-se da cadeira e colocou as mãos na cintura.

Tentou engolir a sua má disposição, mas tudo era muito injusto.

Respirou fundo e olhou pela janela, o seu coração alegrando-se com a beleza do dia azul. Nada justo, decidiu, com os olhos a arderem, de novo. Se o pequeno terror que era Euphemia Ross conseguiu convencer quatro homens ao casamento, por que é que ela não conseguia, no mínimo uma noite com Alex?

Mas até esse consolo parecia fora do seu alcance.

Ela podia estar descontrolada e loucamente apaixonada, mas aparentemente, ele não estava assim tanto.

Não poderia haver outra razão para sua ausência.

“Então, porque é que eu ainda o quero?” Mordeu o lábio, a sua compostura quebrando, essa perda ameaçava dissolve-la.

Algo arranhou a perna e ela olhou para baixo e viu que Ben se encostava a ela, procurando algum tipo de conforto. “Também sentes a falta dele, não é?”

Grata pela sua devoção, agachou-se e fez-lhe uma festinha nas orelhas. Mas nem mesmo o olhar de alma do velho cão podia diminuir a dor que sentia.

Ou desfazer a verdade gritante.

Se o seu *Highlander* fantasmagórico tinha energia para seguir a sua cama há mais de 700 anos, Seriam uma míseras semanas a detê-lo?

Mas assim parecia, e ela estava amarga e cansada de o procurar e perscrutar.

No entanto, procurava-o.

Todas as horas dos dias.

As noites eram ainda piores. Sozinha, sem dormir, cada qual produzindo uma infindável camada de saudades. Horas frias e escuras preenchidas com uma agonia que ultrapassava as palavras. Ela não

consequia, simplesmente, a creditar que ele tinha desaparecido.

Ainda agora enlaçou os braços em torno do tronco e olhou para a lareira, na esperança de o vislumbrar. Talvez a sua alta estatura e a silhueta dos seus ombros largos se formasse na contraluz da fogueira. O contorno mais obscuro a encantaria. Assim como captar na vibração do ar, o mais pequeno resquício do seu cheiro.

Ou do seu riso. Uma briza impertinente contra os seus seios, uma palavra suspirada aos ouvidos.

Qualquer coisa servia.

Desde que lhe garantisse que ele ainda andava por aí e que existia, mesmo que não pudesse aparecer.

Mas não havia nada, e o crescente calor no interior dos seus olhos, era demasiado incómodo até para uma MacDougall.

Uma mera *McDougall* não tinha a mínima hipótese.

Ela passeou pela sala, nada surpreendida pela perda de brilho. O seu mundo perdera brilho, por que não haveria a biblioteca de Ravenscraig passar de acolhedora, quente e brilhante para fria, triste e vazia? Já sem cheiro de couro, tinta e idade, cheirava apenas a dor-de-cabeça.

Perder o seu Highlander causava-lhe isso.

Parecia uma imbecil.

Mas, pelo menos, estava demasiado ocupada para reparar nisso.

Se fizesse uma pausa no seu trabalho, as multidões sempre presentes, as entradas e saídas e o barulho mantinham-na distraída. E não era ruídos do outro mundo. Nem mesmo o choro dos tubos de água e o estalar da madeira velha, mas sons vivos.

Passos apressados pelo corredor, o abrir e fechar de portas. Ecos vindos do salão grande, o barulho dos talheres e das cadeiras a arrastarem-se. Vozes alegres e gargalhadas abafadas, quando os recém-chegados apreciavam batiques e sanduíches. De todas as esquinas chegava um rebuliço e um som.

A azáfama dos vivos.

Mesmo aqui, no confortável mofo da biblioteca, o seu único lugar de paz.

Até há uma hora, um grupo conversador de convivas mais velhos se sentara a conversar à lareira. Cape Breton MacDougalls de Cape Breton, que tomavam um gole de chá, petiscavam um bolo de aveia e não se cansavam de elogiar o charme nostálgico da sala.

Um ambiente retomado, nos últimos dias, por Scottie e Dottie. Mais uma vez, confortáveis na sala tipo mausoléu, os cachorrinhos estavam deliciados a entreter os turistas. Sempre aos pés deles, destacavam-se no cortejar de atenções.

Arrancando ooohs e ahhs.

Neste momento, estavam aos pinotes numa das alcovas da janela, disputando um raio de sol e lutando por uma almofada caída. Uma brincadeira que nunca arriscariam, se percebessem que Alex estava a ponto de se materializar.

Os pequenos cães não gostavam do outro mundo.

Agora, que o perigo passou.

O mais fantasmagórico que havia, nessa tarde, eram pequenas partículas de poeira girando no ar. Até o barulho do vento contra as persianas parecia irritantemente normal.

Assim como o estampido de um barco de pesca a subir o Firth. O chiar de um aspirador num dos quartos. Apenas os sons imaginados de uma peça sobre uma guerra medieval se distinguia dos ruídos habituais de Ravenscraig.

Mara gelou. *Sons de uma batalha medieval*. Seriam reais?

O seu coração começou com oscilações, inclinou a cabeça, batendo nos ouvidos.

O som distante de aço contra aço subia e descia, pairando na borda dos seus ouvidos. Era um clamor selvagem e furioso, vindo de longe, salpicado com gritos e urros de insultos gaélicos.

Soava a coisa real, definitivamente.

Uma zaragata que não seria mais do que uma manifestação diurna dos seus sonhos conturbados.

Um sinal de que ela estava mesmo a ficar louca.

Barulhos de uma enorme reminiscência de Alex, caso ela não estivesse mesmo louca.

Depois, os ruídos cessaram e ela percebeu que os seus nervos lhe estavam a pregar partidas. Então, despejou o ar dos pulmões e afastou-se da janela.

Recomeçou a andar, determinada a esquecer o estranho estrondo. Barulhos que imaginou, por causa do stresse e excesso de trabalho. Mas parece que Ben também os ouviu.

Mara observou o cão, os seus sentidos afiados. Uma vertigem sem razão, passou por ela, mas não havia dúvidas. O velho focinho de Ben tinha um ar excitado.

“Oh, Ben.” Ela acarinhou-o, enquanto ele se encaminhava para a porta, com a cauda a abanar. “Não foi nada. E já desapareceu.”

Não deixes que ele te parta, também, o coração, quase avisou.

Mas algo se movimentava na sua direção.

Passos apressados. Uma aproximação tão rápida que pôs Ben a dançar e a cheirar, à porta, a sua cauda sibilante e os seus sorrisos caninos a darem-lhe esperança.

O seu coração começou a pular, loucamente, mas quando trinco girou, quem apareceu e meteu a cabeça foi Ailsa-Agnes e não Alex.

Mesmo assim, Ben latiu e passou por ela num salto, barrando a passagem, antes que a rapariga pudesse entrar. Toda sorrisos e olhinhos brilhantes, ela ficou no umbral, com uma mão sobre o peito.

“Oh, miss!” Falou, com as faces brilhando. “tem de vir ver isto, já. *Ele* está lá em baixo no campo de torneios e trouxe os seus amigos todos!”

Mara limpou os olhos. “O quê? De quem estás a falar? Que campo de torneios?”

“O campo de torneios medieval,” acrescentou a rapariga, fazendo uma pausa para respirar. “Há quem lhes chame a lista. O campo grande de relva, perto de One Cairn Village. Nos velhos tempos, os cavaleiros usavam-no para treinar. O seu namorado está lá, agora, com os seus amigos, numa reconstituição. Toda a gente está lá, a vê-los-”

“O meu namorado?” Mara sentiu o queixo cair. “Eu não-”

“Ah, venha lá e não se preocupe. Ele está em boa forma.” Ailsa-Agnes puxou-a pelo braço, empurrando-a porta fora. “Ele contou tudo ao Murdoch. Como se sentiria ameaçada se nós soubéssemos que tinha um parceiro, mas preocupou-se à toa.

Alguém seu próximo e bem-vindo aqui.” Olhou para Mara, mostrando um sorriso.

Mas Mara mal notou o sorriso da rapariga. Apenas ouvia as suas palavras, o seu impacto girando como um tornado dentro dela.

Em boa forma? Parceiro? Ela abriu a boca para falar, mas nada saiu. A sua barriga começou a agitar-se e ela engoliu em seco, o seu peito tão apertado, que ela mal conseguia respirar.

Não podia ser.

No entanto, a quem mais se podia estar a rapariga a referir?

“Não se apoquente tanto. Somos mais modernos do que parecemos. Dizia Ailsa-Agnes. “Até o Murdoch teve uma amante, durante anos. Devia vê-los a dançar e a girar nos *ceilidhs*, o próprio com o kilt a esvoaçar. Eram ambos viúvos e partilharam o leito, até que ela morreu, o ano passado.”

Arranjou o avental, um toque de orgulho cobria-lhe o rosto. “O seu namorado é um Highlander. Como poderíamos não gostar dele? Principalmente, porque veio fazer entretenimento com os amigos, na cerimónia de inauguração.”

Um Highlander.

A palavra apressou-se para Mara fustigando-a como uma inundação de ouro quente, a sua doçura fluindo para dentro dela, trazendo-a de volta à vida. Fazendo-a sentir, de novo, mas de um modo bom.

Ailsa-Agnes continuava a falar, mas Mara não lhe distinguia as palavras. Os seus olhos eram uma

neblina rápida e o sangue fervia nos ouvidos, de tal forma que ela mal conseguia ouvir os próprios pensamentos.

Ela só conseguia pôr um pé à frente do outro, seguindo a rapariga, pela passagem abaixo, em direção das escadas do salão de entrada, e esperar.

Uma esperança tola e impossível, mas suficientemente irresistível para fazer o seu coração disparar.

Parou ao fundo das escadas, os joelhos tremiam tanto que ela receou que as pernas fossem desistir. “Os amigos dele são atores de reconstituições medievais? Perguntou, segurando o corrimão. “Nunca os vi.”

“Sim, tão certo como eu estar aqui,” Ailsa-Agnes irradiava de alegria, a sua resposta espremia-se. “E parecem todos saídos do *Braveheart*. Mas muito mais autênticos.”

Tenho a certeza que sim! E essa revelação fez com que o coração de Mara batesse nas costelas.

A respiração dela fugiu-lhe. “É ele!”

Então, o mundo apareceu-lhe, perante os olhos, a preto e branco e o zumbido nos ouvidos era de tal forma forte, que ela acho que a sua cabeça ia explodir.

“Oh, Alex...” Levou uma mão à face. Seu corpo inteiro tremeu e até as solas dos seus pés formigavam. O pulso corria a uma velocidade incrível, a sua cadência selvagem, por certo, a destruiria.

Ele estava aqui. O seu Highlander fantasmagórico voltara para ela.

“Murdoch acha que ele trouxe os amigos para a impressionar com a sua esgrima. ” A voz de Ailsa-Agnes vinha de longe, as palavras dela desmaiavam. Quase inaudíveis pela alegria esfusante, que girava dentro Mara. “Ele disse que ia apostar seu melhor *sporrán* em como o seu Alex está aqui para a pedir em casamento.”

O seu Alex. O coração de Mara ia-se partindo ao meio, ao ouvir o nome dele.

Mas já se apressava para a porta, os dedos tremiam e ela atrapalhou-se com a fechadura. Depois, a porta abriu-se ela começou a correr, rasgando caminhos de cascalho e grama até ao campo de batalha medieval.

Pedi-la em casamento, dissera Ailsa-Agnes.

As palavras ecoavam na sua cabeça, provocando-a e insultando-a. Exortando-a.

Não é que elas importassem muito.

Ela só queria vê-lo.

Vê-lo e certificar-se de que ele não voltaria a deixá-la.

Mara atravessou a pista de moitas e tojos, com os latidos de Ben e os aplausos dos espetadores dando-lhe forças. Os seus pulmões ardiam e uma dor afiada nas suas costas, com cada passo da corrida a custar-lhe imenso. Ela sentia Alex em cada respiração irregular. A sua presença acenando-lhe, vibrando por toda ela e alimentando o seu desespero para o alcançar.

Mordeu o lábio, apertou a pontada do lado, com a mão. O coração aos pulos, uma agonia a bater-lhe no peito e trovejando tanto, que até o barulho do aço e da multidão se esbatiam.

“Quase lá,” estava ofegante, forçando-se a correr ainda mais. Depois, chegou, o caminho abrindo-se para revelar toda a amplitude do céu brilhante e a larga expansão do campo de treinos relvado. A última vista bloqueada pelas costas do que pareciam ser todas as almas de Ravenscraig e seus convidados.

Na ponta dos espetadores, Ben contorcia-se ao lado de Murdoch, e Mara podia ver que o velho mordomo velho tinha uma mão firme apertada à coleira do cachorro. A amplitude do floral impresso de Prudentia assomava à vista, mas pouco mais estava visível.

Excetuando o cavaleiro alto de uma beleza sombria, encostado ao muro de pedra, perto do caminho. Tinha um enorme machado de Guerra de duas faces, ao ombro, e uma longa espada no cinto. A sua camisa de malha brilhava como o sol e Mara soube imediatamente que ele era um verdadeiro cavaleiro medieval. Cada milímetro seu era de fantasma, mesmo que parecesse tão real como a luz do dia.

Ela soube logo.

Ele parece tê-la reconhecido, porque se desencostou do muro e aproximou-se, com a sua indumentária medieval a tinir suavemente, o seu cabelo escuro levantando-se com a briza da tarde.

A única coisa for a do comum era a forma como segurava o seu escudo à frente da virilha.

Era um escudo medieval.

Uma linda tarja escocesa, redonda e coberta de couro, mas não parecia nem de perto tão antiga como as que estavam expostas no salão de entrada de Ravenscraig.

Mara engoliu em seco, dividida entre o temor e a apreensão.

O cavaleiro negro sorriu. “Não se assuste, Lady Mara, não lhe quero mal.” Continuou, os seus passos longos e seguros. “Sou um amigo e quero o seu bem.”

“Conhece-me?” Mara pestanejou, impressionada com a facilidade com que conversava com um fantasma.

“Conheço-a, sim.” Os seus modos calmos e a pequena vénea que lhe dirigiu, pô-la à vontade. “Sou Sir Hardwin, antigo companheiro de armas de Sir Alex. Ele só fala da sua beleza, inteligência e charme. Se ainda não tivemos o prazer de nos cruzarmos, é agora uma enorme honra conhecê-la.”

“Lisonjeia-me.” Mara resistiu à tentação de alisar o cabelo, sabendo bem do seu estado despenteado, depois daquela correria.

“Não digo mais do que a verdade.”

“Porque me esperava ali no muro?” Olhou para aquele lado e depois, de novo, para ele.

Ele voltou a sorrir. “Gostava de lhe dar uma palavrinha.”

“Uma palavra-” Mara deixou a frase a meio, o discurso falhava-lhe, enquanto ele ficou por trás dela, voltando-a delicadamente para a linha dos espetadores.

Só que agora, eles não estavam lá.

Ela arregalou os olhos, o seu coração pulando perante a visão à sua frente. Cavaleiros e homens de clãs medievais, pois não poderiam ser outra coisa, envolvidos numa divertida batalha com jovens *highlanders*, que, pelo seu tamanho e entusiasmo, eram definitivamente da espécie de carne e osso, e claramente sem as habilidades de esgrima dos fantasmas combatentes.

Desses, havia um homem enorme com aparência de urso, com um cabelo ruivo desgrenhado e barba a condizer, sorria, enquanto bramia a sua espada ao vento, adiando facilmente todas as tentativas dos homens mais jovens de se aproximarem dele.

“Bran de Barra,” o cavaleiro negro identificou o ilhéu corpulento. “Um amigo, e um dos maiores corações de chefes que as Hébridas já viram. Bran não saía dos limites da sua ilha há séculos, mas veio aqui hoje por respeito a Alex. E trouxe uma boa fatia dos homens do clã Aueles jovens que o desafiam são os netos, tantas vezes retirados. Ele-”

“E Alex? Onde está ele?” Mara levantou uma mão para proteger os olhos do sol, espiando o emaranhado de tecidos de xadrez e aço. “Não o vejo.”

“A seu tempo, minha senhora,” prometeu o cavaleiro negro, apertando os dedos nos ombros dela.

Mara engoliu em seco, alguma coisa no seu tom de voz, fazendo-a perguntar-se se ele não teria feito desaparecer Alex magicamente, como tinha acabado de fazer com Murdoch, Ben e toda a gente que estava ali ainda há pouco.

“Aquele ali,” ele continuou, como se ela não o tivesse interrompido, “o cavaleiro alto de cicatriz no rosto, na parte mais distante do campo, consegue vê-lo?”

Apontou, e Mara viu, de facto, o homem.

Ela ficou a olhar para ele fixamente, com a respiração presa na sua perícia. “Ele não parece escocês,” disse, notando que ele estava vestido como um cavaleiro inglês medieval.

“Ele não é escocês, é verdade,” confirmou Sir Hardwin. “Mas o coração dele vive firmemente nas Montanhas Altas. A norte daqui, em Kintail. É Sir Marmaduke Strongbow, um campeão inglês e um

grande amigo do clã MacKenzie no seu tempo. O seu braço de arma é inigualável em qualquer século. Alex viajou muito para o encontrar, embora o braço de ferro não deva ter sido grande, quando o encontrou. Sir Marmaduke é um gala, não precisaria de muita persuasão para vir.”

“E porque veio?” Quase tinha medo de perguntar. Uma suspeita começava a arder dentro dela, e a glória disso, se fosse verdadeira, tinha o poder de a desfazer. Mas ela tinha que saber ao certo.

“Por que estão estes homens aqui? Os novos e os-” interrompeu-se, com o calor pintando-lhe as faces.

“Os rapazes e os fantasmas?” O amigo de Alex terminou por ela, imperturbável.

Mara acenou a cabeça.

O cavaleiro estava, subitamente de novo, em frente a ela. “Alex é um homem bom, um dos melhores. A sua desgraça entristece-nos a todos. Aqueles que estão aqui hoje amam-no o bastante para o ajudar a evitar outro desastre do género.”

O olhar de Mara voltou-se para o corpo a corpo das espadas, aliviada por ver que os espetadores regressaram. “Eu também o amo,” admitiu, esticando-se para o ver no meio da multidão. “Nunca lhe voltaria as costas ou-”

“A tragédia que pretendemos evitar não vem de si, mas das circunstâncias.” O cavaleiro segurou-lhe a mão e beijou-lhe os nós dos dedos. “Alex sabe o quanto gosta dele. Mas ele não podia, simplesmente, aparecer à porta e fazer-se anunciar, não é?”

“Então, você veio fazer de escudo dele?”

“Chame-lhe o que quiser.” Ele deu-lhe outro sorriso lento e fácil. “Só precisa de saber que ele passou as últimas semanas à procura de amigos responsáveis, depois procurou os seus tetranetos. Daqueles que ainda são suficientemente Highlanders para não quinares, quando um fantasma irrompe pelos seus sonhos para lhes pedir um favor.ao terem um fantasma a pedir-lhes um favor, nos seus sonhos.”

“O favor de reproduzir cenas medievais?”

Uma sobranceira levantou-se como um corvo. “Consegue pensar numa forma melhor para o Alex voltar para si?”

Mara não era capaz.

Ela voltou a olhar para o campo de treinos, fechou os olhos por causa do brilho do aço das espadas. “Foi inteligente. Os torneios medievais são um sucesso.”

“É algo que Alex pode fazer para se sentir útil.” O cavaleiro parecia contente. “Logo que os jovens sejam convenientemente treinados, os nossos amigos regressam às suas assombrações, e o Alex pode organizar orneios, talvez dar aulas de esgrima.”

Fez uma pausa, arrumou um caracol atrás da orelha dela. “Não se preocupe tanto, minha senhora. O Alex irá encantar os seus convidados. Até pode dar lições de gaita ou ensinar montaria cavalheiresca. Iludir com capricho celta.”

O coração de Mara inclinou-se. Alex podia seduzir.

“Só queria que tivesse sido ele a dizer-me.” Ela levantou-se, tentou ver por cima dos ombros dos espectadores. “Desapareceu há seis semanas. Tive saudades,” acrescentou percorrendo o campo com o olhar. “Preciso de ir ter com ele, agora.”

Ela começou a avançar, mas foi impedida por uma mão no ombro.

“Havia outro motive para conversarmos,” O cavaleiro falou cautelosamente, bloqueando-lhe, de novo, o caminho. “O Alex está ferido, e tenho a certeza que ele vai tentar ocultar a sua dor. Tem de o tratar com delicadeza. Ele-”

“Ferido?” Mara olhava-o fixamente, o seu peito apertava-se. “Como é que ele pode estar ferido? Ele é um fantasma!” Deixou escapar, fechando a boca logo de seguida, o calor invadindo-lhe as faces.

Para sua surpresa, o rosto do cavaleiro ganhou, também, uma pitada de cor. “Há forças misteriosas no

outro mundo, senhora. Coisas que eu e Alex ainda estamos longe de compreender, em todos estes anos.” Ele pegou na mão dela novamente, desta vez puxando-a em direção à linha de espectadores. “Alex foi punido por encontrar prazer consigo. Prazer que ele vai procurar novamente. Como seu amigo, peço-lhe para ter cuidado com ele.”

A mandíbula de Mara caiu. “Quer dizer que-”

“Precisamente.” Ele ficou a olhá-la com uma expressão séria. Mas depois, o seu sorriso maroto voltou. “Há muitas formas de um homem e uma mulher se divertirem,” disse ele com o seu olhar negro segurando o dela.

“Explore-as até que as feridas de Alex curem. Se ele for afastado, de novo, pode não poder voltar.”

Mara engoliu em seco. “Quer dizer que é por causa-“ Não prosseguiu, encontrou-se a falar com ar. O cavaleiro das trevas tinha desaparecido.

Ou melhor, ele agora estava no meio do campo, seu sorriso jovial mais brilhante do que nunca, a sua espada reluzente cortando o ar, cada movimento em arco ou impulso desviado pelo turbilhão da espada de prata de um homem alto, vigoroso, cujo, riso saudável quase pôs Mara de joelhos.

“Alex!” Gritou, correndo pelo campo.

Ele voltou-se e levantou a espada em saudação, o seu sorriso diabólico derretendo-a. Depois, ela voou pela relva, mal dando conta do zumbido dos aplausos nos ouvidos, ou quão rápido o seu amor baixou e embainhou a espada.

Ela viu, apenas, a alegria a espalhar-se no rosto dele, os braços abertos para a receber, e o quão real e são ele parecia.

O amigo dele estava enganado.

Nada afligia Alex.

E ela pretendia fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para garantir que nada jamais o afligiria.

“Mara!” Alex sorriu, o esforço de parecer inteiro e saudável quase matando-o.

Mas o triunfo de ter voltado e de a ver, agora, a correr para ele, com o cabelo ao vento e o brilho do seu olhar, era uma glória muito mais ponderosa do que uma dorzinha provocada por uns relâmpagos.

Mesmo assim, quando ela chegou perto dele e lhe saltou para os braços, era tudo o que podia fazer para não estremecer. Em vez disso, ele sorriu amplamente e tomou-a nos braços, esmagando-a contra ele.

“Menina doce,” acalmou-a, pois ela estava ofegante, agarrando-se a ele com toda a sua força, corado e com os olhos arregalados. “Eu não disse que voltaria?”

“Mas-”

“Não há *mas* nenhum. Agora, estou aqui.” Envolveu-a nos braços, enterrando o rosto nos ombros dela. Um alívio vertiginoso trespassou-o de tal forma, que sentir o seu corpo dócil contra o seu, derretendo contra o seu, não o enviaria de volta às trevas.

“Estiveste longe tanto tempo.” Ele tocou-lhe na cara, no cabelo, a voz sumida. “Tive tantas saudades e receei-”

“O meu coração esteve sempre contigo,” disse-lhe ele, puxando-a mais para um beijo profundo e devorador.

Um beijo que ele interrompeu cedo demais, mas a necessidade que ele tinha dela crescia febrilmente a cada batimento cardíaco.

“Espera até te apanhar sozinha,” prometeu ele, enquanto as mãos subiam e desciam nas costas dela. “Não é o lugar adequado com todos estes amigos e familiares.”

“Não, não é meu amigo,” avisava uma voz profunda, ao mesmo tempo que uma mão de aço lhe pousava no ombro. “Será melhor mostrares a tua afeição num local mais privado, Talvez *One Cairn Village* deserto, como estava ainda agora.”

Sir Marmaduke.

Alex franziu a testa, reconhecendo a voz suave e a cicatriz no rosto do inglês. O aviso absurdo do homem púdic.

Hipocrisia algo incaracterística.

Campeão ou não, se alguma vez estas montanhas viram um valete sentimental, com inclinações românticas fortes, esse alguém seria Sir Marmaduke Strongbow. Pelo que conhecia dele, Alex sabia que seria o último homem à face da terra a opor-se a uns quantos abraços e beijos tórridos.

Independentemente do número de observadores.

Lançando um ar irritado, rodeou-o para lhe dizer isso mesmo, mas não se conseguia mover, pois os seus amigos rodeavam-no, movendo-se como vespas enlouquecidas buzinando à sua volta.

Mesmo o todo amável Hardwick, só que desta vez, ele não sorria.

Nenhum deles estava a sorrir.

Alguns até pareciam estar infinitamente tristes. Derrotados.

Outros, sobretudo os mais jovens, corriam pelo campo, acenando e agitando as suas espadas, causando um reboliço geral e atraindo todos os olhares.

Alex franziu a testa, perguntando-se se terá sido a luz do sol a virar-lhes as cabeças ao contrário. A Escócia era mais uma terra de ventos frios e neblinas.

Os rapazes comportavam-se de forma estranha.

Um olhar sobre a sua mulher serviu de justificação.

Ele segurava-lhe o rosto entre as mãos, embalando o seu queixo e faces, a sua pele aparecia fresca e bela, debaixo dos seus dedos.

Ele estava a desaparecer.

E, independentemente do tempo que os seus amigos ficassem a dançar e a dar pinotes à sua volta, escondendo-o dos aplausos do público, Alex suspeitava que não haveria muito a fazer para manter o segredo.

Ele tinha apostado tudo e estava a perder.

A fúria brotou do seu interior, cerrou os pulsos, inclinou a cabeça para o azul do céu, olhando para a sua luminosidade até que os olhos pararam de arder, e a massa quente da sua garganta retrocedeu.

Maldizer o seu destino de nada lhe serviria.

Ele precisava da cabeça limpa e de uma vontade de ferro. Duas coisas que tinha cultivado por quase setecentos anos. E agora, tinha uma razão poderosa para ser bem-sucedido.

Mara.

Capítulo Treze

Alex olhou para Mara, enquanto se deslocava por detrás dos juncos e fetos, que orlavam *One Cairn Village*, o pior lugar do mundo para eles se encontrarem. Mas não podia ser evitado. A aldeia possuía o único canto de toda a propriedade de Ravenscraig atualmente vazia de gente a meter o nariz onde não é chamada.

Todos os outros permaneciam no campo de treinos, onde um considerável conjunto de Highlanders, fantasmas e não só, se entretinham. Vários gaiteiros se juntaram à contenda, o seu som agitando o sangue, enquanto a multidão aplaudia os *flashes* de aço dos guerreiros.

Todos, menos uma pequena e velha mulher, chamada Innes. Alheia ao furor, a minúscula mulher de cabelos brancos, podia ser vista através das janelas de uma das lojas de artesanato da aldeia, onde ela se movimentava, organizando e reorganizando as suas velas e sabonetes. Mas não tão diligentemente, que não tenha espiado pela frincha da porta, a aproximação de Mara e Alex da aldeia quase complete.

Sempre de olhos afiados, ela divagou em pensamentos, sobre a forma física de Alex.

Impetuoso no seu manto.

A sua voz esganiçada arrastada pelo vento, a sua reza fazendo com que Alex torcesse um dos cantos da boca. Até que ela o chamou Lord Basil, declarando que nunca o vira tão novo.

Ele voltou-se para Mara. “Se soubesse a minha verdadeira idade, ela não se contentaria em fechar a porta. Teria fugido diretamente para Oban.”

Mara tocou-lhe no braço, inclinando-se para lhe dar um beijo na face. “Ela só estava curiosa.”

Alex pôs uma expressão séria. “A última coisa que quero é assustar velhotas.”

“Se te conhecesse, não teria medo.” O elogio de Mara apertou-lhe o peito.

Agarrou-lhe na mão e levou-a aos lábios, beijando-lhe os nós e apertando-lhe os dedos. “Espero que tenhas razão.”

“Eu sei que tenho.”

Sem tanta certeza, Alex lançou um olhar à caserna branca e baixa, que Innes estava a enfeitar de sabonetes, velas e artesanato. Apenas visível através dos juncos e com uma onda de fumo azul de turfa, a sair da chaminé, a cabana de paredes largas era a primeira loja completa da aldeia.

Innes reclamou-a logo para si, talvez pela localização estratégica, que oferecia maravilhosas vistas sobre a praça da aldeia e o futuro memorial.

Um movimento das cortinas provava que ela esteava mesmo a espia-los.

Não que isso lhe importasse muito.

Com Innes na loja de artesanato, ele tinha boas razões para evitar a praça recém-pavimentada e as dores de cotovelo ao olhar para o pedregulho do memorial.

Aquele lugar punha-lhe os cabelos em pé, esse monte de pedras era um aborrecimento que ele preferia ignorar.

O que ele não conseguia esquecer, era o horror de ver os seus dedos transparentes arranhando o rosto de Mara.

Ou a sua vontade ardente de a ter.

Tentando afastar um esgar de fúria, foi a passos largos para onde ela tinha parado, ao lado de um pedaço de urze branco e roxo.

“Moça doce, não te quero desapontar.” Ele puxou-a contra si, apoiando-se para não estremecer. Tarefa difícil, pois com quanta mais força ele se agarrava, mais as suas feridas o dilaceravam, num calor escaldante e afiado.

Uma dor ainda maior do que aquela que sentiu, quando ela se atirou para os seus braços no campo de batalha. Pelo menos desta vez, as suas mãos estavam escondidas nas costas dela.

“Nunca me poderias despontar.” Olhou para ele, com um olhos brilhantes, que o faziam crer com todas as suas forças, que nada disto acabaria em tristeza e desgraça.

Carregaria a culpa por toda a eternidade, se assim não fosse, nunca se perdoaria.

Tinha que lhe explicar o que enfrentavam.

“Meu doce,” começou ele, com o coração a torcer-se, quando ela passou os braços à sua volta e encostou a sua face ao peito dele. “Nunca te menti e não é agora que o vou fazer. Poderá parecer que o destino-”

“Foi generoso.” Ela abraçou-o com mais força, respirou de contentamento. “Pensei que não te voltava a ver. Embora me tenhas enviado uma amiguinha para me assustar. Mas voltaste e agora tudo está-”

“Uma amiguinha?” Alex afastou-a, olhando-a surpreso. “Eu não tenho nenhuma amiga. Nem neste reino, nem no outro. Nenhuma mulher que tenha conhecido foi próxima o suficiente para lhe chamar amiga.” Comentou ele, olhando para a alta cruz celta, que se erguia do memorial.

Um arrepio varreu-lhe a espinha e um músculo contraiu-se na mandíbula. Toda aquela fraqueza era o *saltaire* escocês, branco no azul, agitando-se orgulhosamente contra o céu da tarde.

Felizmente, ele foi poupado a tal insulto.

Estar tão perto de um memorial que honra os MacDougalls já chegava.

No entanto...

Voltou-se para Mara, apenas com a certeza que a queria muito e que precisava dela.

“Mara-moça, tu és a única mulher da minha vida. Tu consumes-me, estás sempre nos meus pensamentos. Nunca enviaria ninguém para te assustar, nem homem, nem mulher.

“Não consegues perceber o que significas para mim?” Olhou-a, esperando que ela acreditasse nele.

Aparentemente, acreditava, porque lançou um suspiro trémulo e os olhos pestanejando não conseguiram evitar as lágrimas de lhe caírem pelas faces.

Esquecendo-se de si, Alex aproximou-se para lhe limpar a humidade com os polegares, sentindo um alívio por ver as suas mãos materializadas contra o rosto dela.

“És uma dádiva sem medida, e eu moverei montanhas para ficar contigo,” prometeu, absolutamente comovido pelo amor nos olhos dela. Afastou-lhe o cabelo do rosto, pousou-lhe um beijo nos lábios. “Já devias saber muito bem disto.”

“E sei,” admitiu ela, demonstrando alguma preocupação. “Na altura não sabia o que pensar. Vi-a logo depois que desapareceste.”

“Percebo.” A barriga de Alex deu uma volta

Ele sabia o momento exato em que foi roubado dos braços dela. Um momento de alegria maravilhosa, que ele não arriscaria, de novo sob pena de voltarem a ser separados pelas forças que controlam tudo isso. Não haverá uma segunda oportunidade. Ele podia tocá-la e beijá-la, falar e passear com ela, estar ao lado dela. Mas os destinos traçaram uma linha para a cópula com mortais.

Se ele sucumbisse, de novo...

O próximo acerto de contas seria definitivo.

“Lamento que te tenhas assustado.” Falou, o mais claramente possível, tentando confortá-la.

Precisando de algum conforto para si, deslizou as mãos pelas suas costas, permitindo-se o prazer de a abraçar mais perto. “Talvez a mulher fosse uma visita de Ravenscraig, uma turista-”

“Não, era definitivamente um fantasma.” Abanou a cabeça, parecendo cheia de certezas. “Acho que sei quem era. Eu pesquisei, assim como fiz-”

“Como fizeste para descobrir mentiras sobre mim, enfiando o nariz naqueles tomos da biblioteca MacDougall?”

“Não era essa a minha intenção.” Apertou mais os braços à volta dele, com o rosto a brilhar um

pouco. “Já não me importa com o que os livros dizem. Devia saber que a história é sempre escrita pelos vencedores.”

“Assim é.” Ele não poderia concordar mais.

“Mas o Bem prevalece, no fim.” Ela tinha tanta esperança nisso.

“Então, vai ficar tudo bem, não é?” Como ele gostaria de acreditar nisso.

“Ficará, sim – tu estás aqui!” Pondo-se na ponta dos pés, ela derramou adoração sobre o seu rosto, abrindo os seus lábios suaves e doces em todos os contornos, com cada beijo a apertar-lhe o coração e agitando os seus testículos.

Tornando quase impossível contar-lhe o que tinha que ser dito.

Vais-lhe partir o coração, seu demónio. Devias ter ficado em Londres, em Dimbleby, devias tê-la esquecido e à tua maldita cama. Agora, estás apaixonado.

Como é que isto pode acabar?

Alex franziu o semblante, afastou-a um pouco. “Quem achas que era essa mulher? Apareceu no teu quarto?”

“Não.” Mara acenou negativamente. Vi-a na praia, por baixo do passadiço. Eu saí para as ameias, depois que foste embora. Ela era verde e brilhante, transparente e muito bonita. Por isso, sei que era um fantasma. Olhou para mim, como se tivesse algo para me dizer, e depois, desapareceu.”

“Ela podia ter visto as ameias no tempo dela.” Alex sabia que o que ela dizia era possível. “Há muitas formas de os descarnados andarem sobre a terra, formas infinitas de verem e de serem vistos pelos mortais. Provavelmente, nem sabia que estavas ali.” *Ou queria avisar-te sobre mim.*

Alex passou uma mão pelo rosto, a culpa e a dúvida consumiam-no.

“Tenho a certeza que me viu.” Tremendo de forma visível, ela olhou para Bem. O cão seguira-os e agora explorava uma urze, a poucos metros de distância, o nariz enfiado na terra, enquanto cheirava o que quer que fosse que o intrigava. E que parecia um amontoado de pedras de líquen.

“Não achas que ele pode tropeçar numa víbora?” Voltou-se para ele.

“Não.” Alex abanou a cabeça. “Os animais são mais espertos que as pessoas. Se uma víbora tivesse escolhido as tuas pedras para um banho de sol, já teria deslizado para longe, antes que o Bem a perturbasse. Assim como o Bem não se teria aproximado das rochas, se lá estivesse uma serpente.”

“Tens a certeza?”

“Não te preocupes. Não há mal que chegue ao Bem.” Voltou a apertá-la nos seus braços, precisando dela. O velho cão lembrava-lhe tanto o Rory, que até lhe doía só de o olhar.

Mas isto não eram horas de lembrar aqueles que um dia lhe foram queridos.

Os de quatro pernas e os outros.

Agarrar-se ao amor, era tudo o que lhe interessava, agora, e por isso, puxou-a ainda mais para si, enfiando a cabeça debaixo do queixo, desfrutando do cheiro do seu cabelo sedoso, esse odor fresco que tanto lhe agradava.

“Fala-me mais da tua dama de verde,” pediu, acariciando-lhe as costas. “Nunca encontrei nenhuma, embora saiba que existem.”

Continua a falar.

Ajuda-me a libertar-me das palavras que te vão partir o coração.

“Acho que era a Ama do Castelo de Dunstaffnage.” Ela aconchegou-se nele, a sua suavidade a provocar-lhe sensações em lugares desadequados para ele. “Uma *glaiстаig* ou, sim, uma dama de verde, de acordo com a informação que encontrei. Diz-se que é um fantasma dos Campbells, assombrando Dunstaffnage e aparecendo como prenúncio de desgraça ou sorte sobre os Campbells.”

“Ouvi falar dela.” E tinha. Os trovadores cantavam-na, há muito tempo. “Ninguém sabia quem ela era, mas não consigo imaginar, porque terá vindo aqui. O clã que lhe interessa é o Campbell. Nunca ninguém

se referiu a ela fora dos limites de Dunstaffnage.”

“Os MacDougalls de Lorn possuíram Dunstaffnage muito antes de Robert Bruce no-lo retirar em 1309,” lembrou-lhe, com orgulho na voz. “Muito antes de os Campbells reclamarem para si a guarda do castelo.”

Alex enrijeceu, a forma como ela disse aquilo a bater-lhe com mais força do que devia.

A maldade dos MacDougalls do seu tempo era conhecida e ouvi-la falar desses destruidores com um orgulho reverente, era como olhar para o rosto do seu destino e saber que desembainhava uma espada bruta.

Ouvi-la mencionar o rei, no mesmo fôlego, um homem que ele amou mais do que à própria vida e ao qual jurou vassalagem eterna, era apenas outro aviso de como o destino de uma pessoa se altera rapidamente, e de como ele queria vitória, desta vez.

E o melhor era ele começar por lhe dizer a verdade. “Moça, vamos conversar um pouco. Há algo que tenho de te dizer,” começou, pegando na mão dela e conduzindo-a para a urze.

Debaixo do silêncio de uma aveleira, precisando de uma certa distância de One Cairn Village e do tesouro sagrado com uma cruz no topo dos MacDougalls.

Parou à frente de um rochedo. “Olha, querida, assim como a dama Dunstaffnage é um mistério, também as coisas inexplicáveis no reino, que espero nunca visites, o são.”

“O que estás a querer dizer?”

“Há forças poderosas a trabalhar nesses reinos.” Colocou-lhe as mãos sobre os ombros, acariciando-lhe a nuca. “Elementos e consequências que a maior parte de nós nunca entenderá ou dominará. Podemos, apenas, esperar tolerá-las, ou, com o tempo, aprender a diminuir a sua influência.”

“Oh, meu deus, esqueci-me!” Separou-se dele, empalidecendo. “Estás ferido. O teu amigo, Sir Hardwin, avisou-me. Pediu-me que te tratasse com delicadeza para que não te magoe.”

“Hardwick?” Alex só conseguia olhá-la impavidamente. “Quando e que esse tratante falou contigo?”

Mara fechou e abriu os olhos. “Ele estava à minha espera, no muro de pedra, perto do campo de treinos. Disse que se chamava Hardwin.”

“E chama. Mas Hardwick fica-lhe melhor.”

“Não percebo.”

“Nem querias perceber.” Ele parecia aborrecido. “Não te tocou, pois não? Disse algo de estranho?”

Mara abanou a cabeça. “Porque deveria?” *Tirando o facto de ser mais um fantasma, parecia perfeitamente normal, simpático, até.*

Depois, lembrou-se da forma como o cavaleiro das trevas segurava o escudo, mas achou melhor não mencionar isso.

Principalmente com apelido como Hardwick (*pavio duro*).

“Ele é um amigo muito devoto.” Optou pela diplomacia, segura de que a intenção do cavaleiro era a melhor. “Não queria que eu te magoasse acidentalmente. E agora” – levanto uma mão para limpar a neblina do seu olhar – “Tenho estado a atirar-me a ti e o mais provável é que te esteja a magoar.”

“Devia ter esperado que ele te avisasse,” disse, sem tirar os olhos dela. “É um amigo de longa data, ainda que um pouco patife.”

“Então, estás com dores?”

“A única dor que me preocupa é a possibilidade de te perder.” Ele deslizou os seus dedos para baixo do seu queixo, inclinando o seu rosto para o dele. “A ameaça existe. Não o nego. As feridas que tenho, recebi-as como um aviso. Um castigo infligido por ter tentado a minha sorte contigo, uma mulher de carne e osso.”

“Oh, não!” Os olhos dela arredondaram-se. “A culpa é minha.”

“Não, a responsabilidade é toda minha.” Ele fez uma pausa, respirou fundo. “Queria-te demais para

conseguir resistir. Se eu me entregar, de novo, posso ser afastado por mais do que seis semanas. E também posso encontrar coisas bem piores do que ser atingido por raios.”

“Atingido por raios?” O coração de Mara parou. “Diz-me que isso não é verdade!”

“Diria, se pudesse.” Ele acariciou-lhe o braço e apertou-lhe os dedos. “Levanta o meu tecido e vê com os teus olhos. Não me importo. É melhor que compreendas, para podermos combater isto juntos.” Afastou-se um pouco, levantando os braços. “Vá lá, moça, sei que tens um coração corajoso.” A barriga de Mara transformou-se num nó frio e duro, mas ela aproximou-se e levantou-lhe o tecido. “Cruzes!” Gritou, olhando fixamente.

Pontos brancos e cinzentos giravam, perante o seu olhar, o coração muito apertado. Cicatrizes expostas, rasgavam as suas coxas musculadas, marcavam os seus quadris. Vergastadas iradas – pareciam vivas – pareciam latejar e arder sob o seu olhar.

O seu sexo orgulhosamente pendurado, como sempre, esse elemento comprido e grosso estava livre de marcas, felizmente. Também as pesadas bolas pareciam limpas, assim como a parte inferior das coxas.

“Não olhes tão de perto, querida, ou eu não conseguirei controlar-me à tua frente,” avisou, com a voz baixa e rouca, o seu som quase a fazê-la esquecer as cicatrizes.

O seu pulso disparou. A emoção crescia dentro dela, enchendo-lhe o coração, aquecendo-lhe o sangue. Era demasiado forte, estar tão perto dele, querendo-o tanto como ela queria. Ondas de intenso desejo rodavam por ela. Mordeu o lábio, incapaz de afastar o olhar, quando ele alongou e inchou lentamente, perante o seu olhar.

“Oh, meu...” O seu próprio sexo latejava e fervia, como se ele a tivesse tocado. Afastou o olhar dele, a culpa a assalta-la por o desejar tanto, quando ele tinha tantas dores.

“Lamento muito.” Olhou para cima, triste com o sofrimento dele. “Deve doer para além do suportável.”

“Assim é.” O seu olhar escureceu, um sorriso sensual curvou-lhe os lábios.

“É seguramente uma dor devastadora.”

“Eu quis dizer -”

“Eu sei o que quiseste dizer e amo-te por isso,” disse ele, falando com o coração. Pegando-lhe nas mãos, aproximou-se e beijou-a profundamente, desafiando o destino, deixando a sua rigidez esfregar-se nos quadris dela.

“Há momentos em que agradeço por te amar, ter esperado tanto tempo para te encontrar,” acrescentou, inclinando um olhar discreto para baixo.

O alívio inundou-o por não ter conseguido ver a seda perta da sua saia, por causa da sua excitação.

“Eu também te amo.” Ela empurrou um punho fechado no ombro dele, com olhos cintilantes. “Por muito que isso me doa, às vezes.”

“Isso, meu amor, e o que temos que ignorar. A dor. Ele afastou-se dela, as mãos já no cinto da espada, retirando-o.” “O que não podemos ignorar, vamos procurar satisfazer de outras formas.”

“Outras formas?”

“Sim, muitas formas. Os deuses sabem que eu tive muito tempo para ponderar estas coisas.”

Mara pestanejou. “Que coisas?”

“Já verás,” prometeu, afastando o cinto da espada.

Quando, ele deixou cair, também, o manto, espalhando-o na erva quente, a sua respiração engatou. Só havia uma razão para um Highlander lançar a sua manta ao chão.

As mulheres de todo o mundo sabiam disso, e enquanto descendente escocesa, ela sabia-o melhor do que a maioria.

Ele pretendia fazer amor com ela.

“Alex...” Ela apertou o rosto entre as mãos. Uma ansiedade incrível rasgava-a, mas o receio pelas suas feridas lutava contra a paixão. Ela podia perdê-lo para sempre.

Olhou para o xadrez, e libertou um suspiro longo e preocupado. “Tu não podes quere que nós-”

“Que eu te possua na minha manta? Aqui, na urze?” Ele lançou-lhe um olhar tão sexy, tão seguro, que ela quase chorou. “Não, moça, tal felicidade tem de esperar por outro dia. Ele fechou o pequeno espaço entre eles, varreu-lhe o cabelo do rosto. “Se confiares em mim, podemos desfrutar de outras delícias.”

“Delícias que tem a ver com a manta?”

“Talvez,” provocou, enfiando os dedos no cabelo dela. Depois, o sorriso esbateu-se e o olhar tornou-se mais intenso, prendendo-se no dela, lancinante. “Mara-moça, quero que te deites nessa manta, para que eu me possa deleitar contigo.” A sua voz profunda fluía para dentro dela, a intimidade das suas palavras enviava tremores quentes para o seu âmago. “Tenho uma vontade louca de te devorar. Não me negues esse prazer.”

“Oh, meu.” O coração de Mara disparou. *Oh, sim, por favor...* Não conseguia articular palavra, sentia as faces a corar.

O líquido do desejo era empurrado pelo seu ventre. Ela sabia exatamente o tipo de arrebatamento de que ele falava, e ela queria-o desesperadamente. Mal podia esperar para sentir a sua boca nela, a sua língua rodando na sua carne quente e desejosa.

“Mas não é justo,” deixou escapar, percebendo tarde demais que tinha verbalizado as palavras em voz alta.

“Não é justo?” Ele deslizou os dedos fortes em torno dela e acomodou-a na manta, posicionando-a de uma maneira que a fez sentir tamborilar de excitação.

Ele desceu para tocar nos seus seios, os dedos escovando os mamilos. “O que é que não é justo, se eu tenho uma fome voraz de uma certa parte succulenta de ti?”

“Sabe bem ser apenas abraçada por ti.” Respirou longa e metodicamente, com receio de não lhe resistir. “Não te quero causar mais dor.”

“Não causarás. A não ser que me negues.” Ele aproximou-se mais, a latência do seu olhar deixava adivinhar o quanto ele a desejava. “Ver-te derreter e queimar por mim, será o meu maior prazer. Quero o teu odor e o teu sabor por todo o meu corpo, preciso de te marcar na minha pele, para te trazer sempre comigo, onde quer que esteja, ou quanto tempo ficar longe de ti.”

“Não quero que nos separemos.” *Não o suportaria.* Fechou e abriu os olhos, de novo, com uma névoa. “Acabaste de voltar e-”

“Cala, meu doce, não fales.” As suas palavras tranquilizadoras, aqueciam a sua alma e o seu coração. “Tu és linda, a mulher mais desejável que alguma vez vi,” confessou, alisando as mãos para cima e para baixo nas suas pernas.

Tirou a saia pela cabeça, libertando as suas coxas nuas, o delicado triângulo de renda preta, esticado tão intimamente entre elas. Depois, de alguma forma, ele manobrou-se por entre elas e usava os dentes e a língua para puxar para baixo o material de renda. Mara nunca vira nada tão empolgante em toda a sua vida. Mergulhou num prazer intenso, quando ele a aliviou das calcinhas através dos tornozelos, fazendo-as velejar, com um movimento de cabeça.

“Ardia para fazer isto, desde o primeiro dia em que te vi usar este pedacinho de nada. E ainda mal comecei.” Ele dobrou-lhe os joelhos, afastando-os completamente. “Estás preparada para o amor, Mara-moça. Tão suave e molhada.” A estas palavras, ele escorregava uma mão por entre as suas pernas, começando a esfrega-la. “Não te acanhes, minha jóia. O teu desejo é lindo.” *Quero-te tanto.*

Ignorando a sua vontade, Alex continuou a observar a sua doçura, grato por os dedos que a esfregavam mantinham a sua firmeza e solidez. Sentir o seu calor molhado e escorregadio era maravilhoso.

“És minha,” prometia, abrindo-lhe mais as pernas. Baixou a cabeça, olhando para ela, quando a sua língua lhe tocou no interior da coxa. “Nunca te deixarei fugir.” Beijou e lambeu o caminho para o seu calor, sussurrou palavras contra a sua pele, verdades que ele queria que ela lembrasse, caso ele fosse

afastado. “És a minha salvação, o teu nome está gravado em cada respiração minha. Escrito no meu coração.

“Agora vê, por que regressei.” Desenhando um enorme suspiro, ele libertou o seu calor sobre a sua parte mais sensível. Passou a língua para trás e para a frente, nesse mesmo lugar. “Eu arrancaria a lua e estrelas do seu lugar para ti. Serei tudo o que desejares.”

“És mais!” Ela arqueou as costas, o seu corpo inteiro tremendo, quando ele passou um dedo pelo seu centro abaixo, e o enfiou dentro de si. “Eu não quero a lua e as estrelas. Quero-te a ti.”

“Moça preciosa,” murmurou, fazendo o seu dedo deslizar para dentro e para fora dela. “Eu disse-te – não fales. Deixa-me dar-te prazer.”

“Mas eu não consigo suportar tudo isto.” Agora, ela contorcia-se, cravando os dedos na manta. “É demasiado bom, demasiado-”

“Chiu, fica quieta.” Ele abriu a boca sobre ela, desenhando suavemente, o seu cheiro e gosto enchiam-lhe o desejo, acelerando-lhe o pulso.

Ela agarrou-se a ele, os dedos enrolados no cabelo dele, pressionando-o contra si. “Não pares...” Ela balanceava os quadris, a sua respiração forte e acelerada.

“Não pretendia parar.” Ele afastou-se para trás, para poder ver, com um dedo, tocou-lhe na saliência da parte superior do seu sexo. Ela estava quase lá, ele conseguia perceber pelos tremores que a varriam e ouvia-o na sua respiração profusa.

E ele continuava lá!

Os ventos das trevas não o vieram buscar, ele não estava a desaparecer.

Rebentando de desejo, as suas feridas uma agonia amarga, mas ele continuava abençoadamente sólido.

Mas a mata à sua volta estava a escurecer, as bétulas começavam a brilhar e a tecer. Estranhas nuvens girando, ameaçavam ocultar o sol. Até as cores vivas do seu manto de xadrez corriam juntas e a terra enrolava-se como o mar.

Alex cerrou os olhos, a recusa enlaçava-o. O pavor amarrou-lhe o coração, mas ele continuava a arrastar a sua língua sobre o seu calor latejante, querendo que ela se libertasse. Ignorando os perigos em que se fechavam sobre eles.

Manteve o dedo dentro dela, girando e esfregando, enquanto a lambia, sem se atrever a olhar para a sua mão.

Ele sabia.

A escuridão foi-se infiltrando nele, passando pelas suas pálpebras bem fechadas. Insultando-o a cada exploração mais longa da sua língua no corpo e na carne quente de Mara.

“Não!” Gritou, levantando-se, quando a sua língua encontrou apenas ar. “Eu consigo senti-la e saboreá-la!” *Não me podes afastar dela.* O seu corpo inteiro tenso, ele usava a sua vontade para desafiar quem quer que fosse que o condenasse. “Eu-estou-a-afogar-me-no-prazer-dela!”

E depois, afundou-se, porque ela amarrou as suas pernas à volta dele e moeu o seu calor tão húmido contra ele, que nem os destinos os poderiam separar.

“*Siiimm!*” A sua libertação atingiu os dois e, com isso, a loucura retrocedeu. A escuridão afastou-se, deixando apenas um vento irado, penetrante.

Depois, também esse desapareceu.

A mata ficou silenciosa, só se ouvia a respiração ligeira de Mara e o bater selvagem do seu coração. Alex mordeu um grito de triunfo, afundou os dentes tão profundamente nos seus lábios, que chegou a sentir sangue.

Apesar de tentador, não era aconselhável gritar vitória contra inimigos tão poderosos.

Sentou-se, das suas pernas jorrava ainda o amor, passou uma mão pelo cabelo, o coração cheio de palavras.

O seu pénis estava, também, cheio.

Extensamente cheio.

E dorido. Mas antes que ele pudesse acabar com o seu sofrimento, espremendo-o bem, já as mãos de Mara estavam por todo ele. Acariciando-o, de forma suave, quente e firme, arrastando-o para a manta.

“Fica aí e não te movas.” Os olhos dela brilhavam, quando se desembaraçou da saia e o montou, com o cabelo de ouro elos ombros. “Foi glorioso, mas injusto. Agora, é a minha vez de te dar prazer.”

“Não!” Alex segurou-a pela anca, antes que ela se baixasse para cima dele. “Tu não compreendes. Nós nã-”

“Podemos fazer isto, sim.” Ela enroscou os dedos à volta dele, acariciando-o de forma constante, baixando, depois, um pouco para amassar as suas bolas.

Bolas essas que tinham um aperto insuportável.

“Deixa-me dar-te isto, por favor.” Ela espremeu-o delicadamente, com os seus dedos massajando e levando-o à loucura. Ficou como granito e ela pairava sobre ele, com o âmago da sua doçura tão perto. “Derrama-te sobre mim, Alex. Agora.”

E ele obedeceu, largando uma torrente de sémen quente para o interior das coxas dela, na sua brilhante carne feminina.

Ele ficou imóvel, cada milímetro dele saciado e estremeando. O êxtase chicoteando-o, enquanto o mundo se estilhaçava, deixando-o a girar no meio do nada.

Mas, desta vez, quando abriu os olhos, foi para olhar para o rosto amado da sua dama e não para as brumas, que o reclamaram da última vez que a tocou intimamente.

“Mara.” Disse o nome dela, como uma oração, puxando-a para si, para um longo beijo de alma.

Um beijo cauterizante, mas tão delicado, que a sua doçura se derramou pelo corpo de Mara, enchendo-a de uma felicidade indescritível- até que as estranhas palavras de Alex lhe vieram à memória.

Eu sinto-a e saboreio-a!

Eu estou a afogar-me no seu prazer!

Gritos arrancados da sua alma, mas como se ele estivesse a falar com alguém.

Ela desembaraçou-se dos braços dele e levantou-se sobre o cotovelo. “Com quem estavas a falar, quando gritaste?”

“Pensas demais.” Agarrou-lhe a mão e pôs-lhe um beijo na palma. “Não estava a falar com ninguém. Pelo menos, com alguém que tenha um rosto.”

“Não percebo.”

“Alegra-te por isso.” Ele sentou-se e puxou-a para o seu colo, segurando-a como se quisesse protegê-la de algo que, ela tinha certeza, preferia não saber. “Estava a falar das coisas que mencionei antes. Terrores negros, que não posso explicar, mas que podem e flagelam os condenados.”

Ele olhou pra ela, numa estranha mistura de resignação e determinação de ferro. “A dor das minhas cicatrizes não é a verdadeira razão por que não te posso amar tão completamente como desejaria. Eu sofreria qualquer dor para me deitar contigo, completamente. Uma e outra vez, até a luz desaparecer ou até nós estarmos demasiado cansados para nos movermos.”

“Mas?” Ela sabia que, o que quer que fosse que ele dissesse, não seria bom.

“O que é isso?” Ela tinha que saber. “O que mais nos pode separar?”

“Oh, moça, é apenas a menor complicação, quando eu peguei no teu rosto para te beijar, no campo de treinos, conseguia ver a tua pele, através dos meus dedos.”

“O quê?”

“É o que eu acabei de dizer.” Apertou os braços em volta dela, deu-lhe um beijo na testa. “Parece que eu estou a enfraquecer.” A calma de sua voz surpreendeu-a. “Posso desmaiar em determinados momentos, como quando estamos juntos na intimidade.”

Mara olhou-o fixamente. “Mas estás aqui, agora.” Abanhou a cabeça, lutando para respirar. “Não

desapareceste e estivemos incrivelmente juntos.”

“Pois estivemos,” concordou, inclinando a sua boca sobre a dela, num beijo profundo, quase gerador de hematomas. “Eu senti a escuridão a aproximar-se. Mas agarrei-me a ti, recusando a sua reclamação.”

Ela deixou escorregar os braços à volta do seu pescoço, agarrando-se a ele. She slid her arms around his neck, holding fast to him. “Achas que conseguimos afastar essa escuridão, esse risco de desaparecimento?”

“Não te sei dizer.” A sua resposta fez o seu coração pular. “Mas recuso-me a desistir da esperança.”

Ela também.

Não importava que ele a tivesse assustado tanto, que ela tivesse medo de o deixar ir. Enfiou os dedos no cabelo dele, agarrando os fios grossos. Enquanto ela o pudesse sentir, ele estava lá...

“Sabes que isto significa que temos que viver com algumas limitações?” Olhou-a, sério. “Eu não fui o único a reparar do desaparecimento. Os meus amigos também o viram, e não foram só os fantasmas.”

Mara engasgou-se, os olhos abriram-se mais.

“É verdade, moça. Não te verei, a ti ou Ravenscraig transformados num espectáculo.” Falou num tom que recusava argumentos. “Se os jovens highlanders de carne e osso repararam, também outros mortais o farão.”

“Se voltar a acontecer.” Ela levantou o queixo. “Talvez não volte.”

“És uma moça corajosa.” Ele empurrou os pés, levantando-a consigo. “Se tiveres um coração forte, podemos partilhar todas as alegrias que o destino nos permitir.”

Mara forçou um sorriso, o melhor e mais brilhante que conseguiu arranjar. “Enfrentarei qualquer coisa contigo a meu lado.”

“Oh, moça.” Apanhou-lhe outro beijo. “Tens alguma ideia do quanto eu te amo?”

“Sim, faço. Mas sou toda ouvidos, se me quiseres dizer.”

“Então, fica a saber que estou tão apaixonado por ti, que me poria de joelhos para pedir a tua mão ao teu pai – mesmo que ele seja um MacDougall.”

“Ele é um *McDougall*,” Mara corrigiu, sabendo que ele não perceberia a diferença. “E ele-”

Ela parou de falar, as suas faces em chamas.

Não fazia a mínima ideia como falar da iminente chegada do seu pai e da bruxa de Cairn Avenue.

Uma combinação para a qual, talvez a Escócia não estivesse preparada...

Principalmente com o ar de Hugh MacDougall e as suas excentricidades.

“O que se passa?” Alex colocou-lhe as mãos no ombro, uma sombra passeava-se no seu rosto cheio de beleza. “Nunca falaste do teu pai. Se ele já cá não está, lamento muito. Não te queria entristecer.”

Mara mordeu o lábio, procurando as palavras certas. “Ele não está morto. Está até bem vivo e com a melhor saúde de há anos. Em tão boa saúde que vem à cerimónia de inauguração do memorial, na próxima semana.”

“Mas isso é motivo de alegria,” disse, parecendo confuso.

Mara engoliu em seco, mal acreditando no que estava a pontos de dizer. “A viagem será a sua lua-de-mel. Ele casou recentemente.”

“Mais uma razão para celebrar.” Alex alegrou-se. “Ou há alguma coisa que me esteja a escapar? Tens medo que ele não goste de mim?”

Ela quase se engasgou. “Ele beijará a terra que pisares.”

“Então, qual é o problema?”

“Não suporto a mulher dele,” Mara admitiu, olhando para o lado. Ela é uma velha bruxa amarga. O tipo de mulher a quem provavelmente chamarias coscuvilheira.”

Voltou a olhar para ele.” Talvez até algo pior.”

Ele riu-se. “Então, vamos preparar um banquete de boas-vindas para a adoçar,” declarou ele, levantando-a e dando-lhe um abraço esmagador. “Esperei demasiados séculos pela felicidade, para a

deixar estragar por uma mulher mal-humorada.”

Mara teve que concordar.

Mesmo que ela não tivesse esperado nem uma ínfima parte do tempo dele.

Levara toda a sua vida para encontrar um verdadeiro amor. Olhando para ele, agora, sentindo os seus braços fortes, apertando-a, soube sem quaisquer dúvidas que era abençoada.

Difícilmente a vida poderia melhorar.

Capítulo Catorze

A vida poderia piorar?

Um atraso de três horas para qualquer voo transatlântico está seguramente na categoria das piores-coisas-que-podem-acontecer. Um voo atrasado, no estrangeiro, com Euphemia Ross a bordo era uma receita para o desastre.

Que o pai tenha decidido escolher o dia mais movimentado do Aeroporto Internacional de Glasgow para aterrar, também não ajudava muito.

A sua chegada causaria um reboliço, quer o aeroporto tivesse dez ou centenas de pessoas a circular na pequena área de chegadas, do aeroporto.

Afinal, Hugh McDougall de One Cairn Avenue não estava apenas a viajar pela primeira vez para a Escócia.

Ele estava a regressar a casa.

Para a velha terra natal (*Auld Hameland*).

Como ele enfatizou repetidamente, todos os dias da semana anterior. O número de emails e mensagens escritas que enviou era demasiado grande para se poder contar.

Mara olhou para Malcolm, o Ruivo, e sentiu um tremor de *déjà vu*.

Só tinham mesmo passado alguns meses, desde que ele a assustou, tirando-lhe a bagagem da mão na estação ferroviária de Oban?

Surpreendentemente, sim. E na altura, como agora, ela só conseguia sorrir ao vê-lo.

Bem dotado de cortesia e paciência escocesas, o rapaz robusto estava de braços cruzados, as suas faces sempre brilhantes, e seu cabelo ruivo, anda mais brilhante, mais brilhava com as luzes fortes e artificiais do aeroporto.

Ele voltou-se para ela, em seguida, aparentando estar bastante chateado por ter desperdiçado grande parte de uma manhã de verão, no hall de chegadas, cheio de gente. “Deseja outra chávena de chá?” Perguntou ele, com o seu sorriso de covinhas irresistível. “Mas não vai demorar muito, agora.”

Mara abanou a cabeça. “Obrigada, mas não.”

Se ela bebesse mais chá escocês, estaria na casa-de-banho do aeroporto, quando o seu pai e a bruxa estivessem a sair dos serviços de alfândega e imigração.

Malcolm, o Ruivo, era demasiado simpático para merecer tal sorte.

Ela própria não estava segura de estar preparada, inclinou-se contra um balcão sem nome dos serviços de informação e fechou os olhos.

“Uma pena que o seu Alex não tenha podido vir,” Malcom permitiu-se juntar-se a ela.

Mara voltaram a abrir-se.

“Mas não o censure por querer ficar lá em baixo,” acrescentou, confortando-se contra o balcão. “Deve querer certificar-se que tudo está em ordem em Ravenscraig.”

Mara alisou a saia, evitando deliberadamente o olhar do rapaz.

Sem dúvida, Alex estaria a comandar as hostes em Ravenscraig. Lado a lado com o velho Murdoch, tropeçando na Dottie e no Scottie, e na perturbada Prudentia, enquanto todos preparavam aquilo que Mara pensou secretamente sobre a Grande Recepção.

Mas essa não era a razão por que ele não se untara a eles na viagem a Glasgow.

Alex ainda não estava preparado para andar de carro.

Ela não partilhou as suas reservas com Malcom, claro. “Não me importo que ele não tenha vindo,” disse, falando honestamente. E relembrando o número de apelos que Alex fez ao Criador, daquela vez

que foram até Oban. “Ele terá muito tempo para -”

Ela não continuou, foi cortada por uma enorme agitação e comoção, perto do ecrã de chegada. Uma parafernália que só poderia significar uma coisa, que lhe secou a garganta.

Era a hora.

Esquece a bruxa de Cairn Avenue.

Depois de intermináveis sessenta e nove anos, Hugh McDougall chegara finalmente a terra dos seus antepassados.

Lá estava ele, de kilt e olhos de lua, esmagado pelo passageiros da sala de chegada. Um sorriso sentimental no rosto, e uma pena de águia, saindo do seu *tam-o'-shanter* azul, enterrado na cabeça.

Empurrava um carrinho repleto de bagagens com padrões tartan, e parecia alheio tanto a mulher minúscula e carrancuda ao seu aldo, como à multidão de queixo caído fervilhando à sua volta.

“O seu pai?” Malcolm olhou-a de soslaio.

Mara acenou, sem palavras.

As suas orelhas ardiavam, e ela sabia que se tivesse um espelho, veria que elas se tinham transformado num vermelho berrante.

“Parece estar muito satisfeito por estar aqui,” disse Malcom, começando a aproximar-se.

Mas deu apenas dois passos, antes de se voltar e agarrar a mão de Mara, puxando-a com ele. “Venha, menina,” disse ele, apertando-lhe os dedos. “Não se ponha a cismar no que os outros vão pensar. O brilho nos olhos do seu pai é tudo o que importa.”

Mara concordou, encontrando-se, subitamente, a afastar o brilho dos seus próprios olhos, quando o seu pai os localizou e um largo sorriso se espalhou pelas suas faces húmidas.

“Mara!” Gritou o pai, tirando o boné e abanando-o no ar. “Minha pequenina!”

“Pai!” Mara largou a mão de Malcolm e ganhou espaço por entre a multidão agitada. “É tão bom vê-lo,” disse, quando o alcançou.

Lançou os braços à volta dele e abraçou-o com força, dando-se vagamente conta de uma mão de Malcolm a bater-lhe nos ombros, em sinal de boas-vindas. De coração inchado, ela deu-lhe um beijo sonoro, sem dar qualquer importância à pessoas que poderiam observá-los no terminal.

“Este é Malcolm, um amigo,” disse, olhando na direção dele, enquanto o apresentava. “Foi gentil em conduzir-me aqui. Alex está ocupado em Ravenscraig, mas está ansioso por conhecê-lo.”

Hugh McDougall esticou a mão na direção do jovem. Por haggis, se não me faz lembrar dos meus anos de juventude,” disse, enquanto bombeava a mão de Malcom. “Dantes, quando eu tinha mais músculos a encher-me os kilts!”

Voltando-se para Mara, acrescentou,” Quanto ao teu jovem, trouxe-lhe algo especial— duas caixas inteiras de caramelos de água salgada, da costa de Jersey, e um saco de salgadinhos macios.”

Mara sorriu, bem ciente de quem iria comer a maior parte.

As iguarias eram o que Hugh McDougall mais apreciava.

“Oh, pai,” disse, com a voz a engrossar. “É tão bom ter-te cá. E estás fantástico!”

“E eu não sei?” Ele sorriu, passou uma mão manchada pelos anos, pela face. “Comprei um kilt novo, só para ti. E”— olhou para baixo e puxou a camisa, cheia de mangas compridas— “esta aqui, é uma camisa jacobina! Tal e qual às que usavam os nossos antepassados em Culloden.”

“Se tivesses trocado por uma T-shirt para dormir no avião, como eu sugeri, agora não estaria tão enrugada.” A minúscula mulher de cabelo preto ao seu lado, fungou e, com as suas pequenas mãos, mexeu na camisa. “A minha faixa de tartan, não tem nem uma ruga.”

E não tinha.

De aparência impecável, como sempre, o vestido feminino da bruxa de Cairn Avenue, com faixa tartan do Clã Ross, passava cheia de estilo, sobre o seu ombro direito, sem uma única dobra ou pedaço de algodão em lado nenhum.

“Euphemia – bem-vinda à Escócia,” Mara deixou escapar, antes que a sua língua se recusasse a cumprimentar a mulher. “Parabéns pelo casamento. Desejo-lhes as maiores felicidades.”

A bruxa deu-lhe um sorriso apertado e breve. “A nossa lua-de-mel teria um começo mais auspicioso, não fosse a segurança em Newark a causar-nos tanto atraso.”

“Mas estão aqui, agora, e está um belo dia,” Malcom prosseguiu, levando o carrinho supercarregado e guiava-os para a luz do sol.

“Esperava ver a névoa,” disse Euphemia, parecendo irritada. “Névoa e castelos.”

“Oh, verá muito dos dois,” garantiu Malcom lançando-lhe um largo sorriso. “Não se preocupe com isso.”

“Assim espero.” Euphemia lançou um olhar cético ao céu limpo.

Malcolm piscou-lhe o olho, tudo charmoso. “Se quiser parar para um chá, na viagem, eu conheço o local ideal para lhe dar uma boa ideia da verdadeira névoa das Terras Altas.”

Para surpresa de Mara, ela sorriu.

“Adorava parar para chá,” disse, enganchando o seu braço no do marido. “Desde que não cheguemos ao castelo muito tarde. Hugh precisa de dormir. Ele cansa-se facilmente.”

Mas quem se iria cansar em breve seria Mara, poise les fizeram a estrada para norte, na A-82, uma Estrada estreita e enroscada, cheia de curvas, um daa rotas mais cénicas no coração das terras altas.

Para o provar, estavam as águas brilhantes do Lago Lomond, cintilando por entre as árvores, do lado direito, e do lado esquerdo, as encostas acentuadas com os seus rebanhos, que poderiam ter sido tirados diretamente a *Rob Roy*.

Mas a única coisa a captar a atenção de toda a gente, eram os gritos e exclamações de danações repetidas de Euphemia, de cada vez que passavam perto de um RV ou autocarro turístico, que por acaso passasse por eles na direcção oposta.

“Não acredito nisto!” Gritava, batendo palmas por cima dos olhos, quando eles passavam esmagados em mais um veículo turístico. “E que rápidos que andam.”

“Ah, bem, não tem mal,” Malcolm assegurou, com os olhos na Estrada. “Está a ver, estamos quase em Crianlarich, onde viramos a Oeste para Oban, e logo ali em cima é o nosso lugar para o chá, o *Reiver’s Inn*.”

Mas quando eles saíram no parque de estacionamento da famosa pousada, alguns minutos mais tarde, Euphemia olhou para o lugar e fez uma careta.

O *Reiver’s Inn* parecia ter-lhe respondido com o mesmo brilho.

Uma pilha de três andares de pedra velha e um passado colorido, a pousada, de alguma forma em ruínas, abraçava a Estrada, uma dispersão de mesas de piquenique vazias, estendida à sua frente e colinas temperamentais nas sus costas.

Colinas penduradas em névoa.

Tal e qual, Malcom prometera.

“Olha, Phemie! Aí está a tua névoa,” Hugh McDougall gritou, apontando para pequenas partículas de névoa cinzenta, descend das Colinas. Névoa das Terras Altas, só para ti.”

“Aquilo são nuvens com chuva, ou eu nunca vi nenhuma” brincou a sua mulher mal olhando. “E se este local não está assombrado, a Filadélfia não tem o Sino da Liberdade,” acrescentou, escovando a sua faixa tartan. Não sei se quero entrar aí.”

“Oh, Eu nunca passei aqui que não parasse e ainda estou para ver algum espírito, tirando os que são servidos em copos,” assegurou Malcom abrindo a porta da pousada. “Embora, haja quem diga que o lugar está assombrado. A maior parte dos turistas gosta da ideia.”

“Esta turista não gosta.” A bruxa estremeceu, definindo a sua boca num disco apertado.

“Oh, vá lá, Phemie, sabes bem que os fantasmas não existem.” Hugh McDougall pegou-lhe na mão, entrando. “Vamos só espreitar, é só o tempo de tomares o teu chá.”

“Têm empregados de mesa com kilt, e oferecem pãezinhos com o chá,” Mara acrescentou, tentando ser simpática.

“Os pãezinhos têm gorduras,” Euphemia fungou, perscrutando a entrada principal da pousada, um pub de teto baixo com painéis escuros, que cheirava a cerveja, fumo de turfa e a cães “Duvido que tenham chá suficientemente bom para me apanharem lá.”

Tremendo, ela lançou um último olhar de desprezo à pequena sala com fumo.

“Este hall de entrada ainda é pior.” Cruzou os braços, encarando a confusão á sua volta de móveis velhos, arranhados nos cantos e as muitas cabeças de veado nas paredes. “Não, eu não tomo chá aqui. O mais provável é que não o servam com gelo.”

“Gelo?” Malcolm franziu a testa. “Pensei que queria chá normal.”

“Chá quente?” Euphemia olhou para ele. “Não, eu queria um copo cheio de chá gelado com limão, e agora, só quero ir embora,” disse, virando-se para a porta, tão rapidamente, que quase colidiu com um urso de pé carcomido pelas traças. “Tenho a certeza que Ravenscraig será mais adequado para mim.”

“Mas, Phemie, este lugar é como espreitar para o passado.” O marido tentou detê-la. “Olha só para aquelas pedras enegrecidas pela lareira. Sabes que se pudessem falar, cada uma teria uma história para contar.” Hugh McDougall lançou um olhar saudosista ao fogo brilhante da turfa, no lugar mais distante do pequeno pub. “Tu também bebes chá quente. Vá lá, cinco minutos.”

Mas a bruxa de Cairn Avenue já estava fora da porta.

“Tenho a certeza que podes espreitar muito o passado, no castelo da tua filha,” disse por cima do ombro. “Não ficarei em lugar nenhum que cheire a fumo, cães e que parece estar cheio de fantasmas.”

Mara deixou cair o olhar sobre Malcom, enquanto atravessavam o parque, mas a sua cara não mostrava sinais de que ele tivesse adivinhado a verdadeira natureza de Alex ou dos seus amigos reencarnados.

Felizmente, o seu pai e a bruxa também não suspeitaram de nada, quando, horas mais tarde, entraram no enorme portão de Ravenscraig e os auxiliares de Alex ficaram visíveis.

Alinhavam-se, orgulhosamente nas suas vestes e malhas medievais.

Excetuando alguns que Mara conhecia especialmente bem, nem ela conseguia distinguir muito bem quem os fantasmas dos highlanders de carne e osso.

“Ora, cá está a tua oportunidade de espreitar o passado.” Euphemia inclinou-se para a frente para tocar no ombro do marido. “Ou assaltaram um museu, ou pagaram uma fortuna para conseguirem fatos tão autênticos.”

Mara conteve-se para não lhe dizer quão real era a maior parte do equipamento.

Principalmente, as espadas.

Não é que ela se importasse muito em assustar Euphemia Ross. O olhar de espanto, no rosto do seu pai, valia bem o sofrimento da mulher.

“Pelo amor de Deus!” Exclamou o pai, Rolando para baixo da janela. “Olha-me para aquele demónio de olhos selvagens, ali do lado esquerdo? O grandalhão com a barba ruiva. Parece que acabou de sair de um livro de história, ainda como o meu *tam-o'-shanter!*”

Mara sorriu. “É Bran de Barra,” ela ficou feliz por fornecer essa informação. “É um dos melhores amigos de Alex e um genuíno chefe Hébrido.”

“Bem vejo,” disse o pai dela, com os olhos quase a saírem da cara.

“E além, o gaiteiro com o manto de xadrez ao vento é o Alex.” Mara acenou-lhe, o seu coração roubado, quando ele lhe sorriu e começou a tocar “Highland Laddie.”

“A gaita é apenas um dos talentos,” acrescentou, olhando para trás para o pai. “Espero que gostes dele.”

“Gostar dele?” O pai deu uma pancada nos joelhos. “Qualquer homem que use kilt, gaitas e ponha um tal brilho no rosto da minha filha, é um jovem a quem terei orgulho de chamar filho.”

Mara sentiu que a felicidade lhe apertava e aquecia a garganta, e lhe espetava os olhos por trás.

Engolindo em seco, lutou contra as emoções, antes que a primeira lágrima caísse. Não ia ficar emotiva em frente de Euphemia Ross. Ela só esperava que o seu pai sentisse o mesmo, se um dia descobrisse o segredo.

Não que ela fizesse questão que tal coisa acontecesse.

Com tantos convidados, fantasmas e amigos presentes na recepção planeada para anoite, se o Alex começasse a desvanecer durante a celebração, havia homens suficientes para o escoltar até que o feitiço desaparecesse.

Houve, pelo menos, uma dúzia de incidentes desses a semana anterior, mas Mara recusava-se a pensar nisso.

Muito menos, esta noite, a véspera da inauguração do memorial.

Um *ceilidh* tradicional das Terras Altas, com todos os sinos e assobios.

E, esperava ela, sem surpresas indesejáveis.

Uma esperança que durasse até que os festejos com música, cânticos e histórias contadas estivesse em pleno andamento, e ela espiasse a pequena mulher do seu pai desaparecer de cena. As bochechas de Euphemia estavam manchadas de cores tão vivas, e os lábios estavam tão enrugados, que parecia que ela tinha chupado limão.

Pior ainda, até que uma Prudentia de faixa tartan navegasse no seu encaicho.

Nem o pai de Mara, nem Alex, nem mesmo Murdoch estavam por perto. Os três homens estavam, agora, a fazer coisas de homem, na vastidão do salão abarrotado. Resplandecentes nos seus kilts e casacas com botões de prata Prince Charlie, estavam à frente da lareira, bebericando por copos de dram e tagarelando. E, pelo aspeto da coisa, a comer os caramelos que o seu pai trouxe.

E a bruxa estava para lhe cair em cima.

Mara endireitou-se e esperou.

Não demorou muito.

“Não passo nem uma noite debaixo deste teto,” anunciou I Euphemia, colocando-se à sua frente. “Tudo cheira a mofo e a velho e-”

“Ravenscraig é velho.” Mara deu um gole no seu Royal Brackla, e depois, colocou o copo, numa mesa coberta por uma toalha de xadrez. “Há aqui gente que se pode ofender, se disser que o lugar cheira a mofo.”

Ela olhou para Prudentia. “Não diria que a Ailsa e Agnes fazem um excelente trabalho a arrumar o castelo?”

A cozinheira teve a graça de olhar contrariada, mas rapidamente recuperou.

“Ela quer dizer, cheiro a cão.” Prudentia apontou o olhar para o lugar onde Dottie, Scottie, e Ben davam voltas com esperança de obter salgadinhos e petiscos dos convidados. “Isso, e etodos os retratos ancestrais a ornamentarem tudo.”

Euphemia assentiu. “Eles são mesmo medonhos.” Ela olhou para um particularmente grande pendurado em cima da enorme lareira do salão. “Tenho a certeza que vi um olhar malvado de um chefe de clã, seguindo-me, quando passei por ele.”

Mara cruzou os braços. “Se isso aconteceu, tenho a certeza que é porque o pintor era muito talentoso.”

A bruxa fungou. “Não me farás mudar de ideias. O teu pai e eu não vamos ficar aqui. E” – fez uma pausa para olhar para Prudentia – “*ela* disse-me que o lugar está infestado de fantasmas.”

“*Fantasmas?*” Alex deslizou um braço com camisa preta à volta da cintura de Mara, deu-lhe um beijo na cabeça. “Que história é essa de espectros?” Alguém viu um?”

Prudentia voltou-se para ele. “Qualquer lugar, onde o tempo parou, é um lugar, onde as almas sensíveis podem sentir o passado.”

Alex pegou na mão de Mara, entrelaçando os dedos. “És uma dessas almas sensíveis?”

A cozinheira afunilou os olhos. “Eu sei sempre quando há um espectro por perto,” disse com ar de superioridade. “Até o ar dos aposentos muda, dando-lhe um arrepio que vai direto à medula.”

“A sério?” Alex arqueou uma sobrancelha. Ele sentiu-se tentado a inventar um cubo de gelo das suas costas e oferecer-lho, como uma rosa.

“E a minha cara senhora?” Ele deu o seu sorriso mais aberto à pequena mulher de rosto amargo. “Não deseja passar a noite aqui? No castelo?”

“Concerteza que não,” retrucou, aparentemente nada impressionada com o charme do Highlander medieval. “Também eu consigo sentir os fantasmas. E sinto-os em todo o lado, aqui.”

“Bem, então -”

Alex interrompeu-se, as suas palavras eram afogadas no súbito chiar das gaitas, quando Erchy, outro dos amigos especiais de Alex, desfilou pelo salão, soprando na sua gaita, com as bochechas muito vermelhas. Um gaiteiro de renome em '45, marcham mesmo ao lado deles, desenhando um lampejo alarmado nas duas mulheres que vêm os espíritos.

“Bem, então,” Alex continuou, quando o Erchy e as suas gaitas agudas chegaram à parte ais distante do salão, “se está preocupada em dormir num lugar onde suspeita que há fantasmas, talvez prefira uma das cabanas, lá me baixo, em One Cairn Village?”

“Quer dizer, perto da pedra do memorial?” O lábio de Euphemia tremeu. “Não sei. É bastante isolado, não é?”

“Seguramente.” Alex sorriu-lhe. “Mas as cabanas são novas em folha, e modernas, embora pareçam velhas e singulares por fora. E” – Pisou discretamente o pé de Mara – “muitos dos meus amigos atores estão alojados nos chalés ou estão por ali acampados. Poderão r em seu auxílio, se precisar.”

“Bem ...” Ela parecia hesitante.

“Estão todos aqui, agora, a celebrar.” Alex acenou, indicando os Highlanders ociosos, os corporais e os outros. “Tudo bons rapazes, como pode ver. Posso-lhe garantir que nenhum deles tem medo de fantasmas.”

Mara quase se engasgou.

Ficou mesmo de lado, incapaz de ver e ouvir.

Aproximando-se da mesa com toalha de xadrez, serviu-se de um pedaço de bolo e esperou até que a bruxa se despachasse a informar o marido que iriam dormir noutra lugar.

“Não acredito que fizeste isto.” Mara voltou-se, para descobrir, sem surpresas, um sorriso de satisfação no rosto de Alex. “O meu pai ansiava dormir num castelo.”

“Aquele cabo de vassoura não lhe daria um momento de sossego, independentemente do quarto que lhes oferecesses.”

Ben juntou-se a eles, meteu a cabeça entre as pernas, cheirou-lhes as mãos com o seu nariz frio e molhado, até que Alex se agachou para lhe fazer uma festinha na cabeça.

“Mesmo assim, o chalé vazio não é muito convidativo,” disse Mara, tirando mais um pedaço de bolo. “Estará frio. Alguém tem que ir lá abaixo prepará-la.”

“Vamos lá nós.” Um brilho perverso iluminou o olhar de Alex. “Tu, eu e o Ben. Escapamo-nos agora e ninguém repara.”

“Nós?” Mara pestanejou. “Mas o baile está quase a começar. Não viste os violinistas a prepararem-se? Ou os teus amigos a arrumarem as mesas?”

“Oh, sim, vi.” Olhou para baixo, a luz nos seus olhos apagou-se. “Há uma razão para eu preferir estás a sós contigo, antes de começar a celebração.”

“Não gostas de dançar?” Ela tentou esconder a decepção.

“Oh, querida.” Ele colocou-lhe as mãos nos ombros e um beijo na testa. “Juro-te que dançaria contigo a noite toda, sem me cansar. Mas -”

Os olhos dela arregalaram-se. “Estás a desvanecer, de novo?”

“Não, também não é isso.” Ele acenou com a cabeça. “Mas as minhas cicatrizes estão a incomodar-me mais do que o costum, esta noite, e se não me importo de passar pelo desconforto de dançar contigo, não desejo girar pelo salão com as outras mulheres aqui presentes. E, se ficarmos, a cortesia de Highlander obriga-me a fazê-lo.

“Oh.” As suas faces ganharam cor. “Não pensei nisso. E esqueci-me das cicatrizes. Tu pareces tão-”

Ele levou os dedos aos lábios dela. “Minha moça preciosa, para nós os dois, eu sou real,” prometeu, desejando isso com todas as forças. “Tão real como este ridículo *sporrán* dos MacDougall, que eu coloquei só para ti.”

“*Sporrán MacDougall?*” O olhar dela voou para o *sporrán*, reparando nele pela primeira vez. “Estás a usar um *sporrán* do clã,” suspirou, voltando a encará-lo. “Porquê?”

“Não adivinhas?” Ele tocou-lhe no rosto, o seu polegar passeando suavemente pelo canto da sua boca. “Uso-o para honrar este dia. E a minha *lady*.”

Mara engoliu, incapaz de falar.

Não conseguia parar de olhar para o orgulhoso clã MacDougall, com o brilho da prata do pequeno ornamento, o *sporrán*. Um belo *sporrán*, parecia ter a melhor qualidade de couro e pele, com correias de diamantes.

Depois, o belo *sporrán* nadou nos seus olhos, e os braços de Alex envolviam-na, puxando-a contra o seu sólido e abençoado peito.

“Não sabes o que significa para mim, ver-te a usar isso,” disse, com as palavras a encravarem-se na garganta. “Onde o arranjaste?”

“Oh, moça,” acalmou-a, esfregando-lhe as costas, no abraço. “Pedi um desejo. Da mesma forma que invoco a presença da minha espada ou das minhas vestes, ou tudo o que desejo.”

Depois, apartou-se dela, com a luz de volta aos olhos. “Pedi um duplicado para o teu pai. Está a usá-lo agora. ‘Por isso, passámos tanto tempo a conversar à lareira. Achei que uma prenda destas lhe agradaria, e aumentaria as minhas hipóteses, quando lhe pedisse atua mão.’”

Mara olhou-o fixamente, o queixo caindo, de novo. Depois, o mundo desapareceu, num batimento cardíaco, e regressou depois em cores alegres e bravas.

Tudo parecia limpo e luminoso.

Novo e maravilhoso.

Ele engoliu, evitando as lágrimas. “Tencionas pedir a minha mão?” Perguntou, espiando o seu pai, no outro lado do salão.

Segura de que ele usava um *sporrán* idêntico.

Radiante, parecia exibi-lo a quem o quisesse ver.

Voltou a olhar para Alex, a sua garganta tão seca, que mal podia falar. “Isto significa o que eu penso?”

Ele pegou-lhe no pulso, e começou a conduzi-la para a porta. “Que eu desejo casar contigo?” Quando pararam na soleira, ele lançou-lhe um olhar, esperando por Ben. “Claro que essa é a minha intenção. Se-”

“Oh, Alex!” Ela lançou os braços à volta do seu pescoço, beijou-o louca e profundamente. “Eu nunca pensei -”

“Não deixes que o teu coração se entusiasme tanto,” precaveu-se, quebrando o beijo. “Só casarei contigo, se encontrarmos uma forma de desfrutar da nossa união de um modo mais normal do que o atual.”

“Oh.” O júbilo de Mara esmoreceu.

“Nada de carrancas.” Alex tomou o rosto dela entre as mãos, depositou-lhe um pequeno beijo nos lábios. “Temos muito para apreciar juntos, mesmo que nunca consigamos ser verdadeiros marido e esposa. Por agora, um agradável passeio pela bruma, até *One Cairn Village*.”

Abriu a porta da entrada principal do castelo, conduziu-a pela noite prateada e luminosa. “E,”

acrescentou, quando caminhavam pelo passeio de cascalho, na direção da linha distante da mata, “um belo companheiro de quatro patas para nos fazer companhia. Estas alegrias valem tanto. Alegremo-nos por elas.”

Olhou para o velho cão, trotando todo feliz ao lado deles. “Nunca te disse, mas agrada-me muito ter o afeto do Ben. Faz-me lembrar o Rory. Um cão que eu tive, vamos dizer, há muito tempo?”

“Vamos,” Mara concordou, sorrindo, enquanto Ben rolava na relva.

Quando ele desapareceu numa moita de rododendros, ela virou-se para Alex, enroscando os braços nele e abraçando-o, até o peito lhe doer, de tão apertado que estava.

Baixou-se entre os dois, deixou escorregar a mão por baixo do seu sporran MacDougall , depois sorriu, when sentiu o seu desejo grosso e rígido.

“Oh, Alex, quero-te tanto e preciso tanto de ti!” Enroscou os dedos à sua volta, apertando-o. “Amo-te tanto, que me falta o ar, se não te sentir, de alguma forma. Segurar a tua mão, beijar-te, ter-te, simplesmente, ao meu lado. Desde que nos toquemos, estou viva.”

“Se nos tocarmos muito mais, terei que levantar o kilt aqui mesmo, no passeio do jardim – à vista de todos os convidados.”

“Oh!” Mara olhou para trás. “Esqueci-me que algumas janelas têm vista para a relva.”

“Então, anda, vamos preparar a cabana para o teu pai e aquela mulher lança-chamas dele.” Ofereceu-lhe o braço, sorrindo, por ela o aceitar. “Quem sabe os prazeres que a noite ainda pode trazer?”

Capítulo Quinze

Uma boa hora mais tarde, no coração de *One Cairn Village*, Mara fechou a porta daquilo que seria o ninho de amor do seu pai e da bruxa, e suspirou de alívio. Olhou para Alex, o seu coração mergulhado na ideia da sua beleza contra a luz azul-prateada da noite de fim de verão.

Um crepúsculo tranquilo.

Uma hora cheia de beleza, com uma lua fina, brilhando no céu e um vento suave agitando o ar abafado.

Nem um som do *ceilidh* seria audível a esta distância do castelo, e com todos os ocupantes de *One Cairn Village* a gozarem a folia, o silêncio era denso e pesado.

E um tudo nada sinistro.

Quase do outro mundo.

Tremendo, expulsou o pensamento e olhou para trás para o *Shieling*, a pequena cabana típica, com a sua porta de azul luminoso, e luzes baixas e românticas, tremeluzindo pelos grossos peitorais das janelas. Não eram velas verdadeiras, mas lâmpadas elétricas, desenhadas para imitar as velas, lançavam a mesma luz dourada.

“Oh, Alex. Achas que eles vão gostar?”

“A vassoura?” Coçou o queixo. “Ela, sim. Mas, da forma que a cabana está confortável, suspeito que o teu pai preferiria um dos quartos da torre, que escolheste. Qual era? O “Homem da ilha?”

Mara acenou. “Sim, era esse.”

“Sim, ele teria gostado desse,” Alex concordou e piscou-lhe o olho.” Lembrar-lhe-ia o Bran de Barra. O teu pai parece ter simpaticado bastante com ele.”

Mara riu. “O pai também iria gostar da vista. Mas vai adorar estar mesmo ao lado do memorial.”

Depois, olhou para lá e franziu a testa.

Um grande pano azul tinha sido enroscado na base da pedra, cobrindo-a e a enorme placa do memorial. Para seu horror, o Ben tinha abocanhado uma das pontas do pano e puxava-o.”

“Ben, não!” Mara correu para ele, através da pequena praça da aldeia. “Para com isso!”

Mas o Ben, só puxou com mais força, a cauda abanar furiosamente, quando o pano se rasgou. Por momentos, congelou, parecendo atónito pelo seu ato triunfal, um bom pedaço do tecido balançando no seu focinho.

Depois, quase a sorrir, enfiou-se na urze, o pano azul oscilando atrás dele, como a bandeira de um cavaleiro.

“Não sabia que ele corria tanto.” Mara lançou um olhar assustado a Alex.

“Parece que ele está a voltar para o outeiro,” disse Alex. “Aposto que há por ali um coelho, ou outra criatura pequena, que faz ali o seu lar naquele monte de pedras, ele esteve ali a cheirar, outro dia.”

Lançou os braços em cima dos ombros de Mara, e deu-lhe um aperto. “Vem, vamos buscá-lo,” disse, conduzindo-a na direção à loja de sabonetes e velas da Innes, e do matagal de giestas e rochas por detrás dela. “Ele cheirou alguma coisa.”

Com certeza, quando chegaram à base da colina coberta de urze, o Ben estava a remexer cheio de excitação num monte de pedras manchadas de líquen.

Olhou para eles e ladrou, depois, recomeçou a pular no outeiro, enfiando o nariz em todos os buracos de Coelho, com a cauda a abanar furiosamente.

Depois, desapareceu.

“Ben!” Correu, caindo de joelhos no lugar onde Ben estava ainda há momentos.

Alex seguiu-a rapidamente, vasculhando a colina, na sua corrida.

Mas o Ben desaparecera, não se avistava em lugar nenhum.

O receio pela sorte do velho cão apertou o peito de Alex. Ver Mara a rasgar a urze, à procura de Ben,

partia-lhe o coração.

“O pano azul!” Gritou para o ar, acenando-lhe. “Estava preso numa fenda, entre as pedras.”

“Não te mexas!” Alex avisou, ignorando o facto de as feridas começarem a contorcer-se e a arder. “Nem respire. O Ben deve ter caído num desses buracos, uma dessas fendas cobertas de urze, de que te falei.”

“Pois foi! Eu oiço-o latir.” Ela voltou-se para olhar para ele, os olhos abertos de medo. “Oh, o que podemos fazer? Temos de o tirar dali.”

“E vamos. Não te preocupes,” disse-lhe, as suas palavras pareciam distantes. “Fica quietinha até eu chegar até aí.”

“Oh, não! A algo de errado também contigo!” Olhou para ele e bateu com uma mão no rosto. “Estás tão pálido.”

“São as cicatrizes do relâmpago,” disse, com a voz ainda mais sumida. “A dor vai passar.”

Mas ele precisava de reunir todas as forças para subir a colina. Garras de fogo trespassavam-no a cada passo, queimando e cortando as suas entranhas, como se as cicatrizes passassem a garras que o rasgavam, destruía-mo.

Forçou-se a mexer, continuava a por um pé à frente do outro, até chegar à beira da sua dama.

Depois inclinou a cabeça para olhar para o céu de prata líquido, respirou a plenos pulmões e endireitou-se. Mas quando agarrou o braço de Mara e a puxou para longe das pedras, o esforço quase o levou ao chão.

Ficou tonto.

Mas não podia arriscar que ela caísse numa gruta ou numa cavidade debaixo de terra. E o Ben também precisava dele. O cão ladrava, agora, deus lhe valha.

Parecia mais excitado do que outra coisa.

Seguramente não estava ferido.

Um alívio que varreu Alex de uma forma, que ele quase se sentiu igual si próprio, de novo. “O Ben está bem,” disse a Mara, enquanto puxava a urze que cobria a fenda. “Ele vai ficar bem, logo que eu faça uma abertura larga o suficiente para o ir buscar.”

Mas a Mara não disse nada.

Percebendo o seu medo, ele continuou a arrancar urzes e fetos, e a afastar pedras soltas. “Deve ser uma gruta”, disse, trabalhando mais depressa, as suas forças a voltarem. “Consigo ver os olhos de Ben a olharem para cima.”

Os olhos de Bem, algo brilhante e reluzente e velhos ossos de mofo.

Uma espada enferrujada e pedaços do que parecia ser uma camisa de malha.

“C’os diabos!” Os seus olhos arregalaram-se. “Não é uma gruta. O Ben caiu numa tumba. A minha própria sepultura!”

A terra inclinou-se e girou, a noite serena desaparecia ao seu redor, com os seus tons de azul prateado, transformando-se num verde etéreo, que girava e lançava carícias.

Carícias suaves, que lhe tiravam a dor, mas também agudizavam os latidos de Ben.

E o silêncio de Mara.

Girou para a encarar. “Não ouviste? O Ben caiu na minha tumba! Não há engano. A minha velha espada está lá em baixo. E a pedra de sangue de Dalriada. Eu vi o seu brilho em frente dos meus olhos!”

Mas Mara continuava paralisada, a olhar para ele.

Não dizia uma palavra.

E, Alex finalmente percebeu, não a olhar para ele, mas *através* dele.

Mexendo à volkta, ele percebeu o que a feria.

“É a minha dama verde,” disse ela, a voz envolta em medo.

Bela e brilhante, a aparição brilhava no outro lado da colina, One Cairn Village perfeitamente visível

através do seu vestido verde luminoso.

“Não é a dama de verde, moça.” Alex segurou-se nos seus pés humilhados. “É uma das fadas. Apostava a minha vida nisso.”

“Já o fizeste uma vez,” disse a mulher, a sua voz era uma espécie de canção. Como o doce tilintar da briza. “Terás que apostar novamente, se vieres para este lado da colina e recuperares o teu velho cão.”

“Ben!” Mara agarrou e segurou-se firmemente no braço de Alex. “Ele está lá com ela.”

E estava.

De olhos brilhantes, manchas de sujidade e abanando a cauda.

“Nã tenho a certeza de me querer aproximar de ti, dama das fadas.” Alex olhou para ela, demasiado ciente dos truques do sidhe para se aproximar sem cautelas. “Ficaria muito grato, se quebrasse o feitiço ao cão e o deixasse vir para cima.”

“É um homem prudente, Sir Alexander. Um homem bom,” disse, libertando Ben. “Apenas lhe queria mostrar de forma mais conspícua o caminho para a sua sepultura.”

“Porque faria isso?”

“Porque pode ter motivos para a querer fechar.” Sorriu, quando Ben pulou através das pedras para junto deles. Ou quer que os seus filhos caiam num lugar destes?”

“*Meus filhos?*” O sangue de Alex começou a martelar-lhe nos ouvidos. “Filhos com Mara?”

A beleza da fada brilhou um pouco mais. “Se assim o escolheres.”

“Se?” A esperança quase o despedaçou. “Não há nada que deseje mais. Só manter e cuidar da minha dama.”

Mara pressionou uma mão contra o peito. “O que está ela a dizer?”

“Simplesmente, que a escolha é dele.” A fada segurou um magnífico broche de rubi. “A pedra de sangue Dalriada traz três desejos,” disse, subitamente em frente a eles. “Há muito tempo, ele amaldiçoou-se com o segundo desejo. Mas um -”

“Resta um terceiro?” Alex olhou para o broche, o ruído nos seus ouvidos dava-lhe tréguas.

A mulher assentiu. “Peça o seu desejo, Sir Alexander, e eu levarei o broche de volta para o meu reino. Há muito esperávamos o seu regresso.”

“Assim como eu esperei-” Alex fechou a boca e olhou para a mão.

O broche estava na palma da sua mão, o seu calor enviava arrepios por todo ele.

Arrepios e esperança.

“Mara.” Virou-se para ela e viu o mesmo sonho em todo o se usar. “Pode não funcionar,” acautelou. “Não fiques triste, se não resultar, se alguma coisa me acontecer.”

O tilintar de um riso repreendeu-o. “Só acontecerá o que desejares. A magia da pedra é forte – como devias saber!”

E isso decidiu tudo.

Ele sabia mesmo.

Por isso puxou a Mara para os braços, apertando-a com força, o seu coração espremido, quando o Ben se encostou a eles, com a cauda sempre a abanar.

Uma lágrima rolou pelas faces de Alex e ele olhou para o cão, por um belo momento, vendo Rory em vez de Ben. O velho cão olhou para ele, o reconhecimento nos seus olhos era inconfundível. Depois, Bem pestanejou e Rory desapareceu. Mas Alex viu e soube, a dádiva inesperada a fazê-lo sentir-se ainda mais abençoado.

E, então, fez o seu desejo.

Nada aconteceu.

As Colinas não tremeram e os céus não se abriram. Nem o mundo rodou ou contraiu, como fazia, às vezes.

Tudo parecia perfeitamente normal.

Ordinário.

Depois, percebeu.

“Mara, olha!” Ele abriu a mão, olhou para a sua palma vazia. “Desapareceu. O broche e a tua dama verde desapareceram.”

“E estás inteiro, de novo!” Gritou, levantando-lhe o kilt, olhando não para a sua parte favorita, mas para as suas belas coxas. “As cicatrizes desapareceram.”

Mas Alex estava a abrir a camisa, a abri-la para olhar para o peito. Também ali estava livre das feridas. A dor também tinha desaparecido. Toda.

Apenas a felicidade permanecia.

A mulher que ele amava mais do que mil eternidades. Ele podia, agora, fazer com que fosse sua, de verdade. Tanto no nome, como no corpo. Mas ela afastou-se um pouco, de ombros caídos.

Ele foi atrás dela, puxando-a para ele. “Mara, doce Mara, o que se passa?” Choveram beijos no rosto dela acariciou-lhe o cabelo. “Não estás feliz por nós?”

Ela desviou o olhar, os lábios trémulos. “Eu nunca estive mais feliz”, disse ela, com a voz embargada. “Mas eu estou envergonhada por não ter acreditado em ti, no início. E amanhã é a cerimónia de inauguração, e” – ela parou de falar para limpar as lágrimas – “Meu pai vai ler as palavras da placa do memorial honrando as mesmas pessoas que te amaldiçoaram.”

Agarrou-se a si própria, quase em convulsão. “Vou cancelar a cerimónia,” prometeu. “Vou desmontar aquele monte de pedras e lançar a placa ao mar.”

Para sua surpresa, ele riu. “Não farás tal coisa. Eu proíbo-o.”

“Tu o quê?” Ela pestanejou.

“Eu disse que o proíbo,” repetiu, pegando na sua mão e conduzindo-a para fora do pequeno monte. “Só que, ao contrário daquela vez em Dimpleby, quando te tentei proibir de comprar a minha cama, desta vez, eu falo a sério.”

“Como podes estar a falar a sério?” Ela apressou-se para acompanhar os longos passos dele. “Sabendo o que sabemos agora?”

“Exatamente.” Ele parou para a beijar de forma intensa e rápida. “A cerimónia vai seguir como planeado, por causa do que nós sabemos. Por causa do teu trabalho árduo. E por todas as pessoas inocentes, que esperam ansiosamente pelo dia de amanhã. E pela alegria que o teu pai vai sentir.”

Ele começou a andar. “Achas que lhe teria oferecido um *sporrán* MacDougall, se não tivesse posto o passado para trás das costas? Nem lhe negarei que o seu dia brilhe.”

“Então, fazes isto pelo meu pai?”

“E por mim.” Ele deslizou o olhar sobre ela. “Não penses que sou assim tão despojado.”

“Então, o que queres dizer?”

Ele lançou-lhe um sorriso deslumbrante. “Simplesmente que, quando ele regressar do *ceilidh* e se eu o conseguir encontrar sozinho, ele terá um anúncio muito especial para adicionar às suas tarefas, amanhã.”

“Oh, Alex!” Gritou, com o coração a explodir. “Vais-lhe pedir a minha mão?”

“Da forma correta e própria de um verdadeiro Highlander, sim.” Olhou para ela, o seu sorriso dizia tudo. “Como se tu não soubesses.”

Mas ela não lhe conseguia responder.

Desta vez, foi o mundo dela que resvalou e girou. E a beleza disso, deixou-a sem ar.

Na manhã seguinte, Mara estava no coração One Cairn Village rodeada por tantos MacDougalls, McDougalls, e outros Highlanders do género, fantasmas e os outros, que ela suspeitava que podia sonhar com *tartan* durante os próximos meses.

Não que se importasse com isso.

Aprendeu a amara a Escócia com uma paixão que nunca julgara possível. Só de ouvir a cadência

suave e rica das vozes, as gargalhadas roladas dos homens dos clãs e dos seus amigos, que vieram celebrar o memorial, enchiam-na de calor e alegria.

Assim o fez o seu solicitador de Londres, Percival Combe, quando chegou mais cedo, nessa manhã, para testemunhar a cerimónia e assegurar que Ravenscraig era dela, com todas as estipulações satisfeitas.

E, muitos meses antes do ano exigido.

O tempo também foi uma bênção, mais um dia de céu azul descia sobre os celebrantes. Um vento suave suspirava do outro lado da urze, adoçando o ar com um cheiro agradável de bétula.

Até Euphemia lhe dedicou uma palavra cordial, dizendo que descansara bem na Shieling, segura, por saber que os amigos de Alex estavam à distância de um grito, caso o seu sono fosse perturbado por fantasmas.

Agora, havia menos um fantasma a assombrar Ravenscraig, e Mara não se lembrava de alguma vez ter sido tão feliz.

Alex também parecia agradado.

Surpreendentemente à vontade no seu tartan MacDougall, o seu belíssimo *sporrán* a captar todas as atenções.

Ela pegou na mão dele, enquanto o seu pai falava da dedicatória do memorial.

“...Em memória de Sir Colin MacDougall e Lady Isobel, aqueles que foram, com grande valentia, antes, e deixaram um caminho bom e nobre para os que lhes seguiram..”

Mara fechou os ouvidos às palavras, detendo-se antes na felicidade na voz do pai.

“... mais orgulhoso do que as palavras me ditam”

“...fará explodir o meu coração de alegria, vê-lo colocar a aliança no dedo da minha filha”

Ela virou-se para Alex. “O que disse ele?” Não estava propriamente a ouvir.”

“Bem vejo,” disse, sorrindo.

Em seguida, ele puxou-a em direção ao monte de pedras, onde seu pai, Murdoch, e Percival Combe estavam radiantes, como pavões. Alex baixou-se num joelho, mas ao invés de pegar na mão dela, soltou o *sporrán*, produzindo um anel de topázio e diamante.

“Mara McDougall, eu disse que pretendia pedir a tua mão, segundo a verdadeira tradição das Highlands e é isso que estou a fazer. "Ele segurou seu olhar, levantando a voz acima dos aplausos. "Com a bênção de teu pai e estas testemunhas, digo-te que te quero para mim.”

Os olhos dele bramiam de amor. “Aceita-me, Lady de Ravenscraig?”

“Oh, sim!” Mara observou-a a colocar o anel, de aspeto medieval, no seu dedo. “Amar-te-ei este dia, esta noite e por todos os nossos amanhã sem fim, *Laird* de Ravenscraig.”

O gemido da gaita-de-foles de Erchy acabou com a pungência do momento, tendo-se materializado ao lado dele, com um brilho no olhar e duas bolsas por bochechas de soprar. No meio da agitação, ninguém notou a sua chegada pouco convencional, o que Alex e Mara aproveitaram a oportunidade para bazar.

“Então,” disse Mara, um pouco mais tarde, numa zona menos frequentada do castelo, “onde arranjaste este anel?”

“Não gostas?”

“Adoro.” E adorava. “Mas parece medieval. É?”

Ele acenou. “Conjurado no *ceilidh*,” admitiu, parecendo satisfeito. “Desenhei-o no momento em que percebi que o teu pai ficaria contente com a nossa união.”

“Tu gostas mesmo dele, não gostas?”

“Oh, sim,” Alex sorriu. “Foi bom vê-lo em tamanha agitação. É um sonhador e vive com o coração. Um verdadeiro *Highlander* mesmo sem ter nascido em solo escocês.”

Ele olhou-a. Foste delicada em tratar-me por *laird*. Ele vai tecer histórias com isso. Um *Lair* das Highlands como genro!”

“Mas tu és o *Laird* de Ravenscraig,” disse, parecendo que falava a sério. O teu rei não te deu uma

carta garantindo-te estas terras e os seus limites?”

“Oh, moça.” Ele arrastou-a para os seus braços, segurando-a. “Isso está assegurado e de que maneira.” “Ben, não me esqueci.” Ela saiu dos braços dele para recuperar um pacote de couro fino, de dentro do seu casaco. “Aqui está a minha prenda de noivado para ti.”

“Moça! O que é isto?” Os olhos de Alex abriram-se muito ao abrir o embrulho e retirar um pergaminho moderno, mas de aspeto antigo. Fechado com lacre e fitas escocesas.”

Era uma escritura.

A mesma que a sua carta medieval – garantindo-lhe plenos direitos e título de Ravenscraig e da sua senhora.

O coração de Alex saltou. “Doce moça, o que fizeste?”

“Apenas o que deveria ter sido feito há cerca de setecentos anos.” Ela levantou-se e beijou-o. “É legal. Por que é que achas que o solicitador Combe está aqui? Ele tratou de todas as questões legais.”

Alex abraçou-a, o seu mundo estava mais completo do que alguma vez sonhara. “Não sei o que dizer.”

“Então, não digas nada.” Ela enfiou a mão debaixo do seu *sporran* e apertou. “Ama-me, simplesmente.”

Os seus olhos escureceram. “É isso que farei.”

“Para sempre?”

“Oh, sim,” prometeu. “Por todos os nossos dias e mais ainda.”

Ela ergueu-se para o olhar. “Na tua manta? No meio da urze?”

“Isso também,” concordou ele, apertando os braços à volta dela. “Tantas vezes quantas desejares.”

Depois, fechou os olhos e sorriu. A vida tornara-se indescritivelmente boa.

Mal podia esperar para começar a vivê-la.

Epílogo

One Cairn Avenue
Filadélfia, um ano mais tarde

A festa de lançamento do livro de Hugh McDougall sobre a sua história familiar, *Raízes tartan*, estava em pleno andamento no momento em que Alex conseguiu arrastar-se da cama e juntar-se à folia, que acontecia na sala de mantas penduradas do seu sogro.

Panos pendurados e forrado com tantas capas de livros, que Alex se sentiu tonto, quando ele e Mara chegaram da Escócia na noite anterior.

Sentindo-se, ainda, um pouco enjoado, pressionou as têmporas com dedos firmes, sabendo agora que sofria de uma coisa chamada jetlag. Um mal-estar que não era de todo surpreendente, tendo em conta a angústia da viagem.

Ele mal acreditava que tinha permitido que a sua adorada esposa o convencesse a entrar numa aventura que mais parecia um pesadelo. Embora, ficassem por uma quinzena, ele tinha a certeza que não mudaria de ideias sobre as viagens de avião, quando, no fim dos catorze dias, quando tivesse que voltar a entrar numa máquina voadora.

Não que ele fosse deixar transparecer o seu receio.

Lamentavelmente, ele suspeitava que Mara sabia.

Afina, ela conseguiu abster-se de comentar a forma como esmagou os seus dedos, durante toda a travessia do Atântico.

Pelo menos, agora, não se voltaria a queixar da viagem de carro para Oban. Esquivar-se a ovinos, na estrada, não é comparável a navegar pelas nuvens!

Agora, ele sabia que havia coisas muito piores, no mundo de Mara, do que as viagens de carro. Mas também havia bênçãos, como a beleza da sua barriga arredondada e inchada.

Alex parou a meio caminho das escadas e engoliu em seco. Depois, apertou a ponta do nariz, até que a ameaça de lágrimas desaparecesse.

Não queria envergonhar o sogro, aparecendo no *ceilidh* do homem, com olhos esbugalhados. Mara tinha-o avisado de que o seu pai disse a toda agente, que o seu genro era um verdadeiro *Laird* das Terras Altas e Alex não o queria desapontar.

“Cá está ele! Diretamente da *Auld Hameland!*” Hugh McDougall agarrou o braço de Alex, logo que ele atingiu o fim das escadas, puxando-o para a sala-de-jantar, onde uma replica gigante *RaízesTartan* servia de toalha de mesa.

Com ar de quem ia explodir de orgulho, Hugh McDougall passou o braço pelos ombros de Alex e levantou a voz, “Sir Alexander Douglas, Laird do Castelo de Ravenscraig, e meu genro,” gabou-se, rodeado de amigos impressionados e da sua mulher de rosto beliscado. “E” – virou-se para Mara – “future pai do meu primeiro neto, *Hugh Colin McDougall Douglas!*”

Um coro de alegres *oohs* e *ahhs* cresceu, e Erchy, rotundo, de faces rosadas e usando kilt, como sempre, sublinhou o momento glorioso com um belo render de “Highland Laddie.” Alegando ser um velho amigo numa tournée com um grupo de músicos da Escócia, o gaiteiro jacobita tinha chegado na noite anterior, deixando Alex muito comovido.

Assim como a presença de Hardwick e Bran de Barra, embora Alex soubesse que só ele é que os via. Não tinha escolhido materializar-se, como Alex Erchy, e deixaram-se estar encostados à parede, de

braços cruzados, sorrindo e observando o dia.

“Alex?”

Voltou-se e encontrou a sua senhora ao seu lado. “Não te importas, mesmo, com o nome?” Olhou para ele com uma mão em cima do ventre. “Ainda podemos mudá-lo.”

Alex tocou-lhe no cabelo, escorregou os dedos pelos fios sedosos. Pareciam brilhar ainda mais, nestes dias, bem como os seus olhos lindos. Mara McDougall Douglas ficava bem de esperanças e ele não se cansava de olhar para ela.

Até tinha voado à volta do mundo com ela, numa daquelas máquinas voadoras horrendas porque a ideia lhe agradava.

Ela significava tudo isso para ele.

Dar o nome do seu pai ao seu primeiro filho e dos seus malditos antepassados, era apenas um detalhe no meio de tal grandeza.

A paz e a felicidade que ela lhe trouxe.

“Diabos do inferno e maldição,” murmurou, limpando a lágrima, que deslizava pelo seu rosto, sem que ele se desse conta. “Vês o que me fazes?”

“*Hottie Scottie*,” disse ela, usando o nickname que nunca deixava de o fazer sorrir, “Parece-me que tens um coração mole.”

Alex puxou-a para si, escovou os seus lábios com um beijo. “Quando voltarmos a estar sozinhos, eu mostro-te quão mole é o teu highlander, moça.”

Ela corou de forma muito bonita, parecendo agradada. “Portanto, o nome não te incomoda mesmo?”

Alex hesitou, olhou para a imagem gigante de *Raíces Tartan. One Cairn Village* e o memorial fixaram-no, desde a capa do livro e soube que o seu nome e o nome do seu filho estavam inscritos na primeira página do livro, numa dedicatória florida e tão comovente, que levaria às lágrimas um trovador medieval.

E, um lugar ímpio do seu coração, teria Colin MacDougall a revolver-se no túmulo.

Isso bastava-lhe.

O seu filho, uma alegria que ele sempre quis conhecer.

A sua mulher...

Sentiu uma onda de amor tão ponderosa, que quase caiu por terra. Poderia viver outra eternidade, que não teria dias suficientes para lhe dizer o quanto ela significava para ele. Enquanto ela esperava por uma resposta, a dúvida começou a marejar-lhe os olhos.

“O nome do nosso filho é perfeito,” ele deu-lhe a resposta esperada, selando-a com um beijo. “Agrada-me imenso.”

“Sim?”

“Oh, sim.” Voltou a beijá-la, mais profundamente, desta vez e sem se importar com quem os observava. “Embora me venham à lembrança dois nomes de dois bons amigos, cujos nomes gostaria de usar para os nossos próximos filhos, se é que posso escolher.”

“Claro,” concordou a sua senhora.

E do outro lado da sala, Hardwick e Bran riram como loucos.

Nota da autora

Highlander in Her Bed foi inspirada numa estadia num hotel de luxo na Escócia. As suítes eram inspiradas em nomes históricos e a minha tinha um tema medieval, localizada no fundo da torre mais antiga. O poço do castelo, com mais de 500 anos, estava num canto do quarto coberto com uma placa de vidro sobre as pequenas lâmpadas acesas do poço.

De noite, ficava no poço, imaginando um cavaleiro a subir pelo cabo. Depois de uns tempos, o cavaleiro passou a ser um cavaleiro *sexy*. Mais tarde, ainda, ele atravessava a sala, juntando-se a mim na cama da suíte medieval, onde me possuía.

Infelizmente, ele nunca apareceu. Pelo menos, não fora dos meus sonhos.

Mas aqueceu a minha mente de escritora. Antes de entrar no avião de volta para os Estados Unidos, fiz um desenho do enredo.

As aventuras de Mara, como guia turística são baseadas na minha própria experiência de muitos anos de viagens pela indústria de viagens. Fui comissária de bordo por 23 anos, mas tenho amigos que gerem agências como a de Mara. Estive em alguns desses ajuntamentos, incluindo as excursões de caça-fantasmas, que eu adoro. (ao contrário de Mara)

London's Wig and Pen Club existe, de facto. Desde o início do século XX, jornalistas da Fleet Street e advogados reuniam-se ali para falar sobre os segredos dos *Royal Courts*, que ficam ali por perto. Jantei lá uma vez (com meu amigo guia turístico), embora nenhum dos solicitadores presentes tenha tido a amabilidade de me informar sobre a herança de castelo escocês. Mesmo assim, diverti-me imenso. O edifício fica na Strand, em Westminster, e data do ano de 1620. É um dos poucos edifícios a ter sobrevivido ao grande incêndio de Londres, em 1666. Estas paredes velhas também suportam um fantasma ilustre: Oliver Cromwell. Se visitar, não espere encontrar o *Wig and Pen Club*, que a Mara viu. Um restaurante tailandês substituiu o famoso clube drinking den.

O Castelo de Ravenscraig é ficção pura, mas baseado em vários hotéis e propriedades rurais que eu conheço e admiro, na Escócia.

Obrigada por ler *Um Highlander na sua cama*. Espero que tenha gostado das horas passadas com Mara e Alex.

Desejos de Magia das Highland!
Allie Mackay / Sue-Ellen Welfonder

Se gostou de *Um Highlander na sua cama*, dê uma pequena olhadela ao romance escocês, sobre uma sensual viagem no tempo, *Um Highlander nos seus sonhos*, já disponível!

Um Highlander Nos Seus Sonhos

Eles encontraram-se por magia escocesa, será que o verdadeiro amor os conseguirá manter juntos?

Depois de passar por um portão mágico, Kira Bedwell encontra-se no século XIV, na Escócia, cara a cara com Aidan MacDonald, O Highlander irresistível que a visitava nos sonhos. Agora, que o seu romance ultrapassava os sonhos e se tornava real, viram-se a ser atacados pelos inimigos de Aidan. E será precisa toda a coragem e garra para que o amor sobreviva para além do tempo...

Aidan é o herói romântico do mês da Times K.I.S.S!

Excerto ~ Um Highlander nos seus sonhos

Kira olhou à volta do quarto de Aidan, enquanto a segurava nos braços. O seu mundo de soalhos irregulares e de tochas acesas, a sua enorme cama de madeira e as tapeçarias coloridas a cobrir as paredes.

Este lugar antigo, que ela nunca sonhou pisar.

Ela mordeu o lábio, com os olhos a arder. A qualquer momento, ela podia sumir, escorregar pelos seus braços e voltar para o seu tempo. O lugar a que pertencia realmente, mas que agora, depois de sentir os braços dele, parecia muito vazio.

Afastou-se para evitar que ele a visse perturbada. Mas ele deve ter reparado, porque se mexeu à velocidade da luz, os seus dedos fortes apertando o braço dela e arrastando-a de volta para si.

“Não precisas de estar tão perturbada, *Kee-rah*.” O abraço dela quase a esmagava. “O que quer que seja que te angustia ainda tem que se ver com um MacDonald.”

Ela acenou a cabeça, querendo dizer-lhe que nem todo o poder do clã Donald poderia conquistar as mãos do tempo, mas antes de dizer o que quer que fosse, ele segurou-lhe no rosto e deixou a sua boca cair sobre a dela, num beijo lancinante e exigente.

Um beijo intenso, de arrancar a alma, com ar quente, suspiros e línguas enroladas. Uma bela fusão para atravessar os tempos e o espaço e de atear um homem e uma mulher num prazer tão requintado, que ela teria derretido, formado uma poça no chão rugoso, se ele não a apertasse de forma tão feroz.

Apertando-o com a mesma força, ela abriu mais a sua boca, recebendo com prazer os movimentos da sua língua. O movimento quente das suas mãos nas suas costas, enquanto explorava as curvas e depressões, os seus dedos sábios operando magia, procuravam e seguravam, em seguida, os seus quadris.

“Moça doce.” Sussurrou contra os seus quadris. “Quero-te tanto.”

Se gostou de Um Highlander na sua cama, pode gostar também das short-stories cheias de magia de Allie...

Cair no tempo

Quando o chamamento do amor atravessa as eras...

A aspirante a escritora, Lindy Lovejoy, sabe tudo sobre finais felizes. Mas quando viaja para a Escócia para procurar os mitos celtas e conhecimento, nunca esperou viver o seu próprio romance de livros. Até que uma paragem, na mística gruta Smoo, a levaria de volta no tempo e para os braços de Rogan MacGraith, um herói das Highlands, que queimara as páginas da mais vaporosa novela romântica da Escócia.

A sétima irmã

Uma história de amor, lenda e magia

Para dar uma volta à sua sorte, a artista Americana, Maggie Gleason, regressa à Irlanda com a esperança de pôr para trás das costas as suas mágoas. Em vez disso, visitar a vila de pescadores, que a encantara doze anos antes, apenas reabriu as suas feridas – até que a inesperada aparição do proprietário travesso do pub, Conall Flanagan, lhe provar que a velha ilha é um lugar mágico, onde tudo pode acontecer e que o amor aguenta sempre as provações do tempo.

Sobre a Autora

Allie Mackay é o pseudónimo da escritora bestseller do USA Today, Sue-Ellen Welfonder, que escreve romances sobre Escócia medieval, com o seu nome verdadeiro. Uma antiga comissária de bordo, tem três grandes paixões: a Escócia, o universo paranormal e os animais. Todas podem ser encontradas nos seus romances medievais e paranormais que ela escreve, com o nome Allie Mackay.

**Para contactar com Allie Mackay
(Sue-Ellen Welfonder)**

Junte o seu nome à lista da newsletter:

<http://welfonder.com/newsletter.html>

website de Allie Sue-Ellen:

www.welfonder.com

Facebook: <https://www.facebook.com/SueEllenWelfonderAuthor>

Twitter: http://twitter.com/SE_Welfonder

Email: welfonder@msn.com

Guardians of Cridhe Facebook:

(Grupo de Autores Históricos Escoceses)

<https://www.facebook.com/groups/TheGuardiansOfCridhe/>

Também disponível:

Allie Mackay

(A ordem é descendente, os títulos mais recentes são os do topo)

Série de O Legado de Ravenscraig

Um Highlander na sua cama
Um Highlander nos seus sonhos
Alto, Moreno e de Kilted
Algumas gostam de Kilt
É obrigatório gostar de Kilts

Série Os caça-fantasmas das Highland

Guerreiro Assombrado

Sue-Ellen Welfonder

(A ordem é descendente, os títulos mais recentes são os do topo)

Novelas

A Subjugação de Mairi MacKenzie (Ventos das Highland, Antologia de Invetários de Cridhe)

Era uma vez um Natal nas Highland

A sétima irmã

Caindo no Tempo

Um homem, uma mulher, e Haggis (Antologia dos Contos do Amor w/ Lori Foster)

Série Escoceses Escandalosos

Era uma vez um Natal nas Highland

Amar um Highlander

Desejar um Highlander

Trilogia: Os Guerreiros das Highland

Pecados de um demónio das Highland

Tentação de um patife das Highland
Sedução de um Guerreiro das Highland

Série MacKenzie

Demónio de Kilt
Noiva da Besta
Apenas por um cavaleiro
Até que chegue o cavaleiro
Noiva para um cavaleiro
Seduzindo uma noiva escocesa
Tentação de um Highlander

Trilogia MacLean

Cavaleiro na Cama
Senhor das Highlands
Casamento para um cavaleiro

Todos os direitos 2006, 2015 by Sue-Ellen Welfonder/Allie Mackay:

Tradução Portuguesa de Maria Eugénia da Silva Brito

Edição E-book Edition, Direitos da autora (2015) Sue-Ellen Welfonder/Allie Mackay

www.welfonder.com

www.alliemackay.com

Formato E-book e Design da Capa de Jennifer Johnson of Sapphire Designs

www.sapphiredesignsonline.com

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida em quaisquer circunstâncias, sem autorização prévia da Autora/Editor, exceptuando citações para críticas.

Este ebook é licenciado unicamente para sua apreciação pessoal. Este ebook não pode ser revendido ou oferecido a outras pessoas. Se quiser partilhar este livro, por favor, compre um exemplar adicional para cada leitor. Se está a ler este livro e não o comprou, ou não foi comprador unicamente para uma leitura pessoal, então, por favor, devolve-o ao seu distribuidor *online* e compre outra cópia. Obrigado, por respeitar o trabalho da autora.

Se gostou de UM HIGHLANDER NA SUA CAMA, ficar-lhe-ia muito grata se encorajasse outros leitores.

Recomende-o: Por favor, ajude à divulgação do livro, recomendando-o aos amigos, em grupos de leitores, e foros de discussão.

Escreva uma crítica: Por favor, diga aos outros leitores porque gostou do livro, colocando a sua opinião no Amazon ou no Goodreads. Se o fizer, por favor, envie-me um email para welfonder@msn.com, para que lhe poder agradecer diretamente. Ou passe para dizer olá, no meu site: www.welfonder.com

Obrigada!